RONDON, candidato brasileiro ao Prêmio Nobel da Paz de 1957

(Na página 13)

ALEX VIANY inicia um balanço do cinema em 1956

EVA MARIE SAINT

Poemas de
CECILIA MEIRELES
GILKA MACHADO
ADALGISA NERY
YONE SÁ MOTA
LIA FEITOSA DE CASTRO
CELINA FERREIRA
RUTH MARIA CHAVES
MARIA TERESA WUILLAUME
EGLE MALHEIROS
M. D. LUZ DO PRADO

Desenhos de
LASAR SEGALL
e PERCY DEANE
(NA PAG. 11)

UM grande movimento está empolgando os meios culturais do país — a candidatura do marechal Rondon ao Prêmio Nobel da Paz de 1957.

Cândido Mariano da Silva Rondon, hoje com quase noventa e dois anos, é a encarnação e o artífice maior de uma obra que causa orgulho aos brasileiros e merece o reconhecimento mundial: a pacificação dos indígenas brasileiros. Inspirado por uma filosofia humanista, Rondon deu solução a um problema que diz respeito não só às tribos brasileiras, mas a sessenta milhões de indígenas espalhados através do mundo, em condições as mais precárias, com a sua sobrevivência ameaçada. Para a grandeza dessa obra é que o conhecido etnólogo Darcy Ribeiro, criador do Museu do Índio, chama a atenção no artigo que publicamos na página 9.

O movimento em favor da candidatura de Rondon já vem encontrando ampla repercussão no estrangeiro, com o apoio de eminentes personalidades e instituições culturais. PARA TODOS solidariza-se irrestritamente com essa campanha. Não pode haver mais justa consagração para a grande obra do venerável pacificador e humanista brasileiro, do que o Prêmio Nobel da Paz.

RONDON com crianças indígenas em Mato Grosso

para todos

QUINZENÁRIO DA CULTURA BRASILEIRA

Fundador — ALVARO MOREYRA Diretor — JORGE AMADO

Ano I — N.º 17 — Rio-SãoPaulo — 2.ª quinzena de janeiro de 1957 — Preço: Cr$ 5,00

UM SONETO DE GABRIELA MISTRAL EM TRADUÇÃO DE MANUEL BANDEIRA

PRIMEIRO SONETO DA MORTE

DO ninho lôbrego onde os homens te puseram
Te levarei à terra humilde e envolvendo
Nela hei de adormecer — os homens não souberam —
E havemos de dormir sôbre a mesma almofada.

Te deitarei na terra humilde, te envolvendo
No amor da mãe para o seu filho adormecido.
E a terra há de fazer-se um berço recebendo
Teu corpo de menino exausto e dolorido.

Poderei descansar, sabendo que descansas
No pó que levantei atulado e lunar.
Em que presos serão os teus leves destroços.

Pararei a cantar minhas belas vinganças,
Pois nenhuma mulher me há de vir disputar
A êste bando revolto o teu pobrinho de ossos.

GABRIELA MISTRAL (Óleo de Osvaldo Guayasamin)

Neste número **17**

RAUL BOPP
PORTINARI
ALVARO MOREYRA
J. P. MOREIRA DA FONSECA
NELI DUTRA
YVONNE JEAN
NESTOR DE HOLANDA
BRUTUS PEDREIRA
MARIO DA SILVA
DALCIDIO JURANDIR
SERGIO MILLIET
JOSÉ G. VIEIRA
ASTROJILDO PEREIRA
DINAH S. DE QUEIROZ
JORGE RIZZINI
ROBERTO SIMÕES
MARIA ALICE BARROSO
JUREMA Y. FINAMOUR
E. CARRERA GUERRA
INIMÁ
MARIO PONTES
RACHEL
J. BELLINI BURZA
VERA TORMENTA
ALBERTO VITA
MARIA L. RADSPIELER
AGUIAR NETTO
VITOR RAMOS
SALIM MIGUEL
MAURÍCIO C. DE LACERDA
GEIR CAMPOS
NOÉ GERTEL
ANTÔNIO BULHÕES
DARCY RIBEIRO
RUGGERO JACOBBI
ENIO SILVEIRA
MARQUES REBELO
PEDRO MANUEL
ALFREDO G. GALLIANO
HÉLIO BLOCH
PAULO MOTTA LIMA
SANTOS MORAES
LUIZ HENRIQUE TAVARES
RENATO DE ALENCAR
JAMIR F. PINTO
e o
Barão de Itararé

Uma iniciativa de PARA TODOS

Salão de Gravura e Desenho com prêmios de viagem

PONDO em prática o seu objetivo de estreitar os laços culturais com todos os países do mundo, PARA TODOS tem a satisfação de anunciar uma das mais importantes iniciativas já realizadas entre nós neste terreno — um salão de desenho e gravura com dois prêmios de viagem à China.

Quando aqui estêve a Ópera de Pequim, PARA TODOS entrou em contato com o seu diretor, sr. Chu Tu-Nan, que é também diretor do Instituto de Relações Culturais com o Estrangeiro da República Popular da China. Chu Tu-Nan mostrou-se, então, interessado em levar ao seu país uma exposição de desenhos e gravuras de artistas brasileiros, e como êste jornal vinha, há tempos, alimentando a idéia de realizar um Salão de Arte, ficou assentado que se instituiriam os prêmios em questão, a serem distribuídos nessa mostra.

Dêsses entendimentos surgiu, pois, o Salão PARA TODOS de Desenho e Gravura.

Para torná-lo realidade, a direção dêste jornal elaborou um projeto de regulamento, submetendo-o em seguida à apreciação de um grupo de artistas e críticos, convidados, para êsse fim, a uma reunião em nossa redação. Foram ouvidas as opiniões de Fernando Pamplona, Paulo Werneck, Maria Barata, Mark Berkowitz, Quirino Campofiorito, Inimá, Poty, Raymundo Nogueira, Frans Krajcberg, Laura Chermont, Anna Letycia, Vera Tormenta, Ítalo Campofiorito, Mário Carneiro, Vera de Sant'Anna, Bustamente Sá, Galoti, Reynaldo Jardim, José e João Conde, Karl Hansen, Maria Laura Radspieler, Benjamin Silva, Israel Szajbrum e Heloísa Fenelon que se mostraram satisfeitos e sugeriram algumas modificações, que foram efetuadas. Essas mudanças diziam respeito, notadamente, à data de realização do Salão e ao número de trabalhos a serem apresentados por cada artista. Cogitávamos convidar um determinado número de artistas a expôr, sem concorrerem a prêmios, mas os presentes opuseram-se a essa iniciativa, achando que todos deveriam obedecer às mesmas condições de inscrição e premiação. O regulamento, como foi aprovado, vai publicado na página 15.

Gravura de Kou Yuan

CULTURA E TRADIÇÃO EM SANTA CATARINA (PÁG. 16)

Uma mulher de pedra e plumas

(Na morte de Gabriela Mistral)

VINICIUS DE MORAES

ELA era alta e movia-se com lentidão e majestade. Parecia, em sua severidade cinzenta, o monumento simples de uma mulher, remanescente de alguma civilização rupestre. Seu belo rosto pétreo emoldurado por cabelos grisalhos de corte infantil, iluminava-se de um intenso carinho à minha chegada, como a face lisa de uma montanha subitamente banhada de sol. Inclinava-se docemente para que eu a beijasse no rosto, pois era maior do que eu e me julgava um pouco menino.

Nós éramos grandes amigos. A notícia de sua agonia, lida em plena rua, num dia radioso de sol e vida, me fêz parar o coração e deixou um profundo mistério à minha volta. Ela morria, a minha querida Gabriela e eu não podia estar a seu lado para afagar-lhe as desveladas mãos, como fiz em tantos lugares — no Rio, em Los Angeles, em Monrovia, em Santa Bárbara — enquanto ela falava, falava, falava até que o crepúsculo caísse sôbre a sala e tudo fôsse entardecendo e só ficasse a sua voz a dar-me, como sempre acontecia, uma vontade inexplicável de chorar. Porque em nossa amizade havia, da parte dela, um doloroso e áspero sentimento materno, e de minha parte, um abandono filial beirando as lágrimas. Ninguém como ela soube castigar-me momentos inteiros com um duro silêncio ressentido, diante das minhas fugas, das minhas ausências, da minha eterna inconstância. De repente, depois de meses de mudez, assaltavam-me saudades dela e eu lhe telegrafava, pegava o meu carro e ia correndo vê-la em sua casa de Monrovia, ou de Santa Bárbara, em Anapamu Street. E depois das pazes feitas, falávamos horas a fio, raramente de literatura. Ela nunca deixava de mostrar-me o seu jardim em progresso e um dia contou-me, corada de prazer, o plano que tinha para um poema de largo fôlego sôbre o Chile, que não sei se chegou nunca a escrever. A tarde decorria sempre assim, a princípio bulhenta, com nossas constantes altercações sôbre os destinos do mundo; depois, com o esfriar do sol, mansa propícia às confissões que nos fazíamos sôbre nossas próprias vidas. Ocorriam-lhe infalivelmente indagações perplexas sôbre a morte de seu sobrinho em Petrópolis, — tantas vêzes escutada por mim com a mesma angústia — uma angústia como que ainda pegajosa da febre de garganta que tinha no dia em que o menino veio ver-me em minha casa no Leblon, exatamente uma semana antes de seu indecifrável suicídio. Ou era o suicídio de Zweig, ou um outro suicídio, que pareciam persegui-la. Mas do Grande Suicida, o bem-amado de sua mocidade, e que sempre me pareceu repousar nela como num indevassável túmulo de pedra, — dêste ela nunca me falou.

Agora, ao escrever estas palavras, está tudo acabado. Não poderei nunca mais beijar-lhe o rosto, afagar-lhe as mãos, ouvir-lhe a voz lenta, monocórdia, ausente como uma cantilena inca. Folheio suas cartas sempre queixosas no início, sempre ternas no fêcho: "Caro Vinicius, yo no te olvido aunque lo parezca. Pero yo perdí la fe en el cumplimiento de tu visita cuadruplamente anunciada." "Tuve en Mérida un colapso cardíaco de 3 horas. Desde entonces la maquinita roja e tan flaca como la de un niño de días". "Todo va

(Conclui na 14.ª pág.)

MARQUES REBELO, que completa 60 anos

ANTÔNIO HOUAISS escreve sôbre o cinquentenário de MARQUES REBÊLO

(página 6)

Peregrino Júnior sôbre Graciliano Ramos (Pág. 3)

O discutido poeta Boris Pasternak (Pág. 10)

BORGERTH SÔBRE MÚSICA E INTERCÂMBIO (PÁG. 7)

PROFETAS

SURGIU nos Estados Unidos uma doença nova. Chama-se "loucura atômica". Diàriamente entram nos hospitais, lá, mulheres e homens, que gritam ou suspiram:

— Estamos nos desintegrando.

Outras e outros afirmam a descoberta de uma bomba capaz de destruir não só a terra, mas os planetas em geral.

Na calma e na aflição, estão todos malucos.

Há trinta e cinco anos, aconteceu a "gripe espanhola". Será que vai acontecer, agora, a "loucura americana", com o pseudônimo "atômica"?

Teria razão Agostinho Moura Assunção, natural do Piauí, que tomou formicida com cerveja, num botequim da Rua Larga, e escreveu esta carta aos contemporâneos?:

"Sou partidário do suicídio total da humanidade. O mundo cada vez mais se torna insuportável. Deixemos o mundo. Mas, levemos também os macacos, pois são animais que, segundo Darwin, costumam degenerar em homens. Se os deixassemos, haveria ainda a possibilidade do mundo se encher novamente de gente. Quão bonita não seria essa retirada em massa para o outro mundo! Que espetáculo soberbo de bravura e de renúncia!".

OUTRO

Foi antes de 1930: o profeta da Gávea. Apareceu como se viesse do fundo da floresta. Moço ainda, cabelos caídos pelas costas, barbas derramadas no peito. Quase nú. O sol lhe dava inocência. A solidão o escondia de qualquer escândalo. Mesmo assim, mexeu com a cidade inteira. Era simples e bom. A tristeza dos seus olhos vinha do fundo da vida. Disse: — Eu só falo a verdade. — A polícia levou-o para o manicômio. Não podia deixar de ser um louco.

EUFORIA DA DESENCARNAÇÃO

Meu Deis, como há fantasmas! O veículo dos fantasmas, antigamente, era a escuridão. Produziam-se nas horas mortas, de luzes apagadas. Agora, brotam na maior claridade. Não creio que haja escuridão de menos. Deve haver fantasmas de mais. Não é crise de transporte, é excesso de lotação...

ALVARO MOREYRA

PROMOVIDO pela Secretaria de Educação e Cultura da Prefeitura Municipal de Fortaleza será realizado na segunda quinzena dêste mês o Primeiro Curso de Literatura Cearense. As aulas a serem ministradas no Curso farão um apanhado da literatura cearense desde as suas primeiras manifestações até os dias atuais.

CINEMA BRASILEIRO

TUDO indica que êste ano de 1957 será um ano de florescimento da produção cinematográfica brasileira. A reportagem que adiante publicamos sôbre o filme "Osso, amor e papagaio", realizado em São Paulo por dois jovens diretores, com base num conto de Lima Barreto, mostra que o nosso cinema começa o ano com o pé direito. Trata-se de um bom filme, limpo, alegre, saudável — um filme autênticamente nacional. Nos meios de cinema fervilham os planos, terminam-se roteiros, apronta-se máquinas, movimentam-se técnicos e artistas... Tudo isso é sem dúvida excelente, mas essa atividade está condicionada, em seu desenvolvimento, a uma série de medidas cuja efetivação vem tardando, e muito.

Quando PARA TODOS, em seus primeiros números, realizou uma enquête sôbre os problemas da indústria cinematográfica nacional, destacou-se das opiniões ouvidas um conceito que correspondia a uma opinião geral: cinema é problema de govêrno. Sem o estímulo e o apoio do govêrno não poderá haver cinema no Brasil. Numerosas sugestões práticas têm sido feitas, e o inquérito de PARA TODOS expressou o pensamento mais atual dos profissionais de cinema nesse sentido.

Que tem feito o govêrno? Ou melhor, os governos? — pois há que começar pelo âmbito estadual e mesmo municipal. Existe muita coisa positiva a assinalar. O importante é que a unidade dos produtores e trabalhadores de cinema, expressa em comissões de composição ampla, conseguiu formular em têrmos claros as suas pretensões, começando por obter em São Paulo uma significativa vitória na questão do financiamento da produção cinematográfica. Êsse trabalho deu frutos, e já nos últimos dias de 1956 tivemos a nomeação da Comissão Federal de Cinema, integrada por homens dedicados à causa que defendem e disposta a realizar os objetivos para os quais foi criada.

Ao que sabemos, essa Comissão pôs-se imediatamente a trabalhar com eficiência. Uma coisa facilita a sua tarefa: os graves problemas que lhe estão afetos já têm sido exaustivamente estudados, de tal maneira que se trata menos de penetrar mais profundamente no conhecimento e na análise dêsses problemas, que de recomendar as medidas e providências cabíveis, da alçada do Govêrno Federal. Essas medidas giram fundamentalmente em tôrno da proteção à indústria cinematográfica nacional, ameaçada por uma concorrência desigual e ruinosa. E com elas se relaciona também a questão do Instituto Nacional de Cinema, cujo projeto se vem arrastando há longo tempo, e que se destina a ser o órgão coordenador de tais medidas.

Temos todos os motivos para acompanhar confiantes o trabalho da Comissão de Cinema. Competência e honestidade não lhe faltam. Resta agora que a opinião pública, que tem mostrado o mais vivo interêsses pelos destinos do cinema brasileiro, saiba apoiá-la e reclamar o cumprimento de suas propostas e sugestões.

Ao Govêrno Federal, e pessoalmente ao sr. Presidente da República, vai caber a palavra final, sôbre o assunto. Está em jôgo a sobrevivência do nosso cinema, indústria importante, incomparável elemento de criação e divulgação de cultura. Esperemos que as boas soluções sejam aprovadas — e sem demora postas em prática.

CRÔNICA DE SÃO PAULO

MINHA amiga Maria de Lourdes Teixeira me faz um convite que significa, realmente, uma honra: escrever a crônica de São Paulo no PARA TODOS. E esta honra afinal corresponde a adoção, pela cidade, da escritora provinciana que tem andado de picadas, caminhos e estradas dos brasis, sem já possuir uma filiação geográfica. Saída do Sul para o Rio, ora por Minas andando e "dimirando" céu azul e Aleijadinho, ora por Bahia ouvindo "baté" na Menininha, ora ensinando criança lá por Belém do Pará, qual seria, de verdade, a minha cidade?

Nem eu própria poderia responder, tantas cidades amei, tantas cidade já vi.

São Paulo porém São Paulo não foi uma cidade fácil, antes difícil na entrega, na conquista palmilhada pelas ruas mais antigas, Ladeiras da Memória descendo e subindo, Pátio do Colégio trilhando, lembrando, Faculdade de Direito antes apenas leis e pouco a casa de Alvares, encontro e comunicação. Praça da República ao entardecer de inverno ainda "logradouro público" à maneira municipal, com cisnes e plátanos, Largo do Arouche — braços contendo "claveles rojos" em plena primavera, o Braz repleto de meninos ao jeito dos meninos de Alcântara Machado. Rua Augusta cosmopolita e longa com tristeza maior, vitrinas, luzes, francesas e até mesmo jovens poetisas travestidas de proprietárias de lojas, chá na Jaraguá onde todos vão para se queixar que "é horrível encontrar todo mundo sempre no mesmo lugar" mas com quinze caseiro à maneira brasileira, sempre um doda de prosa e livros maravilhosos.

E não apenas as ruas e os lugares, mas as gentes paulistas.

Que de amigos me fiz nessa cidade e quanta coisa falei, verso, prosa, liberdades. E mais ainda lembro agora: gentes com quem nunca falara, sequer pensara em tutear e no entanto — louvados sejam — foram amigos bastante para empresta: livro exato em aulas de poesia que a escritora adotada se permitiu fazer cá na cidade, a melhor informação, a mais correta sôbre escritor obscuro me foi dada com presteza e mesmo as coisas mais sérias, neste ou que já vai, livro, detalhe, conselho, afeto e muita amizade me foi dado de sobejo, como coisa de paulista realmente reservado mas capaz de muito afeto, estofado de ternura. Falar nêles é falar na cidade.

NELI DUTRA

OS pintores Bustamante Sá e José Morais inauguraram um novo atelier na Rua Santa Clara, 166, apto 105.

ANUNCIA-SE que voltará a circular a revista "Clã", que se edita em Fortaleza sob a direção do romancista Fran Martins.

A Quinzena no Brasil

ENCERRANDO o Curso de Literatura da ABDE de S. Paulo o escritor Peregrino Junior, Presidente da Academia Brasileira de Letras, pronunciou uma conferência sôbre Graciliano Ramos, sua arte de romancista e sua mensagem de escritor. O ato de encerramento dos Cursos da A. B. D. E. realizou-se no Teatro de Cultura de S. Paulo, perante uma assistência de cêrca de duas mil pessoas, a 14 de dezembro proximo passado.

Da conferência de Peregrino Junior, que foi grandemente aplaudida, publicamos na terceira página o trecho final: "Mensagem de Graciliano Ramos".

—o—

RUGGERO Jacobbi está terminando a tradução do célebre romance de Vasco Pratolini, "Crônica dos Pobres Amantes", um dos mais importantes da atual novelística italiana, cujos direitos foram adquiridos pela Editorial Vitória, do Rio. Para a mesma editora, Antônio Bulhões traduziu "Saga dos homens independentes", do islandês Haldor Laxness, Prêmio Nobel, romance de rara beleza. Êsses dois livros serão lançados na Coleção "Novos Horizontes", enquanto da Coleção "Romances do Povo", da mesma editora, publicará "Companheiros", romance de Dalcídio Jurandir. Êsses serão os primeiros lançamentos da Vitória em 1957.

—o—

A Livraria Martins Editora lançará em 1957 nas "Obras de Jorge Amado", o novo romance do escritor baiano: "Os acontecimentos de Areia Branca", uma história da vida de uma pequena cidade nordestina. Ao mesmo tempo reeditará a peça de teatro de Jorge Amado sôbre Castro Alves, publicada em 1947 e que agora aparecerá sob o título de "O poeta da liberdade". E um livro que reunirá a produção poética de Jorge Amado, "Os poemas de Mestre Manuel". Êsses lançamentos serão acompanhados de nova reedição dos 12 volumes já publicados das "Obras de Jorge Amado".

—o—

A Livraria Prado Editora publicará, ainda neste mês de janeiro, "China sem muralhas", livro de impressões de viagem da jornalista Jurema Yari Finamoor que voltou recentemente de longa viagem pela Europa e pela Ásia. Nesse livro, a autora de "4 semanas na União Soviética" reúne amplo material de informação sôbre os mais diversos aspectos da vida do distante país asiático numa reportagem viva e movimentada.

—o—

MARIA Alice Barroso, que estreou com "Posseiros", romance de amplo sucesso de crítica e livraria, vem de terminar seu segundo romance cuja ação se desenvolve no Rio de Janeiro.

—o—

DA Civilização Brasileira Editora, para muito breve: "Degêlo", o discutido romance de Ilia Erehnburg, em tradução de José Guilherme Mendes.

—o—

A Livraria Martins vai editar o livro de Oswaldo Moles — "Lotação para o sonho" — coletânea de crônicas aparecidas em jornais ou lidas ao microfone de uma emissora paulista. O volume será ilustrado por Clovis Graciano.

—o—

ALEXANDRE Gravinas, autor de dois volumes que despertaram a atenção da crítica — "Dicionário dos Excêntricos" e "Eu do Sono" — acaba de publicar mais um livro, "Canto Fundante".

—o—

EM reedição da Livraria Martins, acaba de aparecer a "Breve História da Literatura Brasileira", do escritor português José Osório de Oliveira.

—o—

A romancista Liga Junqueira, cujo romance recente — "Cinza e Vinho" — continua a ser um sucesso de livraria, está agora escrevendo uma peça teatral.

—o—

DOIS lançamentos das Edições Melhoramentos: "A Vida Heroica de Cristóvão Colombo", de Giuseppe Cavazzana (tradução de Dinio de Sanctis Garcia) e "Três Escoteiros em Férias no Rio Paraná", de Francisco de Barros Junior.

—o—

RUTH Guimarães está escrevendo atualmente dois romances — "Onda Amarga" e "As Bodas de Caná", que sairão ambos este ano.

—o—

IBIAPABA Martins já tem escritas mais de quinhentas páginas de seu novo romance, já em terceira versão, e que se passa entre 1917 e 1922, focalizando a zona **Sorocabana, os problemas econômicos do café o P.R.P., a greve de 1917, etc.**

MAIS uma vez o poeta Murilo Mendes se ausenta do Brasil, desta vez para dar um curso de literatura brasileira na Universidade de Roma. Durante os meses que passou entre nós, o autor de "A poesia em pânico" participou ativamente da vida cultural do país, pronunciando uma série de conferências — sôbre poesia francesa, cultura flamenga, arte moderna, museus, etc. Nesse período, Murilo Mendes fêz sua reaparição como crítico de pintura, escrevendo a pedido de PARA TODOS um substancioso estudo sôbre o Salão de Arte Moderna do ano passado. O poeta viajou no dia 14 de janeiro, em companhia de sua espôsa, a poetisa Maria da Saudade Cortesão.

JOSÉ Geraldo Vieira já entregou ao editor José de Barros Martins dois de seus romances — "A mulher que fugiu de Sodoma" e "Território Humano" — devidamente revistos e que deverão aparecer no conjunto de doze volumes de suas obras a saírem este ano por aquela editora.

—o—

A R. Paula Leite, Paulo Dantas, Ruth Guimarães e Augusto Lopes estão escrevendo semanalmente sôbre romances recentes, no vespertino "A Gazeta", de São Paulo.

—o—

MARIA de Lourdes Teixeira já entregou à editora O Cruzeiro seu romance "O Banco de Três Lugares", cuja segunda edição será lançada em maio.

—o—

NO dia 20, data da cidade do Rio e Janeiro, será feita a entrega do Prêmio Paula Brito, destinado pela Comissão de Biblioteca da Prefeitura Municipal a escritores e entidades que se destacaram na difusão do livro. A Comissão é composta pelos srs. Maciel Jouse Monteiro, Hermes Lima, Gastão Cruls, Hélio Gomes Machado e Antônio Caetano Dias.

São os seguintes os premiados: Poesia — Cassiano Ricardo, membro da Academia Brasileira de Letras, pelo livro "Arranha-Céu de Vidro"; Ficção: Saldanha Coelho, diretor da "Revista Branca", pelo romance "Memória de Inverno"; Ensino: Afrânio Coutinho, pela organização e edição de "A Literatura do Brasil"; História da Cidade: Brito Broca, pelo trabalho "Vida Literária no Brasil" — 1900"; Memórias — Gilberto Amado, pela obra "Mocidade no Rio e 1.ª Viagem à Europa".

A editora escolhida foi a Companhia Editora Nacional, pela importância de suas iniciativas em prol da cultura do Brasil. O livreiro premiado foi Carlos Ribeiro, pelo movimento renovador que imprimiu ao comércio de livros no Rio. Quanto à Difusão Bibliotecária, a laurea coube ao decano dos bibliotecários cariocas, Manuel Bastos Tigre. O Prêmio no setor de Biografia foi dado ao jornalista Gondim da Fonseca, pela biografia de Santos Dumont.

O Prêmio Paula Brito, no setor especial foi conferido ao ensaísta Augusto Meyer, pela orientação que imprimiu ao Instituto Nacional do Livro, quando seu diretor. Essa laurea, que tem caráter simplesmente honorífico, visa homenagear, anualmente, todos aquêles que se distinguiram na difusão do livro no Rio e no Brasil.

—o—

O acadêmico René Thiollier foi homenageado com um banquete no Automóvel Clube, pela publicação de seu livro "Episódios de Minha Vida". Saudou-o, o poeta Guilherme de Almeida.

—o—

ESTEVE em São Paulo o escritor Malba Tahan, que veio programar, com Lenira Fraccaroli a realização de dois cursos — um de literatura infantil, outro sôbre "A arte de contar histórias".

—o—

A Câmara Brasileira do Livro homenageou, em seu banquete anual, nos salões do Automóvel Clube, o livreiro Savério Fittipaldi, pelo transcurso do seu jubileu de ouro editorial.

—o—

A poetisa Antonieta Dias de Morais, após ter publicado vários livros de versos, está agora escrevendo uma peça teatral.

—o—

ESTÁ em elaboração na Secretaria do Govêrno um projeto de lei, a ser submetido à Assembléia Legislativa, com o objetivo de criar em Taubaté a Casa de Paulo Setúbal, mais ou menos nos moldes da Casa de Euclides da Cunha, de São José do Rio Pardo.

—o—

JOÃO Acioli vai publicar o livro "Dez meses na Secretaria de Educação e Cultura" — que é um relatório de sua atuação nos diversos setores administrativos daquela pasta.

—o—

ESTEVE em São Paulo o escritor gaucho Paulo Recker, um dos elementos de maior atuação das novas gerações intelectuais do Rio Grande do Sul.

—o—

APOS um ano de permanência na Europa, regressou a São Paulo o ensaísta Cassiano Nunes, um dos assessores intelectuais da Editora Saraiva. Na Alemanha Cassiano realizou com muito êxito um curso sôbre a moderna literatura brasileira.

—o—

JOLUMA Brito acaba de publicar dois volumes da sua "História da Cidade de Campinas", que abrangerá doze tomos.

—o—

ENCONTRA-SE em pleno desenvolvimento o primeiro concurso instituído pela Difusão Européia do Livro para um pequeno estudo de no máximo 100 páginas dactilografadas em dois espaços, de caráter didático aprofundado em nível universitário, sôbre a História do Brasil. Os trabalhos serão julgados por Sergio Buarque de Holanda, Alice Canabrava, Otávio Tarquinio de Souza, José Honorio Rodrigues e Jacob Guinsburg, representante da Difusão, e deverão ser enviados à editora até o dia 30 de junho próximo, sendo que o manuscrito vencedor, além de receber o prêmio indivisível de Cr$ 20.000,00, será publicado em volume da Coleção SABER ATUAL. O endereço para a remessa dos originais e demais informações é: DIFUSÃO EUROPÉIA DO LIVRO — Concurso SABER BRASILEIRO — Rua Marquês de Itu, 79 — São Paulo.

—o—

O Serviço de Documentação do DASP lançou os dois primeiros volumes da "História Administrativa do Brasil", coordenada pelo professor Vicente Tapajos.

—o—

O poeta Georgenor Franco, do Pará, lançou um livro de poesia "Poemas dentro da noite". Foi empossado na Academia Paraense de Letras o escritor e deputado João Rodrigues Viana, autor do romance premiado em 1955 pela mesma Academia, "Fazenda Aparecida".

—o—

PONGETTI editará próximamente o livro "Gale fugido", poemas de Edigar Alencar,

EXCELENTE o Suplemento Dominical do "Jornal do Brasil", sob a direção de Reinaldo Jardim. No último numero, escreve José Paulo Moreira da Fonseca sôbre o personagem principal do romance de Fernando Sabino, "O Encontro Marcado": "Não podemos negar que a crise de Eduardo tem muito da crise da burguesia, porém sem exagerarmos, pois infelizmente não é todo burguês que possui aquela aguda consciência de que as coisas estão erradas, de que é preciso mudar".

—o—

"EM vez dessa sangria nos recursos públicos, que realiza a Lei do Fundo do Ensino Médio desvirtuando a missão do Estado, que é promover a Educação para todos, imagina-se o que poderia o govêrno fazer com êsses recursos. Dispondo anualmente de uma verba substancial, que agora esmigalha em pequenas dotações ridículas, com critério personalista ou puramente eleitoralista, por dezenas de pequenos colégios e ginásios, destarte sem possibilidade de redundar em qualquer benefício educacional como seria justo, outro resultado é de crêr se obteria acaso êsse recurso fôsse aplicado pelo Estado na criação, em blocos de ensino, de acôrdo com um planejamento técnico e a longa distância".

Revistas e Suplementos

—o—

É o que diz o sr. Afrânio Coutinho, no suplemento do "Diário de Notícias" de domingo último.

NO mesmo jornal o sr. Temistocles Linhares, a propósito de "A Literatura no Brasil", obra dirigida pelo sr. Afrânio Coutinho, escreve sôbre "a inconveniência da aplicação dos padrões estéticos, em caráter de predominância e primazia, para o estudo da literatura brasileira".

—o—

COMENTANDO a situação da cultura portuguêsa no Brasil, Victor Ramos escreve no n. 7 de "Portugal Democrático" R. Conselheiro Crispiniano 379 — s/ 601 — São Paulo):

"A conjugação dos fatores apontados — falta de divulgação dos nossos melhores valores, ambiente de asfixia em que vive o intelectual português demissão da verdadeira função do nosso corpo universitário, nível cultural mediocre da colônia — permite compreender a situação confrangedora a que chegou a cultura portuguêsa no Brasil. No plano literário o brasileiro medianamente culto só conhece três escritores portuguêses: Camões, por causa da luta no colégio com a sintaxe dos Lusíadas; Eça de Queiroz, para cuja voga contribuem muitos fatores extra-culturais do tipo café society e jogos televisionados e, de certo modo, Fernando Pessoa que beneficia de um ambiente de favor em que entram em partes iguais o seu gênio e a oportunidade total em que começou a ser divulgado no Brasil".

—o—

"SUL", n. 28, a brava revista de Florianópolis. Destaca o apoio que lhe vem dando o governador Jorge Lacerda: "Velho amigo da revista desde os tempos em que militava na imprensa carioca, agora à testa do executivo, o dr. Lacerda tem apoiado as nossas iniciativas no terreno cultural". Entre os bons trabalhos de "Sul", indiquemos, por exemplo "Quatro Vates e um defunto", de Osvaldo R. Cabral.

—o—

"IDEIAS", o segundo número do jornal literário de Curitiba, Trás uma boa reportagem sôbre o Salão Paranaense de Belas Artes, entrevista com Mário Brasini e notas sôbre o Teatro Experimental de Guaíra, de mais vivo interêsse.

—o—

É com satisfação que registamos, pela primeira vez, a chegada até nós de um suplemento de "Unitário", Fortaleza. João Clímaco Bezerra escreve a respeito da literatura durante 1956. O suplemento anuncia o primeiro curso de literatura em Fortaleza promovido pela Secretaria de Educação e Cultura da Prefeitura Municipal. "7 perguntas sôbre 56" é o título da reportagem literária de José Helder de Souza. Antonio Girão Barroso considera o reaparecimento de "Para Todos" o maior acontecimento literário de 56. O poeta Francisco Carvalho é da mesma opinião. O radialista Guilherme Neto também: "No Brasil, o reaparecimento de "Para Todos", jornal literário que pode levar ao povo aquilo que dificilmente êle teria". O poeta Alcides Pinto considera "Para Todos" sem dúvida, o melhor jornal de literatura e arte que se edita no país". O radialista Tarcísio Tavares fala de "Para Todos" como um dos acontecimentos literários de 56 que pena também Blanchard Girão. Como se vê, um louvor genuíno por parte dos poetas, escritores e radialistas do Ceará que responderam à enquête literária de José Helder de Souza. E aqui estamos desejando ao suplemento de "Unitário" (muito bom) e aos intelectuais cearenses o maior êxito e o seu constante estímulo ao nosso trabalho em defesa da cultura nacional.

—o—

A Melhoramentos editou o número quarto de "Companheiro, mensagem cultural" com numerosa informação bibliográfica. É um acontecimento literário de grande importância o aparecimento da "Revista da ABDE" de São Paulo. Os nossos parabens. O primeiro número é dedicado à memória de Amadeu Amaral.

—o—

A respeito do "drama brasileiro atual, o sr. Sabato Magaldi, (O Estado de São Paulo) conclui o seu artigo: "Já renovamos o espetáculo, esteticamente. Quando uma dramaturgia original se impuser, também no plano artístico, falando a maiores públicos, poderemos proclamar a maioridade do teatro brasileiro".

"MÓDULO"

ENCONTRA-SE nas bancas o número 6 de «Módulo», a já consagrada revista de arquitetura e artes plásticas. Destacam-se neste número, que traz na capa fotografias do projeto de Oscar Niemeyer para os edifícios centrais da nova capital, as seguintes matérias: Rodrigo M. F. de Andrade, artigo sôbre a participação dos arquitetos no I Congresso Nacional de Museus; Joaquim Cardozo, sôbre a pintura de Carlos Scliar; Antônio Bulhões, sôbre o trabalho de urbanização da cidade pelo prefeito Pereira Passos; Paulo Mendes Campos, crônica sôbre Santa Rosa; José de Souza Reis, «Em defesa da cidade»; além de vários projetos e noticiário

A Quinzena no Mundo

ESTES são os componentes do famoso júri que concede anualmente o "Prêmio Goncourt": Armand Salacrou, Gérard Bauer, Roland Dorgelès, Phillipe Hériat e Francis Carco, quando reunidos para deliberar sôbre o "Prêmio Goncourt" para 1956 que, conforme noticiamos, foi concedido a Romain Gary, pelo seu romance intitulado "Les racines du ciel".

MESA REDONDA — Delegados e observadores que participaram da Conferência de Escritores Asiáticos, realizaram no dia 30 de dezembro uma mesa redonda sob a presidência do escritor italiano Carlo Levi, com o objetivo de estudar a melhor maneira de intensificar o intercâmbio cultural entre o Leste e o Oeste. O debate não teve ordem do dia predeterminada. Representando os escritores da América Latina falaram Jorge Zalamea, da Colômbia, e Miguel Angel Asturias, da Guatemala. O chefe da delegação chinesa, Mao Dun, disse que os escritores asiáticos não fazem discriminação contra as culturas do Ocidente, e acrescentou: «Estamos convencidos de que tôdas as culturas que são benéficas para a humanidade podem frequentemente transcender das fronteiras nacionais».

* * *

CONFERÊNCIA DOS ESCRITORES ASIÁTICOS — A Conferência dos Escritores Asiáticos, que se encerrou em Nova Delhi nos últimos dias de dezembro, refletiu o desejo dos escritores participantes de desenvolverem as ricas tradições da literatura de seus respectivos países, e acentuou a importância dos contatos culturais entre as nações. A Conferência mostrou que as diferenças de opiniões políticas e estéticas, de escolas literárias, não impedem a unidade dos escritores da Ásia com o objetivo de defenderem a cultura e a paz.

* * *

«ANGELINA, FILHA DOS CAMPOS» — Causou surprêsa o último prêmio literário francês para o ano passado. Esse prêmio, Eugene le Roy, concedido pelo Ministério da Agricultura, recaiu sôbre uma escritora camponesa de 58 anos, Angelina Bardin, até então completamente desconhecida. Essa obra autobiográfica recebeu, notadamente, calorosos elogios de Hervé Bazin e Philippe Hériat, para o qual se trata de «um livro escrito contra a corrente, fora das receitas da moda, às quais se devem tantos romances prefabricados e compostos para impressionar os júris literários».

* * *

PRÊMIO TAORMINA — O prêmio internacional de poesia de Taormina no montante de dois milhões de liras, foi dividido entre Jules Supervielle, pela sua coletânea «A Escada» e o poeta italiano Camillo Sbarbaro.

* * *

AMIGOS DE LAMARTINE — Fundou-se em Beirute uma associação de amigos de Lamartine, cujo primeiro objetivo foi comprar a casa outrora habitada pelo poeta naquela cidade. A casa estava ameaçando ruir e ia ser demolida dentro em breve. Depois da restauração será ali instalado um museu lamartiniano.

* * *

CARTA DE SCHILLER — Num recente leilão de manuscritos em Paris, alcançou 201 mil francos uma carta de Schiller em que êle escreve a certa altura: «Que atividade a de Diderot! Era como uma flama que não extinguia nunca. Nele, tudo era alma. Tudo traz a marca de uma perfeição que parece interdita aos outros homens».

* * *

DOUTOR EM LETRAS — Georges Sadoul recebeu o título de doutor em letras, conferido pela Universidade de Moscou. Sadoul apresentou como tese os quatro tomos de sua «História Geral do Cinema», que abrangem o período de 1896 a 1920.

* * *

O «CASO GRAHAM GREENE» — Parece longe de encerrar-se o «caso» Graham Greene, aberto o ano passado com a publicação do romence «Um americano tranquilo». Colin Wilson, aceita a opinião de um crítico francês de que Greene é «uma testemunha de uma idade trágica», mas acrescenta que o seu papel é o de um observador passivo, em desacôrdo com «a grande tradição católica a que pertence». Esse ponto de vista é combatido por outros escritores inglêses. E o debate sôbre Greene se estende também à URSS, onde, no número 8 da «Literatura Soviética», Anna Elistratova publica um estudo sôbre a sua obra, um dos fatos mais complexos e interessantes da literatura inglesa contemporânea.

* * *

«PERSPECTIVA DO BRASIL» — Foi publicado em separata, e já se encontra à venda em nosso país o suplemento especial do «Atlantic Monthly» intitulado «Perspective of Brazil», a quinta de uma série de antologias preparadas pelas Publicações Culturais de Nova York. O suplemento é apresentado por Carleton Sprague Smith e reune trabalhos especiais ou transcrições de Maurício Nabuco, Gilberto Freyre, Mario de Andrade, Andrade Murici, Erico Veríssimo, Alceu Amoroso Lima, Alcântara Machado, José Valladares, Lucio Costa, Rubem Braga, Antonio Candido, Jorge Amado, Afonso Arinos, Décio de Almeida Prado, Monteiro Lobato e poesias de Vinicius de Moraes, Augusto Frederico Schmidt, Cecília Meireles, Manuel Bandeira, João Cabral de Melo Neto e Carlos Drummond de Andrade.

—o—

A Comissão Julgadora do Prêmio Gen. Tasso Fragoso, constituída pelos srs. Gustavo Barroso, Flavio de Macedo Soares Guimarães, Gen. Humberto Castelo Branco, Cel. Luiz Flamarion Barreto Lima e Cel. Manoel Moreira Lima, concedeu esta laurea ao Gen. Estevão Leitão de Carvalho, autor de "A Paz do Chaco (como foi efetuada no campo de batalha").

Foram ainda concedidas menções honrosas às seguintes obras: "Seis Séculos de Artilharia", do Ten-Cel. Joaquim Vitorino Portela F. Alves; e "Campanha de Itararé", do Ten-Cel. Henrique Oscar Wiederspahn.

—o—

A Difusão Européia do Livro acaba de lançar os seguintes livros: o romance de Colete "Chéri" (tradução de Maria de Lourdes Teixeira) e os dois primeiros volumes da série "Os Reis Malditos" — "O Rei de Ferro" e "A Rainha Estrangulada", sob a direção literária de Maurice Druon (respectivamente traduzidos por Nair Lacerda e Alcantara Silveira). Para breve lançamento a Difusão Européia do Livro anuncia "A Idade da Razão" de Jean-Paul Sartre, tradução de Sérgio Milliet; "A Vitória Amarga", de René Hardy, tradução de Alcantara Silveira; e "Rosas de Setembro", de André Maurois, tradução de Ari de Andrade.

—o—

POR iniciativa da comissão executiva do 1.º aniversário da emancipação política de Lorena realizou-se naquela cidade paulista um concurso regional de poesias, no qual se inscreveram 42 autores. A Comissão, constituída por Pericles Eugênio da Silva Ramos, Domingos Carvalho da Silva e Maurício Loureiro Gama, deu os primeiros prêmios aos srs. Nelson Pesciotta, Mario Mendes dos Santos e Gualter Alvares do Couto.

Livros Polonêses

Acabamos de receber um grande estoque de livros editados na Polônia, mas impressos em francês ou inglês, sôbre os mais diversos campos do conhecimento humano. Belas edições, ilustradas a côres e ricamente encadernadas. Preços accessíveis. Visite-nos e peça catálogos.

Livraria Civilização Brasileira

RUA 7 DE SETEMBRO N.º 97

TEL.: 22.5667

História Geral Das Civilizações

apresenta o seu 6.º volume

A IDADE MÉDIA (1.º vol.)

JÁ PUBLICADOS:

— O Oriente e a Grécia Antiga — (2.º vol.)

— Roma e seu Império — (3.º vol.)

Sob a direção do professor E. Simões de Paula, Diretor da Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo

Luxuosa apresentação gráfica ricamente ilustrada

UM LANÇAMENTO DA

DIFUSÃO EUROPÉIA DO LIVRO

R. Marquês de Itu, 79 — C. P. 5.728

Fone: 33-2430 — São Paulo

Eficiente serviço de reembôlso postal

EXPEDIENTE

para todos

quinzenário da cultura brasileira

Diretor: JORGE AMADO

Redator-Chefe: MOACIR WERNECK DE CASTRO

Secretário: JAMES AMADO

Superintendente: ALBERTO PASSOS GUIMARÃES

Chefe de Ilustrações: OTÁVIO ARAÚJO

Direção, redação e administração no Rio de Janeiro: Avenida Rio Branco, 185 — apart. 815 — Edifício Marquez de Herval. Fone: 22.4460

Redação e administração em São Paulo: Rua Quirino de Andrade, 219 — sala 71 — Fone: 32.3796.

Distribuidores para todo o Brasil: Fernando Chinaglia Distribuidora S.A. Avenida Presidente Vargas, 502, 19.º — Rio de Janeiro

Propriedade de "Para Todos Jornal S. A."

Diretor-Presidente: OSCAR NIEMEYER

Diretor-Superintendente: MARIO BRASINI

Diretor-Tesoureiro: A. F. BULHÕES CARVALHO

Numero avulso .... Cr$ [illegible]
Assinatura anual .... Cr$ [illegible]
Semestral .... Cr$ [illegible]

Não se devolvem originais. Os conceitos emitidos em artigos assinados são de responsabilidade do autor. O pagamento das colaborações é efetuado, na redação, na primeira quarta-feira após o aparecimento do jornal, no Rio, e na primeira quinta-feira, em São Paulo.

MENSAGEM DE GRACILIANO RAMOS —

PEREGRINO JUNIOR

Retrato de Graciliano Ramos por Portinari

A mensagem de Graciliano Ramos foi grave e generosa. Bem diverso do que em geral se pensa e se diz, êle não foi um sêr indiferente, sem amigos, sem substância afetiva, negativo e desumano. Não. Ao contrário, foi o mais humano dos homens: amigo dos seus amigos, bom companheiro, bom cidadão, chefe de família correto; pessimista, sim, mas dotado de senso de humor e de capacidade de compreensão e simpatia: vivendo simples e cordialmente como qualquer homem de carne e osso, tomando a sua cachaça, contando a sua anedota, dando a sua piada, metendo o pau nos maus escritores e louvando os bons; desinteressado e honrado, sabendo guardar severa fidelidade, custasse o que custasse, aos seus compromissos e aos seus ideais. Não era um fantasma: era um homem. Mas um homem de vocação revolucionária, que temperou a sua estranha personalidade na solidão e no sofrimento, e que, por isso mesmo, soube ver o social e o humano, conhecendo o segrêdo da chave que abre a porta misteriosa dêsse mundo subterrâneo e obscuro, que é o conflito interior das almas humanas.

Dono de um poderoso, ágil e raro instrumento de expressão — "a solitária grandeza do seu estilo" — soube utilizá-lo honradamente, com decidida bravura, na demolição de tudo quanto se lhe afigurou errado ou injusto — e na defesa dos que sofrem, dos humilhados, dos ofendidos, dos fracassados, dos loucos, dos criminosos, dos doentes. Êle mesmo, sem ocultar o desprêzo que votava à crítica pretensiosa, às interpretações incompreensivas como aos louvores fáceis e aos elogios derramados, confessou certa vez as intenções reais da sua obra ("Memórias do Cárcere" — pág. 85)!

"Arriscara-me a fixar a decadência da família rural, a ruína da burguesia, a imprensa corruta, a malandragem política, e atrevera-me a estudar a loucura e o crime". E comenta melancòlicamente: "Ninguém tratava disso, referiam-se a um drama sentimental e bêsta em cidade pequena". Irritou-se porque um crítico classificou A n g ú s t i a *de "formoso romance". E' que nunca desejara "escrever bonito" e desprezava deliberadamente a "arte gratuita", o "estilo formoso", o efeito artificial, o "brilho exterior".*

Na intimidade mais funda da obra de Graciliano Ramos o que se nos depara não é um sorriso de humorismo ou de ironia: — é um rictus amargo de revolta, consciente, frio, atormentado, mas tocado de solidariedade pelos que sofrem, pelos desesperados e tristes, pelos frustrados e infelizes, pelos marginais e desgraçados, por tôdas as vítimas em suma de uma sociedade injusta e opressora. O sentido social e humano da sua obra é êsse. Êle mesmo exclamou no banquete do seu cinquentenário: — "Associo-me aos senhores numa demonstração de solidariedade a todos os infelizes que povoam a terra".

A sua grave mensagem de escritor foi, pois, em última análise, um grito surdo, sem ênfase, mas resoluto — um grito de dor e de revolta, em defesa da felicidade humana, que êle identificou na vocação imemorial de homem para a Liberdade, a Paz e a Equidade Social.

O Livro Brasileiro

O encontro marcado

O NOVO livro de Fernando Sabino, "O Encontro Marcado" (*) é sobretudo, algo de novo na romancística brasileira. Fugindo a todo e qualquer formalismo, livre de todo preconceito literário e com uma técnica completamente nova, Fernando Sabino abre uma diferente perspectiva, cria outros rumos para o romance nacional.

Em uma rápida análise dêste livro, a primeira coisa que ressalta à crítica é o tema abordado. Não se contém nêle uma história violentamente passional, trágica ou heróica. Não. E' uma história simples, narrando os fatos quotidianos da vida de um homem intelectualizado, desajustado e torturado por problemas de consciência que êle próprio não conseguia perceber. E' o homem colocado na encruzilhada da dúvida e da busca desesperada para o encontro com o próprio homem, situado em um mundo incerto e amorfo, e procurando uma razão para a vida, que jamais é encontrada. Perquire uma compreensão maior entre os seus semelhantes e encontra a rivalidade, o ciúme e a ânsia em aproveitar de qualquer modo o momento que passa. Volta-se então para Deus mas a sua formação materialista o afasta do divino confôrto da fé. Isolado, esmagado pelo pêso da sua própria tragédia, chega à conclusão vazia e ainda mais dolorosa: — "Qual é o problema? Não há problema...". E em tôrno dêsse homem gira tôda uma humanidade que respira convulsamente um trágico clima de "aprés moi le déluge". Êsse ambiente, tôda essa tensão que paira sôbre o romance, repercute na intimidade de nossa consciência, transmitindo vivamente as suas amargas mensagens. Existe então uma identificação de leitor com o livro. Porque a constante que nêle existe é a que vive em nossas vidas: a dúvida e a procura de uma realização nunca alcançada. E ganha assim o tema foros de uma trágica universalidade. As questões do "O Encontro Marcado", não são mais de seus personagens, nem nossas, pertencem ao mundo. A êsse caótico, confuso e incerto mundo de hoje.

O estilo com que foi escrito o livro de Fernando Sabino, é nervoso, emocional, cheio das vibrações mais íntimas do interior de seus personagens. Escrito aos jatos, incontroláveis, violentos. E obedece ao desenvolvimento do tema: leva na infância, perturbado na formação da adolescência, descontrolado quando o homem amadurece e a estrutura de seus problemas ganha os seus verdadeiros aspectos.

Pensamos, entretanto, que o tipo central do romance — Eduardo Marciano — foi calcado na história com excessiva expressão, que faz esbater para um plano secundário, os outros personagens. Todos vivem em função dêle, em prejuízo de suas próprias vidas. Poderá ser realmente, uma técnica romancística. Mas perigosa. Dela existe um passo para que um livro perca o seu sentido de humanidade. Faulkner gira seus romances, particularmente em tôrno de negros. Mas presença enorme do branco tem vida própria; dela, decorre muitas vêzes o próprio sentido da obra.

Poder-se-ia dizer, também, que não há em "O Encontro Marcado", uma mensagem nítida. E realmente não há. E' antes uma análise dos meios estados de alma de um homem inteligente, sensível e incompreendido.

E o que se sente nesse romance, é que não é um livro realizado. Fernando Sabino captou a fisionomia de uma geração indecisa e procurou fixá-la, em uma das mais importantes experiências literárias do nosso tempo. Uma nova e admirável experiência, que poderá mudar por completo os aspectos técnicos e estéticos do romance brasileiro, e que situa seu autor como um autêntico romancista de vanguarda.

Aquiar Netto

(*) — Cia. Editôra Nacional, 1956

O Livro Traduzido

CORREIO DO SUL: PSICOLOGIA DO AVIADOR

ROBERTO SIMÕES

ESTA é a primeira grande obra de Saint-Exupery, resultante de uma estada de 18 meses no Cap Juby. (Anteriormente, em 1927, já havia publicado a pequena novela L'Aviateur.)

Isso pouco importa ao que vamos dizer.

O que êste autor nos legou uma obra literária que devemos admirar pelo seu senso lúcido, pela sua vitalidade crescente, pela ausência dos complexos que fazem mesquinha a vida do homem, porque antes de mais nada, Saint-Exupery foi um poeta que escreveu através de símbolos.

A aviação nos leva a considerar um aspecto novo na vida do homem. Com efeito, se meditarmos um instante sôbre a atitude do aviador, em face do motor de seu avião, em face das condições atmosféricas, em face de tudo que êle deve vencer por si só, avaliaremos certamente quanto deve ser dura a experiência da solidão. E essa solidão, o aviador a conhece a fundo.

Em tempo de guerra, sobretudo, apenas êle nos dá a impressão de sentir-se homem. Todos os outros não passam, então, de engrenagens destinadas a esmagar a humanidade. A tripulação fica unida pela idéia de um perigo, de uma ameaça. Juntos chegarão ao fim, ou juntos morrerão.

O aviador sugeriu novas formas à literatura. **L'Equipage** de **Mermoz**, de Kessel, ambos são verdadeiras epopéias do ar.

As linhas aéreas do Atlântico Sul se tornaram para os modernos o que foi o Cabo da Boa Esperança para os antigos. Fazê-las uma realidade e obra de supremo heroísmo, cujo testemunho encontramos neste **Correio do Sul** de Antoine de Saint-Exupery.

Kessel já nos revelara a psicologia do aviador mas era preciso esperar Saint-Exupery para bem compreendermos a bravura dêsses cavaleiros do ar.

Saint-Exupery não foi apenas um romancista, êle viveu o drama do ar, dia a dia, hora a hora, minuto a minuto. Entre seus personagens-aviadores adivinhamos quase o desejo de morrer em vôo. Êles ficam como que fascinados por estas desaparições misteriosas. Constituem, sem dúvida, uma raça de homens novos e eternos. Sozinho, a bordo de seu aparelho, o aviador de linha sabe que trabalha para sua própria glória. Embora não, êle é consciente que deve sacrificar-se com igual ardor. O escritor preceitua que cada aeronauta deve amar o grande espaço da solidão para poder, voltando-se para si, descobrir os segredos humanos, em seu próprio espírito, em sua própria alma. E' que reconheceu que o pilôto não é um operário vulgar: êle tem o senso da responsabilidade pesando-lhe sôbre os ombros; é um homem que se dedica a uma tarefa arriscada e recalca, muitas vêzes, as alegrias mais humanas.

A disciplina consiste na aceitação voluntária do dever. E' o sacrifício de cada dia, sem ostentações. "Vous ferez ce qu'on vous dira". A vontade do aviador tem de estar à altura de sua vocação.

Correio do Sul mostra-nos a vitória da sua vontade: "Ce que j'ai fait, aucune bête ne l'aurait fait".

Correio do Sul é um atestado da mesma psicologia de Ulisses, o Navegante.

CORREIO DO SUL (Courrier Sud) — de A. Saint-Exupery em tradução de Pierre Santos. Ed. Difusão Européia do Livro — 1956.

"Para Todos" Recomenda a Tradução de

Com o diabo no corpo

De Raymond Radiguet

por VITOR RAMOS

OS problemas morais das populações civis que ficam na retaguarda começaram a surgir na literatura com as guerras dêste século. Até então, um livro sôbre a guerra comportava forçosamente descrições de batalhas ou de circunstâncias, situações e pessoas ligadas a estas diretamente. Stendhal, que entretanto não pretendia fazer um livro de guerra, achou necessário, assim mesmo, enviar Julien Sorel a Waterloo e contar-nos, à sua maneira, a derrota de Napoleão; pois apesar disso, a sua visão da batalha, fixando aspectos essenciais mas pouco espetaculares, não deixou de decepcionar os contemporâneos. As repercussões na retaguarda das antigas guerras de posição não eram tão chocantes que merecessem a atenção dos literatos ou o favor do público.

Ora, o conflito de 1914-18 veio auterar êste quadro. Não foi impunemente que se lhe chamou a **1a. Guerra Mundial**: a sua universalidade, a mobilização total dos recursos das nações, as suas consequências, indiretas mas inegáveis, no panorama ético dos povos em luta, deram à literatura desta época um leque de interêsses muito mais largo. Quando hoje se fala nas obras sôbre êste período pensa-se logo, evidentemente, no **Fogo** de Barbusse ou no **Nada de novo frente ocidental**, de Remarque, mas também no **Com o diabo no corpo**, de Radiguet, ou na **Classe 1912** de Glaeser.

Raymond Radiguet, de quem Cocteau escreveu que "partilha com Rimbaud o terrível privilégio de ser um fenômeno das letras francesas", morreu com 20 anos, em 1923, data em que foi publicado **Com o diabo no corpo**.

O livro, que é uma denúncia impiedosa, cruel, mas altamente lúcida dos traumatismos morais que as guerras provocam, começa por uma página de antologia, que mostra a plena consciência de Radiguet quanto à tempestade que iria provocar: "Vou incorrer em muitas censuras. Mas que posso fazer? Será minha a culpa de ter completado doze anos alguns meses antes da declaração da guerra?" As perturbações que êste período extraordinário se provocou foram indubitàvelmente de um gênero que nunca se sente nesta idade; mas como nada existe bastante forte para nos envelhecer, apesar das aparências, tive que conduzir-me como criança numa aventura em que mesmo um homem teria ficado embaraçado".

E, na verdade, a reação que previa não se fêz esperar. A sociedade nunca perdoaria a ousadia daquele adolescente: mais de vinte anos depois, no após-guerra de 1945, os **bien pensants** ainda sentaim a consciência tão pesada que articularam um movimento, amplo e tenaz, no sentido de proibir não o livro, o que era materialmente impossível, mas o filme admirável e sensível, que dêle extraiu Claude Autant Lara, com Gérard Philipe no protagonista.

História de dois amantes jovens, cercados por um mundo hostil, perdidos numa tormenta que não desencadearam, **Com o diabo no corpo** é fruto de uma inteligência romanesca que combina um equilíbrio temporão e uma vivacidade sazonada. O comportamento de um adolescente, que enfrenta problemas de homem feito em meio a uma situação anormal, em que sente ruir a seu lado todos os valores-base, só poderia ser dado por um jovem com mentalidade de adulto. E' êste misto de frescura e amadurecimento, de equilíbrio e leviandade, que dá a Radiguet um lugar de exceção na literatura.

Por outro lado, certos aspectos conceituais, de um humor desencantado, que surpreendem num autor tão jovem, representam uma tentativa de desvio das reações de revolta que as situações lhe provocam. Assim acontece, por exemplo, com a atitude do personagem principal perante as festas do Armistício, com que se comemorava o fim da guerra: "Meu pai voltou de Paris e queria que eu regressasse com êle".

(Conclui na 14.ª página)

Crônicas de Livros Novos

FLAMENGO,

de Paulo Gomide

A POESIA faz-se com palavras. Em verdade assim é. Pouco importa o sentido, eu vejo perfeitamente um poema todo feito em palavras tupi sem nexo em sua associação. Ao passo que não compreendo um poema que seja apenas uma sentença, lógica, elevada, verdadeira. Isso não quer dizer que não se possa dar um sentido às palavras e ficar dentro da poesia. Os poetas de verdade conseguem êsse milagre, e poeta de verdade, conquanto de pouco falar, é Paulo Gomide a quem já me referi muitas vêzes e que agora publica «Flamengo».

Eis um poeta da raça dos que souberam cantar o mundo real, nos seus aspectos grotescos como nos seus aspectos sentimentais. Dos que não desdenham o humor. Diante do espêlho escreve: «Mas afinal, quem fui? Quem sou? — Tu és um homem que se encontrou. — Alô, velhinho!...» Mas ao fazer seu inventário percebe que: «ainda me restá uma montanha verde e outra azul...» E de repente um frenesi de palavras, que estariam em liberdade não fôsse o sarcasmo a dar-lhes um sentido mais lógico: «O futebol dos oligofrênicos me põe em transe, me torna eufórico, me causa acessos de riso anêmicos, me frege em trauma psicológico».

Dêsse poeta, disse Lêdo Ivo que «sabe tirar das circunstâncias o melhor mel». Como a abelha, tira-o da rosa embriagada de seu próprio perfume ou da dura flor do araçá. Mas é sempre um mel de qualidade, autêntico, essencial, sem acréscimo de açúcar: «Evangelina conservou-se pura»..., estéril portanto, que o fruto nasce do pecado, é irremedimível, que a graça vem do arrependimento e só quem muito errou será muito perdoado: «Deus, bom Deus, que farás de Evangelina?»

Assim fala êsse poeta de raça que antes de lançar «Flamengo» se escondia em edições de vinte exemplares e só de uns poucos amigos era conhecido. E' preciso travar relações com êle, leitor, porque é de boa companhia. Não terás dêle nenhuma palavra convencional e se o achares por vêzes agressivo, lembra-te do que dêle afirmou Carlos Drummond de Andrade: «E' sarcasmo, chama (compreende quem ama) ardendo em canção. Fere mas consola essa humana viola.»

Eu sei se um poeta é grande quando não penso em compará-lo a nenhum outro. Quando ao sentimento crítico substitui a participação. Enquanto isso não ocorre, fico a descobrir parentescos e influências. Mas se porventura me comovo de verdade não busco mais em minha memória os parentescos do autor. E, a quem me diga então que se parece com fulano ou beltrano, dou de ombros: um tal crítico já não tem por onde se lhe pegue, nada lhe atravessará a casca dura e sêca de erudição.

Tem o poeta que dizer coisas e jogar com palavras. Se o faz, ridículo se torna qualquer comentário ou reparo à sua técnica. Cabe ouvi-lo tão somente, ainda que seja em língua carajá: eldjéjé!! eldjéjé! é a palavra mágica se responderá, como é de obrigação e do agrado de Deus: «Rhamé! (Assim seja!).

SÉRGIO MILLIET

(x) Livraria São José — Rio, 1956.

"UMA CRIANÇA ESTÁ CHORANDO"

de Henrique Sarán

LI "Uma criança está chorando". (x) Penso que é obra do comenlo de uma mocidade idealista, sincera, e que pertence ao gênero da propaganda feita com o coração — Respeitável, portanto, sob todos os pontos de vista. Do começo ao fim recebi um hálito de mocidade e de pureza. São as experiências de uma juventude que não desanima e aguarda, com sua crença, um "dia seguinte" melhor do que o de ontem e o de hoje. Poderemos divergir de muita coisa, na novela "Uma criança está chorando", mas guardaremos intacta, nossa admiração pelo "ato de fé" que ela encerra.

DINAH SILVEIRA DE QUEIROZ

(x) Ichud Hanoar Hachalutzi, 1956.

O SILÊNCIO E A ROSA

de Wilson Alvarenga Borges

ESTREANDO uma nova coleção: "Coleção Clube dos XII", Wilson Alvarenga Borges oferece ao público seu segundo livro (o primeiro, "Canção para Lamis — 1954). Numa nota inicial, servindo ao mesmo tempo de prefácio, Geir Campos nos apresenta o Clube dos XII, sua origem, seu desenvolvimento e o consequente aparecimento da coleção.

Os 38 poemas do livro espelham bem as reações de uma sensibilidade profundamente triste e desencantada, ante o mundo e a vida. Essa constante a tristeza, domina tôdas as páginas, e é mais do que tristeza, é uma profunda melancolia, um desalento tranquilo que nos convida ao silêncio. E' uma tristeza que vem de muito longe, como confessa o próprio autor: Eu andava tão descrente / o meu olhar era tão amargo / nem precisei dizer-te que sou triste.- / E' a tristeza que através o amor, também amargurado, conduz à morte; não à morte violenta, mas a uma espécie de apagamento após o qual tudo volta ao lugar. Depois / os mesmos dias, a mesma monotonia / e à tarde o sol brilhará sôbre eventuais palmeiras.-/ O autor cria uma filosofia sua, a filosofia da aceitação sem luta, do sofrimento e da angústia. "E' difícil ser feliz" afirma êle, e diante disto, determina: Bom é entregar-se à vida, / inconsciente / como uma pedra / que ficou prêsa na encosta de uma colina, / Ou como neste "Improviso" em que diz: Como se a vida fôsse / só de esperança / como se a vida fôsse / só de alegria / aceito-a / com humildade e desencanto.

Em "O silêncio e a rosa (x), sentimo-nos em presença de um poeta maduro que se está realizando. Escreve em versos livres, e sobretudo nos poemas curtos, demonstra muita segurança de forma, embora se observe uma certa monotonia vocabular. Se tôdas as páginas não chegam a dar-nos essa vibração poética, a maioria delas no entanto, conseguem transmitir-nos sua mensagem.

Devemos assinalar ainda a presença de um jovem ilustrador, Edson Guedes de Moraes, que demonstra sem dúvida, qualidades neste setor.

MARIA TERESA WUILLAUME

(x) Coleção Clube dos XII — Rio.

Crítica Literária

Um estudo sôbre Roquette Pinto-II

UM dos tópicos mais penetrantes do estudo de Alvaro Lins sôbre Roquette Pinto é aquêle em que o crítico examina a qualidade literária da obra científica do autor de **Rondônia** — justamente a qualidade que lhe confere o título de escritor pròpriamente dito, integrado simultaneamente nos quadros da Literatura e da Ciência.

O problema das diferenciações e aproximações entre a linguagem literária e a linguagem científica tem preocupado numerosos teóricos da estilística e oferece margem a intindáveis especulações, nem sempre orientadas com acêrto. Alguns teorizantes da matéria são levados não raro a esquematismos inteiramente arbitrários, havendo mesmo quem pretenda submeter a análise do estilo, inclusive na poesia, a processos meramente quantitativos, a cálculos matemáticos, a tabelas estatísticas. Sou dos que admiram os trabalhos dessa natureza, — como admiro, em geral, tôda pesquisa feita com propósitos sérios, — mas confesso o meu ceticismo em relação à sua eficácia como instrumento de avaliação da "qualidade" da forma literária. No caso em aprêço, a mim me parece muito difícil, senão mesmo humanamente impossível, traçar a linha divisória ou a fronteira exata entre o estilo literário e o estilo científico. E digo "humanamente impossível" porque aí o fator "homem", sutil, inalienável da pessoa que escreve, desempenha um papel sem dúvida decisivo — decisivo e todavia imponderável.

Roquette Pinto constitui a êsse respeito um exemplo muito instrutivo. Êle pertence de pleno direito aos quadros da Literatura, graças à forma de expressão, ao estilo literário da sua obra, graças principalmente, no dizer de Alvaro Lins, — e é fácil concordar com essa opinião — graças principalmente "ao ritmo do seu mundo interior, quando exteriorizado para ordenar estèticamente a temática do cientista e as idéias positivas do pensador". Aqui está o ponto [illegible] e que mais elucidativo se nos afigura quando pomos [illegible] que não é pròpriamente em seus versos ou contos [illegible] Roquette conseguiu moldar o melhor da sua obra de escritor. Entre os contos reunidos no volume **Samambaia** aponta o crítico algumas páginas de boa qualidade, mas o conjunto lhe parece "mal-nascido e mal-acabado". **Samambaia** é "mero divertimento de cientista", livro de pouca significação, embora corretamente bem escrito.

Roquette-Pinto não possuía imaginação romanesca, nem era no verso que a sua emoção poética encontrava o meio adequado de expressão. O seu "mundo interior" só adquiria o pleno domínio da expressão verbal quando se processava dentro dêle a fusão do cientista e do artista, num entrosamento harmonioso dos seus dons de captação, ordenação e comunicação da experiência vivida. O momento ou o ponto de semelhante fusão é que, no homem Roquette-Pinto, constitui precisamente aquêle fator subjetivo e imponderável.

* * *

Roquette-Pinto foi um euclideano da primeira hora, e Alvaro Lins nos mostra o que significou Euclides da Cunha para a sua formação e para a realização da sua obra de cientista e de escritor. O grande livro de Euclides apareceu em 1902 — "no instante agudo e definidor" de uma juventude ardente, inquieta, em busca de rumos para o próprio destino. **Os Sertões** impregnaram para sempre o espírito receptivo, puro, vibrátil do estudante de 17 anos. Ao escrever sôbre Euclides, anos mais tarde, já na plenitude de si mesmo, assim se expressava Roquette-Pinto: "E um escritor pungente: aflige, emociona, por isso mesmo, desperta, como nenhum outro, o ideal nacionalista".

Aqui neste conceito percebe Alvaro Lins a chave de uma posição ideológica que foi uma constante em tôda a vida e tôda a obra do autor de **Rondônia**: "Sim, o **ideal nacionalista** — eis a chave principal da corrente, a princípio de influências, depois de comunicação, que fluiu incessantemente, durante pouco mais de cinquenta anos, das páginas dos livros de Euclides para o espírito de Roquette-Pinto".

Sem dúvida alguma, era Roquette-Pinto um espírito universal, aberto à compreensão e à amizade de todos os povos, diríamos um humanista no sentido mais amplo da palavra; mas semelhante sentimento em nada colidia com o seu nacionalismo, ideal de valorização e aperfeiçoamento do homem brasileiro. E muito precisamente no universalismo da ciência é que êle encontrava os elementos básicos necessários à realização da sua dupla atividade de professor de alta ciência e educador do povo.

Ambos materialistas, diferiam no entanto no concernente à filosofia social ou à tendência na maneira de encarar o que se convencionou chamar de questão social: Euclides socialista, Roquette positivista, se bem que nem um nem outro militante de partido ou ortodoxo na aceitação do socialismo e do positivismo. Ambos, porém, praticavam o mesmo nacionalismo clarividente, utilitário, realista, ditado pelo conhecimento que se colhe no trato dos livros e muito mais ainda no trato direto e vivo com os seres, as coisas e seus problemas — e nisto sobretudo é que se fêz sentir a profunda e duradoura influência de Euclides da Cunha sôbre Roquette-Pinto.

Mas é interessante verificar que essa influência não se estendeu às formas de expressão, ao estilo literário. Neste ponto o discípulo não só não seguiu o exemplo do mestre como se revelou mesmo o oposto dêle. Alvaro Lins caracteriza fàcilmente o estilo de Roquette-Pinto — medido, claro, equilibrado, preciso no emprêgo dos vocábulos. Nada de comum com o estilo euclideano. O que é uma demonstração evidente da forte personalidade do discípulo, tanto mais digna de ser salientada quando se sabe que a manifestação mais comum do euclideanismo consistia sempre em se imitar servilmente — e para pior, como é da regra — a forma difícil do grande escritor. Pode-se mesmo afirmar que o estilo de **Os Sertões** produziu uma verdadeira devastação na maneira de escrever de enorme quantidade de literatos — ou subliteratos — surgidos neste país depois de 1902. Roquette-Pinto foi dos poucos euclideanos que não se deixaram contaminar pela febre de imitação, mesmo porque, para êle, em **Os Sertões** — "a forma vale muito menos do que o conceito", julgamento aliás bastante exagerado.

* * *

O estudo de Alvaro Lins abrange os mais diversos aspectos da vida e da obra do seu antecessor na Academia: eu estou apenas me detendo naqueles tópicos que a meu ver são mais importantes ou mais significativos. Note-se ainda que o orador não esquece nunca a sua missão de crítico, e daí a independência com que avalia os muitos méritos da obra estudada, assinalando ao mesmo tempo, aqui e ali, o que lhe aparece como ponto débil, duvidoso ou falso nas opiniões e posições de Roquette-Pinto. Neste último caso incidem, por exemplo, os dois capítulos dos **Ensaios Brasilianos** onde o ensaísta esboça um quadro — "sumário, mas por certo dentro dêle entranhado" — da sua visão histórica da literatura brasileira.

Roquette-Pinto divide a nossa história literária em duas linhas ou correntes: a primeira forma um "sistema", em que Euclides da Cunha constitui o ponto mais alto, e a outra é apenas um "movimento" puramente literário, estético, quase que só retórico. Ao "sistema", que é também o seu, pertencem as obras de espírito nacionalista e temática brasiliana; ao "movimento" pertence o resto, com as suas origens, filiações e influências européias. O que principalmente lhe interessava na literatura era a feição e o conteúdo de caráter científico, sociológico, psicológico, ideológico, histórico, social, expressão pura e direta da nacionalidade. O resto... era o resto. "Visão parcial e mutilada, impressão preconceituosa e incompleta" — opina Alvaro Lins.

Sem embargo de uma justa posição quando considerava a literatura um fenômeno histórico, indissoluvelmente ligado ao desenvolvimento da nacionalidade, é evidente que nesta questão do "sistema" e do "movimento" sustentou Roquette-Pinto uma tese de todo em todo indefensável, por unilateral e, digamos, nada científica. Isto o levou a menosprezar inclusive a importância primacial de Machado de Assis, e a menosprezar até mesmo a estilística de **Os Sertões** — muito embora considerasse o livro de Euclides a obra prima da nossa literatura, o grande livro nacional, o equivalente brasileiro de **Dom Quixote** e de **Os Lusíadas**.

ASTROJILDO PEREIRA

O PRÊMIO ARTE CONTEMPORÂNEA: análise, síntese e remate das exposições de São Paulo

JOSÉ GERALDO VIEIRA

O ACONTECIMENTO artístico que rematou em São Paulo o ano de 1956 foi, sem dúvida, o Prêmio Arte Contemporânea, que significa também a análise e a síntese daquele período. Significa a análise porque todos os trabalhos de expositores de janeiro a dezembro, candidatos àquela láurea, passaram por uma se-

ISAI LEIRNER

leção a cargo de Lívio Abramo, Clóvis Graciano, José Geraldo Vieira, Jacques Douchet e Danilo di Prete. Esse júri esmerou-se em extrair do conjunto de cada artista que expôs em São Paulo as suas melhores peças para constituírem em dezembro o acervo que foi exposto nos salões do Museu de Arte Contemporânea a fim de que o júri de premiação escolhesse em desenho, gravura, pintura e escultura os trabalhos que merecessem o primeiro e o segundo lugar em cada uma dessas modalidades. Portanto, a seleção operada durante o ano valeu por uma análise que por sua vez redundou, após a separação das peças, em uma síntese dos melhores desenhos, telas, gravuras e esculturas que foram apresentados em galerias e museus.

Isai Leirner, industrial e membro da diretoria do Museu de Arte Moderna de São Paulo, instituidor do Prêmio Arte Contemporânea, não se contentou em exercer naquela entidade de renome nacional, estadual e universal a mera função de diretor-tesoureiro. Recentemente, em prolongada viagem pela Europa, junto com sua espôsa, a escultora Felícia Leirner, tratou de interessar-se minuciosa e tecnicamente pelas organizações museológicas que percorreu (inclusive a XXVIII Bienal de Veneza); verificou a importância simbólica, crítica e material dos prêmios; verificou o problema dos artistas em face dos **marchands de tableaux**; percebeu a necessidade de intensificar o número e a qualidade de exposições em São Paulo atraindo artistas nacionais de todos os Estados e do estrangeiro, de maneira a haver cada ano um movimento

MARIA BONOMI — prêmio de gravura

de alta categoria gráfica e plástica na linha vanguardista de artesanato e estética.

De modo que o Prêmio Arte Contemporânea apresenta dois desenvolvimentos cronológicos na vida artística de São Paulo: pois estimula durante o ano, de janeiro a dezembro, a criação plástica e, no fim do ano, premeia os melhores trabalhos apresentados em desenho, pintura, gravura e escultura.

Assim, pois, a última exposição coletiva realizada no Museu de Arte Moderna de São Paulo foi constituída pelos trabalhos selecionados durante as exposições havidas em São Paulo no decorrer do ano. Um júri de premiação escolheu os artistas, e o industrial Isai Leirner já outorgou os prêmios. O júri encontrou nível tão alto no conjunto, uma coexistência tão homogênea nos diversos setores, que não pôde decidir prêmios individuais e teve que recorrer ao critério de divisão de todos os prêmios (exceto o de escultura e o segundo de pintura), adotando o sistema **ex-aequo**.

O primeiro prêmio de pintura acabou dividido entre Milton Dacosta e Alfredo Volpi; o primeiro prêmio de escultura foi outorgado a Frans Joseph Weissmann; o primeiro prêmio de desenho foi dividido entre Arnaldo Pedroso d'Horta e Lothar Charoux; o primeiro prêmio de gravura foi dividido entre Osvaldo Goeldi e Fayga Ostrower.

O segundo prêmio de pintura coube a Sacilotto; o segundo prêmio de desenho foi dividido entre Fernando Lemos e José Cláudio; o segundo prêmio de gravura foi dividido entre Lígia Pappe e Maria Bonomi. Não houve segundo prêmio de escultura.

Resultou que ao invés de haver oito prêmios, houve doze. Predomínio de prêmios a artistas de tendência abstrata: apenas Osvaldo Goeldi e José Cláudio, entre os figurativos, foram premiados.

NO Palácio Barberini, em Roma, foi inaugurada uma exposição do grande pintor barroco Piero Berrettini, mais conhecido como Piero da Cortona. Nela se encontram obras de propriedade de museus austríacos, franceses, inglêses e italianos.

VOLPI — prêmio de pintura

"RETRATO DE PORTINARI"

DALCIDIO JURANDIR

"O método seguido neste livro é o mais pictórico possível: Portinari posou para mim uma meia dúzia de vêzes — êle falando, eu perguntando e tomando notas. De todos êsses desenhos de Portinari que fiz em dois cadernos, passei ao quadro, ao **Retrato**". Assim Antônio Callado explica o seu livro (x), as "conversações" com o pintor, mostrando-nos o homem de Brodowski, o artista adolescente, o "preguiçoso" de Paris, o realizador de uma grande obra e o cidadão de todos os dias, cheio de seu tempo. Um livro de muito esclarecimento, de muita simpatia, em que Antônio Callado dá uma excelente medida de sua compreensão, de sua cultura, de sua sensibilidade.

Portinari para um "retrato" assim é pessoa eminentemente "plástica". Podemos tirar dele muitos retratos, sem esgotá-lo. Suas conversas, sua vida, o gôsto pela amizade, a preocupação pelo mundo, seus angélicos rancores, a boa fé extrema e as desconfianças de camponês, tudo que êle expressa em sua pintura sai também em suas palavras e atos. Vivendo numa criação incessante, nunca é homem apaziguado, a inquietação trabalha o seu espírito às vêzes duramente. E pinta, por isso mesmo tudo que pinta, não há dúvida, traz a febre íntima, a marca ostensiva de uma escôlha, o seu partido como pintor e como homem. Pode desagradar mas nunca se lhe pode negar a autenticidade, a lealdade do que faz.

Antônio Callado deixa em seu livro muitos exemplos disso. Evoca a atmosfera de Brodowski, o "menino com medo", tão presente agora nos últimos quadros da terra natal, aquela paisagem, o largo, as plantações, certas noites da infância e certos momentos do menino hoje pintura eterna.

Há um pedaço do "Retrato de Portinari" que se impõe, indiscutível: "Diante dêsse suntuoso espetáculo que é a obra de Portinari, tão vária e tão grande, ainda em plena evolução, é mais estranho do que tudo ouvir dêle, do artista, que acha que o período áureo da pintura ficou para trás. Isto Portinari me dizia conversando comigo e andando entre um estúdio interno e uma sala de pintura aberta para o mar do Leme — um estúdio e uma sala onde havia os lindos quadros de uma série de óleos que estava fazendo sôbre um "leit-motiv" de pastor e ovelha; os estudos para o grande painel de 5x4m do Descobrimento do Brasil para o Banco Português; os grandes esboços dos painéis da Paz e da Guerra, de 14x10m; os desenhos para um calendário da Panair, das atividades agrícolas do Brasil e finalmente uma série de ilustrações para uma nova edição de "A Selva" de Ferreira de Castro. Isto sem falar em trabalhos menores, pregados em cavaletes, como o projeto para um painel de mosaico ou os lindos galinhos em cinza e encarnado que seriam estampados numa cortina. Era realmente estranho ouvir falar em declínio e morte da pintura naquele apartamento que é uma

A AVÓ MATERNA DO ARTISTA (Desenho de Portinari)

usina de quadros. Parecia que estávamos falando em decrepitude e esclerose num berçário".

Outro trecho é quando diz que "no seio da arte portinaresca se desenrola o drama do brasileiro de hoje, que quer extrair História, isto é, ordem, no caos de uma vida nacional ainda amorfa. Eu acho que é por isto, por viver o drama do Brasil dilacerado entre o horror de suas favelas e mucambos e a esperança de ser o grande país anunciado pelo sacrifício antigo de Tiradentes e pelo sacrifício incessante de nossas massas rurais, é por isto que Portinari se tornou o maior pintor brasileiro".

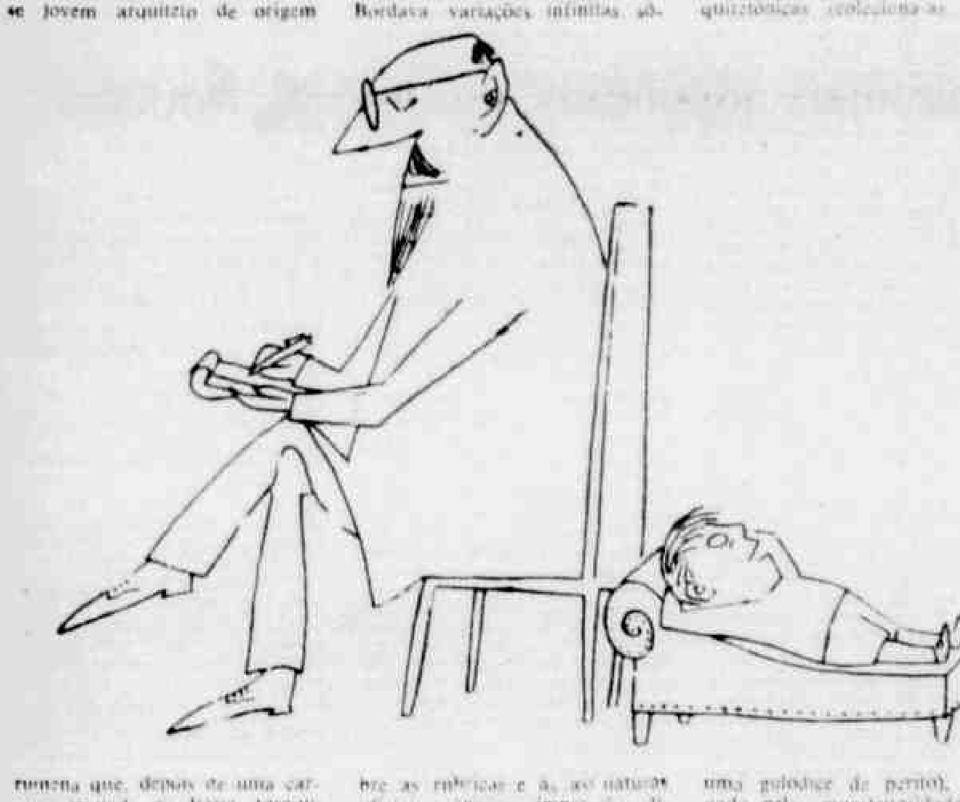
Sim, é um livro de amizade, no que esta possui de melhor compreensão e conhecimento do amigo. O retratista não precisou "favorecer" o retratado. Quantas coisas escaparam ainda! Antônio Callado sabe disso mas esteja certo de que o seu "retrato" é muito bom. Faz lembrar estas palavras do velho autor de "Les maîtres d'autrefois": "Ce serait comme une sorte de conversation sur la peinture, où les peintres reconnaîtraient leurs habitudes, où les gens du monde apprendraient à mieux connaître les peintres et la peinture".

(x) Antônio Callado — RETRATO DE PORTINARI — Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, 1956.

Steinberg, Scheherazade da arte moderna

CLAUDE ROY

O álbum que apresenta ao público francês um dos maiores desenhistas da nossa época, e que o adjetivo "humorista" não basta mais definir, é uma espécie de antologia dos três livros publicados por Paul Steinberg nos Estados Unidos (1). Aos desenhos extraídos de "All in line", "The art of living" e "The Passport", Steinberg acrescentou cento e vinte inéditos. O conjunto constitui uma obra surpreendente. Permite avaliar de forma completa o talento e o espírito inventivo dêsse jovem arquiteto de origem

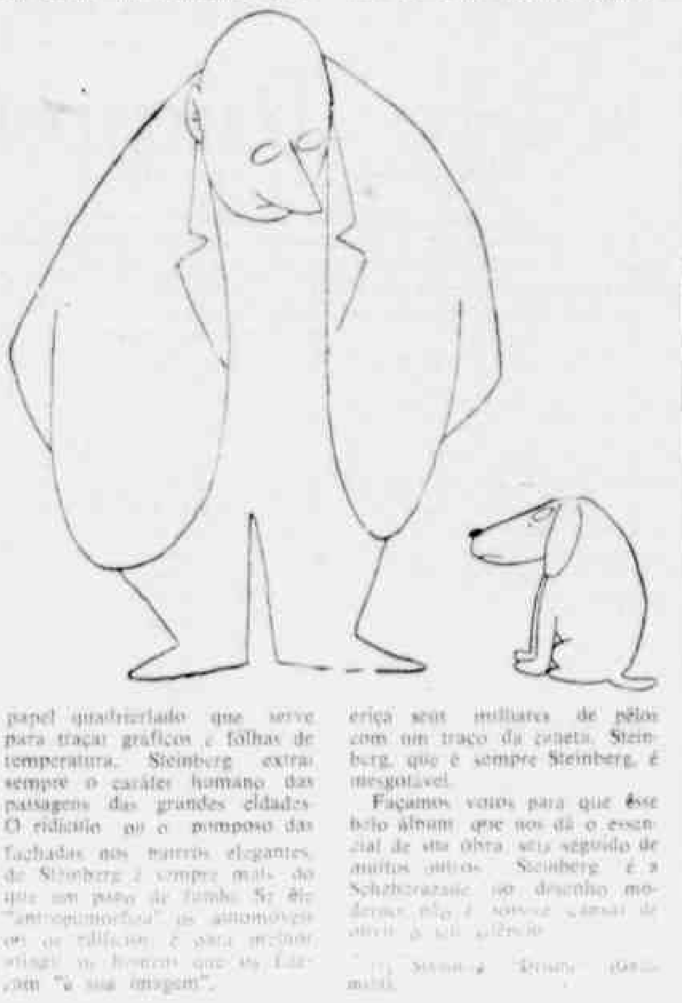


rumena que, depois de uma carreira iniciada na Itália, tornou-se um dos mais célebres "cartoonists" americanos, o mais penetrante observador das pequenas manias e dos grandes ridículos de nosso tempo. Pergunto-se apenas como é que êle irá se arranjar quando os admiradores de seus desenhos lhe pedirem uma sugestão, para reconstituírem outros álbuns, depois de terem desmantelado os que êle publicou anteriormente para formar o atual. Cada livro de Steinberg compunha, com efeito, uma unidade. "All in line" era um diário das viagens de Steinberg — as memórias de um turista militar e observador civil. A Índia e a China, a Europa de cada escala de seus itinerários de GI ou de suas vagabundagens de desmobilizado, Steinberg exprimia o essencial. Os mais exatos testemunhos gráficos de [illegible] sôbre a China: nesta série de fotografias de Cartier-Bresson, meia dúzia de desenhos de Steinberg. No segundo álbum publicado pelo artista, "The art of living", o foco foi dirigido para a vida quotidiana, seus aspectos engraçados insólitos. O desenho tornava-se cada vez mais livre. As influências que se exerciam sôbre Steinberg, influências contraditórias que sua extrema inteligência soube combinar e fundir, as de Georg Grosz e Paul Klee principalmente, abriam-lhe novas possibilidades. Foi em "All in line" que Steinberg atingiu a perfeição de seu estilo e de sua "maneira" (êle tem um estilo inimitável e "maneiras" muito imitadas, até plagiadas) que demonstrações do que se poderia chamar de desenho-escrita, êsses sinais gráficos constantes [illegible] ... no de Steinberg, "The Passport", o fio condutor era uma das mais violentas e das mais finas sátiras já feitas ao "american way of life". "The Passport" foi concebido e realizado no decorrer dos anos do apogeu do maccarthysmo. O álbum começava com uma série de variações sôbre o tema do passaporte e do visto. Steinberg ridicularizava a obsessão (que infelizmente não era apenas americana) da papelada, dos documentos de identidade, dos salvo-condutos, dos passaportes. Bordava variações infinitas sôbre as rubricas e as assinaturas oficiais, sôbre as impressões digitais, sôbre as fotografias de identidade. O desenho que talvez melhor resuma essa série é o retrato de um desconhecido cuja cabeça e busto se compunham de impressões digitais.

Na época em que na América ressoavam os ecos da inquisição oficial, de histórias de vistos de saída ou de entrada negados, Steinberg não tinha necessidade de pronunciar uma só palavra para exprimir sua opinião. Na antologia francesa de sua obra encontram-se os mais belos ou violentos dos desenhos dêsse período, os certificados e diplomas do pesadelo que Steinberg, com prazer demoníaco, se comprazia em traçar em seus menores detalhes, o absurdo da "caligrafia" inventada por êle, cuja característica é ser perfeitamente convincente à primeira vista, e completamente ilegível a um exame mais atento. (Steinberg me pregou uma peça, a mim e aliás a muitos outros, como é seu costume: uma imponente dedicatória estende-se na primeira página do meu exemplar do "Passport": salvo meu nome e a assinatura do artista, todo o resto é "falsa-escrita", pastiche sem significação, arabesco maligno de escrita, caçoada espiritual de escrita, que não quer dizer nada).

Na antologia encontra-se também outro aspecto do talento de Steinberg que "The Passport" ilustrava admiràvelmente. Steinberg é um cronista feroz da civilização urbana, principalmente americana. Esboça em três traços ruas onde às vêzes uma colagem (uma lata de lixo, uma cômoda, uma fonte, uma lata de gasolina amassada) evoca a arquitetura das casas [illegible] do "up-town", dos arranha-céus, dos velhos edifícios da baixa New York. [illegible] o olhar dos faróis fazem lembrar monstros marinhos, bestas do Apocalipse. Não sòmente Steinberg transforma os carros americanos em seres vivos, mas faz ressaltar neles, "animando-os", o que possuem de ridículo, de agressivamente pretensioso — aquilo que contrapõe uma carroçaria americana, apoteose do vistoso, do ostensivo, do mau-gôsto "nouveau-riche", à carroçaria italiana ou inglêsa.

Apaixonado pelas formas arquitetônicas, coleciona-as, com uma gulodice de perito), fascinado pelas monstruosidades das cidades balneárias, Monte-Carlo, ou Palm Beach, pelos edifícios metálicos "modern-style" (a Galleria de Milão), certas estações de estrada de ferro, pelas bocas de metrô 1900 de Paris e pelos edifícios insólitos de Hollywood, evocando o Rockefeller Center por entre no meio da página um retângulo dêsse



papel quadriculado que serve para traçar gráficos e fôlhas de temperatura. Steinberg extrai sempre o caráter humano das paisagens das grandes cidades. O ridículo ou o pomposo das fachadas nos bairros elegantes, de Steinberg é sempre mais do que [illegible]. Se êle "antropomorfiza" os automóveis ou os edifícios, é para melhor atingir os homens que os fizeram "à sua imagem".

Aliás, êle nunca se mostra mais original nem mais penetrante do que nas suas interpretações de tipos e caracteres. Sua "praça de São Marcos" pontilhada de mãos que se agitam como uma revoada de vigílias e que traçam em pontilhado no espaço a curva de uma "bella ragazza", sua "praça Saint Lazare", suas "ruas da Califórnia", seu "metrô de New York" são lugares prodigiosamente "habitados". De vez em quando escolhe um motivo em tôrno do qual irá desenvolver variações e fugas. Assim, há a série de senhoras com capas de peles, de mulheres no banho, de amazonas distintas de milionários americanos. As variações e as fugas nem sempre são "psicológicas".

Steinberg permite frequentemente que seu traço se torne decididamente onírico: seus desenhos põem-se, sob nossos olhos, a sonhar que são desenhos: a página em branco faz surgir a silhueta do homem cujo braço traça na página a silhueta do perfil do homem que está traçando... Ou então organiza um desfile de fantoches extraordinários carregando nos braços os próprios retratos, os próprios bustos, e que terminam por carregar-se a si mesmos. Uma das séries mais típicas do talento de Steinberg é a dos gatos. Há retratos de gatos "psicológicos" e realistas, de gatos reduzido ao estado de ideograma — significando gato de rua — de gatos pretensiosos que posam para o fotógrafo com a família completa, do gato modêlo de pintor-abstracionista, que "traduz" na página em branco o gato pensativo em arabescos insólitos, de gato que está sendo desenhado pelo cavalheiro aplicado e que (já) se põe a miar e a espetar, de gato-esfinge, do gato-aventura, do gato-de-traçado-sismográfico, que o sórdido ou o mesquinho das pequenas casas dos bairros pobres de New York, o cenário eriça seus milhares de pêlos com um traço da caneta. Steinberg, que é sempre Steinberg, é inesgotável.

Façamos votos para que êsse belo álbum, que nos dá o essencial de sua obra, seja seguido de muitos outros. Steinberg é a Scheherazade do desenho moderno. [illegible]

(1) Steinberg — [illegible]

LIVROS DE ARTE

AS ARTES NO MUNDO

SIGNIFICATIVO êxito para a arte brasileira constituiu a aquisição do quadro «Crucificação», do pintor Emiliano Di Cavalcanti, pelo Instituto de Arte Litúrgica, de Roma. O fato teve grande repercussão nos meios artísticos da Itália, porque se trata da primeira vez que um artista moderno é distinguido por aquela instituição. Di Cavalcanti foi à Itália (pela segunda vez num breve período, após a Bienal de Veneza), para fazer a entrega do quadro quinquagésimo aniversário da

◆

TIVERAM excepcional repercussão as comemorações do quinquagésimo aniversário da morte de Cézanne, que foram assinaladas, especialmente, por duas importantes exposições em Aix-en-Provence e em Zurich. A Sociedade Cézanne editou uma coletânea de vinte textos inéditos sôbre o pintor, de autoria de Francis Jourdain, Vercors, Cassou, Darius Milhaud e outros.

Durante as comemorações, acendeu-se a amizade de juventude entre Zola e o pintor, surgiu a questão de saber se efetivamente o personagem Claude Lantier, do romance «L'Oeuvre», é um retrato de Cézanne. Francis Jourdain demonstrou a inanidade dessa suposição, no que foi vigorosamente apoiado pelo escritor inglês Douglas Cooper.

◆

ESCREVENDO sôbre o pintor tcheco Miloslav Troup, cujas obras mais recentes pôde ver em Praga, o crítico Pierre Descargues recorda a sensação causada com a primeira mostra dêsse pintor em Paris, logo após a guerra, pela sua vivacidade de ritmo, pelo desenho audacioso e pela verve que anima cada quadro, pela fantasia barroca tão própria do caráter tcheco. Descargues encarece a necessidade de uma nova exposição dos trabalhos de Troup, que é, sem dúvida, de todos os pintores tchecos, o que mais depressa pôde obter uma audiência verdadeiramente internacional.

◆

NO bairro de St. Paul, em Paris, está sendo construída uma Cidade Internacional das Artes, onde serão concentrados cêrca de 200 ateliers para artistas de todos os países.

◆

NOS campos de Prizzi (província de Palermo), está sendo escavada uma cidade que remonta ao terceiro ou quarto século anterior à era cristã. Quase todos os muros já foram descobertos, assim como uma bela coleção de cerâmica.

50% DE DESCONTO!

OFERTA ESPECIAL DE LIVROS AMERICANOS — MAGNIFICA OPORTUNIDADE PARA VOCÊ COMPRAR SEU PRESENTE DE FESTAS

OFERECEMOS:

THE ESQUIRE TREASURY — 73 histórias — 84 cartoons — Enc. de Cr$ 396,00 por 198,00.
FIRESIDE BOOK OF LOVE SONGS — 115 famosas canções ilustrado — Enc. de Cr$ 396,00 por 198,00.
THE BEST WORKS OF CHARLES DICKENS — 8 vols. Enc. de Cr$ 660,00 por 330,00.
CHILDREN'S CLASSICS — 8 vols. contendo as obras clássicas da literatura infantil e juvenil — Enc. de Cr$ 660,00 por 330,00
THE DECORATION OF ENGLISH PORCELAINE — 137 ilustrações — Enc. de Cr$ 660,00 por 330,00.
ESTAS E MUITAS OUTRAS OBRAS DE GRANDE VALOR FAZEM PARTE DESTA OFERTA NUNCA VISTA!
VISITE HOJE MESMO A NOSSA LOJA ONDE ENCONTRARÁ O MAIOR ESTOQUE DE LIVROS DE SÃO PAULO

LIVRARIA CULTURA NACIONAL
RUA 7 DE ABRIL N.º 75
(Tel. 35-9511 — Caixa Postal 2155)
SÃO PAULO
Aberta até às 22 horas durante êste mês

A maior seleção de obras em inglês, espanhol e francês sôbre:

CRITICA LITERARIA
Brinnin, Dylan Thomas in America 180,00
Campbell, William Faulkner 198,00
Bowra, The Heritage of Symbolism 150,00
Dumesnil, Le Realisme et le Naturalisme .... [illegible]
Ellison, Brazil's New Novel 248,00
Gilbert, James Joyce's Ulysses .... [illegible]
Kayser, Interpretación y analis de la obra literaria 240,00
Mastenkov, The Frenzied Poets 248,00
Richards, Practical Criticism .... [illegible]
Richards, Principles of Criticism .... [illegible]
Torre, Problematica de la Literatura .... [illegible]
Ureña, Breve Historia del Modernismo .... [illegible]
LITERATURA
Eliot, Murder in the Cathedral .... [illegible]
Faulkner, Big Woods 264,00
Joyce, Ulysses .... [illegible]
Joyce, Finnegan's Wake .... [illegible]
Pound, The Cantos .... [illegible]
Pound, The Letters 1907-41 .... [illegible]
Pound, Guide to Kulchur 264,00
Yeats, Collected Poems .... [illegible]
FILOLOGIA
Alonso, Ciencia del Lenguaje y Arte del Estilo 624,00
Atkinson, The Greek Language 300,00
Bloomfield, Language 363,00
Burke, A Grammar of Motives .... [illegible]
Jespersen, Language .... [illegible]
Laurand, Manuel des Etudes Grecques et Latines, 4 vls. 528,00
Ogden, El Significado del Significado .... [illegible]
Palmer, The Latin Language 430,00
SOCIOLOGIA
Linton, Estudio del Hombre 167,00
Kardiner, The Individual and His Society 362,00
MacIver, Society .... [illegible]
Osburn y Nimkof, Sociologia .... [illegible]
Sorokin, Contemporary Sociological Theories .... [illegible]
Weber, Economia y Sociedad .... [illegible]
ANTROPOLOGIA
Bidney, Theoretical Anthropology .... [illegible]
Boas, General Anthropology .... [illegible]
Herskovits, Cultural Anthropology .... [illegible]
Herskovits, Economic Anthropology .... [illegible]
Kroeber, Anthropology Today .... [illegible]
Myrdal, An American Dilemma .... [illegible]
PSICOLOGIA
Freud, Letters 448,00
Friedlander, Psicoanalysis de la delinquencia juvenil 264,00
Hans, Educacion Comparada 150,00
Horney, Personalidad Neurotica de Nuestro Tiempo .... [illegible]
Kardiner, The Psychological Frontiers of Society .... [illegible]
Kluckhon, Personality .... [illegible]
CINEMA, TEATRO E MUSICA
Bukofzer, Music in the Baroque Era .... [illegible]
Jacobs, The Rise of the American Film .... [illegible]
Kracauer, From Caligari to Hitler .... [illegible]
Mendel, The Bach Reader .... [illegible]
Rotha, The Film Till Now .... [illegible]
Williams, Cat on a Hot Tin Roof 125,00

Livraria Pioneira
R. XV DE NOVEMBRO, 228 — S/412
Fone: 33.5421 — São Paulo
Atendemos pedidos pelos Reembolso Postal

O VI Salão Baiano de Belas Artes

O que foi o Salão

VERA TORMENTA

CHEGAMOS em Salvador a tempo de visitar o VI Salão Baiano de Belas-Artes. Compreendendo duas divisões, uma moderna e outra conservadora, para não dizer acadêmica, o Salão apresenta, relativamente, pequeno número de trabalhos, para a importância

Agnaldo, e uma de suas esculturas

que lhe é devida. A verba destinada aos prêmios, sendo reduzida, obriga a uma certa limitação — cada ano é distribuída em apenas duas seções, desta vez a de escultura e de pintura. Talvez seja em consequência disso que os artistas mais representativos do país se abstenham de enviar trabalhos. Do Rio sete artistas compareceram e apenas dois de maior nomeada — Frank Schaeffer e Raimundo Nogueira. A contribuição de São Paulo já foi maior, se bem que muito fraca. Um artista de Minas (Maria Helena Andrés), dois do Paraná e dois do Rio Grande do Sul; do resto não houve representação alguma, o que é lamentável.

A ESCULTURA DE AGNALDO

O que realmente nos entusiasmou foi a escultura de Agnaldo Manoel dos Santos — três magníficas peças, talhadas em madeira, de caráter essencialmente popular, em que revela um sentimento inato de síntese e de compreensão da forma no espaço. Uma obra pura e genuína, extremamente expressiva, inerente ao atavismo da raça da qual descende — a africana.

O PRIMEIRO PRÊMIO

O prêmio maior, medalha de ouro, coube a Mirabeau Sampaio, atribuído a "Pietá", escultura em madeira. Seu trabalho revela qualidades, mas sente-se, ainda, uma forte influência de Mário Cravo na temática e no tratamento dado às peças. Coom deesnhista, Mirabeau realiza obra mais pessoal.

O terceiro escultor é Mário Cravo, membro do júri do Salão, trabalhador incansável. Gostamos sobretudo da "Pietá" em pedra-sabão, onde a ascendência barroca se faz sentir através de uma feliz transposição.

Mirabeau Sampaio ao lado da escultura premiada

OS PINTORES

A seção de pintura é bem mais fraca. Quaglia, Raimundo Oliveira, Jenner Augusto, Tikashi Jubushima, José Antônio da Silva, os três primeiros de Salvador e os demais de São Paulo, são os que se acham melhor representados. O mais é bastante melancólico, havendo mesmo coisas de péssimo gôsto. Causou-nos certo desapontamento o envio de Bonadei, Frank Schaeffer, Raimundo Nogueira e Benjamim Silva. — O que está havendo com o pessoal?

OS GRÁFICOS

Dez gravadores e desenhistas garantem, junto com os escultores, a qualidade do Salão. Karl Hansen apresenta três excelentes xilogravuras, algumas delas expostas no Rio, na Galeria Rian. Marina Caran expõe litografias sensíveis, bem realizadas. Caribé, com aquela síntese formidável no desenho, não está mal representado. Há ainda bons desenhos e gravuras de Raimundo Oliveira, Mirabeau e Júlio Calazans.

Gravura de Hansen

O MESMO MAL

O Salão Baiano está padecendo do mesmo mal do Salão Nacional de Arte Moderna — alguns trabalhos de qualidade, mas o nível geral muito baixo. Há seis anos que vem funcionando, dando ao público a oportunidade de julgar o que fazem os artistas da Bahia e dos outros Estados. Pelo que vimos agora, entretanto, êstes não cuidam muito de seus envios — qualquer coisa serve para um Salão Estadual — e aquêles, os artistas baianos, os que mais deveriam lutar pelo movimento artístico de sua terra, parecem desinteressados, não dando aquilo que dêles se esperavam. Não queremos parecer derrotistas, mas pensamos que a falta de críticos e a falta de concorrência estão levando os artistas da Bahia a certo conformismo, que poderá se tornar pernicioso.

Os júris e os prêmios

ALBERTO VITA

NO dia 31 de dezembro último encerrou-se o VI Salão Baiano de Belas Artes. Cento e oitenta trabalhos foram expostos no Salão, assim distribuídos: **Divisão Geral** — Desenhos, 8, Gravuras, 6, Pinturas, 49, Esculturas, 12.

Divisão de Arte Moderna — Desenhos, 8, Gravuras, 13, Pinturas, 73, Esculturas, 10.

Além dos artistas baianos, concorreram ao Salão artistas de São Paulo, Rio, Paraná, Pernambuco, Minas Gerais e Rio Grande do Sul. O VI Salão não correspondeu plenamente à expectativa, não sendo dos mais elevados o seu nível. Apreciações mais detalhadas a respeito serão feitas em outra oportunidade.

OS PRÊMIOS

Foram os seguintes os prêmios do VI Salão:

DIVISÃO GERAL — Comissão Julgadora: prof. Mendonça Filho, Alberto Valença e Carlos Sepulveda. Prêmios de Pintura: Medalha de Ouro — Emídio de Magalhães (Bahia), com o trabalho "Paisagem"; Mário Machado Portela (Rio), Medalha de Prata: aquarela "Favela da Gamboa", João Seneker (Curitiba), Medalha de Bronze: "Rio Sombrio". Menções Honrosas: Carlos Augusto Viana Bandeira, Santi Scaldaterri, Iêda Maria C. de Oliveira, Liana Gomes Silveira, Dagmar Sousa, todos da Bahia.

Escultura — Adolfo Augusto Buck (Bahia), Medalha de Prata, "Retrato"; Adélio Salgado Gois (Bahia), Medalha de Bronze, "Mulheres Sentadas". Menções Honrosas: Jair Brandão e Dea Espinheira Galvão, da Bahia. Prêmio Universidade da Bahia: conferido a Raimundo Aguiar, da Bahia.

DIVISÃO DE ARTE MODERNA: Comissão Julgadora — Mário Cravo Junior, João José Rescala e Jorge Costa Pinto. Premiados: **Pintura** — Jenner Augusto (Bahia), Medalha de Ouro, "Igreja"; Frank Schaeffer (Rio), Medalha de Prata, "Pescadores"; Valter Levi (S. Paulo), Medalha de Bronze, "Pintura". Menções Honrosas: Raimundo Oliveira, José de Dome, Ana Maria Dória Almeida e Odete Valente (Bahia), Caio Mourão (São Paulo). Prêmio Universidade da Bahia: João Quaglia (Bahia), "Ciclista".

Escultura — Mirabeau Sampaio (Bahia), Medalha de Ouro, "Pietá"; Agnaldo dos Santos (Bahia), Medalha de Prata, "3 Irmãos"; Udo Knoff (Bahia), Medalha de Bronze, "Fauno". Não houve menção honrosa.

Escultura de Mário Cravo

JENNER AUGUSTO

Jenner Augusto é um dos mais autênticos representantes da moderna geração dos artistas baianos. É um jovem artista que se dedica inteiramente à sua profissão, exercendo-a com honestidade e carinho. Sua arte se reveste de aspectos exuberantes, sabendo aproveitar bem os elementos da tradição nacional como fonte de inspiração. Consciente da verdadeira missão do artista, Jenner tem sabido encontrar no seu povo e nos elementos que o cercam o roteiro dos seus trabalhos, plasmando-os com a visão de um homem do presente, que sabe antevê o futuro.

Com o prêmio conquistado por Jenner Augusto no VI Salão, a Bahia alcança pela primeira vez a Medalha de Ouro na Divisão de Arte Moderna.

"PESCADORES" (Mural de Jenner Augusto)

Crônica das exposições

Georgina de Albuquerque

NO Clube Central de Icaraí, em Niterói, a conhecida pintora Georgina de Albuquerque está realizando uma exposição retrospectiva "ad usum delphini"; ou seja, as obras expostas foram escolhidas levando em consideração o ambiente da simpática capital fluminense.

A expositora é uma das figuras que mais atua no mundo das artes. Nasceu em Taubaté no vale do Paraíba. Estudou pintura em São Paulo com Santoro e depois um ano no Rio, na Escola de Belas Artes, onde conheceu Lucílio de Albuquerque, com quem casou, seguindo logo depois para a França. Classificou-se em quarto lugar no concurso de admissão à Escola de Belas Artes de Paris onde por 6 anos seguiu cursos, frequentando os "ateliers" de Julien, Henry Royer e Gervais.

CARIBÉ

De volta ao Brasil continuou a pintar, afirmando o próprio nome nos meios artísticos. Quando na diretoria da Escola Nacional de Belas Artes, imprimiu novo movimento às atividades didáticas, quebrando a monotonia e alterando o sistema pedagógico. Graças a essas modificações, Cavalcanti conquistou a cadeira de pintura, Santa Rosa foi contratado e Goeldi indicado.

Para vantagem dos alunos das escolas de Belas Artes e de Arquitetura conseguiu que esta última fôsse transferida para a praia Vermelha, ficando assim ambas bem situadas. Sempre como diretora da E.N.B.A. entrou em contato com a Associação Internacional de Artes Plásticas e em 53 constituiu a Comissão de Belas Artes, filiada à mesma. Representou o Brasil no Congresso de Veneza em 1954, sendo eleita entre os 10 membros da diretoria internacional da associação. Participou em Paris das reuniões da diretoria de 55 e 56. Fruto da sua atividade foi a bem sucedida campanha que nos permitiu acertar as escritas com a A.I.A.P. e participar do prêmio Guggenheim.

Apesar da grande dedicação com a qual se ocupa da Comissão de Belas Artes continua produzindo telas e desenhos sendo que aos últimos dedica seu maior carinho.

RETRATOS MASCULINOS

PODE ser o retrato de alto valor artístico quando o artista consegue solucionar problemas plásticos, exprimindo a um tempo a personalidade própria e a do retratado. Conseguir êste equilíbrio compondo livremente um retrato é tarefa difícil, realizada apenas por grandes artistas. Na maioria dos casos o pintor banaliza-se, procura afirmar umas características físicas acidentais, distribui rosto e mãos de maneira mais ou menos elegante, satisfaz o cliente e pronto: fabrica uma lembrança.

Este é o caso da maior parte dos retratos que permanecerão expostos até o dia 30 do corrente no M.N.B.A. E não é coincidência que entre os artisticamente mais valiosos se encontrem os retratos feitos por Nicolas Antoine Taunay aos próprios filhos. Neste caso o pintor criava, não era amarrado pelos desejos do imperador ou do conselheiro, compunha, satisfazendo às próprias exigências, transmitia o que de imortal captou nos seus filhos.

"MOÇA DA LAVOURA" (Óleo de Georgina de Albuquerque)

Das duas partes em que se divide a exposição a primeira, além de não ser completamente destituída de valor artístico, possui inegável valor documentário e histórico; mas a segunda, salvadas raras exceções, representa talvez o que de pior se produziu no campo do retrato nestes últimos tempos. Parece que os quadros foram escolhidos na base da amizade e das panelinhas.

Se é verdade que é loucura ou otimismo afirmar que o retrato está superado como expressão artística, é também verdade que a maior parte dos retratos, pertencentes à segunda divisão da exposição, constitui uma expressão superada, que nunca foi arte.

PEDRO MANUEL

AS ARTES NO BRASIL

NA segunda quinzena deste mês de janeiro será realizada, em São Paulo, uma exposição coletiva de artistas modernos baianos. É esta a primeira vez que o Museu de Arte de São Paulo cede tôdas as suas salas para uma exposição desta natureza, a qual foi preparada com entusiasmo e carinho pelos artistas baianos.

A exposição será realizada em colaboração com a revista "Habitat" que prestou a melhor contribuição à iniciativa. Os artistas baianos, tendo à frente a comissão composta por Caribé, Mário Cravo, Lênio e Jenner Augusto, trabalharam coletivamente, vencendo tôdas as dificuldades. O auxílio oficial prestado à iniciativa que tanto irá projetar a Bahia foi insignificante, bastando citar o fato de que a contribuição da Prefeitura Municipal foi de Cr$ 17.000,00, quando as despêsas só de transporte dos trabalhos a serem expostos e dos elementos da Comissão deixam bem longe tal quantia.

A exposição será somente de arte moderna. Serão expostos trabalhos de escultores como Mário Cravo, Agnaldo, Antônio Rebouças, Mirabeau Sampaio, pintores como Jenner Augusto, Caribé, João Quaglia, Lênio, Ubirajara, Raimundo Oliveira, João Alves, Willys, Rubem Valentim e Hansen. Genaro de Carvalho exporá também suas últimas criações de tapeçaria.

PARA o livro oficial dos "Amigos da Petite Galerie" foi escolhido o quadro que reproduzimos, do jovem pintor Sérgio de Campos Mello. Tendo cursado a ENBA, Campos Mello estudou desenho com Santa Rosa, pintura com Frank Schaeffer e xilogravura com Goeldi. Expôs pela primeira vez no Rio Grande do Sul, em 1954, recebendo menção honrosa. No ano [illegible] realizou uma individual [illegible] no Diretório Acadêmico da ENBA. Participou [illegible] de Arte Moderna de 1955 e 1956, com [illegible]

—o—

TERÇA-FEIRA, dia 8, no Salão Nobre da Escola Nacional de Belas Artes, em sessão solene da Congregação presidida pelo reitor da Universidade do Brasil, tomou posse da cadeira de modelagem a professora Celita Vaccani.

—o—

A Escolinha de Arte do Brasil realizará a partir do dia 4, um Curso de Atividades Artísticas, com um total de 72 horas de aula, realizadas às segundas, quartas e sextas-feiras. Serão aceitos alunos de ambos os sexos, maiores de 18 anos, com cursos de nível secundário. As matrículas estão abertas na Rua México, 148, 11.º andar.

—o—

DEPOIS de ter visto as litografias de Darel na E.N.B.A., Bianco transformou-se no maior propagandista do jovem gravador.

—o—

ESTÃO sendo expostas na galeria de arte Aurea trabalhos de artistas húngaros da atualidade.

—o—

INAUGUROU-SE dia 10 na sede da Aliança Francesa, uma exposição de retratos do pintor argentino José Planas.

—o—

REALIZOU-SE com sucesso o 1.º Salão de Artes Plásticas (Barra do Piraí). Cerca de 800 trabalhos foram expostos na sede do Barra Tenis Clube, que organizou a exposição.

—o—

NUMA das mais belas ilhas da baía de Paranaguá acha-se instalada a Colônia de Arte do Paraná. Trata-se de uma iniciativa do Departamento de Cultura do Estado, financiada também pela Prefeitura de Paranaguá. A instituição hospedará inicialmente a (partir de janeiro) vinte e cinco pessoas, que desfrutarão de estadia de quinze dias, participando de extensão cultural. Os convidados para êsses cursos serão selecionados entre estudantes de melhor classificação em cada semestre, artistas novos, pequenos inventores e artesãos especializados, amadores de teatro, etc.

—o—

A revista "Módulo" transferiu sua redação para a sala 513 do Edifício Marquês de Herval, à Av. Rio Branco, 185. Passa assim a ser vizinha de PARA TODOS. Foi oferecido um coquetel de inauguração que teve a presença de numerosos intelectuais, artistas e amigos de "Módulo".

—o—

NA Petite Galerie encontra-se interessante exposição de reproduções sôbre madeira em côres, de pinturas pompeianas, bizantinas e de primitiva italiana.

INSTALOU-SE, em São Paulo, a I Feira Anual de Artistas Plásticos, no subsolo da Galeria California, sob o patrocínio do Clube dos Artistas inaugurando uma modalidade nova de vendas públicas e um local novo que passou a ser frequentado pelas rodas plásticas de São Paulo, modificando um pouco o eixo da vida artística da cidade.

—o—

A urbanização da nova capital está suscitando grandes polêmicas também no plano plástico.

—o—

A pintora Georgina de Albuquerque, Presidente da Comissão de Belas Artes e membro da diretoria da Associação Internacional de Artes Plásticas acaba de receber de Paris um questionário sôbre a situação nacional dos direitos autorais das obras de arte. A resposta está a cargo do pintor Genaro Vidal.

—o—

PORTINARI e espôsa encontram-se em Brodowski, terra natal do grande pintor, onde permanecerá até o fim de janeiro.

—o—

EM circulação o número 8 da excelente revista de arquitetura e artes plásticas "Brasil-Arquitetura Contemporânea". Dando especial importância às colaborações nacionais, sem esquecer, porém, a contribuição estrangeira, êste número traz matéria de grande interêsse numa apresentação gráfica de bom nível. Do sumário do número que está nas bancas destacamos: "Da participação dos artistas plásticos na obra de arquitetura e paisagismo" de Francisco R. Macêdo; "Edifício Marquês de Herval", de MM Roberto; "Uma experiência de integração" de Ligia Clark; "Conceito das Artes Populares" de Mário Barata.

Estampas japonêsas no Museu Nacional

MARIA LAURA RADSPIELER

RECEBEMOS um valioso presente de festas no final de 1956 com a exposição de Estampas Japonêsas, oferecida pelo Centro Cultural Brasil-Japão. Essa mostra, de cem xilogravuras, realizada no Museu Nacional, despertou grande interêsse em nosso público, que naquela semana sofria da agitação comum de um fim de ano. Visitou a velha casa de arte um número considerável de pessoas que ali entravam, curiosas e, ao mesmo tempo, satisfeitas por estarem gozando de alguns instantes de sensibilidade e admiração.

Agradecemos, também, os filmes referentes aos costumes e arte daquele povo, onde a poesia e beleza plástica constituem um fator de união às formas da vida, e a palestra sensível do professor Mayerhoffer, que esclareceu e confirmou as influências de muitos artistas-arquitetos que vêm e transmitem, ao ambiente moderno, essa simplicidade e harmonia.

Realmente, a exposição de gravuras japonêsas fechou com chave de ouro o nosso balanço artístico de 1956, e só o curto prazo nos entristeceu. São dessas coisas que não entendemos... Um exemplo claro da importância e valor artístico das Estampas Japonêsas foi o acontecimento em Paris, em 1856, de uma mostra dêsses mestres, abrindo aos artistas franceses um novo e vasto caminho artístico. Manet, Degas e, ao próprio Toulouse Lautrec, que nesse encontro, deu um novo caráter à sua arte. Na opinião do crítico Wingner, Lautrec sem conhecer Utamaro, Sharaku e Hokusai não poderia ter imaginado o seu estilo de cartazes.

Também para Whistler, Seurat e Gauguin êsse novo mundo artístico ressurge e os agita. Van Gogh chega a fazer excelentes cópias de Hiroshigue e Toyokunis. Os artistas do Ocidente só podem enriquecer os seus conhecimentos no contato dessa arte que contém uma significação dupla — em primeiro lugar determina o caráter de arte pelo conteúdo e, em segundo, pela posição do artista com respeito aos sêres e coisas.

No estudo da Arte Japonêsa diz Tsutsumi — A máxima importância na história da pintura japonêsa é que passou do círculo limitado dos eruditos, graças à multiplicação das cópias (estampas de Ukiyo-e), pertencendo, portanto, a todos os círculos sociais, principalmente a seu povo.

O período Ukiyo-e (pintura moderna) é representado por duas técnicas distintas de impressão: o talho doce e as xilogravuras pintadas. Poderíamos nos estender longamente nessa apreciação, pois as diferentes características dêsse período estão muito bem representadas nessa mostra. Desde as gravuras de Moronobu, passando pelo primeiro mestre do teatro Toru Kiyonobu, ao mestre Schunsko que iniciou o realismo, seguido e aperfeiçoado por Kiyonaga, um dos artistas mais expressivos de Ukiyo-e.

Utamaro, Hokusai e Hiroschigue são os artistas mais discutidos e apreciados pelo mundo do Ocidente. Poderosos mestres da composição e da essência da arte de expressão humana. Compreendemos aí "nossa arte, mais do que as outras artes, é inseparável da Vida!"

Só desejamos que a exposição das Estampas Japonêsas volte a agitar novamente o meio ambiente de nossos artistas.

[illegible]

Um lembrête:
Livros esgotados e raros somente na
Livraria Oliveira Ltda.
Rua S. José, 80 - sob. - s. 6
Atende-se pelo reembolso postal

LEIA
Jornal de Letras
mensário de arte e literatura
circula no dia 15 de cada mês

No Rio de Janeiro:
HOTEL EXCELSIOR COPACABANA
Em São Paulo:
HOTEL JARAGUÁ
HOTEL EXCELSIOR
EXPRESSÃO MÁXIMA DA HOTELARIA NACIONAL

GRANDE EDITÔRA LANÇA IMPORTANTE COLEÇÃO DE ROMANCES
A LIVRARIA FREITAS BASTOS:
LANÇA o primeiro livro da coleção "JÓIA", cuidadosamente composta de obras selecionadas, de ficção e suspense, destinada ao público feminino, mas que, de modo geral, interessará a todos pela natureza dos seus romances de cativante enrêdo e poder de diversão.
INICIARÁ a série, como LIVRO DE ABERTURA, o romance BODAS DA SOLIDÃO, da consagrada e popular escritora EMI BULHÕES CARVALHO DA FONSECA.
BODAS DA SOLIDÃO, é um romance intenso, de poderosa emoção, que certamente se firmará entre as melhores obras da autora, pois desperta palpitante interêsse pela sua empolgante originalidade de concepção.
Volume com 320 páginas .... Cr$ 110,00
LIVRARIA FREITAS BASTOS
LARGO DA CARIOCA

Cinquenta anos de um mestre da ficção brasileira

MARQUES REBÊLO ESTÁ VELHO?

ANTÔNIO HOUAISS

O DIA 6 de janeiro marca o cinquentenário do nascimento de Marques Rebêlo — que continua, trêfego e dinâmico, mais azêdo para uns e muito mais doce para outros, a pulsar com o ritmo desta sua Rio de Janeiro.

Cinquenta anos bem vividos, bem amados, em que o prosador-poeta vem sendo concomitantemente profissional de um sem número de profissões, empregado de um sem número de empregos, iniciador de um sem número de iniciativas — Marques Rebêlo foi, é, entretanto, única e tão-sòmente escritor. Escritor ativo pelo menos há trinta anos, ainda assim pondo de lado os muitos outros de sua preparação para o que lhe é, desde sempre, o vocativo — a literatura.

Neste ano recem-terminado de fluir com o seu quinquagésimo aniversário de nascimento, foi iniciada a publicação de suas "Obras de Marques Rebêlo", pela Livraria Martins Editora, de São Paulo, de que já saíram dois volumes, *Marafa* e a *Cortina de Ferro*. Dentro de alguns dias estaremos com o terceiro volume e, numa sequência que esperamos regular, receberemos os quinze prometidos, e em que deverão aparecer *Oscarina*, *Três Caminhos*, *A Estrêla sobe*, *Stela me abriu a Porta*, *Rua Alegre 12*, seu *Correio Europeu*, sua biobibliografia de Manuel Antônio de Almeida e seletâneas de sua colaboração "permanente" do efêmero dos jornais.

Quinze volumes prometidos.

Estou apostando, neste meu cantinho, que a Editora será obrigada a se desmentir muito em breve — e o que mostrarei linhas adiante.

Dos livros já publicados nas "Obras" acima referidas, a *Cortina de Ferro* constitui uma primeira edição em livro, pois a série de artigos, ou capítulos, ou impressões, ou depoimentos, de que se compõe foi, precedentemente, publicada no jornal em que continua a colaborar quase cotidianamente. Já *Marafa* se apresenta pela terceira vez ao público, aparecida que foi em 1937, revista que foi em 1947 e refundida que foi em 1955.

Numa impressão superficial, lendo-se a lista dostitulos de seriação dos quinze volumes em perspectiva, tem-se logo uma ideia rotundamente falsa da personalidade literária de Marques Rebêlo. E' que, sendo essencialmente um ficcionista (no que de melhor pode encerrar o conceito), vivendo sua vida de todo dia como função de permanente transfiguração do cotidiano em grave experiência conhecedora para a sua atividade artística de escrever, chegar-se-á, quanto a Marques Rebêlo, à ilusória conclusão de que já é um criador esgotado, que hoje, por vezo ou automatismo, transvasa a sua larga experiência de formulação verbal em artiguinhos de monta secundária ou ràpidamente perecível; e de que, no mais, se limita a retocar os livros publicados para atualizá-los à sua feição presente. E' que, com efeito, dos quinze títulos, seis são de ficção ostensivamente — *Marafa*, *Oscarina* e *Três Caminhos*, *A Estrêla sobe*, *Stela me abriu a Porta*, *Rua Alegre 12* e *Literatura Infantil* —, um é de ensaística biográfica — *Vida e Obra de Manuel Antônio de Almeida* — e sete são jornalísticos, isto é, comentários ao vivo e direto, já sob forma de crônicas, já de reportagens, já de depoimentos — as suas *Cenas da Vida Brasileira*, que sairão em reedição em livro, três *Conversa do Dia*, de 1952, 1953 e 1954, uma *Conversa da Semana*, e os já referidos *Correio Europeu* e *Cortina de Ferro*. Notar-se-á, assim, nessa impressão superficial, que não só os títulos do segundo tipo são predominantes quantitativamente, mas são também os de sua produção recente. Desta segunda parte dessa impressão decorre, por via de consequência, a ideia de que, como ficcionista, Marques Rebêlo, coroando cinquenta anos de vida bem vivida, nada mais tem ou quer dizer. Mas lá no fim da distribuição programada aparece *Espelho Partido*.

Que é o *Espelho Partido*?

—o—

O que espanta em Marques Rebêlo, no criador de intensos mundos limitados que é Marques Rebêlo, é a capacidade de infundir substância humana às suas personagens — sobretudo às "suas" mulheres, com o que se singulariza dentro de nossa história literária. E espanta tanto mais que, numa bagagem de ficção relativamente pequena em quantidade, tanta grandeza de vida tenha sido metida, a ponto de, com tôda a legitimidade, poder-se afirmar, como ousei fazê-lo certa vez prêto no branco, que sua obra é uma síntese do que há de mais atual em Manuel Antonio de Almeida, Machado de Assis e Lima Barreto — vale dizer em três "fluminenses", nos três pontos mais altos de nossa evolução literária romanesca até o advento dessa coisa importante, globalmente considerada, que é o romance de temática regionalista em que continuam agigantados os nomes de Jorge Amado e José Lins do Rêgo.

O fato é, porém, que a angústia contemporânea, em tôdas as latitudes, a antenação do homem moderno com todos os homens dos outros pontos da terra, a interdependência física, atômica, e mental, ideológica, dos homens modernos, a consciência de que a sua "salvação" ou é para todos ou não o será para ninguém — isso tudo é um estado de espírito coletivo moderno, que tendo tido prenunciadores em todos os passados humanos, só agora se faz a carne de nossa própria angústia, o sangue de nossa própria solidariedade e o imperativo de descobrir a linguagem "romanesca" capaz de traduzi-lo, de dizer êsse até agora inefável isso é um estado de espírito vinculadamente coletivo, um modo de viver estreitamente solidário, uma maneira de reagir fundamentalmente reflexa, uma necessidade de conhecer e uma exigência de formular para a ação agudamente

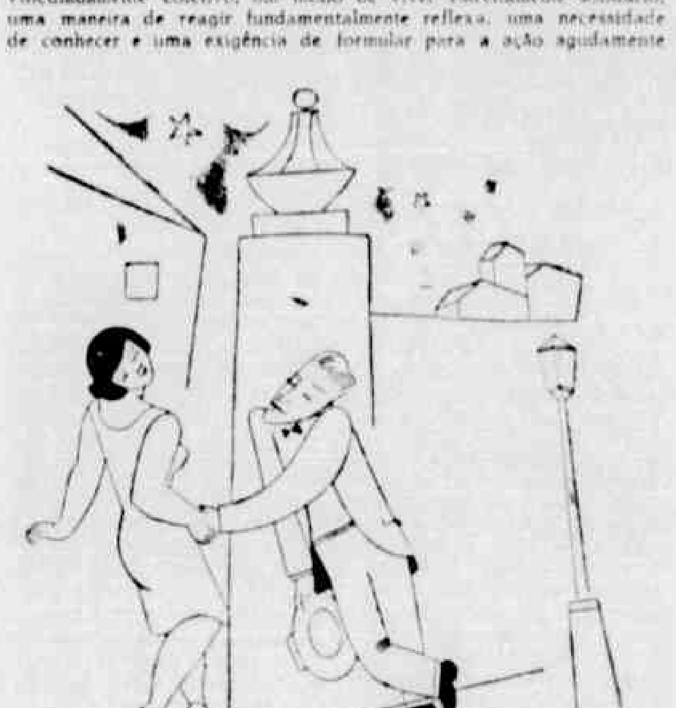


Ilustração de Santa Rosa para um conto de Marques Rebêlo (1933)

inédita entre os homens do comum, que a técnica literária, a tradição escrita, a estrutura "romanesca" que lhe corresponda ainda estão por gestar ou estão gestando.

Para atermo-nos ao patrimônio literário humano e, portanto, examinar o problema (que se propôs ao criador literário contemporâneo) sòmente sob o ponto de vista "literário" — não será difícil ver as coordenadas de que resultarão essa nova estrutura. Ver-se-ão em Balzac direções, soluções e formulações absolutamente válidas para a estrutura em causa, de que necessitamos; e falar em Balzac é relembrar tôdo um passado experimental coletivo, de que êle foi síntese. Não será difícil reconhecer em Proust o que de importante há no bôjo de suas *recherches* como operação mental valorizadora e desvalorizadora. Não será difícil encontrar em Joyce o achador de uma formulação tradutora de concomitâncias sensoriais, afetivas e mesmo racionais do íntimo fluir do pensamento. Não será, dêsse modo, estranho invocar, ao acaso que não é acaso, os nomes de Romain Rolland, de Roger Martin du Gard, de John dos Passos, de Cholocov, de Thomas Mann, de Dreiser, de Dostoievski, de Tolstói, de Gogol, de Bret Harte, de Galsworthy, de Thomas Hardy e que sei mais — num vórtice de fôsa para a textura e trama da túnica mental em que nos envolvemos e embebemos — para compreendermos que suas pesquisas e seus anseios e seus irrealentismos são elementos de que a ficção romanesca de hoje, como a de amanhã, cumulativamente, não poderá prescindir. São êsses, digamos, os componentes literários internacionais, para cuja solução francesa Aragon vem tentando dar seu pronunciamento, após o malôgro de Jules Romain —, componentes internacionais em cujo plano se enxerta, com características próprias, a problemática brasileira da criação da estrutura romanesca que os tempos estão a pedir.

A falta de perspectiva ainda não nos permite, em certos casos, ter um julgamento, provisório que seja, de valor, de certas tentativas aparecidas ou em aparecimento entre nós, mas parece válida a impressão de que vivemos um tempo literário em que se espera, de entre nós, o surgimento de uma nova formulação, consentânea com êsse anseio coletivo.

Como gerar o romance brasileiro novo que seja a um tempo de experiência vivida e de "experiência" transmitida, de ação coletiva ascendente e de íntima configuração individual, de documentação de um real além do imediatismo e de desgarrada transfiguração emocional, de convivência com o passado e o presente (e o futuro), mas de vivência instantânea, de crítica iconoclasta e de amor construtivo? Como chegar a êle de modo que o eixo nodal psicológico indiviso de alguém — nas suas contradições e na sua coerência profundas — seja o espelho disso tudo, mas espelho cuja matéria-prima tenha sido forjada ali em São Paulo, ou além em Belo Horizonte, ou no Recife, ou aqui, aqui em Vila Isabel, Tijuca, Encantado, Meier, nos subúrbios, nas favelas, nas Laranjeiras, fecunda ao sôpro dos ventos que varrem o Brasil, o continente, a terra inteira? Como fazê-lo de modo que a luta pela subsistência, dentro do psiquismo de cada personagem, por premente e permanente que seja, com suas derivas de conservação individual, se exprima, sem aprorismo biológico ou sociológico, no problema do amor — no problema da mulher, se o psiquismo fôr viril, e vice-versa, e, até, entrecruzado.... — e do plano do indivíduo deflua para o plano social e reverta ao indivíduo, sem trair nem um nem outro? Como enfrentar essas noções cimentadoras da espécie, das classes, das profissões, dos indivíduos, das famílias — que são o interêsse e o altruísmo, a amizade e o ódio, o despeito e o estímulo, a crítica e o amparo, a inveja e a generosidade, o riso e o pranto, a galhofa e a piedade, o claro e o enigmático, o criado e o incriado, o fluido e o estável, a cidade e a miséria, o campo e o isolamento, a concupiscência e o perdão, o desalento e a vida, a que é amparo e as que são necessidades, o que cumpre destruir e o que deve ser perpetuado, o julgamento e a redenção, a vida dentro da morte e a morte dentro da vida, e o pai e o filho, e o amigo e o desgôsto do convívio, e a política e a politicalha, e a imprensa e a deformação coletiva, e o progresso e a sociedade, e a dúvida e a esperança, e a certeza e a inquietude, e a fé e a convicção, e o atavismo e a libertação, e a liberdade e a necessidade?

—o—

Que é *O Espelho Partido*?

Gestado de cinquenta anos de vida, de vida carioca e brasileira, de vida fora de nossas fronteiras mas com saudades do feijão e arroz, de vida dentro de nossas fronteiras mas com a ânsia de comungar também com o que vai lá por fora; gestado em trinta anos de atividade literária de contínua indagação, busca, estudo e observação, atividade literária em que a comunicação e expressão verbal se consolidou e em que o verbal é de claridade meridiana, de exatidão sem rebuços nem ambages, de concisão lapidar, pois tanto há que dizer; gestado nos últimos quinze anos de aparente abandono da ficção, em que cada minuto vivido, cada palavra proferida ou ouvida, cada linha lida, cada experiência sofrida, cada decepção degustada, cada amor fraudado, cada amizade perdida, cada estima conquistada é uma notação mais para o grande painel — tal é o *Espelho Partido*.

Tal é o *Espelho Partido*, que Marques Rebêlo, neste seu dia de seu quinquagésimo aniversário, tem para oferecer de presente ao seu povo, ao seu país, à sua natureza humana, como penhor do privilégio sem par de ter nascido e vivido, de ter amado e sofrido, de ter recebido e retribuído e de dever viver ainda muitos e fecundos anos para coroá-los com a recordação imorredoura dos seus semelhantes.

O Espelho Partido são já, neste momento, três volumes definitivamente acabados, com mais dois em franca elaboração final e mais dois estruturalmente ordenados e coordenados — para os sete que, provàvelmente, o comporão em definitivo. *O Espelho Partido* são já uma realidade viva de tal porte que, se a fatalidade o viesse interromper — que assim não seja! —, o fluxo vital de Marques Rebêlo ficaria aind, assim dentro da ficção romanesca brasileira como a obra esperada.

Enorme "diário" de um Eduardo, diário íntimo em que o passado, quase sempre presente, é mais presente, e o futuro com êle alterna; como aspiração, e a cronologia em que se esteia é rebentada pela flor do presente, por vêzes, contra as reminiscências e as aspirações, com as suas urgências do real; enorme diário íntimo em cuja intimidade está, filtrado pela vivência mental múltipla, todo um ciclo de nossa história, que vai do fim do Império até os nossos dias; enorme diário em que o cotidiano de uma vida, crivado pela saudade, pelo remorso oníça, pela expiação também e também pela esperança, se depura e se redime; enorme diário em que, todos os convívios, com sambistas e pintores, malandros e escritores, escultores e poetas, prostitutas de tôdas as côres e comerciantes de todos os lucros, com atrizes e jornalistas, com diplomatas e roceiros, com aproveitadores e cínicos, com macrós e idealistas, com revolucionários e arrivistas, todos os convívios, dizia, são consignados, e com sua integral roupagem e nômina do real, já com o tratamento da ficção, fundindo-se em duas ou mais criaturas da realidade; enorme diário em que cada personagem se vai erguendo, em carne e osso, em anseios e dúvidas, em gozos e sofrimentos; enorme diário em que, através de mais de dezenas personagens de corpo inteiro, êstes três palpitantes quartos últimos palpitam, através do pôsto de observação que é Eduardo, e se revive e convive uma experiência vital em que o frêmito da vida e do amor freme em tôdas as linhas.

Que Marques Rebêlo, neste 1957, nos dê o *Espelho Partido* tôdo inteiro — é o que, como seu mais humilde amigo e mais destemperado crítico lhe desejo do mais fundo do coração, com os votos de muita saúde para muito convívio ainda, anos em fora.

MARQUES REBÊLO, POETA MORTO

SALIM MIGUEL

PROCURANDO estudar a obra de Marques Rebelo sob um determinado aspecto — o do poeta que subsiste sempre no autor de **A Estrêla Sobe**, Hélio Alves de Araujo realiza um ensaio de inegável interêsse. Não é, no entanto, apenas como pesquisa, como visão só de um determinado ângulo da obra rebeliana, que o trabalho de Hélio Alves de Araujo se impõe. Êle vai além, êle explica, em parte, também o homem e o artista Marques Rebelo — e através do homem e do artista, a obra e sua importância na moderna literatura brasileira.

Preocupado, desde seus primeiros trabalhos, com realizar uma obra de fundo e sentido artístico, numa linguagem precisa, exata, sóbria, às vêzes mesmo um tanto sêca, mas sempre lírica, a par da preocupação com os problemas humanos e sociais, Marques Rebelo nunca se afastou de sua meta. Sua obra é, acima de tudo, um exemplo de unidade. De unidade, de coerência e de honestidade artística e humana.

As camadas mais simples da população é que o interessam mais especialmente. A gente humilde dos subúrbios, os boêmios, os deserdados da sorte, para os quais tem êle sempre uma palavra de carinho e simpatia... E ninguém como êle para compreender o Rio de Janeiro, a vida carioca e sua gente. Continuador legítimo da linha que vem de Manuel Antônio de Almeida, passando por Machado de Assis e prosseguindo com Lima Barreto, Marques Rebelo soube captar, como ninguém, novos aspectos da vida da população, numa linguagem própria e pessoalíssima.

E' uma visão de tudo isto, embora breve, olhando e estudando em especial o poeta que há, de forma acentuada, no escritor, o que nos dá Hélio Alves de Araujo no seu ensaio. Estudando com carinho a obra rebeliana, pesquisando, não ficando apenas na aparência das coisas, mas procurando ir sempre além, o ensaio do jovem escritor é importante para a compreensão de Marques Rebelo.

Lançado pelas Edições "Sul", de Florianópolis (Cadernos "Sul" n. 6), o ensaio é uma contribuição para as homenagens que, neste momento, se prestam a Marques Rebelo, por ocasião do seu cinquentenário.

A LIVRARIA **José Olympio** EDITÔRA

que acaba de completar o seu 25.º ano de vida (29 de novembro)

informa que editará em 1957, e em futuro próximo — excluída a publicação selecionada de livros estrangeiros, onde se contam as OBRAS COMPLETAS E ILUSTRADAS DE DICKENS (30 volumes) e TOLSTOI (12 volumes) e as MEMÓRIAS ILUSTRADAS DE CASANOVA (10 voumes) — as seguintes obras de AUTORES BRASILEIROS

ESTUDOS BRASILEIROS

GILBERTO FREYRE — **Ordem e Progresso** (a ser publicado em 1957).
PRESTES MAIA — **Problemas de Govêrno.**
ERNANI DA SILVA BRUNO — **Sertão e Café (Ensaio de História Social de São Paulo).**
ERNANI DA SILVA BRUNO — **História e Tradições da Cidade de São Paulo** (4a. ed. 3 vols.).
PAULO PRADO — **Paulistica.**
PAULO PRADO — **Retrato do Brasil.**
PAULO PRADO — **Estudos inéditos.**
CARLOS LACERDA — **A Reforma do Brasil.**
JOSE' MARIA DOS SANTOS — **Bernardino de Campos e o Partido Republicano Paulista** (obra postuma) — Pref. de Cândido Mota Filho.
GASTAO CRULS — **Hiléia Amazonica** (3a. ed.)
SERGIO BUARQUE DE HOLLANDA — **A Era do Barroco no Brasil (Cultura e Vida Espiritual nos Seculos XVII e XVIII).**
SERGIO BUARQUE DE HOLLANDA — **Literatura Colonial Brasileira** (2 volumes).
SERGIO BUARQUE DE HOLLANDA — **Monções** (2a. ed., revista e ampliada).
JUVENAL DE QUEIROZ VIEIRA — **Politica do Câmbio no Brasil.**
ASSIS CHATEAUBRIAND — **O Problema do Ptróleo** (ensaios)
ASSIS CHATEAUBRIAND — **Ensaios Politicos.**
TEMISTOCLES LINHARES — **Historia do Romance Brasileiro.**
SILVIO ROMERO — **Historia da Literatura Brasileira** (organizada e prefaciada por Nelson Romero) — 6a. ed. 5 vols.
LUIS CRLUS — **Planalto Central do Brasil.**
HIPPOLYTE GARRAUX — **Bibliographie Bresilienne.**
JUAREZ TAVORA — **Organização para o Brasil.**
JUAREZ TAVORA — **Produção para o Brasil** (2a. ed. revista).
JUAREZ TAVORA — **Atomos para o Brasil.**
GERALDO DE MENEZES CORTES — **Migração e Colonização no Brasil.**
FRANCISCO POMPEO DO AMARAL — **O Leite, Problema Nacional** (Prêmio da Academia Nacional de Medicina).
FRANCISCO POMPEO DO AMARAL — **O Problema da Alimentação no Brasil (Aspectos medico-higiênico-sociais)** — Prêmio da Academia Nacional de Medicina de 1936.
ALBERTO RANGEL — **Marginados (Cartas de Pedro I à Marquesa de Santos).**
ALBERTO RANGEL — **D. Pedro I e a Marquesa de Santos** (3a. edição).
CASTRO BARRETO — **Povoamento e População** (2a. edição aumentada).
JOSE' CARLOS D EMACEDO SOARES — **Santo Antônio de Lisboa, Militar no Brasil** (2a. edi.).
JOSE' CARLOS DE MACEDO SOARES — **Fronteiras do Brasil no Regime Colonial** (2a. ed.).
BRASILIO MACHADO NETO — **Inflação e Outros Estudos.**
BRASILIO MACHADO NETO — **Brasil (Instantâneos Sem Retoques).**
ANTONIO DE ALCANTARA MACHADO — **Estudos Anchietanos** — Pref. de Francisco de Assis Barbosa.
NELSON WERNECK SODRE' — **Historia da Literatura Brasileira** (3a. ed., revista).
Frei JOSE' M. AUDRIN — **Nosos Patricios do Sertão.**
CASSIANO RICARDO — **Marcha Para Oeste** (A Influência da "Bandeira" na Formação Social e Politica do Brasil) — 3a. ed., revista e aumentada.
OCTAVIO TARQUINIO DE SOUSA — **Historia dos Fundadores do Imperio do Brasil** — 10 vols. ilustrados.
GILBERTO FREYRE — **Gilbertiana** (Obras Completas, 1a. série, 20 vols.).
PEDRO CALMON — **Historia do Brasil** (Ilustrada por Wasth Rodrigues) — 10 vols.
BARBOSA LIMA SOBRINHO — **A Lingua Portuguêsa e a Unidade Nacional.**
LUCIA MIGUEL PEREIRA — **Historia da Literatura Brasileira — Prosa de Ficção** — 1870-1920 (2a. ed. revista).
PEDRO CALMON — **Historia da Casa da Torre** (2a. ed., refundida).
OCTAVIO TARQUINIO DE SOUSA — **Correspondencia de D. Pedro I.**
FRANCISCO DE ASSIS BARBOSA — **Alencar e as Cartas de Erasmo.**
ANTONIO CANDIDO — **Permanência e Mudanca** (Estudo sôbre a Crise nos Meios de Vida do Caipira Pulista).
ATHOS DE LEMOS RACHE — **Contribuição à Historia da Economia Mineira.**
HERMAN LIMA — **Historia da Caricatura no Brasil** (5 vols com 1.000 ilustrações).
SERGIO BUARQUE DE HOLLANDA — **Caminhos e Fronteiras.**
JOAO CAMILO DE OLIVEIRA TORRES — **Democracia Coroada (História e Teoria Politica do Imperio do Brasil).**
JURACY MAGALHAES — **Minha Vida Pública na Bahia** — Pref. de Rui Santos.
ARNON DE MELO — **Uma Experiência de Govêrno.**
SILVA MELO — **A Alimentação no Brasil** (2a. ed.)
SILVA MELO — **Nordeste Brasileiro** (2a. ed.)
GEULIO VARGAS — **O Govêrno Trabalhista do Brasil** — volumes 3 e 4.

ANISIO TEIXEIRA — **Educação não é Privilegio.**
BRITO BROCA — **A Vid. Literária no Brasil** (4 vols.).
MECENAS DOURADO — **Hipolito da Costa e o Correio Braziliense.**
AFONSO ARINOS DE MELO FRANCO — **O Indio Brasileiro e a Revolução Francesa** (2a. ed. revista e ampliada).
Cel. ARTUR LEVI — **A Petrobras.**
OLIVIO MONTENEGRO — **O Romance Brasileiro** (3a. ed., acrescida de 3 capitulos).
ALVARO LINS — **Roquette Pinto.**
CECILIANO ABEL DE ALMEIDA — **O Desbravamento das Selvas do Rio Doce.**
CRUZ CORDEIRO — **O Romance da Lingua Brasileira (Gramática Literária da Lingua Brasileira).**
GILBERTO AMADO — **Discursos Politicos.**
JOSE' AMERICO DE ALMEIDA — **Discursos Politicos.**
AFONSO ARINOS DE MELO FRANCO e RAUL PILLA — **Presidencialismo ou Parlamentarismo?**

OBRAS DE OLIVEIRA VIANNA

Historia da Formação Racional do Brasil (3 volumes). (Obra inedita).
Historia Social da Economia Capitalista no Brasil (2 volumes). (Obra inedita).
Introdução à Historia Social da Economia Pré-capitalista no Brasil (Obra inedita).
Raça e Assimilação (reedição).
Pequenos Estudos de Psicologia Social (reedição).
O Ocaso do Imperio (reedição).
O Idealismo da Constituição (reedição).
Problemas de Politica Objetiva (reedição).
Problemas de Direito Corporativo (reedição).
Problemas de Direito Sindical (reedição).
Ensaios (1 volume).

DICIONARIOS

LAUDELINO FREIRE — **Grande e Novíssimo Dicionario da Lingua Portuguesa** (3a. ed. 5 vols).
RODOLFO GARCIA — **Dicionario de Brasileirismos** (2a. ed. aumentada).

FICÇÃO

ANTONIO CALLADO — **A Madona de Cedro** (romance).
OSMAN LINS — **Os Gestos** (contos).
ANIBAL MACHADO — **Novelas Reunidas.**
LUCIO CARDOSO — **Crônica da Cidade Assassinada** (romance).
LUCIO CARDOSO — **Requiem** (romance).
LUCIO CARDOSO — **Um Viajante** (romance).
ERNANI SATYRO — **Mariana** (romance).
JOSE' CONDE' — **Historias da Cidade Morta** (contos, 2a. ed.).
AMANDO FONTES — **Deputado Santos Lima** (romance).
GUIMARAES ROSA — **O Vaqueiro Mariano.**
GUIMARAES ROSA — **Sagarana** (contos, 5a. ed).
OTTO LARA REZENDE — **Boca do Inferno** (contos).
RUY SANTOS — **Teixeira Moleque** (romance).
RICARDO RAMOS — **Terno de Reis** (contos).
ELOY PONTES — **Arranha-Céu** (romance).
RIBEIRO COUTO — **Contos Reunidos.**
CORNELIO PENNA — **Alma Branca** (romance).
ROSARIO FUSCO — **Dia do Juizo** (romance).
MIECIO TATI — **Rosa dos Ventos.** (romance).
RACHEL DE QUEIROZ — **Três Romances (O Quinze — João Miguel — Caminho de Pedras).**
GASTÃO CRULS — **Quatro Romances (A Criação e o Criador — Vertigem — Elza e Helena — A Amazonia Misteriosa).**
PEREGRINO JUNIOR — **Historias da Amazonia (Matupa — Pussanga — Historias da Amazonia).**
CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE — **Contos de Aprendiz** (2a. edição).

LUIS JARDIM — **Maria Perigosa** (2a. ed., acrescida de 6 contos)
PERMINIO ASFORA — **Vento Nordeste** (romance)
RIBAMAR GALIZA — **A Sombra das Gameleiras** (romance).
DALTON TREVISAN — **Novelas Nada Exemplares.**
SILVIA CARNEIRO LEAO — **Praia Branca de Olinda** (romance).
CIRO DOS ANJOS — **Dois Romances (O Amanuense Belmiro — Abdias)** — (ed. rev.).
ANTONIO DE ALCANTARA MACHADO — **Novelas Paulistanas (Braz, Bexiga e Barra Funda — Laranja da China — Mana Maria)** — Pref. de Francisco de Assis Barbosa.
ANTONIO OLAVO PEREIRA — **Marcoré** (romance)
JOSUE' MONTELO — **A Porta do Inferno** (romance).
JOSE' DE ALENCAR — **Romances** — 16 vols. ilustrados por Santa Rosa (4a. ed.)
NATANIEL DANTAS — **Velas Desatadas** (contos). Premio Fabio Prado.
LUCIA MIGUEL PEREIRA — **3 Romances — (Amanhecer — Em Surdina — Cabra-Cega).**
OCTAVIO DE FARIA — **O Senhor do Mundo.**

POESIAS

CECILIA MEIRELES — **Poesias Completas.**
CASSIANO RICARDO — **Poesias Completas.**
MAURO MOTA — **Elegias e Outros Poemas.**
MURILO MENDES — **Poesias Completas.**
PERICLES EUGENIO DA SILVA RAMOS — **Antologia da Poesia Universal.**
EDMIR DOMINGUES — **Corcel de Espumas.**
JOSE' PAULO MOREIRA DA FONSECA — **Raizes.**
RIBEIRO COUTO — **Poesias Completas.**
GEIR CAMPOS — **Os Poemas (Rosa dos Rumos — Arquipélago — Coroa de Sonetos — e novos poemas).**
ASCENCO FERREIRA — **Poesias Completas.**
THIAGO DE MELLO — **Vento Geral (Narciso Cego — A Lenda da Rosa — Silêncio e Palavra — Tenebrosa Aqua — O Andarilho).**
ABGAR RENAULT — **Poesias Completas.**
OLEGARIO MARIANO — **Toda Uma Vida de Poesia.**
MANUEL BANDEIRA — **Auto Sacramental do Divino Narciso**, de Soror Juana Inês de la Cruz (trad. e pref.).
CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE — **Poesias Escolhidas.**
HENRIQUETA LISBOA — **180 Poemas Escolhidos.**
YONNE DE SA' MOTTA — **Lastro-Ternura.**

TEATRO — LITERATURA VARIADA

ANIE L. MACHADO — **Cadernos de João.**
ENEIDA ASSUNÇÃO MENEZES — **Descobrindo o Amor** (Conceito cristão de vida sexual).
GRACILIANO RAMOS — **Quadros e Costumes do Nordeste** (obra postuma) — Pref. de Valdemar Cavalcanti.
GRACILIANO RAMOS — **Literatura Infantil** — Pref. de Origenes Lessa.
ALMIR DE ANDRADE — **O Capital** (2a. ed.).
RACHEL DE QUEIROZ — **A Beata Maria do Egito** (teatro).
RACHEL DE QUEIROZ — **Maria Barbara** (teatro).
LUIS AMARAL — **Americas (Viagem)**
Pe. CASIMIRO CAMPOS — **Segredos do Seu Noivo.**
Pe. NEGROMONTE — **A Educação Sexual** (9a. ed. refundida).
Pe. NEGROMONTE — **Noivos e Esposos** (6a. ed.).
Pe. NEGROMONTE — **Meu Catecismo** (4 vols.).
Pe. NEGROMONTE — 7 vols. para o ensino de **Religião.**
CRUZ COSTA — **Discurso sôbre o Método, de Descartes** (Tradução, Introdução e Notas).
LEOPOLDO AIRES — **Pensamentos, de Pascal** (tradução, introdução e notas).

ALUISIO MARQUES — **Educação dos Nervosos.**
WILSON LOUSADA — **Do Amor, de Stendhal,** (seleção, tradução e prefácio).
GEIR CAMPOS — **A Sabedoria de Confucio, de Lin Tutang** (tradução).
MANUEL BANDEIRA — **Macbeth, de Shakespeare (trad. e prefaciado).**
LUCIA MIGUEL PEREIRA — **Meditações, de Marco Aurélio** (trad. e pref.).
AURELIO BUARQUE DE HOLLANDA FERREIRA e PAULO RONAI — **Mar de Historias** (Antologia do Conto Mundial vols. 3 e 4).
GASTAO PEREIRA DA SILVA — **Psicanálise** (2 vols.).
FRANCISCO MANGABEIRA — **Que é o Homem?** (2a. ed., revista e aumentada).

BIOGRAFIAS E MEMÓRIAS

PRESIDENTE CAFE' FILHO — **Memórias.**
JOAQUIM NABUCO — **Minha Formação.**
GILBERTO AMADO — 4.º volume das **Memórias.**
GILBERTO AMADO — **Historia da Minha Infancia** (2a. ed.)
GILBERTO AMADO — **Minha Formação no Recife** (2a. ed.)
GILBERTO AMADO — **Mocidade no Rio e Primeira Viagem a Europa** (2a. ed.).
JOSE' MARIA BELLO — **Memorias.**
CARLOS MAGALHAES DE AZEREDO — **Memórias.**
DANIEL DE CARVALHO — **Capitulos de Memórias.**
ULYSSES LINS DE ALBUQUERQUE — **Um Sertanejo e o Sertão.**
STEFAN BACIU — **Recordações de Minha Primeira Vida.**
CAROLINA NABUCO — **A Vida de Joaquim Nabuco** (4a. edição rev.).
CAROLINA NABUCO — **Santa Catarina de Siena.**
MAURICIO DE LACERDA — **Memorias.**
AUGUSTO FREDERICO SCHMIDT — **O Galo Branco** (memórias — 2a. ed. aumentada).
FRANCISCO DE ASSIS BARBOSA — **A Vida de Lima Barreto** (2a. ed. rev.).
VIVALDO COARACY — **Todos Contam Sua Vida** (memórias).
HELENA MORLEY — **Minha Vida de Menina** (4a. ed.).
PEDRO GOMES DE MATOS — **Capistrano de Abreu** (2a. ed.).
JOSE' AMERICO DE ALMEIDA — **Memorias** (3 vols.).
JUAREZ TAVORA — **Memorias.**
ELOY PONTES — **A Vida Inquieta de Raul Pompeia** (2a. ed.)
ELOY PONTES — **A Vida Dramática de Euclides da Cunha** (2a. edição).
ELOY PONTES — **A Vida Contraditoria de Machado de Assis** (2a. edição).
ELOY PONTES — **A Vida Exuberante de Olavo Bilac** (2 vols. — 2a. edição).
PINHEIRO GUIMARAES — **Um Voluntario da Patria.**
LIMA FIGUEIREDO — **Caxias e Osorio.**
FRANCISCO DE ASSIS BARBOSA — **Retratos de Familia** (2a. ed., rev. e aumentada).
CASTRO NUNES — **Alguns Homens do Meu Tempo.**
JOSE' AUGUSTO BEZERRA DE MEDEIROS — **Memórias.**
LUIS VIANA FILHO — **Rio Branco.**
JOAQUIM DE SALLES — **Memorias.**
CYRO DOS ANJOS — **Memórias.**

CRÔNICAS

ADERSON MAGALHAES (All Right) — **Crônicas Escolhidas.**
VIVALDO COARACY — **Cata-Vento.**
ENEIDA — **Aruanda.**
CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE — **Fala, Amendoeira.**
SERGIO PORTO — **O Homem ao Lado.**
RUBEM BRAGA — **A Cidade e a Roça.**
JOSUE' MONTELO — **Areia do Tempo.**
GRACILIANO RAMOS — **Crônicas** (obra póstuma) prefácio de Brito Broca.
AUGUSTO FREDERICO SCHMIDT — **Crônicas Escolhidas.**
LEO VAZ — **Paginas Vadias.**
RACHEL DE QUEIROZ — **100 Crônicas Selecionadas.**
DINAH SILVEIRA DE QUEIROZ — **As Mulheres de Vermelho.**
VIVALDO COARACY — **100 Crônicas Selecionadas.**

ENSAIOS — CRÍTICA LITERÁRIA

JOSUE' MONTELO — **Ensaios de Literatura.**
AGRIPPINO GRIECO — **O Sol dos Mortos.**
ALTINO ARANTES — **Ensaios.**
MUNHOZ DA ROCHA — **Ensaios.**
TEMISTOCLES LINHARES — **Interrogações.**
CAVALCANTI PROENÇA — **Augusto dos Anjos e Outros Ensaios.**
TOLEDO MALTA — **Seleta dos 'Ensaios' de Montaigne** — Pref. de Leo Vaz.
PONTES DE MIRANDA — **Obras Literarias.**
GILBERTO AMADO — **A Dança Sôbre o Abismo.**
GILBERTO AMADO — **Grão de Areia e Estudos Brasileiros.**
GILBERTO AMADO — **A Chave de Salmão e Outros Escritos.**
DANTE COSTA — **Os Olhos nas Mãos** (Literatura brasileira contemporanea).
OLIVIO MONTENEGRO — **Ensaios Literarios.**

NOTA — Nesta relação (incompleta) deixaram de ser incluídas obras de escritores brasileiros esgotadas, cuja oportunidade de reedição continua sendo estudada pela Casa.

Morre a música de Carnaval

NESTOR DE HOLANDA

CADA vez que se aproxima o Carnaval, há a lamentar as horrorosas safras de sandices que saem, mal rimadas, em tempo de sambas ou marchinhas. Com isso, mais aumenta a saudade dos tempos em que as composições dedicadas ao tríduo da folia encerravam simplicidade, e, portanto, beleza em seus versos e em melodias que ficaram, até hoje, marcando a alegria do carioca folião e que ainda são, insistentemente, executadas. Aí estão, bem vivas, por exemplo, "Teu cabelo não nega", "Touradas em Madri", "Mamãe eu quero", "Despedida de Mangueira", "Praça Onze", um punhado imenso de autênticos êxitos dos velhos tempos em que a produção de Rei Momo ainda não se mercantilizara tanto nem dera margem a tão aviltantes procedimentos dos homens que fazem musiquinhas.

Hoje, os bons compositores populares estão inteiramente afastados do Carnaval. Ari Barroso, Dorival Caymmi, Nassara, Frazão, Roberto Martins, João de Barro, Alberto Ribeiro, Lamartine Babo, Ataulfo Alves, Mario Lago, muitos outros, não mais concorrem ao páreo dos sucessos obtidos a pêso de ouro, com financiamento feito (pelos próprios autores) às orquestras de "cordões" carnavalescos ou de bailes, a discotecários e programadores de emissoras. Quando a lei manda que as casas de diversões (as estações de rádio, portanto) paguem direitos autorais, a maioria dos musicistas patrocinam programas com músicas suas. E não poderiam elementos, como os que vão aqui citados, aceitar essa situação deprimente...

Entre Rio e São Paulo, gravamos, todos os anos, exclusivamente para o Carnaval, quase o dôbro dos discos que os Estados Unidos gravam o ano inteiro. Entretanto, não vendemos um têrço do que êles vendem. E' verdade que nisso influi, decisivamente, o monopólio internacional de músicas, com sede na Norte-América. Mas não justifica o mau gôsto de nossa produção em massa, com montanhas de sambinhas até ridículos de tão medíocres e, por conseguinte, condenáveis.

Qual a principal causa dessa situação? E' fácil. Em primeiro lugar, os compositores brasileiros se dividiram em dois grupos (duas sociedades arrecadadoras), cada um filiado a uma ala de "trustmen" norte-americanos, recebendo subvenções diretamente de Nova Iorque, em troca da divulgação de composições estrangeiras no Brasil. Êsse "acôrdo" faz com que nossos autores, orientados pela tática comercial dos editores brasileiros, centralizem a atenção nas músicas de Carnaval, pois são as únicas que não ferem os interêsses dessa capitalização. Em consequência, tivemos o afastamento dos bons musicistas e a acumulação dos péssimos na confecção de marchinhas dedicadas a Momo.

Por outro lado, as sociedades de cobrança adotaram o sistema de contar pontos, por música, para a distribuição de direitos. Como, durante o Carnaval, não há remessa de arrecadação para o estrangeiro, a receita de cada entidade nossa, nêsse período, sobe a 6 ou 7 milhões de cruzeiros. Sob a alegação de que uma composição carnavalesca "vive menos" que uma de meio de ano, a primeira passou a valer maior número de pontos do que a outra. E, então, uma simples marchinha que tenha sido gravada para a folia, mesmo que ninguém a tenha ouvido e que seus discos permaneçam, intactos, nas prateleiras das lojas, rende 10 ou 12 mil cruzeiros a seus autores...

Há, ainda, outros aspectos. Os cantores que sabem que as emissoras, durante o período pré-carnavalesco, só programam intérpretes que tenham gravado músicas de Momo, exigem das fábricas de discos o lançamento de suas criações dêsse gênero. As fábricas, que necessitam dos cantores, fazem contratos, com êles, dando direito às gravações da folia. Resultado: saem as grandes quantidades de discos que não são vendidos e com músicas escolhidas pelos próprios intérpretes, cuja maioria é alfabetizada apenas e não tem capacidade para selecionar o que o povo deve cantar...

Entre os compositores, há "book-makers", vadios, contrabandistas, enfim, um bom número de contraventores que, para despistar a polícia, usam a profissão de musicistas. São êsses homens, principalmente, que, levados por essa necessidade, compram sambinhas e marchinhas e, depois, pagam a cantores, músicos, discotecários, compram horários nas emissoras, alugam camionetas com alto-falantes, custeiam batalhas de confete, tudo em favor da divulgação das próprias músicas. No final de contas, se obtem um êxito que lhes renda, vamos dizer, cem mil cruzeiros, gastaram cento e cinquenta para divulgá-lo, mas o prejuízo foi capital empregado para que pudessem manter, encoberta, a situação de contraventores disfarçados em musicistas...

Não obstante, encontramos, ainda, na terrível safra musical de Momo, algumas composições boas e assinadas por verdadeiros autores. Mas, em geral, elas se perdem no mundo de coisas ruins. E êsses autores mesmo já lançaram suas produções sabendo que isso iria acontecer, mas não deixaram de lançá-las porque precisam "contar ponto" em favor do próprio repertório nas sociedades de autores.

E' assim que se conta a história do excesso de horrorosas melodias carnavalescas. E' essa história que está começando a acabar com o Carnaval brasileiro, com a graça de suas músicas, com a alegria que êle sempre teve. A solução seria uma medida de repressão moral. Medida policial, talvez. Pois nos países em que órgãos do Estado, quando moralizadores, se incumbem da arrecadação e da distribuição percentual de direitos autorais de música, os compositores já se libertaram da exploração dos editores internacionais.

Leia "MÓDULO"

ÚLTIMAS NOVIDADES

Continuando seu programa de lançar obras de maior significação cultural, na melhor apresentação material possível, temos o prazer de anunciar nossas últimas edições:

1. IDÉIAS E IMAGENS, de Machado de Assis

Organização de R. Magalhães Júnior. Dicionário antológico, com mil verbetes, abrangendo tôda a obra machadiana, desde a colaboração em "A MARMOTA" até o "MEMORIAL DE AIRES". Indispensável a todos os leitores de Machado de Assis. Belo volume, a .... Cr$ 90,00

2. AMOR E PSIQUE, de Lúcio Apuléio

Em tradução de Aurélio Buarque de Hollanda Ferreira e Paulo Ronai, êste "racconto" fará as delícias de tôdas as pessoas capazes de sentir a beleza imortal do famoso texto. Belo volume, a .... Cr$ 50,00

3. O CORONEL JACK, de Daniel Defoe

Em tradução de Geir Campos, êste belo romance do autor de "Robinson Crusoe" saberá bem aos amantes da obra de Defoe, pelo que tem de comum com ela no tratamento do tema e no seu tom construtivo. Belo volume, a .... Cr$ 120,00

EDIÇÕES DA

Editôra Civilização Brasileira S. A.

RUA 7 DE SETEMBRO, 97

RIO DE JANEIRO, D.F.

"O intercâmbio, para o artista, é como o ar"

O DEPOIMENTO DE OSCAR BORGERTH, FRUTO DE EXPERIÊNCIA E ANÁLISE — AS BOLSAS E OS CONCURSOS — OS XEMPLOS SOVIÉTICO E POLONÊS — TODO APOIO À UNIÃO DOS MÚSICOS DO BRASIL — RÁDIO E TELEVISÃO, PODEROSOS DIVULGADORES

Entrevista concedida a HÉLIO BLOCH

— O INTERCÂMBIO para o artista, é como o ar — disse e repetiu Oscar Borgerth ao repórter. — O intérprete não pode dispensar o contato com diferentes platéias, tem que submeter seu trabalho ao crivo da crítica de outros países, respirar em novos ambientes e aperfeiçoar-se constantemente no convívio dos demais artistas. Para nós, então, nem se fala! E' preciso um grande esfôrço no sentido de romper o isolamento em que, na maioria dos casos, nos vemos confinados; se é verdade que o Rio, São Paulo e alguns outros centros importantes do país, já se tornaram escala obrigatória nas **tournées** das celebridades, isso é pouco ainda; a ausência de reciprocidade dificulta extraordinariamente a apresentação de valores nacionais no estrangeiro, e assim perdemos a oportunidade de revelar tanto intérpretes quanto compositores. Os adidos e os institutos culturais deveriam estabelecer convênios de trocas com todos os países, sem exceção, trazendo cá os artistas estrangeiros e apresentando os nossos, condignamente, no exterior.

Quem assim fala não advoga em causa própria. Oscar Borgerth é um dos intérpretes brasileiros que mais se projetou internacionalmente, sendo hoje, indiscutivelmente, o violinista mais completo do país, graças a uma técnica apurada, a um fino temperamento artístico, à interpretação séria e bem cuidada que imprime às obras que apresenta; além do Brasil inteiro, andou (fisicamente e através de gravações) pelo mundo afora (Argentina, Uruguai, Estados Unidos, Itália, França, Espanha, Portugal, Polônia, Iugoslávia e União Soviética), atuando como recitalista e também como solista de grandes orquestras sob a regência de Kleiber, Wolff, Szenkar, Carlo Zecchi José Siqueira e Eleazar de Carvalho, entre outros.

MEDIDAS PRÁTICAS

— Bolsas ponderáveis de estudo para o estrangeiro, concursos, tudo isto é necessário, indispensável — prosseguiu. — E' preciso multiplicar por mil o que já existe. E (coisa de que pouco se fala mas é muito importante) bolsas de estudo para o próprio Brasil! Quantos jovens promissores há pelos Estados sem possibilidade de vir estudar nos grandes centros do país? E que dizer dos que estudam e vivem aqui mesmo no Rio e têm que trabalhar duramente para seu sustento, tocando nas orquestras de rádio e nas buates, etc. Nesta situação, não se pode formar **virtuoses** a não ser, excepcionalmente, os das famílias ricas.

O assunto vinha a propósito, pois estávamos no cais — Oscar Borgerth, Alda (sua espôsa e uma das melhores violinistas formadas por Paulina d'Ambrosio) e o repórter — nos despedindo de Salomão Rabinovitch, que partia para a Europa. Salomão é um dos "produtos" da classe do entrevistado, violinista, Prêmio de Viagem ao Estrangeiro — no valor de cento e vinte mil cruzeiros, quantia que atualmente mal dá para a passagem!...

EXPERIÊNCIA DO MUNDO

Daí, passou Borgerth à outra face da questão do intercâmbio: os concursos internacionais.

— Tive a oportunidade de ser membro do júri de violino do Concurso Internacional do Festival de Varsóvia (1955) e verifiquei o carinho que os países da Europa dedicam a seus candidatos. Os polonêses e os soviéticos, por exemplo, selecionam os concorrentes com um ano de antecedência e os colocam sob a direção de grandes mestres, fornecem acompanhadores e orquestras para sua preparação e suprem suas necessidades com bolsas adequadas, é uma verdadeira "concentração" como se faz no Brasil apenas com os selecionados de futebol. Daí muitos se surpreenderem ante os extraordinários êxitos dêsses artistas; nem de longe, aliás, pretendo negar o seu indiscutível talento, muito menos a qualidade excepcional das escolas pianística e violinística européias. Mas não podemos deixar de deplorar que um povo como o nosso, tão musical, de rara intuição, não consiga desenvolver em tôda a plenitude as inúmeras vocações que surgem constantemente entre nós. E sempre que há uma oportunidade maior para o jovem brasileiro, os resultados não deixam nada a desejar. Basta citar o exemplo mais recente: Klein. No entanto, isto é uma gota dágua no oceano de talento musical que é o nosso povo.

Oscar Borgerth é bem senhor do assunto. Dividindo-se permanentemente entre os concertos e o ensino (é catedrático da Escola Nacional de Música, após brilhante concurso) sua atividade didática já nos deu uma constelação de artistas que honra a tradição violinística de Ronchini, Amore, E. Guerra, Chiaffitelli e de — ainda hoje em plena atividade criadora — Paulina d'Ambrosio.

PRIMEIROS PASSOS

— Acha que está se fazendo alguma coisa — indagou o repórter — a fim de solucionar êsses problemas?

— Acredito muito na recém-nascida União dos Músicos do Brasil (de cujo Departamento de Recitalistas sou diretor) e que veio sacudir o meio musical. Trata-se não só de enfrentar as dificuldades de que já falei, mas também de levar a música ao grande público, fazer novas platéias, divulgar nossos compositores e intérpretes. Tenho tido uma experiência interessante, neste particular, atuando com regularidade na televisão. Já sou reconhecido na rua por gente que nunca frequentou uma sala de concertos e que se aproxima de mim com interêsse, até com entusiasmo! O Rádio e a Televisão, no entanto, vem fazendo muito pouco pela música erudita brasileira; mas poderão desempenhar um grande papel, nesse terreno, se a êle dedicarem maiores atenções.

— E quanto à gravação?

— Creio que deveríamos pleitear que a música erudita brasileira, executada por nossos intérpretes, fizesse obrigatoriamente parte do programa de edições das gravadoras. E mais, que se dedicasse um carinho especial ao seu lançamento em outros países. Uma das casas para a qual gravarei brevemente, já me assegurou ter êste propósito. Espero que o exemplo frutifique.

— : —

O assunto daria margem ainda a um fecundo desenvolvimento, necessàriamente cerceado pelo espaço. Assinale-se, porém que o depoimento de Oscar Borgerth — mais um na série que PARA TODOS tem publicado — redobra de importância partindo de um musicista responsável por inúmeras primeiras audições de obras de nossa literatura violinística e de câmara (com o **Quarteto Borgerth**), muitas das quais lhe são dedicadas por Villa Lobos, Lorenzo Fernandez, Radamés Gnatali, José Siqueira, Assis Republicano, Luiz Cosme, etc.

Donde, inclusive, o pêso específico das palavras com que encerrou a entrevista:

— Devemos (e podemos fazê-lo sem nenhum receio), livres de quaisquer hesitações, amparar, proteger, estimular e difundir a música erudita e os artistas nacionais.

OSCAR BORGERTH

DISCOS

LIRA POPULAR

MARQUES REBÊLO

SAMBA E OUTRAS COISAS — Marília Batista — Musidisc LP 1015 Noel Rosa encontrou na menina Marília Batista uma adorável fanática e, quando a morte levou o cancioneiro de Vila Isabel, a gentil cantorazinha dedicou todos os seus esforços para honrar a memória do amigo, no que foi aliás vantajosamente auxiliada por seu irmão Henrique Batista, compositor talentoso e dileto amigo do autor de «Palpite Infeliz».

O entusiasmo dos irmãos Batista é matéria de fecunda gratidão e a êles devemos muito do que podemos conhecer do boêmio Noel Rosa, cuja obra teria muitas partes perdidas não fôsse o zêlo daquelês companheiros.

Afastando-se da vida artística, Marília volta novamente a ela e nos presenteia com um LP no qual registra, não só algumas das mais raras composições de Noel, como também outras da sua autoria em parceria com Henrique. Tudo coisa da melhor qualidade e muito bem cantado. Porque o que caracteriza a cantora Marília Batista era a simplicidade do seu canto, a justeza muito carioca da sua interpretação.

Eis um LP que foge à banalidade, que traz uma real contribuição à permanência da nossa música popular. E até que a gravação está com razoáveis condições para valorizá-la mais ainda.

NEUSA MARIA E BRITINHO — Sinter LP 1067. A excelente cantora que é Neusa Maria e o bom pianista que é o conhecido Britinho reuniram-se neste LP para apresentarem uma seleção de peças favoritas do disco-jóquei Haroldo Eiras. Há de tudo — samba, foxe, toada, tango, chôro, beguine. Não precisava tanto. Até que nós ficavamos bem mais satisfeitos se o disco-joquei selecionasse sòmente sambas. E o que atrapalha exatamente é a mistura. Em todo o caso não podemos deixar de consignar o desempenho da dupla e lastimar que a gravação deixe tanto a desejar na sua parte técnica. Não me entra na cabeça que chiado possa fazer parte duma gravação, mas é tal a insistência dêle nas nossas gravações, que já tenho minhas dúvidas que não seja uma qualidade indispensável, qualidade que as gravadoras estrangeiras ainda não perceberam.

MÚSICA DE J. CASCATA E LEONEL AZEVEDO — Por CARLOS AUGUSTO — Sinter —LP 1070. E' uma dupla famosa. E sob a direção musical de Britinho, o cantor paulista oferece dela uma boa seleção. E o faz de maneira elogiável, procurando não se afastar do espírito dos autores como deu para ser frequente.

O LP traz a novidade de mencionar a data de gravação de cada trecho, em 78, creio. Mas o que seria mesmo importante era trazer a data em que cada peça foi composta.

Ari Vasconcelos faz um pequeno estudo sôbre o disco, com uma boa nota biográfica dos autores, ótima contribuição que vem impressa na capa do LP.

CAIXA DE MÚSICA

Casamento Fracassado ou se o Quiserem, Mancebia Desastrada

ENIO SILVEIRA

A RCA-Victor brasileira acaba de lançar no mercado, em excelente apresentação e ainda melhor qualidade de som, uma das maiores mediocridades musicais que já teve a ousadia de oferecer aos nossos pobres, porém honestos ouvidos. Trata-se do **"Concerto for Jazz Band and Symphony Orchestra"** (x), de autoria do ilustre e desconhecido sr. Rolf Liebermann. Executada pela Orquestra Sinfônica de Chicago, sob a regência de Fritz Reiner, e tendo como solista (!) a Orquestra Sauter-Finegan, a brincadeira musical leva como contrapeso (?) o famoso poema sinfônico "Don Juan", de Richard Strauss. Como se pode verificar, não houve o menor constrangimento em desperdiçar com a ligeireza e a inconsciência de um "playboy" tôda uma soma de valores e de qualidades estabelecidos e unanimente respeitados.

O compositor, tentando explicar sua obra, informa que pretendeu "introduzir na música erudita as correntes formas de dança", assim como o fizeram nos séculos XVIII e XIX os seus mais proeminentes colegas. E continua, com a segurança de quem nada acrescenta de novo: "Por volta do término do século XIX a música "de arte" perdeu contato com a música de dança da época. E no século XX, a música sinfônica, que outrora se apresentava tão intimamente ligada à música de uso prático, tornou-se completamente emancipada, com as exceções encontradas na cultura européia oriental (Bartok, Stravinsky). O fato de haverem certos compositores introduzido elementos jazzísticos em obras sinfônicas durante a terceira década do atual século (por exemplo Honegger, no último movimento de seu **"Concertino para Piano"**) não invalida esta afirmação, pois embora se verificassem associações jazzísticas, nenhuma forma de dança foi aí empregada".

Dito isto, o sr. Liebermann passa a nos oferecer os resultados de sua experiência. A decepção é total e não menor a irritabilidade que nos provoca. De fato, com tôda a audácia demonstrada pelos seus conceitos "renovadores", o compositor nem sequer alcança a pequena estatura do chamado "jazz sinfônico", monstrengo que esteve em certa voga na década de trinta. Seu "Concerto for Jazz Band and Symphony Orchestra", pretendendo "casar" uma orquestra sinfônica a outra de "jazz", conseguiu os mesmos resultados que se obtém de um monstruoso cruzamento entre elefante e cadela: insatisfação para o primeiro e morte certa para a coitadinha.

Paul Whiteman, que teve o mérito de ser amigo de George Gershwin, empolgou-se com o sucesso popular e de crítica que alcançaram peças como a "Rhapsody in Blue" ou a "Cuban Rhapsody", e decidiu dar tratamento de grande

(Conclui na 14.ª pág.)

"RÍTMOS E CÔRES"

JOSÉ PAULO MOREIRA DA FONSECA

NO Teatro Dulcina, "Os Jograis de São Paulo" e Inezita Barroso apresentaram nesse princípio de ano, em rápida temporada — RITMOS E CÔRES. Trata-se de mais uma realização de Ruy Affonso, no seu admirável empenho de difundir vocalmente a poesia. O resultado, como nas outras tentativas, foi, sem dúvida, positivo. E cumpre salientar que não estamos apenas face ao vago sucesso de um empreendimento, eis que o êxito de "Os Jograis" tem um significado bem maior, demonstra o interêsse emocionado com que o público recebe a boa poesia, esclarece que o divórcio entre nossos grandes poetas de hoje e o "brasileiro" reside mais num **afastamento** ocasional entre ambos, do que numa impossibilidade de comunhão. Não nos esqueçamos de epocas nas quais a literatura estava de braços dados com uma assistência amplíssima, com tôda a **cidade**, como no teatro gótico ou no drama elisabetano: — "Hamlet" ou "Macbeth" foram generosas bilheterias. Os aplausos que se escutaram no "Dulcina", após êsse ou aquêle poema, essa ou aquela canção, aplausos calorosos, pedidos de "bis", traduziam um encontro perfeito entre o escritor, o intérprete e o espectador; o ciclo da atividade estética assim se completava harmoniosamente — o poema, expressão da vivência do poeta, retornava, no ouvinte, à sua condição originária de vivência.

Em RITMOS E CÔRES, Ruy Affonso organizou o espetáculo de maneira diversa de uma simples sucessão de poesias. Tomou poemas ou fragmentos de poemas de várias epocas de nossa literatura (além de dois poetas portuguêses e um francês), e com êles fêz um roteiro de História do Brasil, desde a época verde e rude das caravelas até os tempos de hoje. O espetáculo também se valeu de música — a voz e o violão de Inezita Barroso, que a todo o momento intervinha, cantando versos com melodias do folclore e de compositores "clássicos" ou populares. Mas além da poesia e da música ainda havia a imagem, a projeção de lâminas coloridas numa tela de fundo, visando a convocação simultânea de mais de um sentido, a fim de que aprendessemos "totalmente" o assunto.

Esse intúito tão acertado de lançar mão de várias artes, por vêzes surtiu pleno efeito, porem, doutras feitas apresentou uma decalagem entre a projeção e a "letra" que era recitada, em parte por fôrça da cisão que havia entre o grupo dos intérpretes e a imagem, que se encontrava distanciada dêle (grupo), o que não ocorreu nos momentos em que a imagem refletiu-se sôbre todo o palco, envolvendo os recitantes e a cantora em suas côres e formas. Nessa hora deu-se o amálgama mágico, "vital", entre as solicitações auditivas e visuais, um campo se tornou catalizador do outro.

Quanto à interpretação de "Os Jograis", de um modo geral foi de bom teôr, sem a declamação obsoleta, utilizando-se das mudanças do "solo" para o conjunto de vozes, que afastavam a monotonia e permitiam uma obtenção de expressões muito mais ricas do conteúdo dos poemas. Algumas peças como "Evocação do Recife" e "Os Sapos" de Manuel Bandeira, "Carnaval Carioca" de Mario de Andrade, "Trem de Alagoas" de Ascenso Ferreira resultaram numa audição magistral, sem a menor falha, que realmente hipnotizou o público. A parte musical contou com uma voz ágil, forte, com um brilho sem retórica, natural, uma vivacidade espantosa em certas ocasiões e noutros momentos uma emoção convincente, como foi o caso de "Ismália", o poema simbolista de Alphonsus, que obteve uma irrestrita salva de palmas. Gostaríamos, apenas, que Inezita Barroso insistisse igualmente num canto com "menos fôrça", a fim de variar um pouco a sua interpretação, do que julgamos bem capaz, pois em certas passagens o demonstrou.

Esse foi o espetáculo que se assistiu no teatro da Rua Alcino Gunabara, espetáculo de bom timbre, que fala a favor de seus intérpretes, de seu inteligente organizador e do público.

INESITA BARROSO

"Quarteto Rádio Ministério" na União dos Músicos

SILVIO GUIMARÃES

NO último concerto da série da União dos Músicos no Auditório do M. E. C., apresentou-se o Quarteto Rádio Ministério composto dos seguintes artistas: Santino Parpinelli, 1.º violino, Marcello Pompeu, 2.º violino, Ulrich Danemann, viola e Eugen Ranienvsky, violoncelo.

Trata-se de um conjunto que, apesar de constituído recentemente já revela um considerável grau de homogeneidade indispensável no gênero. Esta identidade transparece não sòmente na segurança dos ataques, na igualdade do fraseado quando passa de um para outro instrumento, mas também no plano sonoro, na afinidade entre os integrantes do quarteto. Estamos, portanto, diante de um grupo de artistas que atingiu a unidade necessária para abordar com segurança as obras mais importantes do gênero. Isto constitui um fato auspicioso pois nos encontramos, há bastante tempo, desfeitos os quartetos "Borgerth" e "Iacovino", à mercê de esporádicos concertos de conjuntos estrangeiros ou da audição de gravações. O repertório nacional deixou de figurar, durante muito tempo, com evidente prejuízo para a nossa música, nesta categoria de concertos.

É claro que nem tudo anda perfeitamente no conjunto. Seria exigir demais de um quarteto tão novo ainda — e o gênero exige anos de trabalho para aproximar-se da perfeição — que atingisse, em todos os sentidos, aquilo que nos habituamos a encontrar em conjuntos mais antigos. A interpretação, embora a dinâmica seja obedecida e o fraseado se apresente por vêzes inspirado, é demasiado simplista. Não se trata da simplicidade e da sobriedade a que chegam os grandes intérpretes após um longo e fecundo amadurecimento. Trata-se ainda, a meu ver, de insuficiente maturidade, de certa pobreza de idéias que prejudica a interpretação, uniformiza a execução de obras inteiramente diferentes que exigem, por isso mesmo, tratamento desigual.

Ouvimos os Quartetos de Dvorak (Quarteto Americano), em Fá Maior, e de Radamés Gnattali (Quarteto Popular).

O Quarteto de Dvorak é obra muito conhecida que, dada a exiguidade desta crônica, deixaremos de comentar.

O Quarteto de Radamés é um trabalho de grande inspiração, de alto vôo, e seu segundo movimento, **Lento**, trabalhado sôbre um tema de **"modinha"**, constitui, na minha opinião, uma das mais belas páginas do repertório nacional. Sendo, se não me engano, datado de 1940, bastante antigo portanto, é espantoso que não seja ouvido com mais frequência entre nós. Eis aí o tributo que pagamos pela ausência de conjuntos de câmara estáveis em nossa capital. A obra tem unidade e fôrça expressiva e interêsse. Poderia talvez [illegible]

(Conclui na 14.ª pág.)

RECITAL IVY IMPROTA

BRUTUS PEDREIRA

A União dos Músicos do Brasil, prêmio com programa de realizações merece o mais amplo e irrestrito apoio de quantos se interessam pela difusão da cultura musical neste país, apresentou, domingo, 16 de dezembro último, no auditório do Ministério da Educação, um recital da pianista Ivy Improta. Foi a segunda vez que a ouvi. Da primeira há seis anos, quando arrastava uma longa convalescença na quietude de Niterói, condenado à melancólica restrição de só ouvir música pelo rádio, guardei o nome da recitalista que chegava até mim se mal não lembro, num dos programas das "Horas Musicais", e a impressão de que aquele nome haveria de repercutir em nosso meio artístico. Reviravoltas da vida afastaram-me da Música e dos músicos; o tempo escoou impedindo-me a frequência dos concertos e só agora, neste fim de ano que acaba de passar, tornei a ouvir, desta vez em pessoa, Ivy Improta. Sabia por comentários de amigos melômanos, do talento da pianista e de haverem seus estudos sido feitos sob a orientação de Mestre Tomás Terán, o que é garantia de seriedade artística e perfeição técnica. Entretanto, tal fato em nada influiu na minha apreciação do recital no Ministério da Educação. Já me foi dado verificar que, se nas mãos de professores medíocres podem sair artistas de valor (haja vista o caso Carlo Zecchi), a ação dum grande mestre pode, também, ser reduzida pela deficiência de dotes do aluno. Em Ivy Improta, porém, a [illegible] do mestre foi [illegible] pelas qualidades da discípula. Dos dados biográficos transcritos no programa do recital vi que Ivy Improta é mais um [illegible] e desmentido ao que diz o velho provérbio alemão: "Os meninos prodígios, quando crescem, ficam só meninos. Os prodígios vão embora". O prodígio em Ivy Improta, cedeu o lugar ao amadurecimento, e a admiração do público, que a pouca idade da menina despertara, provocam-na, agora, as qualidades da moça artista. No transcorrer de seu recital, uma das coisas que mais atraíram a minha atenção foi a dignidade com que põe a sua técnica segura, nítida, fácil ao inteiro serviço da obra executada. Os autores, para traçar as linhas gerais de interpretação de suas composições musicais, dispõem de têrmos e sinais que, por sua elasticidade e as inúmeras gradações que comportam, constituem verdadeiras facas de dois gumes. Oferecem aos executantes as possibilidades de serem intérpretes no mais alto sentido da palavra, e não simples máquinas reprodutoras, mas facilitam-lhes, também, ocasiões de sacrificarem a inteireza da obra interpretada a seus brilharecos pessoais. Nesse êrro não incidiu Ivy Improta. A execução de seu programa, iniciado com as "Cenas Infantis", de Schumann, e encerrado com as "Impressões Seresteiras", de Villa Lobos passando por Chopin, Granados, Albeniz, Mignone, Siqueira e Guarnieri, valeu para atestar a respeito da recitalista as intenções dos autores e seu versátil talento de intérprete. Se bem que filiados direta ou indiretamente ao Romantismo os autores incluídos no programa apresentam características de época e de nacionalidade que os diferenciam e essa diferenciação Ivy Improta tornou-a evidente, com segurança e autoridade. Esta palavra — autoridade — é a que nos vem à mente ao relembrarmos o recital de Ivy Improta. Nada de devaneios pessoais, de caprichos, de sobreposição da própria personalidade à do autor, fato que não raro se verificam em pianistas categorizados. A impressão que Ivy Improta nos dá é de que a intérprete sabe, perfeitamente, o que faz, como o faz e porque o faz. Não conheço maior elogio que se possa fazer a um artista. Neste caso, porém, não é só elogio. É, principalmente, um preito de justiça. De para e simples justiça.

NOSSA PRÓXIMA EDIÇÃO

PARA TODOS n.º 18

estará nas bancas do Distrito Federal e de S. Paulo, quinta-feira, 31 de janeiro de 1957.

O BOIZÃO

Conto de MIGUEL ANGEL ASTÚRIAS

Ilustração de VENTURELLI

(Tradução de Antonieta Dias de Moraes)

ENDURECIA-LHE a bôca de silêncio e só remoendo os molares sentia a existência dos dentes na sala onde a única visita muda era sua língua.

Afiar as garras e os dentes rangendo-os. Aguçar os olhos, negros de raiva, piscando. As pálpebras pesadas, fôfas de sono e cansaço. Poderia suceder o pior e por momentos passava o revés da mão pela testa, enquanto as orelhas, grandes e peludas, enchiam-se de um algodoento rumor de água moída na roda do trapiche grande, bagaço da espuma que prateava o madeirame.

Caiduna, sua mulher, esperando ouvi-lo, sentada ao lado nas grades da ponte, a ponte grande que no verão era imensa para tão pouco rio e no inverno, quando desciam as cheias, tremia como um inséto apesar de ser ferro. Caiduna olhava-o. Tendo-o perto para que o olhava. Necessitava falar. Entrecerrados os olhos chorosos, pensava nos filhos. Anacleto e Serapito, ontem, anoitecendo, entranharam-se no monte, para não cair nas mãos de uns soldados que não sendo de ali, como saber de onde eram. Aquêle que lhes caisse nas mãos seria fuzilado, sem mesmo perguntarem-lhe o nome. Apenas o Boizão, seu homem, ficara, por ser voluntarioso. Mas desde que amanhecera ela andava rondando-o para que se fôsse quanto antes. Estalava os dedos, mudava de posição ao seu lado, suspirava. Não aguentou:

— Já está tudo pronto... — disse, e efetivamente do rancho não ficaram mais do que as paredes, o teto e o chão de terra. — Já está tudo pronto, já embrulhei tudo e pus na cêsta, e essas cousas vão no saco.

O Boizão, de hábito manso, estava mudado. Outra natureza. Outro ser. Banhou-a num olhar de ódio, de ódio bruto que vai agredir um ser indefenso, só porque não o compreende, porque não lhe adivinha os pensamentos.

— És pai, tata, mas meu coração me diz que estás em grande perigo e o certo é partir para o monte...

— Não estou em nenhum perigo...

— E que escondes lá então...

Nem lhe respondeu. Contentou-se em apoiar a mão direita no paredão e pôr-se de pé de um salto, empinar-se e sondar o horizonte, do lado em que se acachapavam as colinas deixando à vista um pequeno vale.

— Ai, que boba! — disse a si mesma para mudar de assunto — por ir tão apressada esquecia os tomates...

E correu para o rancho. Na parte dos fundos formara uma pequena horta e semeara árvores frutíferas.

O pranto aquecia-lhe o rosto. Como nas suas mãos os tomates, pesavam-lhes nas faces bagas de lágrimas. Não compreendia bem porque, mas sabia que já não eram donos da terra que lhes doara o govêrno. De favor dera-lhes o govêrno a terra, mas outros soldados, sem mais lei que a fôrça, a arrebatavam.

Um frio intenso subiu-lhe à cabeça, da nuca à testa, entre os cabelos, como se lhe tivessem atirado água de granizo, ao passear-lhe de uma fronte a outra o pensamento de que pudesse suceder algo ao seu homem ou aos seus filhos. Apressou-se em seus afazeres e com os dedos impacientes de mágua apanhou um machado que Anacleto, seu filho, deixara oculto, para cortar as raizes das árvores frutíferas recém-plantadas.

— Que Deus me perdoe! — dizia com voz trêmula — mas por que deixaremos para o rico o que nada lhe custou? Mais vale, vale mais que estas laranjeirinhas jamais adocem a garganta de tantos malditos! Se soubéssemos que voltariam a ficar com tudo semearíamos veneno...

Boizão não a via destruir as árvorezinhas. As fôlhas e as lágrimas caiam, absorto como quando junto à ponte sumia-se em, quem sabe que pensamentos, velando algum mistério, algo que ia suceder.

— E veneno é o que melhor daria em terras tão sofridas, tão regadas pelo suor de gente pobre, para engordar a bôlsa do patrão... Tão sofridas, tão... tão... tão...

E a cada tão, o machado entrava e saia das raizes das árvorezinhas, algumas já enxertadas, e as ferias de morte...

— Depois de proteger-me tanto das geadas que até em trapos me envolviam como a um cristão — há-de dizer esta plantação de laranja sem semente — agora estão me ferindo a machadadas...

Riu-se. Todos os dentes brilharam no seu rosto moreno, requeimado, rubro-negro. Mas com riso amargo, sem som, riso de dentes que quisessem morder, despedaçar...

Afligia-se sozinha, sozinha e por tudo, porque tudo estava cheio de angústia. Ao suor de sua faina destruidora, já ia alto o sol, mesclava-se o pranto, água inútil e ruim, que por ser salobra é triste. O pranto nunca pode ser alegre. E, no entanto, aquela vez, quando lhe entregaram as terras com tudo, e mais a escritura, chorou de alegria, de gôsto que lhe inchava o peito e a impelia a juntar as palmas das mãos para aplaudir, enquanto dava infinitas graças a Deus, à Virgem do Rosário e a São Mateus, por lhes haverem dado sua terrinha.

E o Boizão?

Continuava, ora sentado, ora de pé, ou empinava-se alerta a quem sabe que mistério. O sol começava a queimar. Os iguanos empolavam-se, nos troncos, entre a luz e a sombra de alamedas de ramagens que baixavam, com sêde de terra adentro, a lamber as areias do rio.

De repente, Santo Deus! um ruido que se ouvia repercutir de muito longe. Reinou em seguida o silêncio. Caiduna com o susto descansou o machado. E não teve tempo de o reerguer. Outro imenso estrondo mais próximo. Correu a buscar proteção na casa vazia. Tempestade em sêco? Terremoto no céu?

Da casa espiou para ver o Boizão. Naiquê continuava em seu pôsto, imóvel, firme, apenas a cada estrondo tirava o chapéu e coçava a cabeça com o cabo do machado, para não soltá-lo nem enquanto se coçava.

A água, espumas e cristais, alheia ao que se passava, prosseguia, saltando, sua alegre cantilena, por entre os dentes da roda do moinho do trapiche, por momentos em longas madeixas líquidas que fluiam e se esparramavam em borbulhas e brilhantes, para em

seguida, após o rouco avanço da roda, produzir um ruido de torrente que se despenha, água que novos dentes aprendiam para cortar aquêle momentâneo desabar de profundas chuvas e convertê-lo em sonoro choque de superfícies rolantes, entre espumaradas e retalhos de arco-íris.

Um momento mais e tudo desaparecera. Caiduna viu, da casa. Pôs-se a apalpar os olhos para saber se os tinha, se tinha olhos, para ver aquilo que não via. As pupilas, as pálpebras, as sobrancelhas... Tudo desaparecera, o moinho, a roda, a ponte e seu homem. Aterrorizou-se, as pernas frouxas, a bôca viscosa, o estômago feito um nó. Aonde estava o Boizão? Do lugar em que acabara de vê-lo, antes do último estrondo, não ficara nada, em meio ao desmoronamento jazia o rio que se esforçava por cobrir com as águas de sua corrente, o escombros da ponte que tentavam sujeitá-lo. E por cima, lá em cima, por cima, uma imensa sombra com asas, um rugir de animal de ferro, que apenas se viu passar.

Caiduna saiu do rancho, enlouquecida de susto e dor. Por entre as árvores queimadas, as pedras derrubadas, os bastiões caídos da ponte, abria caminho, sem saber para onde dirigir seus passos, buscando, indagando com os olhos anhelantes e o alento suspenso, algum indício. Algum trapo, algo que lhe indicasse onde havia caido o Boizão.

Entardeceu, veio a noite e ela sem encontrar rastro. No intrincado das trevas, por onde tantas vêzes antes, enquanto escasseava a luz, passara olhando com os olhos quase fora das órbitas, retornava agora na obscuridade, tateando como cega, chamando-o, gritando:

— Naiquê Boizão Cuyquê!... — dizia-lhe todo o nome — Naiquê Boizão Cuyquê!

....

Os sapos, as rãs, os grilos, as pedras e areias que seus passos tontos de cansaço deslocavam para baixo, pareciam repetir, ecos que se tornavam calhaus: Naiquê Boizão Cuyquê!... ou apenas... Naiquê Cuyquê!... Naiquê Cuyquê... seu verdadeiro nome, porque o de Boizão puseram-lhe no quartel quando fêz o serviço militar, por forçudo e bom.

Secavam-lhe as lágrimas nas faces como restos de tripas geladas. A geada do amanhecer esvaziava-lhe o rosto. Nem seus filhos, Anacleto e Serapito, perdidos no monte, nem seu homem, nem suas sementeiras.

Sòmente a casa vazia a ela. Ninguém sabe como viveu êsses dias.

Do monte, quando andam fugidos, voltam os homens; magros, fatigados, ausentes, barbudos, esfarrapados, mas voltam: só da morte não se regressa... Falar... Para que falar... Do monte voltam os homens... E agora já há os netos. Filhos dos filhos dizem que não são verdadeiros netos, mas que sabem os outros... São seus netos, verdadeiros netos, pois se parecem, tal se fôra um retrato vivo, ao avô!

Do monte voltam os homens, só da morte não se regressa... E não pôde recolher nem um trapo do Boizão, nada, como se nunca houvesse existido.

— Conte, Nana Caida...

—Ah, foi uma vez, uma vez fomos ricos, fizeram-nos ricos, havia um govêrno que tornava as pessoas ricas dando-lhes terras! Estão ouvindo? Nós não pedimos... Chamaram seu avô, Naiquê Cuyquê, à praça da aldeia e ali, sob as árvores, eu fui com êle, estou vendo como se fôsse hoje... Seu avô era muito forçudo e bom como o pão de milho... Mas o que se chama bom... Na praça, sob a ramagem, havia muita gente da cidade, e um dêles tomou a palavra, falou muito e muita cousa do que disse não entendemos. O certo é que não falou debalde, porque ao fim nos entregou a escritura da terra que nos tornava proprietários, donos, verdadeiramente donos, proprietários de terra própria...

— E' como um sonho, Nana Caida — observou a neta que já ia à escola.

— Deve estar na história...

— Não, isso não está...

— Então minha filha, tiraram. Não põem o que não lhes convém. Mas, como estou contando, aconteceu.

— Por alguma razão, não é avózinha, a "fessora" diz que a história é uma velha que viu muitas cousas.

— Quando diz a verdade, porque os velhos, como a história que se compara a uma velha, também se tornam mentirosos. Não porque esteja mentindo no que estou contando, e que deveras, deveras aconteceu; repartiam a terra para os pobres...

— Aqui?

— Sim, aqui... Ah, se nos vissem quando voltámos da aldeia com a escritura de proprietários! Digo-lhes que três noites não dormimos... Afrouxaram-me as juntas de susto... Ai, mas quando se começou a trabalhar, quando o avô arregaçou a camisa e se dispôs...

— E essas terras, avó, onde ficam...

— Ficaram, porque se tornaram como terra de outro lugar, de outra terra, tal foi a maldição que caiu...

— Os ricos novamente as tiraram...

Depois de um longo silêncio e de piscar lentamente, dizia a Caiduna, encanecida e enrugada, unindo os lábios para melhor pronunciar as palavras:

— Nem para êles, nem para nós, para devolvê-las aos gringos, ou a gente de outra parte... Por isso nos atiraram bombas do céu...

— Foi então que nunca mais se soube do avôzinho...

— Então... Meus filhos passaram por ali. Só tiririca e espinhos por todos os lados. Não posso imaginar assim. Vejo como era, como vi, antes de que o avião dos gringos acabasse com tudo num dizer amém, com o moinho, com a ponte, com o Boizão... com tudo... Carne — dizia baixinho, para escutar a si mesma — carne terra pareciam as terrinhas... carne... Carne como a nossa, como vocês, porque a terra própria é como nossa carne, é um pouco a mãe que se torna filha quando o filho cresce.

— E para que a tiraram se não a cultivam?

— Para tê-las como propriedade e nada mais... E' o que os estrangeiros queriam, arruinar-nos a todos, com as terras ociosas, para continuarem sendo donos de nossa miséria, de nossa ruina, de nossa pobreza...

— Foi um sonho, Nana Caida!

— Sim, um sonho, como o fogo aceso no descampado, apagou-se logo.

— Mas tornará a acender...

— Menina!

— Assim disse a "Fessora". Um incêndio que queimará tudo, porque ficaram as faiscas voando e as idéias não se apagam.

Caiduna calou-se. Acariciava em seu regaço a cabecinha da neta Augustina, dizendo-lhe ao ouvido:

— E tudo isso repetes como um papagainho...

Outros pensamentos a devoravam. Os homens também regressaram da morte. Um incêndio que queime tudo e devolva a terra às mãos de seus legítimos donos, os filhos do país, marcará o regresso dos que como Naiquê Boizão Cuyquê morreram e desapareceram, vítimas dos gringos que os bombardearam do céu. E então se há-de ver, entre a alegria do povo o símbolo de seus penachos de plumagens fumegantes.

A SECRETA AMBIÇÃO

Conto de MARIO PONTES

Ilustração de RACHEL

NOSSA CIDADE viu o trem de ferro pela primeira vez em 1910, e desde então Manoel do Nascimento Monteiro trabalhava nas agulhas. Durante muitos e muitos anos a estação continuou pequena e pouco movimentada, não comportando mais de dois funcionários: o agente, também telegrafista, e ele, Manoel, encarregado dos serviços de despacho, limpeza e sinalização. O agente era um homem de meia idade, com uns quinze anos de estrada, calvo e vermelho, bem humorado e vivo como uma borboleta. Tinha por hábito ler os contos da "Boa Nova" e decifrar a carta enigmática da "Fanfarra". No mais, era um honrado cidadão de Entre-Rios, amante da família, dedicado à Rêde e inimigo da política. Costuma-se dizer que duas pessoas vivendo muito tempo em comum, acabam por aborrecer-se e odiar-se mutuamente; é, porém, se dava às mil maravilhas com o seu dedicado auxiliar. Quando estavam ambos de folga e que sucedia frequentemente, o chefe da estação vinha para a plataforma — onde sempre se encontrava Manoel a fumar um cigarro de fumo bruto — e então conversavam horas a fio. Na verdade o agente conversava sozinho: comentava casos, narrava histórias e o agulheiro a escutá-lo silenciosamente. De raro em raro pontilhava seu mutismo com grunhidos que as pessoas experientes traduziam por "sim", "não", "foi?", "talvez" etcetera. Ou então se coisa alguma dizia, esboçava uns sorrisos apagados e intradutíveis, que tanto poderiam ser de satisfação como de sarcasmo. Não era de admirar, portanto, que até mesmo um tagarela da marca do agente se cansasse de falar sozinho e voltasse para suas curiosidades e cartas enigmáticas, deixando Manoel na plataforma a fumar seus intermináveis cigarrões enrolados em papel de embrulho. Permanecia dias inteiros nessa postura, se não houvesse o que fazer, mordiscando a ponta do bigode amarelado pela nicotina e tremelicando as pálpebras como se estivesse ofuscado. Às vêzes puxava o boné para os olhos e adormecia.

— Não entendo o Manoel — dizia o agente que se gabava de ser um bom conhecedor da alma humana. — Faz uma vida que trabalho com êle e não posso dizer com certeza se já o escutei falar dez vêzes... E nunca vi tal homem demonstrar o menor interêsse por coisa alguma dêste mundo. Tudo que a gente dá para êle fazer, faz bem feito com abrir e fechar de olhos. Não tem nem uma falta em sua carreira de funcionário... que nunca fêz carreira. Eu aceito muito satisfeito com seu (rocambolesco). Recebe elogios a três por dois dos superiores, mas nem lhe dá na telha que com isso só é preciso mesmo abrir a bôca para atanjar seja o que fôr. Eu? Posso lá entender tal homem!...

Observa ainda que Manoel não amava coisa alguma, nem mesmo a estrada, que era a própria vida para os bons ferroviários, um pedaço do coração — arrancassem-no e morreriam irremediàvelmente.

— Eu por exemplo — particularizava, alisando nervosamente a calva côr de pimenta —, eu ficaria doido se não pudesse mais escutar o apito das locomotivas e o tac-tac do morse. Já o Monteiro... É uma pedra meu caro, não sabe o que é amor nem ambição!

Aí era que o agente enganava-se. Em 1902, ao tempo que o prolongamento da ferrovia começava a ser construído, Manoel tinha vinte anos e acabava de receber, por herança do pai, cinquenta bra-

ças de terra sêca meia légua ao norte de Entre-Rios. A vida não lhe corria muito bem por essa época: casara-se, mas a mulher havia adoecido aos primeiros sinais de gravidez; pior, no entanto, era nada ter arrancado da terra, pois embora tivesse chovido de fevereiro a abril, o verão começara em maio, exatamente no período da floração. Para não ver a mulher passar privações Manoel deixou a terra e empregou-se de cassaco na construção da ferrovia, permanecendo oito anos nessa mesma situação. Logo que os trilhos chegaram a Entre-Rios, mandaram-no ocupar o pôsto de agulheiro, com que foi efetivado no quadro de funcionários da estrada. No ano seguinte, casou-se novamente com uma viuva que vendia café nas proximidades da estação. A primeira esposa morrera aí por meados de 1903 e com ela o filho que trazia no ventre. Manoel desejava um filho, um ou uma dúzia, mas durante os quinze anos que durou seu segundo matrimônio, não houve jeito de que tal desejo fôsse satisfeito. Isto, talvez, tenha contribuido para que se tornasse ainda mais silencioso do que fôra antes.

Tornou-se familiar na cidade a sua figura pequenina, outrora ereta e firme, porém cada vez mais encurvada e vacilante com o passar dos anos. O rosto moreno e miúdo já adquirira muitas rugas, e como essa flacidez dificultasse o trabalho do barbeiro, êle andava quase sempre com uma barba de quinze dias. E todos já haviam notado que o velho possuia o hábito esquisito de andar sempre com um pé na alpercata e outro descalço. Era familiar não só na cidade; de uma ponta a outra da estrada, poucos funcionários ignoravam o nome de Manoel Monteiro, o agulheiro de Entre-Rios, que raras vêzes fôra visto a falar, mas que no seu silêncio guardava a crônica de gerações de maquinistas, guarda-freios e chefes-de-trem. Aliás, havia muito deixara de ser Manoel Monteiro — ou simplesmente Monteiro e Nascimento — exceto para os mais antigos, que escassearam de ano para ano: agora era Manoel Agulha, por evocação de idéias da gente nova à profissão que exercia. E êle próprio quase esquecêra o nome de batismo; havia mudado, como tudo o mais — à exceção de sua alma, que permanecia a mesma, e com isto o que ninguém sabia.

Estava certo o agente ao observar que o seu agulheiro não amava a estrada, não sendo, portanto, um ferroviário autêntico. Na verdade, tornara-se cassaco por contingências alheias à sua vontade, e se fizera agulheiro por lhe terem mandado tomar conta das agulhas. Simplesmente obedecêra ao entrar por aquela porta. E tendo entrado, não sabia como sair. Era incapaz de achar palavras para dizer aos superiores que não queria mais trabalhar na estrada, tanto quanto para pedir-lhes uma promoção...

Onde o agente enganava-se era em sentenciar que Manoel não possuia amor nem ambição. Possuia ambas as coisas. Vindo para a Rêde de Viação, separara-se de seu pedaço de terra mas nunca se desfizera dele, como haviam feito os irmãos, agora mortos ou espalhados pelo mundo. E embora trinta e oito anos o distanciassem de sua vida de agricultor, sentia-se cada vez mais próximo dela, era com ela que sonhava todos os dias na solidão da plataforma. Imaginava-se um outro Manoel, despojado da túnica incômoda e do boné com pala de celulóide. Via a si próprio de calças arregaçadas, chapéu de palha enterrado até as orelhas, os seus pés chapinhando na terra lamacenta, as mãos arrastando o peso de uma enxada de três libras... O destino, todavia, passava ao largo dos seus sonhos, os anos sucediam-se, o trabalho aumentava sempre e êle já nem tinha tempo para os furtivos passeios de outrora à propriedadezinha invadida pelo matagal...

No verão de 1940 o movimento da estrada foi excepcional. Com a guerra, oiticica e mamona haviam duplicado de preço. A safra do município de Entre-Rios fôra das melhores naqueles últimos dez anos. Os trens de passageiros foram aumentados e diàriamente chegavam de dois a três cargueiros, mesmo assim insuficientes para transportar as montanhas de oiticica que se acumulavam nos armazens dos prósperos comerciantes da cidade. O trabalho de Manoel também foi duplicado, apesar da estação já contar, por êsse tempo, com quatro funcionários. Não raro entrava pela noite, às vêzes ia dormir quase na hora de despertar, e já não lhe era possível cochilar na plataforma entre um e outro cigarrão de fumo forte.

Não era homem para fàcilmente declarar-se cansado, mas sentia-se exausto ao término do verão. Afinal era um velho (tinha 38 anos de estrada e quase 60 de vida trabalhosa.

(Conclui na 14.ª página)

Pássaro aflito

Conto de E. CARRÊRA GUERRA

Ilustração de INIMÁ

A mulherzinha, pingando água, chorava. Fêz parar o lotação e foi entrando atarantada: — "Moço, vai passar no Pronto Socorro?"

Trazia nos braços uma criança inerte, enrolada em trapos. No chôro manso, sem soluços, as lágrimas lhe desciam pelo rosto, a fio comprido, misturando-se com a água da chuva. O imprevisto da cena deixou a pergunta sem resposta. "Moço, vai passar no Pronto Socorro? Minha filha está quase morta..." A voz era humilde, excessiva, irritantemente humilde, a ponto de encobrir a aflição que a agitava. Sentou-se a meu lado, no único lugar vago que restava. Mas, naquela agonia de segundos, ficou na extremidade do banco, em suspenso, desajeitada.

A chuva de verão abrandara o calor. Reparei no vestido ordinário, sujo, no nariz pingando água e na mão direita que amarrotava fortemente uma nota de uns poucos cruzeiros. Quantos? Não consegui apurar. Seu ar aflito, atarantado, transmitia um mal estar aos passageiros. O carro parara. E aquela pergunta inoportuna pesava na atmosfera. "Moço, vai passar no Pronto Socorro?" Que haveriamos de responder? A mulherzinha entrara como um pássaro aflito pelo lotação a dentro e agora esvoaçava por ali batendo com as asas pelas janelas, roçando sôbre nossas cabeças, sem encontrar saida. De onde surgira aquela figura? E logo de manhã! Que começo de dia! Na certa descera de algum daqueles morros facelentos, sem nome, ou viera, de chinelos, assim como estava, do fundo de uma cozinha. Agora estava ali chorando com a filha inerte nos braços. Inerte como uma boneca. Só assim se poderia comparar com uma boneca. Inerte. A cabecinha rala de cabelos despontava dentre os trapos. Não demorei a vista. Estava inerte. E a pergunta carecia de resposta: "Moço, vai passar no Pronto Socorro?" Que idéia! Não há lotação que passe pelo Pronto Socorro. Tôdo mundo sabe disso, mas ninguem respondia. O carro parado. Uma estupidez completa me paralisava. A mulherzinha ali a meu lado, na ponta do banco, e eu incapaz de articular palavra. Quase morta?... Era o que ela pensava. Sendo mãe, recusava-se a admitir a fatalidade. Estava morta, muito provàvelmente já estava morta. Para que ir ao Pronto Socorro? Inútil. Absolutamente inútil. Não há mais remédio. Mas êsses argumentos ficavam encerrados dentro de mim. Naqueles segundos lentos, o carro parado, os passageiros estarrecidos, a pergunta da mulherzinha parecia flutuar dentro da camioneta, aumentando o calor e o mal estar. Ocorreu-me, sim, ocorreu-me meter a mão na carteira, tirar um dinheiro maior e dizer-lhe: toma, vai, pega um táxi, talvez ainda haja tempo! Não por caridade, é claro. Mas para afastar aquela mulherzinha dali, para não contemplar aquêle rosto escuro, afogueado pela emoção, para não ter junto a mim aquêle ser humilhado, miserável, lacrimoso. Não. Lágrimas não me comovem. As mulheres choram demais. Banalizam as lágrimas. Chôro de homem é outra coisa. Impressiona porque é raro, difícil. Mas nada disto explica ainda a estupidez que me paralisava. Podia ter indicado à mulherzinha outro hospital mais perto, o Hospital Menino-Jesus. Por que não leva sua filha lá? Pode ir a pé. E' pertinho daqui. Por que calei? Quem sabe não teria resolvido o problema? O menino Jesus salvava a menina pretinha... Nada fiz. Nem um gesto. A pergunta me sufocava: "Moço, vai passar no Pronto Socorro?" Quase morta... Seria melhor assim. Não voltava para o barraco. Não cresceria na lama, na miséria. Era caso de alegrar-se. No entanto, as lágrimas da mulher denunciavam outra opinião. Tôda sua fôrça parecia concentrar-se na mão que amarrotava a nota. De quantos cruzeiros? Dez? Vinte? Os únicos que possuia, com certeza. A boneca inerte, entre os panos úmidos e ela atarantada, aflita, esperando uma resposta. Minha senhora, acalme-se. Tenha esperança. A vida é assim mesmo. Olha, vai à farmácia ali em frente. A senhora irá ao Pronto Socorro. Sua menina se salva, tenha esperança... Devia ter dito, mas não lhe disse nada disto. Nem uma dessas frases e mentiras costumeiras, que servem para consolar. Não custaria por-lhe a mão no ombro e pausadamente dizer-lhe: Acalme-se... tenha esperança... Mas estava com pressa. Ia para o serviço. Todos no lotação iam para o serviço. Tinham hora marcada, compromissos. E aquêle pássaro aflito nos atrasava a viagem. Aquela pergunta impertinente nos azedava o dia. Afinal de contas, que mal lhe fizéramos nós? Que tinha eu com a doença da menina? Por que não saltava duma vez?

— Moço, vai passar no Pronto Socorro?

O chofer, passada a surprêsa, recobrando-se do minuto de estupor, respondeu secamente:

— Não, não passa no Pronto Socorro. E' melhor a senhora saltar e pegar um táxi.

— Ai, meu Deus! gemeu a mulherzinha, e descendo afinal do carro, chorando, com a filha morta ou quase morta nos braços, meteu-se outra vez na chuva.

para todos

RONDON, candidato do Brasil ao Prêmio Nobel

Um raro marechal, vitorioso nas batalhas da paz e do humanismo — O lema histórico nas relações com os índios: "Morrer se preciso fôr; m a t a r, nunca" — A grande expedição

DARCY RIBEIRO

UMA noite, numa aldeia dos Kadiweu, descendentes dos célebres Índios Cavaleiros do Sul de Mato Grosso, conversamos com um grupo dêles quando um velho interrompeu uma narração para indagar: — "E Rondon? Ainda está forte? Quando êle andou por aqui eu era rapazinho, êle também era homem moço. Hoje, dizem que êle é um velho e que quando morrer, índio não terá mais terra e poderá ser caçado como bicho. Não vai aparecer um Rondon novo que não morra?".

Pudemos sentir, então — foi isso há quase dez anos, quando iniciavamos nossas pesquisas etnológicas — tôda a enorme importância de Rondon para os índios, a gravidade de sua vida, porque, na verdade, devemos convir com aquêle velho índio, que sua morte seria uma ameaça. E cada funcionário do Serviço de Proteção aos Índios terá ocasião de confirmar êste medo, ouvindo, tanto índios como civilizados repetirem as mesmas preocupações e ameaças, tão generalizada é a convicção de que o amparo ao índio não seja uma política oficial do govêrno, uma exigência da opinião pública, uma imposição da lei, mas o fruto da obstinação que um homem, de Rondon.

RONDON encontra velhos amigos bororós

A CONDENAÇÃO INEXORÁVEL

Ao findarem-se os trabalhos do Comitê de Perito, em Questões Indígenas do Bureau Internacional do Trabalho, em Genebra, há dois anos, fomos convidados para uma entrevista com os delegados da Índia e da Birmânia. Vivamente interessados pelo que ouviram sôbre os princípios em que se assenta a política indigenista brasileira, queriam, — disseram — obter esclarecimentos. A primeira

Índio kuikuro do Xingu

pergunta foi sôbre Rondon, se era êle um discípulo de Ghandi. Quando dissemos que não, indagaram se eu próprio era um "juramentado" de Rondon. Depois de esclarecimentos através do intérprete sôbre o sentido daquela expressão, compreendemos que "juramentado" é na Índia aquele que jura não realizar por um longo período de anos, um só pensamento, sem ocupar jamais as mãos senão para uma tarefa a que decidiu devotar-se, como a alfabetização, a reforma agrária, o combate às endemias, ou a proteção aos povos tribais.

Êste segundo episódio nos ensina o quanto é atual e avançada ainda hoje a ideologia indigenista que já em 1910 estava amadurecida no Brasil, institucionalizada num órgão oficial e consubstanciada em tôda uma copiosa legislação. Isto nos mostra como, seguindo os ensinamentos de Rondon, nosso povo se adiantou nêste campo do direito social e, sobretudo, na ação prática visando a estancar o processo secular de dizimação que vinha ocorrendo desde 1500, quando a Europa começa a derramar-se pelo mundo como uma onda de ferocidade e cupidez, incapaz de convívio com qualquer povo tribal e representando para todos êles uma condenação inexorável.

TEMPO DE MORTE E CHACINA

Voltemo-nos, agora, para aquêles anos longínquos de 1865, quando nascia Rondon no pequeno e remoto povoado de Mimoso em Mato Grosso, de 1900 quando o jovem tenente Cândido Mariano da Silva Rondon, do corpo de engenharia, percorria campos e matas, plantando linhas telegráficas e iniciando já sua carreira indigenista; de 1909, quando o coronel Rondon, regressando de uma das mais arrojadas expedições jamais tentada, liderava no Rio de Janeiro a campanha para a criação do Serviço de Proteção aos Índios.

Até aquêles anos os índios estiveram entregues a seu próprio território como uma tormenta para o antigo ocupante. Sua só existência numa região era motivo de inquietação e clamor. E quando acrescia uma circunstância qualquer, como o valor econômico das terras que ocupavam, ou de si próprios como mão de obra, era a condenação.

Os que se opunham à expansão das frentes pioneiras que avançavam sôbre suas aldeias, eram dizimados. Muitas vêzes por chacinadores profissionais, os tristemente célebres "bugreiros", frequentemente estipendiados pelos govêrnos estaduais. Ainda mais dramático era o destino dos que se haviam submetido ao nosso convívio, já incapazes de defender-se, experimentavam condições de penúria às quais nenhum povo poderia sobreviver.

Assim viviam, assim morriam os índios do Brasil de 1910. E isto não ocorria apenas em igarapés ignorados da Amazônia ou nos ermos do Brasil Central, mas às portas ou à distância de um dia de viagem, de cidades como São Paulo, Blumenau, Vitória e Ilhéus.

MILITAR, ENGENHEIRO E GEÓGRAFO

A carreira humanística de Rondon tem início em 1890 quando, recém-formado na Academia Militar como oficial de engenharia, abandona uma cátedra de matemáticas e astronomia que lhe fôra oferecida e se propõe servir na construção das linhas telegráficas e estratégicas que partindo de Cuiabá se encaminhavam para o Araguaia. Já aqui, Rondon, movido por suas convicções filosóficas de positivista militante, age como o humanista, que seria. Dirigindo-se a Mato Grosso longínquo, na verdade êle se orientava para a aplicação prática de postulados de Augusto Comte, uma vez que ali poderia imprimir à tropa sob seu comando, aquela feição construtiva e pacífica que o filósofo francês propugnara para o advento do estado positivo.

Neste trabalhos, Rondon tem seus primeiros contatos com os índios, e os coloca, de imediato, sob a proteção das tropas que comandava. Assim, consegue a pacificação dos Bororos de Garças que constituíam até então sério obstáculo às comunicações entre Mato Grosso e Goiás e, ao mesmo tempo, eram vítimas dos mais cruéis trucidamentos. Em seguida, depara-se-lhe vai de encontro aos remanescentes dos Guaná, dos índios Cavaleiros, dos Ofaié, dos Paresi, fazendo demarcar suas terras, assegurando-lhes trabalho nas obras da Comissão, e a nutrição e o amparo de que careciam para sobreviver.

Amadurecido nestes empreendimentos como militar, como engenheiro e como geógrafo, Rondon seria incumbido em 1906 de uma obra ainda mais arrojada. O que lhe pediam agora era atravessar 250 léguas de sertões desertos do Noroeste de Mato Grosso e 300 léguas de floresta amazônica, nunca antes percorridas, para levar os fios telegráficos de Cuiabá ao Território do Acre recentemente incorporado ao Brasil, fechando assim o circuito telegráfico nacional.

A GRANDE EXPEDIÇÃO

Rondon aceita a emprêsa que a muitos engenheiros e militares parecera inexequível e se propõe ainda, ampliar seus encargos, a fim de proceder ao estudo científico da região que atravessaria, em sua feição etnográfica, geográfica, geológica, florística e faunística. E agora, já como indigenista militante, impõe uma condição inteiramente nova em empreendimentos desta natureza: as populações indígenas desconhecidas que encontrasse na região a devassar, deveriam ficar aos cuidados da Comissão, a fim de evitar que, mais uma vez, a penetração em um território novo, fosse acompanhada de calamidades e chacinas contra seus habitantes silvícolas.

Foram oito anos de ingentes esforços, de sacrifícios, de privações inenarráveis. Oito anos, também, cheios de realizações magníficas. Ao fim dos trabalhos, a Comissão construira 2.270 quilômetros de linhas telegráficas, a maior parte delas cortando regiões nunca antes palmilhadas por civilizados e através dos quais instalara 28 estações que seriam, no futuro, outros tantos povoados; procedera ao levantamento geográfico de 35.000 quilômetros lineares, de terra e de água; determinara mais de 200 coordenadas geográficas; inscrevera nos mapas do Brasil cerca de 15 rios, até então desconhecidos e corrigira erros grosseiros sôbre o curso de outros tantos. Esta a obra sem paralelo de construtor e do geógrafo.

Mas a ela se devem acrescentar as contribuições de Rondon para o conhecimento etnográfico, lingüístico, geológico, botânico e zoológico do Brasil interior. Para isto se fizera acompanhar por cientistas que seguindo as turmas construtoras, realizaram um balanço da natureza brasileira que desafia comparação. Fôra a mais arrojada penetração jamais realizada através dos sertões inexplorados do Brasil e a par disto, a melhor realizada e a mais fecunda. As coleções de artefatos indígenas, de plantas, de animais, de minerais que Rondon encaminhou ao Museu Nacional, perfizeram um montante maior do que tudo que aquela instituição reunira em um século de existência anterior. Os estudos de campo e a análise destas coleções dariam lugar a mais de uma centena de publicações que colocam Rondon no primeiro plano como incentivador do desenvolvimento da ciência no Brasil.

HUMANISMO, SOBRETUDO

Maior, porém, que a obra do geógrafo, do engenheiro, do militar, do cientista, foi a humanística. Num tempo em que junto à zonas povoadas, próximo de cidades modernas, os índios eram espingardeados como feras, Rondon, penetrando os sertões mais ermos, fôra ao encontro das tribos mais aguerridas do país, levando-lhes uma mensagem de paz e abrindo novas perspectivas nas relações das sociedades nacionais com povos tribais. Através de sua ação humanística, Rondon provara que era possível chamar a tribo mais hostil ao convívio pacífico da sociedade brasileira, por métodos persuasórios. Sua equipe havia atravessado territórios das tribos mais temidas, nos quais ninguém antes ousara penetrar, sem jamais hostilizá-las acabando por conquistar a confiança e a amizade de tôdas elas.

Dificilmente se encontrará em tôda a amarga história das relações entre povos tribais e nações civilizadas um empreendimento e uma atitude que se compare a de Rondon. Mesmo os missionários mais piedosos que evangelizaram os índios do Brasil quinhentista, jamais abriram mão do braço secular. Ao contrário, sempre apelaram para êle como o único remédio para a subjugação do gentio, condição para sua catequese. Em Rondon, é o próprio braço secular, é o próprio exército que, em marcha pelos territórios indígenas, abre mão de sua fôrça para tornar-se cordura e compreensão. Por isto sua legenda "MORRER SE PRECISO FÔR; MATAR, NUNCA", é também, o ponto mais alto do humanismo brasileiro.

MARECHAL RONDON

No correr dêstes trabalhos Rondon chamou ao nosso convívio mais de uma dezena de tribos até então virgens de contato com a civilização. E ainda formou uma equipe consciente da importância e da complexidade do problema indígena. Esta foi a escola indigenista brasileira, onde se formaram aquêles que iriam dedicar-se ao Serviço de Proteção aos Índios.

Índio bororo com adôrno de penas caudais de arara vermelha

Todos haviam aprendido na escola de Rondon a não apelar jamais para a fôrça física ou para a compulsão moral, ainda quando atacados. Aprenderam, sobretudo, que mesmo a tribo mais aguerrida está sedenta de paz e confraternizará com a civilização desde que se consiga convencê-la de que não está tratando com a mesma espécie de brancos com que até então se defrontara.

Grupo de homens com os corpos pintados de vermelho, branco e negro, numa aldeia do Xingu

ENFIM, AÇÃO DO GOVERNO

A divulgação dos feitos de Rondon mobiliza as consciências, unifica as ações para um movimento nacional de salvação dos índios que acaba por institucionalizar-se em 1910, no Serviço de Proteção aos Índios.

Chamado a organizar a nova instituição, Rondon aquiesce, mas condiciona sua participação à obediência a certos princípios ditados por sua experiência prática e inspirados por sua posição filosófica. O órgão deveria ser de assistência, de proteção e não de catequese, que esta, pressupondo uma crença religiosa, caberia à iniciativa privada, assegurando-se para isso ampla liberdade de pregação e de culto junto aos grupos indígenas.

Nestas bases é organizado o Serviço de Proteção aos Índios, instituído por uma lei em que pela primeira vez em toda o mundo, se estabelecia como um princípio de direito o respeito às tribos indígenas como povos que tinham o direito de se realizarem, de conservar sua individualidade, de professar suas crenças, enfim de viver segundo o único modo que sabiam viver, aquêle que aprenderam de seus antepassados e só muito lentamente poderiam mudar.

Outro princípio básico, firmado naquela legislação, era o da proteção aos índios em seu próprio território, respeitando-se sua organização tribal. Assim se punha côbro à prática secular dos descimentos que desde os tempos coloniais vinham deslocando os índios do seu "habitat" para a vida famélica dos povoados sertanejos onde se viam submetidos a tôda ordem de vexames e explorações e contaminados por tôdas as pestes da civilização.

Pela mesma lei se proibia o desmembramento da família indígena sob o pretexto de educar, de catequisar ou qualquer outro. Esta prática, a despeito dos fracassos clamorosos e até dos levantamentos sangrentos de índios revoltados pelo descaramento com que lhes tomavam os filhos era até então tida como meritória.

Mais tarde, reconhecendo a incapacidade objetiva do índio para interagir em condições de igualdade com os demais cidadãos, a lei atribuía-lhe um estatuto especial de amparo que, assegurando a cada índio, tomado em particular, todos os direitos do cidadão comum, levava em conta na atribuição dos deveres, o estágio de desenvolvimento social em que se encontrava.

A característica básica do programa que Rondon traçou para o Serviço de Proteção aos Índios é a perspectiva evolucionista em que foi vazado, a qual, reconhecendo, embora, o direito do índio a viver segundo seus costumes tradicionais, abre perspectivas de um desenvolvimento natural e progressivo pela iniciação em técnicas mais eficientes de trabalho que lhe assegurem um padrão de vida mais alto, em novos hábitos alimentares e higiênicos, n'uma visão mais objetiva e mais completa do mundo que façam dêle um índio melhor e não um simples marginal.

Para aquilatar-se a importância dêstes princípios e o caráter pioneiro de sua formulação naquêle Brasil de 1910 basta considerar que em 1956, a Conferência Internacional do Trabalho, reunida em Genebra, aprovou como recomendação para orientar a política indigenista de todos os países que tenham populações tribais, um documento inspirado em grande parte na legislação brasileira em que êstes mesmos princípios são enunciados como as normas básicas que devem disciplinar as relações com os índios.

TRABALHO PRÁTICO

Mas Rondon não ficou na formulação dos princípios. Colocou-se à frente do Serviço de Proteção aos Índios, como seu diretor a princípio, depois como orientador sempre vigilante. Até nossos dias, aos 91 anos de idade, permanece como Presidente do Conselho Nacional de Proteção aos Índios e ainda recentemente, frequentava diariamente a repartição, como o mais experiente, o mais dedicado, o mais vigilante dos servidores da causa dos índios.

Graças à vigilância de Rondon, diversas tribos indígenas gozam de plena garantia possessória das suas terras e o direito inalienável dos índios às terras que ocupam foi estatuído como princípio constitucional.

Mas, a situação e a vigilância de Rondon se fez sentir sobretudo nos graves momentos de crise em que interêsses inconfessáveis procuravam prevalecer junto aos poderes da República sôbre os direitos dos índios. Poderia se contar por centenas as intervenções e démarches que se viu obrigado a fazer, ora para

(Conclui na 14.ª página)

O Barão de Itararé escreve

IDÉIAS VÁRIAS DE FIM E DE PRINCÍPIO DE ANO

DEPOIS DO "RÉVEILLON"

ANTIGAMENTE, depois de um brinde de fim de ano, era costume partir-se a taça, obedecendo à idéia de que esta taça deveria servir para algum brinde, que, porventura, fosse menos leal.

Com o preço atual das taças e levando em conta a falta de sinceridade dos brindes de sobremesa, é claro que êsse hábito foi se modificando até chegar ao uso atual de se erguer, de longe, as taças, sem as tocar, ou tocá-las tão de leve, de modo que não se quebrem.

Assim, copos e taças não são mais partidos nos brindes. Quem se encarrega de quebrá-los é a copeira, na hora de lavá-los, pois sempre tem pressa em largar o serviço, para se encontrar com o amor. Justamente como nós faremos aqui em casa...

DURANTE O "RÉVEILLON"

NO "Cafe Society", às vêzes, também, surgem sutilezas de espírito. Estavam na noite de São Silvestre e numa reunião gastro-dançante, várias senhoritas mais ou menos debutantes começando a ficar enfaradas, quando se aproximou do grupo um jovem que, desejando dar um pouco de animação à festinha, comunicou aos brotos que era uma fera para as imitações.

— Ótimo! — exclamou afetadamente uma das grã-finas presentes. E acrescentou:

— Por que não começa imitando um perfeito idiota?

— Boa idéia — redarguiu, imperturbàvelmente, o imitador. — E, em seguida, perguntou-lhe:

— Quer casar-se comigo?

PREVISÃO PARA JANEIRO (VÁLIDA ATÉ ABRIL)

NESTE mês de janeiro, os cariocas entregam-se desbragadamente ao sensacional e elegante esporte da neve, em patins ou esquis. Êsses exercícios são praticados, em geral, na intimidade do lar, em trajes menores (em inglês "short") quando os funcionários voltam fatigadíssimos da repartição, cansados de não fazer nada e de esperar o abono de Natal. Deitado numa esteira, esteirado no chão, ou da Alemanha, com suas montanhas cobertas pela neve, e assim, passa duas horas, de papo para o ar, praticando seu esporte predileto, mentalmente, até se cansar, levantando-se, então, e indo até a janela para tomar um pouco de ar, e verificar como está quente lá fora.

A PROPÓSITO...

... de banho de mar, disseram àquele açougueiro, recém-chegado do interior, que, para tomar banho de mar, era preciso saber furar a onda. Êle, então, compareceu à praia, vestido de banhista e levando na mão uma enorme faca de ponta.

GRAMÁTICA VERANIL

O VOCÁBULO "calor", afinal, tem ou não tem acento? Mas, se não tem, por que aquele gramático afirmou numa roda que o calor no Rio se acentua cada vez mais? E, por que se acentua mais no Rio que em São Paulo? E por que não se trata a sério da unificação ortográfica? A sério e friamente?

DE MODAS E DE MODOS

✪ *Tôdas as mulheres — diz a costureira Elsa Schiaparelli — se vestem do mesmo modo em toda parte do mundo! — vestem-se com o propósito de aborrecer as outras mulheres.*

✪ *Quando alguém lhe falar com voz grossa, não se assuste. Pode ser que seja uma autoridade brasileira, mas pode ser também que seja catarro. Anda tanta gripe por aí...*

DEFINIÇÕES PARA QUALQUER ESTAÇÃO

CAVALHEIRO — Sujeito que ri quando lhe contam uma anedota velhíssima, e afirma que nunca a tinha ouvido antes...

ESPÔSA — Senhora muito cuidadosa que encontra na camisa do marido uma mancha de ruge que não é exatamente da mesma côr do que ela usa.

O HOMEM BORIS PASTERNAK

A obra e a figura do escritor russo — Sinceridade de propósitos e tensão épica — O problema da "decadência" para a crítica marxista — As duas mais recentes poesias de Pasternak — Atualidade da poesia soviética

VITTORIO STRADA

(De Moscou, para "Il Contemporâneo" e PARA TODOS)

ILUMINAR a figura de Pasternak escritor em tôda a sua variada riqueza de aspectos é um objetivo que a crítica ainda tem diante de si, embora não faltem estudos que penetram em alguns núcleos essenciais de sua poesia áspera, intensa, relutante a deixar-se decifrar em sua verdade mais íntima. O dever mais urgente, porém, é tratar do homem Pasternak — se bem que os índices da atualidade e, num certo sentido, o caráter exemplar de sua figura só se possam extrair de seus escritos em poesia e em prosa. Acossado durante anos por requisitórios insulsos e vulgares, Pasternak procurou confôrto num trabalho obscuro e tenaz, fruto de sua orgânica incapacidade de se mistificar a si mesmo, de "vir menos à pessoa".

"Ó angústia, a frenética angústia!
Eu a vencerei, eu a esmagarei com versos."

Assim, em 1918, Pasternak exprimia o ideal de uma poesia rica de vigorosa saúde, capaz de transformar o caos em cosmos, a incerteza em esperança. E como bem sugeriu Wrenn, nessa poesia salutar, enérgica, como na música (Pasternak é um excelente musicista), deve êle ter encontrado a salvação da catástrofe interior que despedaçou o destino de outros poetas máximos soviéticos, incapazes de resolver a tensão ou a dilaceração entre o mais profundo de si mesmo e a vontade racional, entre pessoa e ambiente.

Há aquêles que, segundo um retrato extremamente simplificado, não conseguem ver em Pasternak senão o estático inventor de imagens rutilantes e raras, imerso numa atmosfera isenta de tôda contaminação histórica. Êsses verão talvez na sua existência e na sua criação esquiva e solitária um melancólico asilo de uma realidade humana dura e contraditória, um ato de orgulho e renúncia. Mas na realidade Pasternak não se desligou da sua época nem pela poesia nem pela ação. A êste último propósito não é inútil recordar com que firmeza êle soube defender Pavel Vassiliev, o reabilitado, quando os críticos se … feliz poeta camponês desaparecido em 1937 e recentemente puseram a mover-lhe acusações tão absurdas quanto virulentas. Mas o essencial não está aí. A Pasternak se aplicam as palavras com as quais, na segunda parte de "O Degêlo", Saburov, o pintor "formalista" responde ao operário Andreiev, espantado de que êle não lute contra a tácita conjura que o obriga ao isolamento: "Eu continuo a trabalhar, e isto também é luta".

TENSÃO DE EPOPÉIA E LÍRICA

Até mesmo um crítico anti-soviético como Markov, interessado em demonstrar uma contradição essencial entre a criação poética pasternakiana e o novo ambiente revolucionário, reconhece que Pasternak, com absoluta sinceridade de propósitos, sem nenhum secreto objetivo conformístico, tentou várias vêzes tornar-se um "homem novo", abrir-se aos motivos sociais. Já êsse esfôrço tão íntimo atesta uma tenaz vontade de viver a experiência da responsabilidade, de empenhar-se no mundo. Cataclismas históricos gigantescos e purificadores, como a revolução e a guerra encontraram reflexo numa série de esplêndidas composições que, como revelou um crítico soviético, Zelinski, mostram quanto ainda a esfera da possibilidade do talento poético pasternakiano excede o mundo dos seus atuais intentos e esforços. Nenhum outro poeta soviético tentou com tanto sucesso e tanta seriedade quanto Pasternak tornar-se diverso de si mesmo permanecendo-se fiel, superar as limitações sociais do próprio engenho sem humilhar-se com renegações impossíveis. E essa rara coerência-contradição infunde aos seus poemetos revolucionários uma particularíssima tensão de epopéia e lírica, "música da época" e cosmo subjetivo.

Mas não há dúvida que, fundamentalmente, Pasternak não é um poeta "histórico" e sim "fenomenológico" (K. Zelinski), no sentido de que o seu elemento é a refiguração não do homem em seus nexos sociais, mas da natureza, e do homem como parte dela. Aqui, porém, na verdade Pasternak vê o que ninguém vê. O homem de Pasternak se move com a lente de aumento de uma inteligência ao mesmo tempo lúcida e fantástica num universo cuja característica é ser uma reserva inesgotável de extraordinário e de assombroso. "O mundo pela primeira vez", assim considera Erenburg que se poderia intitular cada livro de Pasternak.

Só uma linguagem árdua e primigênia, tormentosa e dilacerada, afinal diáfana e fácil, mas sempre rigorosa, áspera e essencial ao extremo, podia ser a tradução poética daquilo que Erenburg define como um enorme "oh" de encantamento diante do mundo visto como após o dilúvio. Da escrita difícil de Pasternak — muitas vêzes mecânicamente contraposta à escrita fácil e popularesca de outro (embora autêntico) filão da atual poesia soviética — não se pode falar, como às vêzes se fêz, em têrmos abstratos, não-históricos, como se a sintaxe e, em menor medida, o léxico pasternakiano não assinalassem uma etapa decisiva na moderna linguagem poética russa. Para dizer numa fórmula breve que possibilidades e que experiência a poesia pasternakiana tenha nesse campo resolvido e renovado, não há talvez palavras mais claras que as de Bowra, ao caracterizar o estado da poesia russa post-simbolista, saída das múltiplas correntes do imaginismo, do futurismo, etc.: "O que fazia falta era um poeta que recolhesse e combinasse os diversos fios, que corrigisse os excessos dos vários credos e levasse o movimento moderno ao encontro das necessidades modernas sem acentuar muito esta ou aquela exigência dos antagonistas em campo. Êsse homem apareceu na pessoa de Boris Pasternak, que, pode-se dizer, viu desde o início o quanto de verdade havia nas várias teorias e que contribuição cada uma delas dera efetivamente ao problema geral da composição poética".

OS DOIS PASTERNAK

No Pasternak mais maduro, entretanto, a linguagem poética entra numa nova fase de vida: a urdidura do verso faz-se serena e severa, por vêzes solene, pulsando com um ritmo natural e distendido, e a sintaxe clássica é restaurada. Se se compara o primeiro ao último Pasternak, a diferença salta aos olhos. "Ali, um ímpeto de fôrça elementar, um desordenado universo no período em que tudo se transforma e nasce. Aqui, a ordem, a forma perfeita, pureza e compostura de linhas. Tudo está no lugar devido: o mundo está criado, e ali se deve viver." Assim escrevia o poeta soviético Pavel Antokolskii em 1945, depois da publicação de "Nos trens matinais" e "A vastidão terrestre". Talvez a distinção entre os "dois" Pasternak seja menos acentuada. O universo pasternakiano é constantemente portentoso e familiar, e nêle o homem, embora indo de descoberta em descoberta, já pode e deve sempre viver. Particularmente nos versos dos últimos anos, o Pasternak "pasternakiano" vive no Pasternak "clássico", e o deseja de "uma frase exata e nua" conserva, nessa metamorfose, a sua essencial vis invectiva e cognitiva. O espírito poético de Pasternak, embora não seja mais frenético e febril, continua flamejante e alado.

Pasternak viveu dramàticamente uma verdade que só hoje abre caminho nas consciências, embora alguns relutem ainda em aceitá-la: o direito de integral cidadania na vida cultural de uma sociedade socialista para o intelectual que reconheça com absoluta lealdade as novas relações sociais e as novas instituições políticas nascidas da revolução, sem no entanto partilhar plenamente os valores espirituais, estéticos no caso, que num momento dado predominam no desenvolvimento da mesma sociedade socialista. A criação de Pasternak e em particular sua prosa, verdadeiramente inconcebível sem um Proust e um Joyce, propõe ademais com particular agudeza que se resolva de forma nova o problema da herança cultural que o intelectual socialista tem o direito e o dever de assimilar e elaborar. A grande síntese lukacsiana se revelou parcial e inadequada. Para o pensamento dialético e histórico marxista a "decadência" não pode continuar a valer como a idade média valia para certa historiografia iluminista. Já entre os intelectuais soviéticos se erguem as vozes dos que reclamam o abandono de critérios drásticos e esquemáticos e o reexame crítico de um patrimônio artístico complexo, que apressadamente se dava como digno apenas de ser anulado, ou, no melhor dos casos, ignorado.

A obra e a figura de Pasternak são realmente o centro de um emaranhado de problemas atualíssimos e não todos de natureza literária. É de crer que com a próxima publicação em língua italiana da poesia e da prosa do grande escritor soviético também a nossa crítica os enfrente de maneira adequada. Com esta breve nota eu quis sòmente apresentar a tradução de duas das últimas poesias de Pasternak (publicadas em setembro último), nas quais com particular limpidez expressiva o autor de "Minha irmã a vida" fala das suas concepções poéticas e morais.

BORIS PASTERNAK (Desenho de Adolf Hoffmeister)

SER FAMOSO

SER famoso não é belo.
Não é isto que eleva.
Não se deve ser arquivista,
trepidar pelos manuscritos.

O fim da criação é dar-se a si mesmo,
e não o barulho, não o sucesso.
É vergonha e não tem sentido
ser fábula nos lábios de todos.

Mas deve-se viver sem impostura,
viver de modo que no fim
atraias para ti o amor do espaço,
ouças o chamamento do futuro.

E devem-se deixar as lacunas
no destino, não entre os papéis,
os passos e os capítulos da vida inteira
assinalando à margem.

E imergir na obscuridade,
e ocultar aí os passos,
como se oculta na neblina uma região,
quando nela nada se descortina.

Outros sôbre as vivas pegadas
percorrerão teu caminho palmo a palmo,
mas a derrota, a vitória,
a ti não cabe distinguir.

E não deves por pouco que seja
desprezar a pessoa humana,
mas ser vivo, vivo e nada mais,
vivo e nada mais até o fim.

BORIS PASTERNAK
(Tradução de MIÉCIO TATI)

Em tôdas as coisas

EM tôdas as coisas quero alcançar
a substância:
no trabalho, nas buscas do caminho,
na turbação do amor.

A essência dos dias passados,
sua causa,
os fundamentos, as raízes,
o coração.

Sempre agarrando o fio
dos destinos, dos eventos,
quero viver, pensar, sentir, amar,
realizar descobertas.

Oh, se sòmente o pudesse,
ao menos em parte,
teria escrito oito linhas
sôbre os caracteres da paixão!

Sôbre os arbítrios, sôbre os pecados,
as fugas, as perseguições,
as surprêsas que rapidamente se sucedem,
os cotovelos, as mãos.

Teria deduzido sua lei,
seu princípio,
e repetido dos seus nomes
as iniciais.

Teria traçado os versos, como um jardim.
Com todo o frêmito das nervuras
aí teriam florido as tílias perfiladas,
alinhadas.

Aos versos teria levado o hálito das rosas,
o hálito da hortelã,
os prados, a ceifa do feno,
os estrondos da tempestade.

Assim uma vez Chopin transfundiu
o milagre vivo
das quintas, dos parques, dos bosques, das tumbas
nos seus estudos.

Do triunfo alcançado
jôgo e tormento
são corda tesa
de recurvo arco.

BORIS PASTERNAK
(Tradução de MIÉCIO TATI)

Crônicas de livros novos

"DIREITO E AVÊSSO"
de Henrique Pongetti

HENRIQUE PONGETTI vem de publicar, sob o título acima, algumas de seus melhores crônicas escritas como êle próprio informa aos leitores na orelha do livro, "em encontrinho com a vida da sua época". E efetivamente, é o que encontramos nas páginas de "Direito e avêsso", onde o cronista, com seu ôlho privilegiado de "historiador em tom menor", analisa fatos e coisas pitorescas do nosso cotidiano.

Podemos registar, no jornalismo, duas espécies de cronistas — aquêles que, em seu canto de página, discorrendo sôbre os homens e seus costumes procuram atenuar-lhes as faltas e incoerências devido ao espírito de fraternidade e de ternura de que estão imbuídos; e os que analisam seus semelhantes com a paixão dos dissecadores de sentimentos, servidos de um impiedoso ôlho crítico, ao qual as menores nuanças não passam despercebidas. Êstes últimos são, pelo amor que votam à analítica, os que mais se destacam quanto ao apuro técnico, formal. E é justamente entre êstes que podemos citar Henrique Pongetti, evidentemente um mestre no estilo. Não obstante êste cronista dar a impressão, ao leitor menos avisado, de não tomar partido, de ser de uma neutralidade radiofônica, descobre-se nêle, com a leitura segunda e atenta do livro recém-publicado, uma irritação de sua hábil pena contra aquilo que lhe parece errado ou ridículo.

Não deixa de ser curiosa essa descoberta pois a intenção óbvia do cronista é a de ser um divertido espectador das loucuras cometidas por essa alegre espécie humana. Porém nas páginas que vamos de ler, descobrimos principalmente um espectador irritado com os despropósitos cometidos por essa inconsequente espécie humana"...

Reação compreensível em quem, há tantos anos, vem espicaçando e que, dentro de seu conceito, poderia ser classificado como "eternos males brasileiros"?

Não sabemos. Preferimos atribuir … Henrique Pongetti ao seu feitio de crítico impiedoso dos homens, ao seu humor acre, de autêntico … Essa observação, no entanto, não é feita com o objetivo de empanar a excelente qualidade do livro que agora comentamos. … apenas, de uma característica … entre dois estilos, e que não poderia deixar de ser por nós …

Acrescentamos ainda que vale a pena ler êste livro do cronista de "Manchete" para se apreciar … a lição de "como se deve escrever uma crônica" — … tratamento … do tema, … seu desenvolvimento … e o fecho que êle dá à sua página… Êsse fecho … revela o … com o … e capa do cronista e … evidencia a profunda influência que a obra do genial autor de "Assim é… se lhe parece" deve ter exercido na formação intelectual de Pongetti.

No que nos … o nosso direito de discordar ou concordar com o autor no que concerne suas crônicas de conteúdo político — como que o próprio Pongetti reconhece ingrato — é com infinito prazer que unimos nossa despretensiosa voz àquelas que, com real brilho e justificado entusiasmo, saudaram o aparecimento de "Direito e avêsso" — obra que traz para o imperecível terreno dos livros a importante contribuição dêste cronista que, sem favor nenhum, é um dos mais … corretos de nosso país.

MARIA ALICE BARROSO
(x) Irmãos Pongetti Editôres, Rio.

* * *

"A LÂMPADA MORTIÇA"

AUTORA de quatro outros livros, de contos, de poesias e de uma comédia, a sra. Deborah Prazeres Dote acaba de publicar um romance, "A Lâmpada Mortiça" (x). Ambiente: Garanhuns, Recife e depois Rio de Janeiro.

Gira o enrêdo em tôrno da vida de uma septuagenária, vítima da incompreensão por vêzes da crueldade de filhos e netos, dos quais passa a depender. "Há muito que me encontro sentada à beira do caminho: o meu papel é, apenas, o de um pobre espectador", afirma a personagem principal. Através dessa figura faz-se no livro uma crítica discreta de nossa sociedade condenando-se o que muitas pessoas convencionam chamar "o modernismo", quando na realidade se referem a aspectos de decadência na passagem do velho para o novo.

Como epígrafe a autora adota citação de Ovídio, no original. A maneira de escrever denota benefícios da familiaridade com os clássicos latinos.

A heroína é mulher de ilustração, colaboradora de jornais pernambucanos. Sua formação humanista atenua ao máximo a amargura da crítica.

É pródigo de incidentes, o enrêdo do romance que numa sucessão de episódios se estende além das trezentas páginas.

Um crítico … apontaria defeitos no livro da sra. Deborah Prazeres Dote, que no entanto agradará, decerto, a muitos leitores e principalmente a muitas leitoras cuja sensibilidade feminina melhor assimilará os aspectos sutis da figura de … desenvolvida em … nascida em Pernambuco, educada com esmero. Afinal não podemos exigir que cada romancista seja um Balzac ou um Tolstoi, num país onde tanto necessitamos de produção literária.

PAULO MOTTA LIMA
(x) Irmãos Pongetti Editôres, Rio de Janeiro, 1957.

* * *

"AUSÊNCIA VIVA",
de Octávio Mora

ENTRE os estreantes na poesia em 1956, um dos mais sérios é Otávio Mora, com "Ausência Viva" (x). Divide-se o livro em 5 partes: "Presença de Ifigênia", "Realidade dos Mitos", "Minas à distância", "Sentimento elegíaco" e "Ausência Viva" das quais as três do meio nos parecem mais realizadas, mais harmoniosas dentro de sua unidade particular.

Em Otávio Mora ganha o vocábulo poético sobriedade, despojamento, contensão, desenvolvendo-se numa sincera elegia do primeiro ao último poema. Frequentador assíduo do soneto, vem-lo dispensar a velho gênero um tratamento entre tradicional e moderno, nos decassílabos tão ao gosto da lírica luso-brasileira. Da experiência resulta um soneto de fisionomia … não raro de uma beleza … e grave, para o que contribui a disposição gráfica, com a repartição nos … quartetos e tercetos.

Aqui teríamos a … o abuso dos dois pontos, na técnica de pontuação (no soneto da página 40 usa-os nove vêzes) e o emprêgo demasiado frequente do enjambement. Recursos êsses de grande expressividade, mas que, usados abusivamente, prejudicam o processo de recepção por parte do leitor, sendo êste obrigado a frequentes pausas longas ou a … encadeamentos dos versos, durante a leitura. Fazemos esta restrição, porque nos parece que a intenção do autor é justamente oposta, desejando êle que os seus sonetos evoluam numa harmoniosa elegia.

Quando se volta para os mitos, toma Octávio Mora o mais certo caminho: renovando-os modernamente, acrescentando-lhes uma visão nova e particular.

É Ulisses, que volta sem regressar, estrangeiro na própria terra "mas é tão pouco minha esta paisagem que só posso estar longe desta gente. Se foi minha, cortaram-na tão rente que a memória mudou tôda a folhagem"; é a moabita Ruth que "espigas vem colher com a mão amiga de … e céus" e Penélope e Prometeu e Ariadne e Ifigenia, "cristal de longa data".

Nos poemas de "Minas à distância" é, porém que o livro logra sua melhor realização, colocando-se o seu jovem autor de descendência mineira na mesma tribo de Carlos Drummond de Andrade. "A palavra adquire antiguidade da paisagem" e a terra se mistura com a memória.

Ainda lembramos Carlos Drummond, no seu belíssimo poema "Morte das casas de Ouro Prêto", quando lemos alguns dos poemas de Otávio Mora, sôbre essa cidade. Com a aproximação fazemos um elogio ao jovem autor, sem nenhum sentido depreciativo de influência. Ouro Prêto desfazendo-se, morrendo, nas casas, nas ladeiras, nas igrejas, ganha em Otávio Mora êsses belos acentos: "As igrejas estão presas / nesta Ouro Prêto vazia. / Seus Santos de faces fundas, / de olhos fitos no invisível / contemplam-se mortos, mudos. / A palidez de seus Santos, / escorre pelas paredes / e tudo é chuva".

Nem todos os poemas do livro mantêm-se nessas alturas. Entretanto, pelo apuro de forma, pela autenticidade da sua poesia, situa-se Otávio Mora entre os mais expressivos poetas aparecidos em 1956.

RUTH MARIA CHAVES
(x) Livraria São José, Rio, 1956.

* * *

"FUNDOS",
de Camillo Paraguassu

O sr. Camillo Paraguassu, membro da Sociedade dos Homens de Letras do Brasil, escreveu "Fundos" (x), livro que reúne uma série de crônicas e de desenhos do A. "Fundos" se apresenta como livro de crítica: de crítica da vida social e política do Brasil. Ao que parece, a maioria de suas crônicas — ou tôdas — foram escritas num período realmente sombrio para todo o mundo: o que antecedeu a 2a. guerra mundial e … no Brasil, o Estado Novo. Talvez por isso o tom dominante de "Fundos" seja o do pessimismo e da descrença.

O sr. Paraguassu acha que tudo vai mal. Isso se percebe bem pela crônica "O Sol-dos" na qual faz o personagem dizer — "Amigos? Só se tem quando se possui dinheiro e prestígio." Noutra crônica indaga para que escrever, e não encontrando motivo, conclui que no Brasil escritor e poeta são sinônimos de coisas ruins, ou, pelo menos, de …

O sr. Paraguassu não devia ficar tão impressionado com os "fundos": a amplidão dos horizontes possui maior beleza.

LUIZ HENRIQUE TAVARES
(x) Pongetti Editôres, Rio.

* * *

"COLHEITA"
de Abel Pereira

ABEL Pereira, intelectual baiano da cidade de Ilhéus, estréia nas letras nacionais com um livro de versos. Não se trata, porém, de poemas do estilo comum, nos … gêneros do versejar de todo mundo. O poeta nos oferece um … de haicais, a mais difícil trova que até hoje existe na literatura.

Abel Pereira também é sonetista, mas no gênero clássico, com as rimas exigidas pela arte, com a … das cesuras dos hemistíquios, numa riqueza de ritmos para o encanto dos que apreciam o bom verso. Mas o seu livro de estréia não é de sonetos. Enriquece a literatura nacional com uma floração de … arte poética divulgada no Brasil pelo grande versejador Guilherme de Almeida e aqui encontrou … A primeira vez, porém, que lemos sôbre esta forma de versejar no país do Sol Nascente foi num livro de Osório Dutra, "No País dos Deuses". Depois disso pelas divulgações de Guilherme de Almeida e, agora, — através dêsse magnífico livro de Abel Pereira, "Colheita" (x) que é o único no gênero, em nossas letras, e, será o mesmo … e mais consagrador … da livraria.

O sentido do haicai exige meditação. É um canto esotérico pelo … que se encerra … Muitos dêles … para que o leitor compreenda a sua significação. Traz em si mesmo algo dos mistérios do Oriente, da psique nipônica, da intimidade dos espíritos que se abrem para o público depois de muita familiaridade, de bastante convívio espiritual. Quando o leitor penetra na alma do haicai, se fascina por êsse gênero de poesia, e é capaz de passar horas e horas, dias e dias, tentando fabricar um também, especialmente se estiver amando...

E aqui vai um dos mais delicados "haicais" do poeta, pelo qual se verifica ser o amor o "caldo de cultura" para a composição de versos:

Um sonho de amor
desfeito. Livre está o leito
para novo amor.

Aí está o belo livro de Abel Pereira. Que os brasileiros saibam compreender-lhe os versos e dar-lhe o justo prestígio, como obra original, de inegável mérito na seara das letras pátrias.

RENATO DE ALENCAR
(x) Organização Simões Editôra, Rio, 1957.

* * *

VARANDA DE PÁSSAROS
de Jorge Tufic

AO começar pelo título dêsse livro de estréia de Jorge Tufic, editado em Manaus, sentimos desde logo um poeta que realmente trabalha as palavras, em quase nada iniciante.

Sua poesia é feita sem a pressa dos que desejam apanhar o primeiro trem elétrico. Terminado o livro, fica-nos a impressão de repouso e uma certa vontade de lembrar a fina substância poética de Gabriela Mistral ou de nossa Cecília Meireles, como no soneto que dá título ao livro, em «Os Barcos» e outros.

No início do livro, o poeta foi tentado pela escrita automática (ESTUDO VESPERAL e RONDA DOS CAVALINHOS), assim, em «POSSÍVEL SONETO A DALVA», já aí uma boa realização, talvez sem as possibilidades de soneto por sua fluente liberdade, o que não acontece com a série de «A ESTÁTUA NO TEMPO», onde se mostra mais desenvolto.

Em seu jeito manso êle faz a si mesmo algumas perguntas de máxima importância (Soneto «CAMINHANDO»): «Mas de que vale ao mundo e à sua engrenagem / morte particular, serenamente / morte de rosa ou ritmo que a iguale?».

É uma pergunta ao tempo em que o individualismo já não existe, nem tampouco é a poesia campo para ginástica de sofrimento e raro é o poeta que exercita êsse tipo de arte. Cada dia o artista se integra mais no complexo coletivo e o bom será mesmo que êle seja apenas sua poesia, encontro de anseios de sua época.»

É indispensável, por conseguinte, qualquer consideração nesse sentido, pois o poeta sabe até melhor do que nós, de paz com seu natural pendor de indagações, que estamos vivendo um tempo em que a cabeça nunca foi tão necessária, nem mesmo quando as guilhotinas funcionavam noite e dia.

JAMIR FIRMINO PINTO

* * *

"CHÃO E POESIA",
de Elvira Foeppel

CREIO que o … de "Chão e Poesia" (x) é o de ser um diário íntimo realizado sem o … natural de desabafo. Parece mesmo que os trabalhos nêle contidos foram escritos em épocas diversas e arbitràriamente reunidos em forma de Diário. Não teria, tudo, mas descreve sensações e sugestões íntimas que a autora quis transmitir. Não é por acaso que cita Miguel Torga, como epígrafe: "É difícil chegar ao … Por mais que se faça, … os traços. Ou então, carrega-se nas tintas e tenta-se invalidar a confissão pelo exagêro".

As anotações de Elvira Foeppel são inteiramente subjetivistas. No seu "Diário" não há lugar para um acontecimento. Tudo existe função de si mesma, do seu temperamento, de suas angústias, de sua solidão. É certo que, com êsse material humano, tão frágil, uma adolescente de gênio escreveu uma obra imortal que é o "Diário" de Maria Bashkirtseff. Mas para isso ela se entregou de corpo e alma inteiros com tôda sua paixão, com todo seu amor pela vida, pela glória, em contraste trágico com a precariedade do seu corpo jovem minado pela enfermidade. De resto, só quem conhecera fundamente a solidão e a tristeza podem transfigurá-las em arte. Do contrário, êsses estados de alma apresentam-se como formas de narcisismo.

No livro de Elvira Foeppel não há o tom profundo de confissão indispensável a um diário, ainda quando pede a seus amigos que falem de si, mesmo de seus defeitos, pois é unicamente uma mulher vaidosa. Nem quando diz: "em correspondência com amigos ainda confessarei que acredito na humanidade do meu umbigo-central e vivo, e que é solidário com as mulheres de outono e homens apressados".

Quero acentuar as qualidades artísticas que hão de se afirmar em outros livros. É preciso que o faça, tomando de si mesma em procura de refletir a vida, ou então que mergulhe fundamente no seu íntimo, revelando-se inteiramente.

SANTOS MORAES
(x) Organizações Simões — Rio.

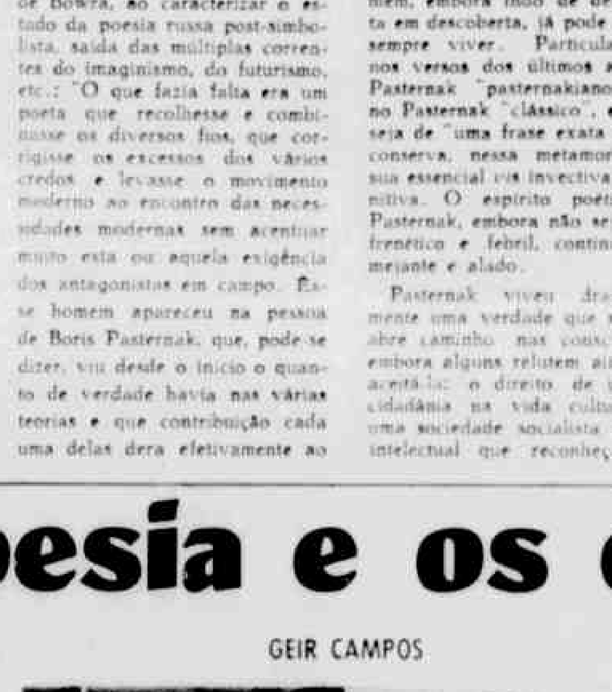
A poesia e os discos

GEIR CAMPOS

NUMA espécie de balanço das atividades e acontecimentos literários do Brasil em 1956, publicado em PARA TODOS em seu último número daquele ano, o poeta Moacyr Félix, que fêz o levantamento, não pôde, por falta de espaço, dar o realce devido a uma emprêsa que, embora começando a frutificar realmente em novembro de 1955, só no ano passado veio a atingir desenvolvimento regular e quase maturidade. Trata-se, visto está, de uma firma de indústria e comércio que se fundou com o expresso propósito de editar literatura em discos, e não seria lícito falar no milagre sem dar os nomes dos santos — Irineu Garcia e Carlos Ribeiro.

Não era a primeira vez que se editavam discos literários no mundo, nem no Brasil. A experiência já fôra feita com êxito, no estrangeiro, por uma **Caedmon** ou por **Le Chant du Monde**, entre outras editoras que chegaram e viram e venceram; e mesmo em nossa terra já se registravam efêmeras tentativas, que daí não passaram justamente porque os empreendedores não se achavam preparados.

E os novos editores estariam preparados? — não faltará quem indague, mas a prova positiva aí está: uma dezena de lançamentos na Coleção "Poesia", quase meia dúzia na Coleção "Intérpretes", um verdadeiro **best-seller** na Coleção "Teatro", uma porção de realidades a que novos projetos vêm acrescentar a esperança de vindouros frutos cada vez mais outonados. E nem faltou o cruzamento da fronteira, pois ainda há pouco esteve no Brasil o poeta chileno Pablo Neruda com o fito exclusivo de gravar dois **long-plays** a sair um agora e outro lá para abril ou maio; Paul Eluard também já está na mira para reaparecer em disco, juntamente com Aragon. E assim a iniciativa corajosa de Irineu Garcia e Carlos Ribeiro transpõe os Andes e o Atlântico para tornar-se internacional.



No lançamento do LP dos "Jograis de S. Paulo", na capital paulista, Irineu Garcia, Edgard Cavalheiro, Sérgio Milliet e Jorge Medauar.

Vamos realçar os pontos altos dessa autêntica bandeira cultural, que assim permite a admiradores e estudiosos de qualquer parte, dentro ou fora de nosso território, terem a qualquer momento presente a voz de seus poetas e intérpretes preferidos: vamos falar no bom-gôsto que caracteriza a embalagem dos discos já lançados, em capas via de regra desenhadas por valores dos mais atualizados em nossas artes plásticas; vamos falar no cuidado em fazer a apresentação dos poetas e artistas através de notas - comentários firmados por figuras idôneas de nossas letras... Mas tampouco deixemos de trazer à baila os pontos fracos, mesmo os pontos falsos, de tão louvável empreendimento.

Na confecção dos primeiros discos, para começar, muitos dêles com falhas e defeitos de fábrica hão de ter prejudicado sem dúvida a venda e a aceitação por parte do público menos dedicado; também no setor da embalagem há reparos a fazer, de menor importância, quanto a numerosas capas fechadas quase aquém da medida do disco, dificultando o manuseio; e não se deixe de criticar a revisão ortográfica dos textos de contra-capa, apresentações e índices, que pouco mais trabalho haveriam de custar para sair corretos.

Por último, e não por mínimas, restam reservas que um aficionado da boa literatura não deixaria de fazer quanto ao critério, se critério tem havido, na escolha e no emparelhamento dos poetas já fixados em **long-play**. É claro que em muitos casos seriam alegadas as ponderáveis razões comerciais, mesmo porque, sem finanças, nem os bons poetas e intérpretes poderiam ser apresentados em discos para encanto e orgulho de seus fãs; mas já se têm verificado, ou pelo menos insinuado, casos de gravações feitas mais por interêsses laterais ou amizades pessoais dos empresários, amizades e interêsses com as quais o público ouvinte e comprador pouco tem a ver.

Em todo caso, foi um ano que acabou e não acabou o tempo — e o tempo há de conduzir Irineu Garcia e Carlos Ribeiro sôbre caminhos cada vez mais acertados, a êles que, com risco material e de certo modo moral, se atreveram a ressuscitar industrialmente a era longínqua dos trovadores e jograis, a boa época em que a literatura se fazia quase tôda em versos e a poesia tinha a humilde virtude de valer-se … para comunicar-se.

De Cecília Meireles

Dois poemas de "O Mergulhador"

NÃO perguntaram por mim,
mas deram por minha falta.
E nos teares da ausência
alastrou-se tela falsa.
Como eu andara tão longe,
numa aventura tão larga,
entregue à metamorfose
do tempo fluido das águas;
como descera sòzinho
os degráus da espuma clara,
e o meu corpo era silêncio
e era silêncio minha alma,
cantou-se a fábula incerta
segundo a linguagem da harpa.

Mas a música é uma selva
de sal e areia, na praia!
uma ramagem de cinza
que ao vento do mar se apaga.
E o meu caminho começa
nessa franja solitária,
no limite sem vestígio,
na translúcida muralha
que opõem o sonho vivido
e a vida apenas sonhada.

UNS, passeiam descansados
entre roseiras e murtas;
outros, estendem os braços
para límpidas figuras;
alguns, a espelhos dirigem
suas pequenas perguntas;
e muitos, dormem, felizes,
e o sono é a sua aventura
e há pastores de desejos
e domadores de culpas.

Mas os que vêm perseguindo
bandos de mistério em fuga,
mas os que tanto desdenham
por essa estranha captura,
— já sem vida, sem linhagem,
sem amor e sem fortuna,
sem mundo humano que os perceba,
nem pálpebras em que se encubram.
Êsses, que excedem a terra,
no mar complexo mergulham,
não por disciplina e luta,
vencendo corais, baleias,
transpondo líveas medusas,
fugindo à fosforescência,
acordados, na onda turva,
e, entre imagens provisórias,
lançando mãos absolutas.

Desenho de Lasar Segall

De Christine L. Carlson: DE AMOR

VIESTE para dizer, tranquilamente:
— A noite acabou.
Riscaste uma estrêla no meu céu noturno.
Então vi que as coisas mesmas te obedecem
e remontei os passos duros da vespera
a sondar os caminhos.

Vi o verde na rama
— era verde
vi a luz da manhã
— era dôce
olhei nos olhos do amigo
— era bom
toquei o som e o pássaro,
o martelo, o mar, a maçã,
fixei a dor e o soluço,
o riso farto perscrutei
vi a esperança do amanhã.

Certo de que tudo restauravas
o coração tomei, o meu, que era perdida
pedra negra
por água brusca modelada
e duro vento ressequida,
marcada de areias, fendas, arcias, escuras depressões
para sentí-la arfar
e fremir, tingir-se do rubro
do sangue súbito circulando, de ânsia
repentina, elevar-se às mais altas
instâncias da alegria.
Capaz até de enverdecer, florir
e madurar
(olhei sem fadiga nos olhos,
te digo, sem cansaço olhei o homem
— era a vida)
pronta já para a carícia branda e o ódio frio
atenta à aurora que o céu da noite promete e espera
certa já da certeza.

No meu céu tresvaro uma estrêla riscaste
com tua mão firme, para dizer, sim, tranquilamente,
como quem fala coisa bem simples:
— Vim contigo. A noite acabou.

Sai para olhar o céu
— era a barra do dia.

(Tradução de JAMES AMADO)

DE ADALGISA NERY

A segunda morte

MAIS além.
Quando o tempo comentar,
Veremos tudo que o abismo das palavras
Cavou no infinito

E sentiremos o vazio
Transbordando do nosso sêr

Porque expulsamos com o prazer inconsciente
As profundas vibrações da fonte essencial e eterna.
Poderemos medir, mais além,

Na carne que o tempo desfaz,
O cáos irremediável descendo
Como um frio crepúsculo
Sentiremos a hora

Em que a nossa cabeça violentada
Por dúvidas e pensamentos sem unidade
Estará impedida de transmitir
Os desejos redimidos.

E mais além, cheios de espanto,
Encontraremos a palavra

Então despida do mistério e da significação
Indicando as lutas sem proveito.
E por fim,

Assistiremos, dentro de nós, as multidões
Que esperam na fronteira do espírito
O gesto complascente da segunda morte.

A preparada

E agora,
Que venham as distâncias,
As mais longas e mais largas do que o tempo,
Tão ilimitadas e profundas como as ânsias
Que fazem esquecer a idéia e o pensamento.
E também,
Que venha a desintegração
Contida na unidade do volume do meu ser,
Que comece pelas carnes e depois pela emoção
Até quebrar as convicções que eu ainda possa ter.
E agora,
Só raízes me sejam o alimento,
Espoliada seja eu das migalhas de alegria,
Que a chuva seja água para o meu corpo sedento
E da minha alma fuja o sonho que eu nutria.
Que venham o caos, o tédio, venha tudo
E desabe sôbre mim o infinito louco
Porque, após o dilaceramento mudo
Tudo é leve, tudo é vago, tudo é pouco.

Desenho de Lasar Segall

De Yone de Sá Motta

CONSÊLHO

FUJAM, QUE SOU ABISMO
E EU MESMA ME ODEIO
PELOS CONVITES DE DOR
QUE MEUS OLHOS ACORDAM
E HÁ PRISÃO DE SANGUE EM MEUS BRAÇOS.

FUJAM, QUE SOU MARINHA.
TENHO SAL EM MINHAS VEIAS
E FOSSAS EM MINHA ALMA.
HÁ TANTA MAGOA EM MEU PEITO
DE MARINHEIROS E AFOGADOS.

FUJAM, QUE SOU MORTE.
MEUS LÁBIOS REZAM AGORA
RESPONSOS E LADAINHAS.
E TENHO GÊLO COMO NO FIM DO MUNDO
E DAS HORAS.

CANTO FINAL

AGORA UM MURMÚRIO
AOS TEUS OUVIDOS VEDADOS.
UMA QUASE-CONFISSÃO
ONDE AS PALAVRAS CAIAM
SEM VOZES

AGORA UM GESTO PASSIVO
QUE TUAS MÃOS COMPREENDAM
E TEUS PASSOS ORIENTEM.
UMA QUASE-PRECE
ONDE OS SINOS PAREÇAM
UM VÔO DE ADEUSES.

AGORA UM OLHAR DE ESPERA
AO TEU CORPO VENCIDO.
SÚPLICE QUASE.
ONDE POSSAM AS LÁGRIMAS
MOLHAR-ME SEM NÓDOAS.

De Ruth Maria Chaves

CHÁ PARA DOIS

DOIS, o filho cantaria,
quando as heras subissem
um verde velho de silêncio,
no muro, no amor.

Dois, à hora dos frutos e das sombras
maduros de tantos céus.
Dois, num abraço.

Dois, nós pensaríamos sorrindo
a cada lado da mesa
diária e enternecida:
minha amiga,
meu amigo.

Dois, se não escondêssemos os olhos
nesta alva toalha de confeitaria,
neste prato de doces intocados
que justificam e retardam o adeus.
(Para não falar.)

Se não riscasses, atento,
com a faca e o teu desespêro
letras, nomes, números,
na toalha, no silêncio.
(Para não chorar.)

Enquanto ponho mais açúcar,
indefinidamente mais açúcar
neste chá que sabe à vida.
Amargo.

De Maria Dinorah Luz do Prado

QUARTETOS...

HÁ os que vivem displicentemente
da vida morna, que lhes coube em sorte...
Há os que vivem orgulhosamente,
porque nasceram numa estrêla forte...
Há os que vivem dolorosamente,
porque nasceram bafejando a morte...
E há os que vivem indolentemente,
porque, para êles, nada há, mais, que importe...

Nesses quartetos — se destrói a vida...
Nesses quartetos — se destrói a luz
que a um melhor mundo, e a uma melhor guarida
as mais acerbas gerações conduz...

Mas há os que vivem tão intensamente
da heróica vida que lhes foi traçada!...
Astros e estrêlas apontando à frente,
incendo luzes, pela madrugada!...
Flores — nas áridas regiões de um tempo
onde, parece, não vegeta nada...

Arautos vivos, na legião dos mortos
que andam vagando pela derrocada...
Seres que vão sacrificando tudo:
Prazeres, sonhos, e emoções banais,
para apagarem, num trabalho mudo,
do anseio humano — os derradeiros ais...

No egoísmo eterno — quem se lembra dêles?...
Talvez bem poucos... E êles são, talvez,
maiores que êsses que por gênios passam
da humanidade na desfaçatez...
Pois são quartetos que neutralizando
a ação venal dos que não fazem nada,
vão, sôbre as bases do porvir, criando
algo de novo, uma esperança alada,
que abre as vontades, que a razão decerra,
que faz o homem compreender, então,
que há muito mais por se fazer, na terra,
do que viver completamente em vão!...

De Maria Teresa Wuillaume

QUARTO DE HOTEL

QUARTO de hotel
Tédio de viajante
abro a janela
céu cinzento
garoa caindo.
Gente passando
guarda-chuvas pretos
bondes vermelhos
avenida subindo
sinos de S. Bento.
Luzes de um letreiro
"Beba Coca-cola".
Luzes se acendendo.
Banca de jornais

jornais se molhando.
Café da esquina
fila da ficha
moça dos cigarros.
Edifício da frente
escritório fechado
faxineiro varrendo.
Porta do cinema
filme americano
gente esperando.
Velho aleijado

estendendo a mão
tremendo de frio.
Tráfego engoiçado
assistência apitando
carros buzinando.
Tráfego em movimento.
Carros passando
gente passando
bondes passando.
Fecho a janela
quarto de hotel
tédio de viajante
teto cinzento
garoa caindo.

Desenho de Percy Deane

De Eglê Malheiros

A ROSA NA CALÇADA

NA rua de lama,
Na rau de gente:
A rosa na calçada.

Quem a colherá,
A rosa na calçada?

Quem a porá junto ao peito,
Esperança vermelha?
Quem fará de cada pétala
Ardente canção?

Serás tu, menino infante,
Filho meu ou de Maria,
Que de passo titubeante
Se adianta para o dia?

Ou será tua mão viril
De juventude e ardor,
Nome de um, nome de mil,
Um só arrôjo, um só valor?

Ou trêmulas mãos dos avós,
Mãos de luta, mãos de afago,
Querendo afastar de nós,
Tudo que é mau e pressago?

As tuas mãos, camarada,
Cujo nome eu não sei não,
A clarear a dura estrada,
Cercado pela reação?

As nossas mãos, companheiro,
Companheiro e meu amado,
Para dar ao mundo inteiro
O viver reconquistado?

De nossa mão irmanada
Cresça a rosa
Flor de sol e vingança
Dos homens a esperança
Com nossa mão irmanada
Ergamos a rosa
Todos nós,
De mãos de ferro e alvorada.

De Celina Ferreira

SONÊTO

Em tuas mãos caladas pelo tempo,
roteiros hão de vir, que tu ignoras.
Passamento de coisas na memória,
sufrágios do porquês e entendimentos.

Em tuas mãos, o frio investimento
que chamas de futuro e não de agora.
Estrêlas calculando rigorosas
parábolas de luz no teu silêncio.

Em tuas mãos, a humilde contextura
de nervo e gesto, sangue e indagação,
princípio e acabamento da estrutura

do que es: pretexto amargo e aceitação.
Em tuas mãos, a grave tessitura
de um canto universal, sem solução.

De Lia Feitosa de Castro

POEMA

Quando a resposta surgir em seus lábios,
não a diga logo: guarde-a um pouco...

E as frases colhidas na guerra serão
lembradas pela última vez.

Das lágrimas que as mães derramaram
tivemos notícias em letras vermelhas;
das botas, que os filhos gastaram,
nós vimos nas sôlas a morte marcada.
do pixe, que manchava os muros,
nas unhas do povo o friso prêto ficou;
dos hinos que as crianças entoaram,
ai, a suavidade do céo...

Quando a resposta surgir em seus lábios,
que seja: Paz!

E os olhos brilharão como uma planta
nova que a chuva limpou.

DE GILKA MACHADO: NOTURNOS

— I —

Noite — amiga, piedosa enfermeira do doente
do infortúnio, velando o humano sono, do ar,
alonga pela Terra o teu olhar dormente,
até que eu possa dormir para depois sonhar.

Todo o teu sêr aclara um júbilo fremente
quando, ó mãe negra, vens teus filhos aleitar,
na espargose eteral do túmulo crescente,
dando-nos a beber o teu leite de luar.

Na morna quietação do teu seio convexo,
no gêlo fraternal dêsse teu largo amplexo,
dormem, serenamente, o Céu, a Terra, o Mar...

Em ti se decompõe e se forma a existência,
o primeiro clarão da embrionária inconsciência,
última imagem que hei de em meus olhos levar!

— II —

E noite. Paira no ar uma etérea magia:
nem uma asa transpõe o espaço êrmo e calado
e, no tear da amplidão, a Lua, do alto, ha
veus luminosos para o universal noivado.

Suponho ser a treva uma alcova sombria,
onde tudo repousa unido, acasalado,
linos, fluídos filós, que a envolvem lado a lado.

Uma brisa sutil, úmida, fria, lassa,
erra de quando em quando. E uma noite de bodas
esta noite... há por todo um sensual arrepio.

Sinto pêlos no vento... é a Volúpia que passa,
flexuosa, a se roçar por sôbre as coisas tôdas,
como uma gata errando em seu eterno cio.

— III —

O alvo frouxel do luar se estende pelo mato...
Um perfume sutil, preguiçoso, flutua,
e, mal no espaço o absorve, em cão perscruta o olfato
se dêle subiu da Terra ou se desceu da Lua.

Toma-se tôdo o corpo um langor insensato,
fecho os olhos e sinto a alma carícia tuda...
— sonho! — é apenas a luz que me amacia o tato,
e, qual um polem, cai na minha cútis nua.

E a luz lunar que, unente e untosa, como cola,
escorre pelo azul... Vence-la embora queira,
já no cérebro meu, atôa, a idéia rola...

A Lua, álgida flôr de cálice esponjeira,
desabrocha na altura a pálida corola
e desprende do luar a essência dormideira.

— IV —

Asas longas, sutis, asas fôlas de bruma,
pelo êrmo do infinito erram, se espreguiçando...
Esta noite alva e fria o meu sonho avoluma,
creio, ao palor do luar, de anjos revôe um bando.

No desline da brisa há um carinho de pluma
pela minha epiderme a roçar, quando em quando.
Com leves mãos de sêda, o Silêncio, uma a uma,
das horas vai desfiando as contas, vai desfiando...

Enluaram-se os jardins de crisantemos brancos,
e o luar, gélido, cai, numa etérea esfoliada,
de flôres a juncar planícies e barrancos.

A terra, muda assim, nestas noites serenas,
lembra uma criança morta, em neve amortalhada,
sob magnólias, jasmins, camélias, açucenas...

Cezare Zavattini o homem da boina preta

UMA CARICATURA E DEPOIS UM RETRATO SÉRIO — A LUZ PARA O PEQUENO CÉSAR NO AGITADO 1902 — UMA BELA FILOSOFIA QUE NASCEU DA EXPERIÊNCIA MESMA: A DEVOÇÃO PELO SÊR HUMANO, PELA HUMANIDADE EM SI — EMÍLIA, A PLANA OU EMÍLIA A "ROSSA" — DO CAPITOSO "LAMBRUSCO" AO EMPURRÃO ILUMINADO DE VIDA NO CINEMA — ATÉ PADEIRO ÊLE JÁ FOI — LUZZARA! LUZZARA! LUZZARA! E A PAZ NA TERRA NATAL — O DIABO É QUE EXISTE A CENSURA...

MAURÍCIO CAMINHA DE LACERDA

TENTO uma caricatura com a máquina de escrever. Difícil. Se eu fôsse desenhista, a coisa fluiria leve e rápida como a nuvem soprada pela brisa num corredor de céu. Não sou e resta-me portanto e tão só o recurso à máquina e ao lexico. Ponho então no início a palavra — boina — e explico imediatamente que ela, a boina, é preta faz lembrar um hábito muito basco e esconde com malícia uma calva, não basca, mas italiana e, além do mais, campesina, o que traz à memória uma agradável associação de idéias: sol, ar, vinho generoso e quente, alegria de viver, não-confinamento, libertação... Escrevo agora o-c-u-l-o-s. Óculos não de aros finos nem dourados como nos *dandies*, nos almofadinhas, porém de aros grossos e simplórios, sem preocupações de elegância ou de *charme*, como de resto convém a um camponês: e ademais, nesses óculos, lentes que se diriam gastas de tanto espiar o mundo que lhes gira em tôrno. O têrmo seguinte será — corpo — não muito grande e todavia não muito pequeno, mais para gordo do que para robusto por que afinal, acode-me no instante, é quase como em Cervantes em sua autodescrição: "*Cuerpo entre dos extremos, ni grande ni pequeño, la color viva antes blanca que morena, algo cargado de espaldas, y no muy ligero de pies...*" Decido-me, é isto: um corpo que nada tem de extraordinário, exceção feita da barriga, cuja protuberância entra na curva da idade provecta, e nem sequer seria notado visto assim isoladamente ou pôsto em confronto com a multidão. Umas pernas não muito compridas... braços que se agitam como se estivessem em dificuldade permanente para manter prêsas as inquietas mãos... na voz aquêle diapasão ora enlrado ora fluente... a roupa sem frivolidade e a attitude sem orgulho a encadernar tudo isso. E agora outra vez ao dicionário, à procura de algo que simbolize um espírito incomum no interior dêsse invólucro comuníssimo! Aqui, sim, o desenhista falharia porque é impossível, com traços e rabiscos, materializar êsse caráter que vou experimentando caricaturar. Quanto a mim, folheio o volume e topo logo com cinco letras minúsculas, e no entanto formidáveis, que se derramam pelos bordos e que a linha, a página, o livro, o mundo tôdo, parecem que mal contém: — *Gênio*. Capturo-a com os olhos e transfiro-a desde já nos tipos de metal, para aquela cabeça, onde a calota inerte da boina contrasta com o brilhozinho endiabrado e vivo que salta nas retinas daqui para ali, de traz para diante, de diante para traz, como um *scugnizzo*, um molequinho, pulando poças dágua na rua.

Tenho, agora, o homem completo ou pelo menos os traços principais dêle; e posso a esta altura passar da caricatura ao retrato sério. Chama-se, já todos adivinharam, Cesare Zavattini.

A LUZ PARA CESAR

Não pretendo analisar aqui, era essa, a obra de quem (Zavattini) repete Chaplin no fulgor e no privilégio da inteligência e na agudeza do senso artístico, quem conseguiu dar ao cinema da Itália êsse empurrão iluminado de vida que a todos deslumbra: o que, como repórter, está a seduzir-me e muito nesse C. Z. é, em particular, a sua devoção pelos homens como sêres, como criaturas construídas de uma surpreendente amálgama de esperanças e de lágrimas, não importa quem — nem o que — êles sejam no mundo afinal. Essa paixão, êsse devotamento pela humanidade em si, constitui, convenhamos, uma dominante nesse trabalhador andarilho que vai dormir (e dorme só três ou quatro horas) apenas quando nasce a aurora porque, inteligência em punho, acha curto o dia e o estica como um pedaço de elástico a fim de demorar dentro dêle sua colheita da vida no ato, no instante mesmo em que esta se projeta na sua presença quotidiana, na sua afirmação iniludível. A frase é mais ou menos de C. Z. E sua bela filosofia terá, concluo, nascido da prática da existência mesma, por certo o melhor argumento de todos quantos imaginou ou produziu.

Olhou pela primeira vez a luz do dia a 20 de setembro de 1902. Onde? Em Luzzara, localidadezinha muito simpática e típica, incrustada no Norte italiano nas cercanias de Reggio d'Emilia, com seu casario semelhando um bando de garças pousado a cêrca de um quilômetro das margens do Pó, nos confins do compartimento Emilia: Emilia, sim, onde há gente expansiva e afável, de afabilidade e expansividade intrínsecas, que gosta de reunir-se à noite a dar um cavaco de prosa na *trattoria* para depois ir, fazendo a digestão, contemplar a lua a banhar sua radiante nudez mil metros dali, no leito líquido cavado desde os Apeninos e estendido no chão com doçura enorme embora seja, traçado no mapa, nada mais do que um fiapo de linha: Emilia, a do sumarento pêssego e do tinto *Lambrusco* que acende a cordialidade, expande o gesto, aquece a voz e aviva a côr das idéias; Emilia a plana ou Emilia *a rossa*, a Via Aemilia de Augustus e também a das lutas pela independência em 1821 e 1831, em 1848, 1849 e 1859, onde em cada minuto um coração palpita mais forte pela compreensão entre os homens e contra as injustiças que, também em cada minuto, entre si êles se praticam e fazem mesmo que para isso tenham de reatravessar não o Pó, mas o cansado Rubicon, que já não deságua diretamente no mar e contudo corre ali perto, carreando ainda o destempêro de um César.

Eis, pois, nessa indomável Emilia, o nosso pequenino e rechonchudo Cesare a anunciar berradamente a sua úmida chegada, no ano em que sacode a Itália um frêmito de inquietação social, desde as greves dos ferroviários da estrada ferrea do Mediterrâneo e dos empregados no serviço do gás, as violências antioperárias em Turim, aos distúrbios camponêses no Norte contra o exclusivismo do latifúndio. E C. Z. é, êle próprio, não esqueçam, emiliano, nortista e camponês... Sua inclinação, seus modos de ver, sentir e compreender as relações entre ricos e pobres, privilegiados e desamparados, entre a fortuna e os desafortunados, haveriam então, por fôrça dêsse clima que se prolongaria até a sua adolescência (e mesmo depois), de pender e veementemente para o lado humano, seja por determinismo de sua formação, seja, ao menos por uma coincidência de datas. Vá lá. Aquêle mundo que estremece ao entrechoque das reivindicações de classe, que sublinhava na Península o século recem-nascido com as agitações sociais e com a apresentação da revolucionária Lei do Divórcio no Parlamento do govêrno Zanerdelli, aquêle mundo onde eram atuantes Ferri e Turati, veio a calhar-lhe, convenhamos, como augurio, como pressagio. Não o repudiou nem o desmentiu. Aos cinquenta e quatro anos, Zavattini é ainda e sempre incorrigível apaixonado do homem comum e das grandes causas sociais.

O destino pode tudo. 1902 também pode. Pois ambos não acenderam luz para êsse César?

A ESTRADA

A sorte de C. Z. já está, assim, lançada quando êle vai estudar em Bergamo. Um ano de liceu em Roma, três anos em Alatria, mais alguns na Universidade de Parma, e ei-lo ingressando como inspetor de alunos no Colégio Maria Luigia. Ali, em Parma dá uma guinada rumo a um terreno novo — o cinema. Idealiza *Febre dell' ouro*. Fica nisto: uma aventura. Em 1929, temo-lo a representar, enquadrado na disciplina, um papel que seguramente não lhe agrada: em Firenze, veste a farda do serviço militar. E mais uma vez descobre que nem na tropa existe a tão sonhada igualdade: os oficiais usam uniforme diferente, têm direito à continência, comem bóia melhor e, sobretudo, dão ordens; os soldados obedecem e, às vezes, depois de mortos, conseguem deixar o anonimato. Um sucesso imprevisto, porém, aguarda-o: conhece os editores de *Solaria*, a grande revista literária. Colabora na publicação e começa, nas atividades intelectuais, a ser quase tudo: escritor, literato, autor de contos humorísticos, revisor, corretor em Milão, jornalista, repórter, editor, com um intervalo durante o qual — pasmem! — exerce também as funções tão materiais de comerciante na panificação que pertenceu ao falecido pai. Oh, Deus! que artimanha divina! O homem que se comove com a tristeza dos que não têm pão, condenado, êle próprio, a fabricá-lo e a vendê-lo! Em 1930, está em Milão como representante da Editôra Rizzoli e acaba assumindo a direção de edições dela. Já se encontra metido num turbilhão. Agora, é diretor editorial da Mondadori e produz, produz, produz. Mergulha até o pescoço em literatura: escreve contos com uma fina veia de humor, cria um semanário novo — *Grandi Firme* — no qual alcança esplêndida expressão. Seu interêsse cultural é vastíssimo e assim persistirá: da literatura ao cinema, da pintura ao jornalismo, sempre pronto a fazer e a aconselhar. O pão nosso de cada dia ficou atrás em algum lugar na estrada: soou para Césare a hora do pão do espírito.

Em 1940, quando o fascismo golpeia fortemente tudo quanto e nosso Cesare mais ama e até as obras a que mais fundamenta se devotou (*Solaria* está fechada porque Mussolini não concorda em que discordem do fáscio), vai a Roma. Não para ver o Papa nem para ouvir o conterrâneo que um golpe de sorte e outro de fôrça transferiram da Romagna para as sacadas do Vecchio, de onde se ruma que o povo deve preferir, em lugar de manteiga, mais canhões. Tolice: a manteiga endurece e conserva-se no frio e os canhões desgastam-se e derretem-se na guerra; depois, canhões matam gente, não matam fome. Numa era de sangue, de óleo de rícino e de loucura, retoma o nosso Za o caminho pelo qual em 1934, pàlidamente andou: cinema. Na arte do celulóide, manuseia como um mestre êsse material comburente e, pela simplicidade, é capaz de pôr fogo ao mundo. Continua o mesmo irônico e impenitente realista dos tempos pretéritos. "A verdadeira missão do cinema (diz) não é contar fábulas; é a exata missão de tôda arte: exprimir a necessidade de nosso tempo". Encarna então êsse tempo: "Hoje, hoje, hoje" exclama. Hoje e não ontem. Como em Palazzeschi: "... hà un vago profumo di foglie secche il passato..." E fôlhas sêcas, varrem-se.

O pingo de gente de 1902, em Luzzara, cresceu, amadureceu, inchou no tamanho. E agora um gigante com uma vasta bagagem de literatura e de filmografia. Foi longa a estrada desde *Febre dell'ouro* e *Daro un milione* a *Il Cappoto*, *Miracolo a Milano*, *Ladri di biciclete* e a tantos mais, como *Il Tetto*, que de todos é o benjamim.

Mas foi Arte pura e humana o que resultou!

DO "LAMBRUSCO" AO CINEMA

Tanto tempo passado, aplaudido por meio mundo (o outro meio sente também vontade de aplaudi-lo mas não sabe se publicamente deve, homessa!), detentor de tantas honrarias, inovador no cinema, Cesare Zavattini no fundo permanece o homem comum cada vez mais impregnado (outra frase sua) da convicção de que "dar a tudo um sentido de igualdade não constitui sintoma de mortificação mas de exaltação, de solidariedade". A falta de solidariedade, no seu entender, nasce da presunção de que somos diferentes. "O egoísmo deita suas raízes invariavelmente em um — mas: Paulo sofre, é verdade, e eu também sofro. Mas o meu sofrimento tem qualquer coisa... eu mesmo sou qualquer coisa..." E como não quer nem almeja a diferença, a superioridade, como não é um criminoso do egoísmo, sempre que pode refugia-se na sua Luzzara a beber o capitoso *Lambrusco*, a rever os velhos amigos, a conversar com os conhecidos de outras eras e até com os desconhecidos da era de agora, a dar as suas caminhadas até o Pó para ver a lua no banho, e a confundir-se em cada pedaço de paisagem, em cada existência humana, em cada porção de ar, — enfim a sentir-se feliz na paz de sua terra. "Todo mundo lhe quer bem em Luzzara", dizia-me não faz muito Gian Passeri, jornalista e escritor italiano, que muito me auxiliou com informações sôbre Za. Têm razão para querê-lo: de seu lado, Zavattini jamais esquece êste todo mundo, até quando ganhou o Prêmio da Paz, abriu mão do dinheiro em benefício dos internados no hospital luzzarense. A terra natal parece-lhe entranhada em cada milímetro de carne, pulsa-lhe em todos os poros, abraça-lhe com vigor a alma. Luzzara! Luzzara! Luzzara! É como o bater de um outro coração dentro do peito dêsse campesino de boina e de gênio, que semeia não oliveiras ou as vinhas, mas Arte no mais amplo sentido, na mais poderosa concepção. Tanto e de tal forma ama o seu rincão, que provincianamente condescende a cada passo com êsse amor: vai fazer um filme sôbre a sua cidade e sôbre ela escreveu um livro intitulado *Un Paese*.

Outros pontos que convém guardar:

1 — Casou-se. Sua mulher não é, por seguro, uma *intelectual*, mas (e isto importa, não é?) esplêndida mãe de família e dona de casa. Excelente o seu *ravioli di zucca*!

2 — O casal tem três filhos homens e uma filha. Pormenor notável: *Prima Comunione*, o filme sôbre o vestido de primeira comunhão que chega quase atrasado, foi inspirado em episódio com a pequena Zavattini. E ademais, lá por dentro, o nosso Za não será muito diferente do que, por fora, é o intérprete Aldo Fabrizzi...

3 — Possui uma grande biblioteca de livros de arte. Um dos seus *hobbyes*, se quiserem. Outro: uma coleção de quadros única no mundo com 1.500 obras.

4 — Iniciou há pouco uma coleção de esculturas e tem uma irresistível queda pelos bonecos e calungas da arte popular internacional.

5 — Além do cinema, faz livros. Alguns: *Parliamo tanto di me*, *I poveri sono matti*, *Io sono il diavolo*, *Totò il buono* (que inspirou *Miracolo a Milano*, o filme), *Ipocrita 1943*.

6 — Curiosidade: Zavattini pinta.

7 — Opinião sôbre o cinema: "Se eu não temesse parecer irreverente, diria que o próprio Cristo, com uma câmara cinematográfica em punho, não produziria apólogos por maravilhosos que fôssem, mas sim histórias autênticas sôbre os que são bons e os que são maus atualmente, e nas quais poria é claro em primeiro plano aquêles que tornam mais amargo o pão do próximo e as vítimas da adversidade. Sim, Cristo o faria... se a censura o permitisse."

E o diabo é que inclusive ao humano Zavattini a censura não quer permitir...

O pensamento é Luzzara e o companheiro é Alberto Sordi

Auspiciosa estréia de dois jovens diretores:

"OSSO, AMOR E PAPAGAIO"

A realização de Carlos Alberto de A. Barros e de César Mêmolo — Onde aparece o retrato da pequena cidade do interior — Jayme Costa (o Prefeito) e Modesto de Souza (o líder da oposição local) nos principais papéis.

Reportagem de ALFREDO GUILHERME GALLIANO

MUITO se tem discutido os problemas do cinema nacional; muito se tem dito sôbre a taxação de filmes estrangeiros, financiamento, leis de proteção, maior assistência, etc. embora o repórter seja daqueles que têm uma opinião formada sôbre o assunto, a paixão que move esta reportagem é bem outra, bem mais agradável e muito mais objetiva. Tratou-se aqui, apenas, de mais um filme nacional, e que os leitores perdôem se me encaminhar no terreno da comparação com outras produções nacionais.

O ARGUMENTO

Acanguera, cidadezinha perdida do resto do mundo, encontra-se esquecida pela morte: há dez anos não morre ninguém em suas terras. Vai haver uma festa comemorando o acontecimento. Prepara-se a população, organiza-se as pompas, e quando as coisas estão no auge chega a notícia espantosa: morreu o coveiro que há dez anos não trabalhava! Muitas outras mortes se sucedem, a tal ponto que chega a chamar a atenção de um grande químico cientista estranho, esquisito, que se instala na cidade para grande surpresa de todos os habitantes. Morre-se mais em Acanguera do que em qualquer parte do mundo. Acontece, porém, que o cemitério passa a ser roubado, os túmulos são violados diariamente por um desconhecido. Depois de muita confusão, de muito quiproquó, descobre-se a razão dos furtos: o tal cientista inventara uma fórmula para fazer ouro de ossos humanos, daí a escolha de Acanguera para local de suas experiências.

A população em pêso move-se de sacos, carrinhos de mão, e que estiver ao seu alcance e avança nas tumbas, viola o calmo sossêgo dos mortos em busca da matéria prima. Finalmente a situação entra em crise quando todos ficam sabendo que o tal cientista era um evadido do hospício, um louco renitente. E a paz volta a reinar em Acanguera.

Essa, a linha central do argumento. Entretanto engana-se muito o leitor em pensar que basta saber o enrêdo para conhecer a história. Pelo contrário, o filme é tão rico de detalhes, tão repleto de constante interêsse, o espectador sente-se de tal maneira integrado na história que passa a viver os problemas dos seus personagens, participa dos seus casos, sofre com êles e, principalmente com êles se diverte a valer.

O ROTEIRO

E tudo isso porque o filme tem um grande roteiro. Baseando-se num conto de Lima Barreto (não confundir com o cineasta de "O Cangaceiro", igualmente famoso), Carlos Alberto de Souza Barros e César Mêmolo realizaram um trabalho realmente digno de elogios. Nota-se em tudo o desenrolar do filme, na sucessão de suas seqüências, na apresentação dos seus personagens, uma cristalização de conhecimentos que faz com que nos esqueçamos de que se trata de dois jovens desertores, dois moços que ainda há pouco se despediam do nosso convívio partindo para o Centro Experimental de Cinema em Roma.

DIREÇÃO E ELENCO

Se é difícil encontrar um filme equilibrado em todo o seu conjunto, em todo o seu desenvolvimento, quando dirigido por uma só pessoa, que dizer de um filme dirigido por duas? OSSO, AMOR E PAPAGAIO é sem dúvida uma exceção brilhante.

Desde a primeira tomada até a última, nota-se equilíbrio de direção, uma mesma orientação no tratamento das seqüências e dos personagens. Cenas como por exemplo as dos discursos à beira do túmulo seja a oração do prefeito, seja a oratória da oposição intolerante e ontusa, demonstram uma qualidade que vai se confirmar plenamente na seqüência final do cemitério, onde dois jovens, proibidos de amar por imposição de seus pais, encontram-se e se libertam da opressão que os tolhia. Podemos dizer sem mêdo que esta última cena vale pelo filme todo tal a sua fôrça e comunicabilidade.

Jayme Costa e Modesto de Souza brilham nos papéis principais, o primeiro como o prefeito corrupto e venal, e o segundo como o chefe da oposição constantemente evocando os fatos e personalidades da Revolução Francêsa. Mas é importante salientar os personagens secundários e os extras, tão esquecidos pela produção nos nossos filmes. Cada tipo que aparece em OSSO, AMOR E PAPAGAIO é uma novidade e escolhido, é a representação do personagem que representa. Entre êles destacam-se o casal de jovens (principalmente na referida cena do encontro no cemitério), o cientista maluco, o delegado, o boticário, a dona da casa funerária, o segundo coveiro, o mestre escola, o dono e a dona do botequim, e o comerciante turco.

A PRODUÇÃO

E demos um aperto de mão a Galileo Garcia, diretor de produção, que não poupou esforços em obter tipos magníficos, tipos que muitas vêzes apenas aparecem no canto de um quadro, no fundo da um plano ou no meio de uma centena de outros companheiros, igualmente bem colocados. Estamos certos de que êle não dispôs de muitos recursos financeiros para gastar com OSSO, AMOR E PAPAGAIO, e de que foi uma produção bastante barata, mas afirmamos que, apesar disso, OSSO, AMOR E PAPAGAIO nada fica a dever às superproduções nacionais. E não se diga que não houve muito trabalho para a produção. O botequim, a farmácia, o laboratório do cientista, os objetos de cena, o vestuário, a figuração, a riqueza dos detalhes etc., atestam uma preocupação constante de pesquisa, de procura do melhor.

FINALIZANDO

O repórter recomenda OSSO, AMOR E PAPAGAIO a gregos e troianos; espera que o leitor possa entrar numa sala de exibição, sentar-se numa poltrona, e rir à bêça com as situações que se apresentam, exatamente como fez.

Cena de "Osso, amor e papagaio", com Jayme Costa, Jackson de Souza e Modesto de Souza

A QUINZENA NOS CINEMAS

"As férias de M. Hulot"

SE é justa a famosa afirmação de Dulac, no tempo do cinema mudo, segundo a qual um bom filme é aquele que não pode ser contado, então «As Férias de M. Hulot», recentemente exibido em São Paulo, é um dos melhores. Porque tentar narrá-lo é impossível, a não ser que se queira escrever volumes inteiros. Vendo-o — e é preciso vê-lo ao menos duas vêzes — saímos do cinema com muito pouco para narrar; podemos, no máximo, dizer que o filme trata de focalizar a vida monótona de algumas pessoas, numa pequena cidade balneária da França. Entretanto, muitas horas depois continuamos, por um milagre de memória visual, a ver alguns dos intermináveis e prodigiosos «gags» criados por êsse fabuloso Jacques Tati e a nos lembrar de alguns tipos, perfeitos de precisão, que figuram na fita. O filme é todo «gags», é uma sucessão de situações, num ritmo tão acelerado que quase se torna difícil acompanhá-lo. Se por vêzes alguns dêles lembram os velhos filmes de Mack Senett ou as comédias de duas partes de Chaplin, logo nos convencemos de que muito entretanto, é novo. Novo, apesar de se tratar de um filme sem diálogos, digno da época do sincronizado: ouvem-se apenas uma ou outra frase, rumores, gritos raros. Quem fala mais é o rádio da pensão, transmitindo as últimas notícias da noite e servindo de referência para a hora de recolher dos hóspedes: quando começam a soar os primeiros acordes da Marselhesa é porque chegou a hora de dormir e alguém desliga imediatamente o rádio. Assim, a coluna sonora do filme é feita apenas de artifícios, o que não quer dizer que o pouco que se ouve seja dispensável. Não: o que ali está gravado, funciona como um relógio, no filme, e cumpre seu papel cômico. O som mais engraçado — se não quisermos como som o discurso de fim de ano do primeiro ministro, transmitido pelo rádio — é, por exemplo, o que faz aquela porta da sala de jantar da pensão, tôda a vez que alguém entra ou sai. Tudo, aliás, funciona com rigorosa precisão, servindo para dar idéia de como Tati trabalha e elabora seus filmes. Esse, pelo menos, dá a impressão de ter sido uma obra trabalhosa. Ela seria impossível sem que Tati, caderno de notas em punho, não passasse pelo menos alguns meses em estações balneárias, anotando e desenhando tudo o que vê, para dar realidade ao ambiente, para criar os tipos e para, depois, construir e montar os «gags» impagáveis, engendrados por quem deve ter uma reserva interminável dêles.

A comicidade palpita em cada metro de filme. Podem algumas cenas não provocar gargalhadas, mas fazem, tôdas elas, rir. E por vêzes rimos mais gostosamente porque rimo-nos de nós mesmos. O que se vê naquela praia, de cômico, de suavemente grotesco, nos rápidos instantes em que Tati não cria um «gag», fazendo apenas um ligeiríssimo intervalo, são flagrantes de nós próprios, apanhados com rigorosa objetividade, isentos de sentido caricatural. Fruto de observação meticulosa. Mas como é engraçado e ridículo!

Jacques Tati, levou quatro anos para realizar êsse filme. Começou a trabalhar logo depois de ter terminado «Jour de Fête», sua primeira obra e que de tal forma repercutiu que os produtores mais fortes da França e da Itália lhe ofereceram projetos em penca. Tati recusou-os a todos — inclusive uma oferta para trabalhar com Totó, na Itália — para dedicar-se a «As Férias de M. Hulot». Durante quatro anos, viajou, vagabundeou e observou. Principalmente observou, sempre em função de seu velho projeto. Boa parte do tempo, depois de ter amadurecido o principal, foi empregado em desenhar a maioria das cenas, isto é, aquelas em que estão os «gags», o que quer dizer quase todo o filme. Pode não ter saído um filme perfeito, sem pecados. Mas nasceu uma obra prodigiosa, indiscutivelmente prodigiosa, fruto de uma poderosa inteligência de humorista imperável. Bastaria, para consagrar Tati e seu filme, a galeria de tipos que êles nos apresentam: aquela inglêsa, aquêle casal de velhos, aquêle general, aquêle dono de pensão, aquêle revolucionário, aquêle M. Hulot.

NOÉ GERTEL

JACQUES TATI em "As férias do sr. Hulot"

ROCK AND ROLL

O atual chefe do Serviço de Censura de Espetáculos e Diversões Públicas distinguiu-nos com um convite para uma sessão especial de cinema, com a presença de várias autoridades interessadas — inclusive o ministro da Educação e Cultura, e o Juiz de Menores (o Chefe de Polícia, também convidado, não compareceu). O filme a ser projetado era e já demasiado e imerecidamente famoso "Rock and Roll around the Clock", que terá entre nós o título de "O Balanço das Horas".

A fita em si não tem nada de mais, ao contrário é um musical da Atlântida feito nos Estados Unidos, naturalmente com mais recursos técnicos. Enrêdo: uma orquestrazinha de província, que tocava só nos sábados, mesmo porque os músicos eram todos operários e tinham seus afazeres durante a semana, até que certa noite vai permitir ali um empresário de espetáculos e tem o estalo de levar a tal orquestra para outras cidades maiores e mais ricas, com o implícito propósito de ganhar suas comissões à custa dos músicos provincianos e do par de dançarinos (a "mocinha" e seu irmão). Acontece que a mocinha era mais viva do que o mocinho imaginara e dispunha-se a fazer o contrato com o empresário na base de 10% sôbre a renda, ao passo que êle, querendo passar os provincianos para trás, fincava o pé na base de 50%; afinal resolvem discutir o assunto na praia, êle de calção com palmeirinhas e ela de biquini, beijinho vai beijinho vem, até concordarem em fixar a comissão do agente em 25%.

A primeira imoralidade do filme é aquela, do empresário surrupiar quarenta por cento dos ganhos do conjunto — músicos e dançarinos; a segunda é essa, de acordarem as partes contratantes em circunstâncias pouquíssimo comerciais e com pouquíssima roupa (foi aliás o que justamente induziu Hildon Rocha a declarar o filme impróprio até 14 anos essa cena da praia); há uma terceira imoralidade, que é o fato de certa senhorita, tratamente trabora de negócios de "shows" e que disso fazia uma espécie de monopólio, querer levar o "mocinho" à falência e à miséria para assim forçá-lo a casar-se com ela; o que há, além disso, não deixa de ser de certo modo imoral também — é o tal conjunto largar de mão sua terra e suas profissões para ir cantar noutras freguesias. Há uma porção de mancebos com pentrados e trejeitos que não se recomendam e o mais é rock-and-roll, rock-and-roll, q.s.p. rock-and-roll.

GEIR CAMPOS

ÚLTIMAS NOVIDADES

Gary — Les Racines du Ciel — Prix Gouncourt 1956
Bastide — Les Adieux — Prix Femina 1956
Perrin — Le Père — Prix Renaudot
Buck — Imeratrice de Chine
Benoist — Meghin — Soixante Jours qui ébranlèrent L'Occident — 3 volumes
Les Memoires de la Duchesse de Windsor
La Bible — L'ancien Testament — La Pleiade
Terres Saints-Monde en coleurs
Le Decor de Theatre dans le Monde depuis 1935
La Bibli dans l'art
Le Livre du Zoo — Larrousse
Jeux et Loisiers de la jeunesse — Larousse
Grande decouvertes du XX Siecle — Larousse

LIVRARIA EDITÔRA GUANABARA
KOOGAN S/A
RUA DO OUVIDOR, 132
Telefone: 32-8484
RIO DE JANEIRO

Estúdios e Bastidores

PARA TODOS dedicará, em seu próximo número, documentada reportagem ao III Congresso Brasileiro de Teatro e ao I Festival Nacional de Amadores Teatrais. A primeira dessas atividades acaba de se realizar, no Rio de Janeiro, no momento em que encerramos os trabalhos da presente edição: a segunda, iniciou-se terça-feira última, também nesta cidade e com a participação de grupos vindos de vários pontos do país.

◆

SERÁ realizado êste ano um amplo documentário cinematográfico sôbre os retirantes nordestinos, focalizando o drama daqueles trabalhadores do campo que se vêem obrigados a emigrar em busca de terras mais férteis e melhores condições de vida. O filme terá a direção de Rui Santos com argumento e roteiro de Oscar Flores.

◆

ESTREOU com êxito notável em Lisboa, a peça de Abílio Pereira de Almeida, «Moral em Concordata», com a companhia de Maria Della Costa e Sandro Polloni. A censura portuguêsa, entretanto, obrigou o autor a modificar o final da peça, que passou a ter um clássico e lírico «happy end».

◆

FORAM os seguintes os prêmios de teatro, no valor de cinquenta mil cruzeiros cada, atribuidos pela Prefeitura do Distrito Federal e relativos ao ano de 1956: Peça cômica — melhor autor: Luiz Iglésias («Lotária»); melhor diretor: José Maria Monteiro («A Prima Dona»); melhor ator: Magalhães Graça («Memórias de um sargento de milícias»); melhor atriz: Graça

MARIA DELLA COSTA

Morena («Memórias de um sargento de milícias»); melhor cenógrafo: Anísio Medeiros («Memórias de um sargento de milícias»). Peça dramática — melhor autor: Agostinho Olavo («O Anjos»); melhor diretor: Leo Jusi («Orfeu da Conceição»); melhor ator: André Villon («Três à meia-luz»); melhor atriz: Elza Gomes («O Anjos»); melhor cenógrafo: Santa Rosa («O Anjos»). Integraram a Comissão Julgadora os srs. Lopes Gonçalves, pela ABCT, Bandeira Duarte, pela SBAT, Cursino Raposo, pelo SNT, Raimundo Magalhães Jr., pela Câmara Municipal e Celé Santana, pela Casa dos Artistas, tendo deixado de comparecer os representantes da PDF e da Academia Brasileira de Letras.

◆

A Associação Paulista de Críticos Teatrais, por sua vez, escolheu os seguintes «melhores» de 1956: Espetáculo profissional: «A casa de chá do luar de agôsto». Autor vivo de peça brasileira: Maria Clara Machado («O fantasminha Pluft»). Tradutor: Onestaldo de Pennafort («Otelo»). Diretor: Maurice Vaneau («A casa de chá do luar de agôsto»). Intérprete feminino: Tônia Carrero («Otelo»). Intérprete masculino: Paulo Autran («Otelo»). Cenógrafo: João Maria dos Santos («A rosa tatuada»). Figurinista: Aldo Calvo («Otelo»). Coadjuvante feminino: Margarida Rey («Otelo»). Coadjuvante masculino: Ziembinsky («Gata em teto quente de zinco»). Espetáculo amador: «O fantasminha Pluft». Revelações: de diretor, Augusto Boal; de intérprete masculino, Gianfrancesco Guarnieri; de figurinista, Willys de Castro. A nota curiosa do resultado é que Ziembinsky recusou a láurea, considerando que o papel por êle desempenhado não correspondia à categoria em que foi incluído para os efeitos da premiação.

Dovjenko ou o amôr exasperado à terra da Ucrânia

LEON MOUSSINAC

DEPOIS de Eisenstein e Podovkin, eis que se desvenda bruscamente o coração de Dovjenko, o criador de um dos criadores do cinema soviético, um dos que asseguraram sua irradiação pelo mundo, e perante a história, o maior cineasta ucraniano. Espírito apaixonado, generoso, voluntarioso, lírico às vêzes e sempre aplicado ao aprofundamento plástico de suas ideias, através da observação dos fatos, procurava, na realidade da vida soviética, as mais humanas verdades. Veio da pintura. Nada lhe escapou, dos aspectos e do caráter da Ucrânia. Encontraria, nos meios específicos do cinema, pouco a pouco descobertos, da imagem muda à palavra e aos sons, depois à côr, razões incessantes para elevar-se e afirmar sua mestria, enriquecendo o conteúdo de seus filmes pelo enriquecimento da forma.

Estava às vésperas de começar **O Mar Novo**, em que, segundo temos todos os motivos para acreditar, suas próprias exigências de aprimoramento assinalariam a distância percorrida após o filme em côres dedicado a Mitchurin.

Conheci Dovjenko depois de **O guardanapo do correio diplomático** (1927), **Zvenigora** (1927-28) e **O arsenal** (1929), nos estúdios de Kiev, no momento em que êle terminava esta magnífica obra-prima que se chama **A terra** (1930). Vindo a Paris, obtive da gentileza de Mlle. Myrga e de Armand Tallier, que emprestassem a sala das Ursulinas, para a apresentação de seu filme aos críticos e cineastas franceses. Não haverá certamente pessoa que, tendo assistido a esta sessão, não guardasse a lembrança do entusiasmo com que foram acolhidas aquelas imagens profundas onde se exprimia o amor exasperado à terra da Ucrânia, que levava os heróis populares ao cimo de uma verdade procurada e encontrada, uma verdade projetada para o futuro.

Aproveitando sua presença, mantive longas conversas com Dovjenko, e hoje reencontro algumas das confidências que então anotei. Leio, entre outras: "Não me conservo indiferente, nunca, ante documentos. E' preciso saber amar, muito e vigorosamente — e odiar — ou as obras resultam dogmáticas e sêcas ...". E mais isto: "Trabalho com atores, mas sobretudo com personagens escolhidos na multidão. Minha documentação o exige. Não se deve ter mêdo das pessoas que não são atores profissionais; é preciso lembrar que cada homem pode se representar, a si mesmo, na tela, ao menos uma vez ...". E ainda: "Acho que **A terra** será meu último filme mudo. Farei o próximo sonoro e falado; espero que a aplicação da palavra e dos sons não me desvie do caminho que segui até agora".

Este "próximo filme" viria a ser **Ivan** (1932), seguido de **Aerograd** (1935 e de **Chtchors** (1939), todos obras excepcionais.

Dovjenko timbrava em escrever, êle próprio, a cenarização de seus filmes, nada deixando ao acaso, "até o último metro", como dizia. Não se desviava do caminho, mas extraía sempre um benefício notável da crítica a suas experiências. Também para êle os problemas do filme falado e sonoro não foram fáceis de resolver, mas conseguiu, talvez melhor do que ninguém, com Eisenstein, em **Alexandre Nevski**. A fim de nos darmos conta disso, basta nos reportamos a seus **Problemas de dramaturgia cinematográfica** (1954), de que um importante excerto, sôbre "a palavra na cenarização", apareceu recentemente na França, publicado em **Recherches soviétiques** (caderno n.º 3).

Depois de opôr-se a tôda negligência em relação ao emprêgo da palavra, considerando-a prova de falta de cultura, sobrevivência de velhas tendências artesanais, Dovjenko observa, por exemplo: "Esquecemos às vêzes o valor do silêncio. O trabalho do realizador é que sofre com nossas pesquisas insuficientes, nossa incapacidade de nos

Cena de "A Terra"

exprimir brevemente; mas nosso trabalho de autores de filmes também sofre quando, arrastados pela inércia, esquecemos até que ponto os diálogos perdem o colorido, nos filmes privados do silêncio, privados da linguagem dos objetos, de metáforas, metonímias e outros meios da expressão não-falada, que provocam sempre, nos espectadores, um sentimento de satisfação e de reconhecimento pela confiança que depositamos em sua inteligência".

Assim, o pensamento de Dovjenko procurava sempre agir no sentido mais alto da vida. Quanto a seu coração, batia com o coração de seu povo, e o mais fortemente possível, para que fôsse mais bem entendido por êle. Até romper-se...

Rompeu-se no momento em que o autor da **A terra** e de **Aerograd** pretendia voltar à França a fim de assistir, desta vez, à homenagem que a **Cinemathèque Française** se preparava, há muito, a render à sua obra inteira — homenagem que se transformou em comemoração, projetando-se, na sala do Instituto Pedagógico (**Rua Ulm**), a maior parte dos filmes que fez.

Depois de Eisenstein, depois de Pudovkin... Dovjenko.

Como êles, Dovjenko foi o mestre de uma geração por uma mesma cultura, que contribuiu para desenvolver e irradiar, iluminando-a com seu gênio particular e nacional de cineasta.

Como êles, foi o herói de um mesmo combate e de uma mesma vitória.

Como êles, também, meu amigo...

A VINTE ANOS DA MORTE DE PIRANDELLO

Da expressão como destino

RUGGERO JACOBBI

O SÉCULO tem quase sessenta anos, eu me aproximo dos quarenta, e Pirandello — um escritor nascido em 1863, morto antes do estouro da segunda Guerra Mundial, experiência básica da minha geração — continua para mim, não apenas o símbolo fiel da minha adolescência e da minha formação, mas sim a figura capaz de resumir para a minha consciência o sentido e o drama de todo o século.

Não bastou passar por experiências de tôda a ordem — religiosas, políticas, morais, estéticas, psicológicas — e ter de renegar, mil vêzes, em cada uma delas, "la cara e buona immagine paterna" do Siciliano. Não me bastou, tôdas as vêzes, voltar atrás, recolocá-lo no altar do Valor e guardar intatas algumas objeções muito minhas. Não bastou a esta vida — à rêde inextricável das contradições ideais e práticas — a certeza sempre renovada de que Pirandello era um grande, imenso escritor, capaz de resistir a investidas de tôda espécie. Isto não bastava a dar paz à sua figura inscrita em minha memória antiga, infantil. Isto não basta a dar-me paz. Pirandello permanece diante de mim, em mim, como uma presença mais forte: como um alto e puro remorso.

Que pedimos, nós, à poesia? Uma fulguração sôbre todo o Ser, a História e o Possível: uma coincidência final, extrema, entre palavra e destino. Pirandello escreveu versos e versos até os quarenta anos de idade. Publicou-os, todos, pontualmente, humildemente, em livros obscuros, condenados de antemão à inutilidade. Os impulsos da Razão, e mais ainda, a violenta paixão pelos raros terrestres, pelo sangue diário da existência, impediam-lhe continuamente de emprestar ao verso a límpida vida da forma; a música aberta, sôlta, tocada pela Graça da liberdade de expressão. E, como era um homem nascido para a expressão, portanto incapaz de fazer da forma uma veste, ou pior, um disfarce de idéias, voltou-se para a prosa. Velho, escreveu d o i s "improvisos": brotaram-lhe de repente, facílimos, daquela nascente de lirismo que é tão nova e clara em tôda a última fase, da "Favola del Figlio Cambiato" aos contos de "Una Giornata", ao mito interrompido dos "Giganti della Montanha". A língua, a palavra despontam na página com a naturalidade e a fluência que têm, às vêzes, certos livros de estreantes. Todos os trabalhos de mocidade de Pirandello são, pelo contrário, armados, cansativos, cheios de dificuldade, de esfôrço: a mão não obedece, insiste demais, fura a página, borra as margens).

Que pedimos nós à ficção? A lenta e segura passagem da crônica dos nossos dias, a um tempo maior, a uma perspectiva que já é a História, única imagem do Absoluto ao nosso alcance, "feita de nós, viva em nós, e nada fora de nós". Esta revelação é, sempre, um passo, que o escritor ousa dar, além dos limites da sensação e do momento: é uma fundação de ordem moral. Pirandello, na longa e atribulada carreira de romancista, no trabalho diário e quase incrível dos trezentos contos — monumento único depois do "Decamerone" — encontrou continuamente o espetáculo da vida, de uma vida por demais urgente e vibrante, ou o obstáculo das idéias, de uma reação moral por demais polêmica e urgente. Mesmo com a consciência de ter escrito algumas obras-primas, Pirandello, aos cinquenta anos, estava às voltas com uma crise terrível: ainda combatia contra o demônio da Forma, que era preciso subjugar, reduzir ao próprio corpo de escritor. Então nasceu o teatro. Velho, voltou para a prosa, com liberdade e sofrida clareza, ditando os contos de "Una Giornata"; da mesma disposição teria nascido a autobiografia que não chegou a escrever: "Informações acêrca da minha involuntária passagem pela terra".

Que pedimos ao teatro? O ritual da consciência, a celebração pública de nossa con- **(Conclui na 14.ª página)**

Pirandello, desenho de Primo Conti

PARA TODOS rende neste número homenagem a Pirandello, pela passagem do vigésimo aniversário de sua morte, publicando as palavras que, a propósito, escreveram Ruggero Jacobbi, o conhecido crítico e "metteur-en-scène", e Mário da Silva, que, além de ter privado pessoalmente, em um convívio de muitos anos, com o eminente dramaturgo italiano, é respeitado tradutor e estudioso de obras suas.

Sobrevivência do naturalismo

MARIO DA SILVA

— "NÃO sei se, em minha obra, o teatro resistirá; mas tenho a certeza de que a parte narrativa, sim." Esta confidência de Pirandello, ouvi-a pessoalmente, em agôsto de 1936 (veio a morrer pouco depois, a 10 de dezembro), quando fazia a revisão dos volumes da edição completa dos contos ("Novelle per un anno"). Não se tratava de uma dúvida profunda, que realmente calasse em seu espírito. Tanto que, a essa época, ainda procurava as soluções do "Gigante da montanha"; tratava-se de uma opinião simples e direta, fruto da parte de uma personalidade, aliás tão fascinante e complexa, de que nunca abriu mão e em que era, objetivamente, crítico de si mesmo.

Por que motivos, entretanto, levantaria a comparação e duvidaria assim de sua produção dramática? E acredito que, em parte, porque o teatro não foi, nêle, a primeira nem a atividade mais espontânea; veio depois de ter-se afirmado como novelista, de ter versado o conto e o romance, que inegàvelmente constituíam, para êle, uma necessidade congenial. E em parte, grande parte de resto, devido às várias e apaixonadas controvérsias que seu teatro provocou: a consagração atual (recorde-se a declaração de Anouilh de que, sem Pirandello, seu próprio teatro não existiria) ainda não se extinguiu a lembrança da estréia, em Roma (1924), de "Seis personagens à procura de um autor", quando teve de ser escoltado pela polícia após a representação, ou a assuada que provocou, em Berlim, a primeira noite de "Questa sera si recita a soggetto" (1932). Lembro, a propósito, a frase significativa com que respondeu aos jornalistas, ao desembarcar nos Estados Unidos: "Meus senhores, a minha filosofia, eu não a fiz de propósito" ("Signori miei, la mia filosofia non l'ho fatta apposta"), frase em que vejo a confirmação do naturalista que havia nêle, ausente da metafísica, embora havendo estudado na Alemanha e se formado em filosofia na Universidade de Bonn.

Se hoje renovássemos, especulativamente, a dúvida comparativa a que me referi no início, creio que se poderia solucioná-la afirmando que o teatro de Pirandello sobreviverá apesar do "pirandellismo". Êste não existe como coisa em si: como relativismo temático está fora da arte e das intenções do autor; resulta apenas, consequente e inevitàvelmente, da atitude de seus personagens face aos fatos de cada peça, e é bem válido, sob o ponto de vista dramático, ou melhor: dramatológico. Sobreviverá, sim, a meu ver, pelo drama dêsses personagens, pelo desdobramento de relações e emoções humanas e sociais que sua obra teatral apresenta — e não por uma substância de "filosofia" relativista que dela promanaria e que não encontro na criação de Pirandello.

— E no Brasil

— No Brasil, o teatro de Pirandello tem sido muito bem recebido, inclusive da parte do público. E' preciso não esquecer as vaias que algumas de suas peças provocaram na Europa, duas delas citadas nesta crônica. Aqui, entretanto, o respeito e os aplausos dispensados às apresentações de "Assim é, se lhe parece" e "Seis personagens em busca de um autor", falam melhor do que tudo. O grande autor siciliano tornou-se um nome indispensável no repertório de várias das grandes companhias existentes entre nós, e não somente é bem montado e interpretado, como bem recebido pela platéia, que o entende e aprecia. Dentre as peças típicas do dramaturgo ainda não foram dadas entre nós: "Enrico IV" e "Questa sera si recita a soggetto".

Devo apenas lamentar que uma parte importantíssima de sua obra continue inédita no teatro do Brasil. Falo — não do Pirandello trágico, substancial — mas do Pirandello bem humorado, muito mediterrâneo (que vimos em "La giara", na montagem feita por Strehler para o **Piccolo Teatro di Milano**), de certo modo pagão, presente em numerosas novelas e em peças como "Cecé", "Liolà" (que absurdamente não deixaram levar, o ano passado ainda, argumentando que a obra exige a presença, em cena, de três crianças), ou "Berretto a sonagli", boné de guisos, o boné de guisos de aldeia que se colocava na cabeça dos maridos enganados...

BALANÇO DE UM ANO DE CINEMA

Mais de 400 filmes mas dieta ainda rigorosa - I

ALEX VIANY

(1.º de uma série de artigos)

NA SEÇÃO que há dois anos e tanto mantenho no semanário Shopping News do Rio, registrei no decorrer de 1956 um total de 413 filmes de longa-metragem lançados nos principais cinemas cariocas. Esse total, naturalmente, está longe de representar o número global dos filmes que entraram em nosso mercado no último período de doze meses; de qualquer forma, porém, dá uma boa idéia das proporções que os diversos fornecedores ocupavam no comércio exibidor brasileiro.

E. U. A.	232
Itália	44
Inglaterra	33
Brasil	27
México	23
França	22
Espanha	7
França-Itália	4
Argentina	3
E. U. A.-Itália	3
E. U. A.-México	2
Japão	1
União Soviética	1
Índia	1
Israel	1
Austrália	1
Alemanha	1
Cuba	1
Itália-Brasil	1
Áustria-Iugoslávia	1
Itália-Turquia	1
Alemanha-E. U. A.	1
Inglaterra-E. U. A.	1
E. U. A.-Espanha	1

Quantitativamente, nota-se desde logo, mesmo com o desconto dos filmes que escaparam ao registro, uma sensível diminuição no número de produções estrangeiras em comparação com os anos imediatamente anteriores, em alguns dos quais o total chegou a ultrapassar a casa dos 900. Tal diminuição foi principalmente causada pela correspondente diminuição da produção norte-americana, e não por qualquer medida restritiva tomada pelo Brasil com relação à importação de películas estrangeiras: a verdade é que aqui continua a entrar tudo o que é feito nos EE. UU.

Durante o ano, firmou-se a Itália como o segundo fornecedor do mercado brasileiro. A indústria nativa, apesar de todos os percalços por que tem passado nos últimos anos, conseguiu ocupar um honroso quarto lugar, e, como já indicamos no balanço aqui publicado sôbre o cinema brasileiro, com tôda a certeza melhorará de situação êste ano.

Alguns países não compareceram com filme algum em 1956, pelo menos no Rio de Janeiro. Muito estranhável foi a ausência da Suécia, da Polônia, de Portugal, da Tcheco-Eslováquia, da Hungria e de muitos outros países em nossa dieta cinematográfica. Por outro lado, a volta da produção soviética a nossas telas constituiu um dos fatos mais animadores do ano, se bem que essa volta tivesse sido marcada, nos cinemas paulistas e cariocas, por filmes insatisfatórios. Quanto ao cinema japonês, apesar dos enormes sucessos que vem alcançando nos festivais internacionais, somente um representante seu foi exibido no Rio de Janeiro: inacreditàvelmente, o admirável *Hiroshima*, visto em São Paulo, até hoje não obteve programação na capital da República. Da Índia — que, com os E.U.A. e o Japão, é um dos três maiores produtores cinematográficos do mundo — , veio-nos apenas uma fantasia musical. Nenhum distribuidor ousou trazer amostras do movimento realista que empolga tanto a Índia como o Japão, o Egito, a Grécia e outros centros.

Os processos de tela larga, no Brasil inexplicàvelmente beneficiados com preços especiais de ingresso, mais ainda se firmaram durante o ano, e hoje já é enorme o número de cinemas brasileiros providos de telas cinemascópicas. Através do mundo, lentes anamórficas passaram a ser usadas mais frequentemente, e em alguns filmes — como *Nunca Fui Santa* (*Bus Stop*), com fotografia de Milton Krasner; *Vidas Amargas* (*East of Eden*), cinegrafado por Ted McCord; e *Melodia Imortal* (*The Eddy Duchin Story*), com maravilhosos exteriores do mestre Harry Stradling — muito se avançou pelo caminho aberto por Sam Leavitt em *Nasce uma Estrêla* (*A Star Is Born*). Qualitativamente, entretanto, os filmes feitos no formato tradicional continuaram a merecer a preferência dos críticos mais criteriosos de todo o mundo.

O ano viu uma tremenda crise econômica no cinema italiano, provocada não só pelas estruturas da censura, quase ostensivamente dirigidas contra o neo-realismo que revelara o novo cinema peninsular ao mundo, mas também — e talvez principalmente — pela intromissão de capitais norte-americanos na indústria local. O resultado foi um inopinado aumento no preço de produção e um rebaixamento do nível geral de qualidade. *Helena de Tróia* (*Helen of Troy*) é o pior exemplo que se poderia apresentar dessa intromissão. Mas Hollywood, semi-derrotada em casa pela concorrência da televisão, não se limitou a invadir a Itália: em países tão diversos como a Inglaterra, o México, a França, a Espanha, Portugal, Alemanha e Austrália, muitos filmes produzidos tiveram o financiamento e as fórmulas estereotipadas da massa média norte-americana. O Brasil não escapou: enquanto uma distribuidora prudentemente engavetava *The Americano*, por aqui surgia outro grupo e perpetrava algo intitulado *O Monstro de Curiçá*.

O ano foi de Marilyn Monroe, que se firmou como atriz em *O Pecado Mora ao Lado* (*The Seven Year Itch*) e *Nunca Fui Santa*. Foi também, funereamente, de James Dean, cuja imagem de rapazola ao mesmo tempo debochado e tragediado despertou paixões necrófilas em brotinhos e mocinhas de todas as idades. E foi de veteranos como Katharine Hepburn, esplêndida na solteirona de *Quando o Coração Floresce* (*Summer Madness/Summertime*), sem dúvida o maior sucesso popular do ano, e James Cagney, explosivamente presente em *Ama-me ou Esquece-me* (*Love Me or Leave Me*), *Mister Roberts*, *Fora das Grades* (*Run for Cover*) e *Honra a um Homem Mau* (*Tribute to a Bad Man*).

O ano não foi de Lana Turner e Jean Crawford, que dificilmente resistirão a mais filmes como (da primeira) *O Filho Pródigo* (*The Prodigal*), *Paixão e Carne* (*Flame and the Flesh*), *Diana de França* (*Diane*), *Mares Violentos* (*The Sea Chase*), (da segunda) *Os Amores Secretos de Eva* (*Queen Bee*) e *Frenesi de Paixões* (*Female on the Beach*), em conjunto um verdadeiro e assustador compêndio do que há de pior na produção ianque. Outra que sofreu um pedaço, no *far-west*, foi a distinta Greer Garson em *Uma Estrêla em Meu Destino* (*Strange Lady in Town*). E, enquanto Bette Davis voltava valentemente em *Rainha Tirana* (*The Virgin Queen*), Vivien Leigh sofria teatralmente em *O Profundo Mar Azul* (*The Deep Blue Sea*), e a veterana Barbara Stanwyck fazia dois ou três filmes quase com a mesma história.

Diversos atores fizeram sua estréia como diretores: Burt Lancaster em *Homem Até o Fim* (*The Kentuckian*); Ray Milland em *O Homem Solitário* (*A Man Alone*); Dennis O'Keefe em *O Mago dos Diamantes* (*The Diamond*); Cornel Wilde em *Ódio Entre Irmãos* (*Storm Fear*); Mark Stevens em *Grito de Vingança* (*Cry Vengeance*); e Charles Laughton em *O Mensageiro do Diabo* (*Night of the Hunter*). Em todos os casos, as estréias corresponderam quase 100 por cento à categoria dos mesmos como atores. Assim, enquanto Lancaster se revelava sincero mas hesitante, Milland preferia os maneirismos fáceis, Laughton misturava um coquetel de estilos e intenções, bem de acordo com sua grande cultura literária e teatral, e os demais não saíam da mediocridade. E supinamente medíocre foi Dick Powell em *Sangue de Bárbaros* (*The Conqueror*), com o vaqueiro John Wayne na pele de um ridículo Gengis-Cã. Aos atores-diretores, juntou-se um produtor-diretor: Stanley Kramer, muito promissor em *Não Serás um Estranho* (*Not As a Stranger*).

O ano foi irregular para os diretores, novos e veteranos. Charles Vidor deu-nos uma direção seguríssima em *Ama-me ou Esquece-me*, para logo em seguida quase naufragar no fracassado *O Cisne* (*The Swan*), onde se desperdiçaram o talento de Alec Guinness e a beleza de Grace Kelly. G. W. Pabst [illegible] histórias do cinema, surgiu com um místico *A Voz do Silêncio* (*La Voce del Silenzio*). John Ford, ajudado por um original de teatro muito bem estruturado e por um excelente elenco, dividiu com Mervyn LeRoy a direção do engraçadíssimo *Mister Roberts*, mas no último dia do ano terminava seu declínio num confuso *western*, *Rastros de Ódio* (*The Searchers*). Vittorio de Sica, muito mais presente como ator do que como diretor, deu-nos um simpático filme de contos, *Ouro de Nápoles* (*L'Oro di Napoli*), enquanto Luchino Visconti nos brindava com um de seus raríssimos trabalhos cinematográficos, o impressionante *Senso*, aqui disfarçado em *Sedução da Carne*. Aí, a fotografia de G. R. Aldo e [illegible] Krasker, o roteiro cuidadoso de Visconti, Suso Cecchi d'Amico e Cia., e a interpretação magistral de Alida Valli quase fizeram com que público e crítica esquecessem os imperdoáveis cortes feitos na película por sua distribuidora norte-americana, a mesma que nos roubou dois episódios de *Ouro de Nápoles*. Outro filme que nos chegou muito cortado foi *Os Sete Samurais* (*Shichi Nin No Samurai*), famosa reconstituição de uma época perdida, em que Akira Kurosawa reafirmou e ampliou o talento demonstrado em *Rashomon*.

Visto por enquanto apenas em sessão especial, *Se Todos os Homens do Mundo* (*Si Tous les Gars du Monde*), com direção de Christian-Jaque, foi a maior realização de Henri-Georges Clouzot até hoje. Não se sabe até que ponto Clouzot [illegible] lista de *As Diabólicas* (*Les Diaboliques*).

Outro [illegible]

Outro filme visto no Rio apenas em sessão especial foi *Martim Lutero* (*Martin Luther*), o último e melhor trabalho de Irving Pichel, com um extraordinário desempenho de Niall McGinnis no papel-título, um grande senso de época e uma emocionante demonstração de que se pode construir tensão com um tema essencialmente intelectual.

Outros filmes ainda foram vistos em sessões especiais: *Hiroshima*, notável documento que já aqui analisamos; *Rififi* (*Du Rififi Chez les Hommes*), festival de direção de Jules Dassin, banido de Hollywood por suas idéias políticas; *Na Estrada da Vida* (*La Strada*), estranha mistura de misticismo, brutalidade e realismo, com direção de Federico Fellini; *Estrelas do Ballet Russo*, simples registro de trabalhados; *Convite à Dança* (*Invitation to the Dance*), pretensiosa e infeliz incursão de Gene Kelly pelos domínios do filme bailado; *O Balão Vermelho* (*Le Ballon Rouge*), encantadora fábula, em média-metragem, revelando um cineasta de futuro pràticamente imprevisível em Albert Lamorisse.

Dois filmes ianques com interpretações femininas super-glorificadas estiveram entre as grandes decepções do ano: *A Rosa Tatuada* (*The Rose Tattoo*), baseado numa peça eroticamente comercial de Tennessee Williams, com uma Anna Magnani quase domada pelo diretor Daniel Mann; e o mesmo Mann foi o responsável pelas bebedeiras de Susan Hayward em *Eu Chorarei Amanhã* (*I'll Cry Tomorrow*), [illegible] fotografia da cantora Lillian Roth.

LUCIA BOSE em "A morte de um ciclista"

[illegible]

A Quinzena Teatral

PROCÓPIO ESTÁ DE VOLTA

ESTÁ no Rio de Janeiro, por uma longa temporada, Procópio Ferreira. Chegou de manso, o grande ator que há tanto tempo não víamos, o notável criador de Molière, e instalou-se na Tijuca, onde há quinze dias trabalha para casas cheias e um público plenamente satisfeito. Em março estreará no Jardel, com "Esta noite choveu prata", de Pedro Bloch, que a platéia carioca ainda não conhece, embora já tenha feito carreira no interior e fora do país.

Não é muito fácil, para um homem da Zona Sul, ir à Praça Saenz Peña no horário dos teatros desta cidade longitudinal. E' preciso apertar o ritmo do serviço à tarde, largá-lo mais cedo, enfrentar o vertiginoso problema da condução, comer às pressas, sem esquecer os sustos e perigos de lotações e baldeamentos, a digestão prejudicada, a inevitável dor de cabeça, o regresso tardio. Mas Procópio Ferreira está lá, andando-se vinte metros pela Rua Conde de Bonfim, e essa presença vale qualquer esfôrço, qualquer sacrifício. Fui vê-lo, na Tijuca, êste cronista, fiel adepto seu, procurando-o ansiosamente, como antes o procurou, em outros lugares mais distantes.

Fui vê-lo e rir e emocionar-me com a arte de um dos maiores comediantes que o Brasil já possuiu. Mais um contato que valeu pelo primeiro encontro. Sentado na primeira fila, assisti com o mesmo deslumbramento de há muitos anos (e de outras noites, aqui, em São Paulo, Campos, Teresópolis ...) o seu trabalho magistral. Trabalho em que as lições se sucedem, onde as menores inflexões, os mínimos gestos e detalhes de máscara equivalem a um ensinamento definitivo. Por momentos, numa espécie de fusão cinematográfica, imaginava o que deve ter sido por exemplo Apolônia Pinto, recordava Jouvet, Baur e Dullin. A segurança e a perfeição dos intérpretes — não a idéia de influências espúrias — os aproximava inevitàvelmente, em imagens reversas,

PROCÓPIO

partindo do pensamento para impressionar a retina.

Esta é uma crônica incompleta. De propósito, porém. Deixando de lado, intencionalmente, a peça, os demais intérpretes inclusive a figura de Hamilta Rodrigues, a fim de abordar, em tom de quase evocação, Procópio Ferreira de volta ao Rio de Janeiro que tanto o espera e deseja vê-lo. E confessando — às vésperas de se completarem quarenta anos de palco dêsse intérprete insuperado — que minha geração ainda não viu, no Brasil, ator igual a êle.

ANTÔNIO BULHÕES

AS PROVAS DE AMOR

O DESENVOLVIMENTO do atual teatro brasileiro marca, cada vez mais, de maneira evidente e, ousaria dizer, impiedosa, uma diferença substancial entre profissionalismo e amadorismo; entre atividades adultas, responsáveis, concretas, e outras juvenis, experimentais, transitórias. A crítica já perdeu qualquer indulgência com relação às primeiras — ao passo que, diante das segundas, acompanha com paciência até excessiva os menores sinais de crescimento e se entusiasma com a mais leve sombra de êxito. Este favor indulgente da crítica acaba criando, na opinião pública, uma confusão de valores, que em seguida se reflete sôbre a própria vida profissional, quando os empresários, os diretores e demais responsáveis pela organização dos espetáculos passam a confiar tarefas de pesada responsabilidade àqueles que foram, sim, justamente elogiados, porém, dentro de uma perspectiva especial que dava ao elogio um sentido limitado de encorajamento. A perspectiva desaparece, o elogio fica. Os "novos", projetados em uma perspectiva diferente, revelam de repente suas insuficiências; caem sob o pêso da responsabilidade; e isto, na maior parte dos casos, vem atrasar suas carreiras, que pareciam rápidas e triunfais. O que, também, é injusto: pois o valor existia, existe; apenas, era preciso ter um pouco menos de pressa, um pouco mais de equilíbrio.

Qual era a objeção da assistência perante os dois primeiros espetáculos do Teatro Nacional de Comédia? (Espetáculos, aliás, em muitos aspectos, excelentes). Apenas a obscura sensação de que, se tivessem sido apresentados por uma organização como o "Tablado" carioca ou como a "EAD" de São Paulo, então, sim, mereceriam altos elogios e se apresentariam na luz exata. Qual é, agora, a objeção do espectador perante a comédia de João Bethencourt escolhida pelo TBC para inaugurar a temporada de 1957? O espectador olha em volta, e constata com espanto que está na mesma sala da Rua Major Diogo onde assistiu, durante anos, aos mais elaborados espetáculos profissionais do teatro brasileiro: olha para o palco, e vê os mesmos atores que, constantemente, interpretam personagens e tipos de intensa dificuldade técnica; olha e estranha, olha, e sente-se deslocado. No fim, acaba compreendendo que o que está deslocada, lá dentro, é a peça.

Eu mesmo não consigo ter uma idéia da impressão que provocaria a comediazinha de Bethencourt num outra sede. Talvez fôsse muito melhor. Aqui, não: faltando-lhe (pois não a quer ter, de propósito) aquela fôrça de conteúdo, de poesia ou de realismo, que poderia justificar defeitos e primarismos formais, falta-lhe também (e a falta torna-se gritante) aquêle "minimum" de habilidade que faz com que as chamadas peças comerciais possam conviver, no mesmo palco, lado a lado, com as obras de arte. Apresentada como exercício, como "lever-de-rideau", como brincadeira, não espantaria e não ofenderia. Assim como está, chega a ser algo grave: algo que faz o público meditar dolorosamente sôbre os 120 cruzeiros (250 na estréia!) do preço da entrada.

Preferimos ficar nestas considerações de ordem geral. A peça não resiste à análise crítica. Os atores fazem fôrça, e alguns (como Fredi Kleemann e Ziembinski) estão realmente engraçados. Maurice Vaneau tentou uma montagem em estilo de "gags", como se estivesse encenando uma série de "sketches" numa "boîte". Tudo é apresentado com [illegible] e bom gosto. Tudo é inútil.

RUGGERO JACOBBI

(1) Comédia de João Bethencourt — Direção de Maurice Vaneau — Teatro Brasileiro de Comédia — São Paulo.

Monteiro Lobato e a literatura infantil

JORGE RIZZINI

A literatura infantil, para Monteiro Lobato, foi uma fuga necessária, o pó de pirlimpimpim que o levava à nuvem do ideal e da pureza onde então se abrigava do eco das lutas e das pequeninas paixões humanas. A literatura infantil, pois, lhe era o céu. "O Sítio do Picapau Amarelo" a sublimação de seu espírito. Uma ilha em sua vida tumultuosa.

Mas, como veio o autor de "Reinações de Narizinho" a escrever para crianças? O que o levou a experimentar a difícil arte de Lewis Carrol?

O próprio Monteiro Lobato explica-nos em carta que endereçou ao Prof. Venâncio Filho:

"Eu já era editor e estava em meu escritório na rua Boa Vista, em São Paulo. A tarde entrou o Toledo Malta, autor recente de Madame Pommery, surdo como uma porta mas inteligente de dar gôsto. Vinha para o xadrez — porque ali o jôgo de xadrez tinha muito mais importância que edições de livros e literaturas. E, incidentemente, contou a história dum peixinho que por haver passado algum tempo fora dagua "desaprendeu de nadar" e de volta ao rio afogou-se.

Perdi a partida de xadrez daquele dia, talvez menos pela perícia do jôgo do Malta do que por causa do peixinho. O tal peixinho pusera-se a nadar em minha imaginação e, quando o Malta saiu fui para a mesa e escrevi a "História do Peixinho que Morreu Afogado" — coisa curta. Do tamanho do peixinho. Publiquei isso logo depois, não sei onde. Depois veio-me a idéia de dar maior desenvolvimento à história, e ao fazê-lo acudiram-se cenas da fazenda onde eu havia passado a minha meninice. Lembrei-me da mulata Joaquina, ex-escrava de meu pai, que aos domingos saía a mariscar de peneira num riozinho do pasto, etc.

Tôdas essas cenas me foram vindo à tona da memória e comecei a escrever ali mesmo no escritório: "Numa casinha branca, lá muito longe, mora uma velha de mais de sessenta anos. Chama-se dona Benta de Oliveira..."

E a história foi brotando ao sabor da fantasia, um pedaço hoje, outro amanhã, nos intervalos que no escritório me deixavam as partidas de xadrez — e assim surgiu "A Menina do Narizinho Arrebitado".

De acôrdo com esta carta, os vinte e três volumes infantis de Monteiro Lobato têm como raiz a história do peixinho que "desaprendeu de nadar". A raiz está pois numa partida de xadrez entremeada por uma história de crianças, narrada pelo escritor Toledo Malta.

Evidentemente, Toledo Malta jamais poderia supor que de um peixinho afogado pudesse sair a literatura infantil de um país...

Faz, pois, mais de trinta anos que mestre Lobato criou a literatura infantil brasileira. Trinta anos, porque antes de Monteiro Lobato nada ou quase nada havia de interessante no difícil gênero. E' Bilac e Coelho Netto a insistirem com um patriotismo descabeçado e perigoso, Júlio César e Francisca Júlia da Silva a tentarem a poética infantil (só Bilac, na poesia infantil, pôde realizar-se plenamente). Havia também as traduções, tôdas elas péssimas, em ordem inversa, frases camoneanas, num português de Portugal, impressas em papel de jornal, com ilustrações horríveis...

Com o aparecimento de Monteiro Lobato no campo literário infantil, o cenário modificou-se.

Ouçamos o que nos diz Monteiro Lobato quando então viu, espantado, esgotar-se em poucos meses a edição espetacular (50.500 exemplares!) de seu primeiro livro infantil "A Menina do Narizinho Arrebitado", cujas páginas foram uma festa para as crianças brasileiras:

"O fenômeno abriu-me os olhos. Meu livro "Urupês", que obtivera um sucesso excepcional, estava ainda lá pelo seu 15.º milheiro, e no entanto aquela brincadeira ("A Menina do Narizinho Arrebitado") esgotara cinquenta mil e tantos, em poucos meses."

"Neste pau tem mel", pensei comigo e era natural que reincidisse. Reincidi. Escrevi a história dum leitão malandro de nome Rabicó, sempre com os mesmos personagens de Narizinho. E aparece aí o solene visconde de Sabugosa — um mero sabugo de cartola. E depois, sempre ao sabor da fantasia, vieram vindo os outros personagens, Pedrinho, Quindim o rinoceronte, o Burro Falante, o João Fazdeconta, que não pegou por ser muito feio. E Emília foi evoluindo; passou de muda boneca de pano, a "gentinha", ultra-falante e destabocada. E as histórias vieram vindo e os livros iam saindo."

Hoje, as obras infantis de Lobato (várias delas são autênticas obras-primas) formam não apenas a literatura infantil do Brasil, mas a sul-americana, como bem reconhecem os críticos estrangeiros. Aliás, na Argentina, já foram lançadas as obras completas infantis de Monteiro Lobato, em magníficas traduções. Há obras avulsas também nos Estados Unidos, na Itália, em outros países.

Aqui, um parêntese. Curioso o destino de Monteiro Lobato: pioneiro em tudo quanto se dedicou: ferro, petróleo, saneamento, editôra, literatura...

Mas, se imensa é a importância da literatura infantil de Lobato, cumpre assinalar que até hoje em tôrno dela um só trabalho sério e minucioso não foi feito. E' uma lacuna a ser preenchida. Por enquanto, quem melhor falou, ainda que em artigos sôbre a lite-

Ilustração de André Leblanc para um dos livros infantis de Monteiro Lobato

ratura infantil lobateana, foi o conhecido biógrafo e crítico Edgard Cavalheiro, em verdade grande conhecedor da vida e da obra de Monteiro Lobato. Os referidos artigos estão agora enfeixados na monumental biografia de Lobato escrita por Cavalheiro.

Diz Edgard Cavalheiro, quando Monteiro Lobato lhe respondera que abandonara a literatura adulta pela infantil porque "dá-me prazer e traz-me compensações maiores do que escrever para marmanjos" — diz Edgard Cavalheiro que, "analisando essas respostas veremos que, no fundo, predomina a alegria de criar. Alegria pura e incontaminada. Veículo ideal para a exteriorização de sentimentos e emoções, a literatura infantil dá-lhe plena satisfação interior, permitindo, ao mesmo tempo, completo desafôgo do sentimento poético que o domina. Sim, por mais estranho que pareça, através da ironia com que vai farpeando costumes e instituições, se oculta um poeta no autor das "Reinações de Narizinho" lá no Sítio do Picapau Amarelo. Um poeta em plena exteriorização dos seus sentimentos, sonhos e ambições".

O crítico Cavalheiro diz bem. Lobato, antes de tudo, foi um grande poeta. E sua literatura infantil é a sublimação de seu espírito. E que é o Sítio do Picapau Amarelo senão aquilo que Lobato gostaria fôsse, pelo menos em parte, o Brasil? Sim, porque não podendo extrair petróleo, cá fora, Lobato o extraiu no Sítio. Sendo os estudos, cá fora, um tormento para as crianças, lá no Sítio o poeta Lobato os transformou em prazer. E assim por diante. Neste país, onde a política não tem bom significado, tudo o que possa beneficiar a comunidade é de "difícil" aplicação: no Sítio, porém, tudo é fácil, seus habitantes se entendem e se amam, são felizes, há boa vontade. Dona Benta é quem o dirige e sabe fazer justiça, o que, evidentemente, não acontece fora do Sítio... Lobato, pois, com o Sítio do Picapau Amarelo, fêz um retrato sublimado do Brasil do futuro... Do futuro porque as crianças que hoje sonham com o Picapau Amarelo, mais tarde porão em prática tudo aquilo que aprenderam com Dona Benta. E terão, por conseguinte, o senso de crítica aliado ao espírito de combate graças aos múltiplos exemplos de Emília e de Pedrinho...

"A nenhuma distinção entre o real e o irreal, prossegue o crítico Edgard Cavalheiro, é o ponto de partida de Monteiro Lobato. Mas além da nenhuma distinção entre o real e o irreal, há outros pontos que fazem dos livros de Monteiro Lobato os mais procurados de todos os livros infantis que se escreveram até hoje no Brasil. Na minha opinião é de grande importância o nenhum intuito moralizador, a velha moral do bom premiado e do mau castigado, etc., dêstes livros ou histórias. No entanto, poucas obras tão úteis e instrutivas. Acontece que o autor, deixando de lado a moral do catecismo, a falta moral, portanto, enveredou por outro rumo, sem dúvida bem mais consentâneo com as duras realidades da vida. Realidade que os meninos terão, um dia, de enfrentar queiram ou não queiram. Que faz êle, porém? Mostra simplesmente que a inteligência bem dirigida acabará, sempre, vencendo a fôrça bruta. Um plano bem realizado vale dez mil vêzes mais que o maior dos muques. Aliás, tanto os heróis como as "maravilhas" da nossa civilização são impiedosamente criticadas pela criançada. Sobretudo os filósofos pedantes, os gramáticos ("Emília no País da Gramática"), os sábios complicados e inúteis, os matemáticos, etc. Mas são críticas construtivas, pois apontando os erros, mostram como corrigi-los, inventando aventuras espirituosas ou sensacionais, com leve e mordaz ironia, vão ensinando aquilo que as crianças mais detestam aprender. Não pela matéria em si, mas pelos métodos que empregam: "Se o meu professor, diz Pedrinho a Dona Benta, ensinasse como a senhora, a tal gramática até virava brincadeira". Assim com tudo o mais. Até geologia, essa coisa complicada, êles aprenderam com as lições do Visconde, um simples sabugo de milho. E ao lado dêsse aspecto quase didático de seus livros, outro aspecto nos chama a atenção, prossegue o crítico paulista. O sentido poético com que êle (Lobato) envolve a vida. Porque a poesia é o maravilhoso da vida, o nenhum limite para nossas concepções das coisas e seres. Êsse anseio de ultrapassar o real, de atingir uma super-realidade, se assim nos podemos expressar, é o anseio não só das crianças como de todos nós. Por isso seus livros infantis interessam também aos adultos. Tal qual o desenho animado. Um desenho de Walt Disney é quase sempre uma obra da mais pura poesia. O anjinho de asa quebrada, que Emília traz do céu, não é também uma concepção poética das mais altas? O Sítio do Picapau Amarelo não é todo êle um mundo de beleza construído por êsse grande poeta que se chama José Bento Monteiro Lobato?"

Edgar Cavalheiro bem soube compreender, por síntese, o fabuloso mundo infantil criado por Lobato. Tudo perfeito. Porque José Bento Monteiro Lobato foi, antes de tudo, um poeta. Mas, diga-se de passagem, um poeta que não ficava no plano do sonho, do ideal. Um poeta com os pés na realidade imediata, do que é exemplo a sua tremenda luta pela industrialização do Brasil através do petróleo e do ferro, num Brasil de semi-analfabetos, tendo pela frente um govêrno incapacitado. Poeta de ação, Lobato foi pois um poeta realista, com os pés grudados no solo.

Assim também realista o Sítio do Picapau Amarelo. A poesia que envolve os seus habitantes está próxima de nós. E' poesia do real. Porque o ideal poético que inunda o Sítio sempre esteve sujeito às sátiras de Emília, às considerações científicas do Visconde, à realidade ponteaguda do chifre do rinoceronte escapado de um circo, à alimentação sadia de Anastácia, às ponderações de Dona Benta, à intrepidez de Pedrinho... Isto quer dizer que a imaginação poética de Lobato nunca derrapou saindo dos limites da realidade, mesmo quando faz uso de elementos absolutos e "aparentemente" absurdos ("Viagem ao Céu" é um exemplo). Não há, em todos os vinte e três volumes que formam a nossa literatura infantil criada por Lobato, a poesia no sentido absoluto. Daí o grande valor e o grande sabor de seus livros. Não é também uma literatura dirigida. Os ensinamentos, que são muitos e valiosos, surgem por acaso. Acontecem. O seu quase didatismo é pois contrário às regras do didatismo oficial, que é errado porque rígido. Um dia, graças a Monteiro Lobato, o ensino nas escolas primária e secundária modificar-se-á, deixando de ser pernicioso e insensato... Quando as obras infantis do autor de "Urupês" forem meditadas pelos circunspectos pedagogos... E o Brasil ficará devendo mais um favor a Monteiro Lobato!

* * *

Propositadamente não tecemos paralelos entre Monteiro Lobato e os grandes escritores estrangeiros que fizeram obras infantis. Lobato porém só teria a ganhar, em qualquer dos aspectos que abordássemos. Porque a moderna pedanálise condena inúmeras obras de Grimm, Andersen e, principalmente, do velho Charles Perrault — êste último por trazer o crime até às crianças (o famoso conto "Barba Azul" é um dos exemplos típicos) e os dois primeiros pela morbidez de certos trabalhos, justamente os mais lidos talvez pelo próprio elemento mórbido. Os trabalhos de Lobato, pelo contrário, não são sadios, perfeitamente de acôrdo com a pedagogia atual no sentido mais amplo. Além do mais, os contos de Perrault, de Grimm, de Andersen e também os de Mme. d'Aulnoy foram colhidos do folclore: o ato criador foi pois duramente sacrificado nestes autores, o que raro acontece com Lobato, cujas páginas são de autêntica criação, pessoal. Quanto ao "Robinson Crusoe", de Defoe, "Viagens de Gulliver", de Swift, "Aventuras de Munchkausen", entre outras de menor importância, primitivamente não foram lidas pelas crianças: estas obras foram escritas para os adultos. Se, atualmente, as crianças as lêem, é porque estão adaptadas da primeira à última página... Não resistem pois a um confronto com o nosso Lobato.

Restam Lewis Carrol e o admirável Collodi, ambos a nosso ver muito maiores que os precedentes, inclusive Grimm e Andersen. Mas ambos deixaram uma obra reduzida, embora de primeira qualidade. Lobato, pela excelência de suas produções, nivela-se a êstes grandes autores: e os supera pela abundante produção, sempre magnífica. Está pois acima de ambos, no sentido de produtividade.

"Coração", de Amicis, como o título claramente indica, é um livro onde apenas o sentimento impera. Publicado pela primeira vez em 1866, teve um êxito enorme. Hoje é pouco procurado pelas crianças por ressentir-se dos elementos "fantasia" e "aventura", em verdade indispensáveis. Livro parcial, "Coração" é um punhado de histórias nas quais o Bem sempre vence o Mal; não pela inteligência ou pela sabedoria unidas ao sentimento, mas exclusivamente pela pureza, sem qualquer apoio de outros elementos racionais. Psicològicamente, é um livro anacrônico, ainda que traga certo encantamento às crianças de hoje. Impossível portanto compará-lo às obras de Monteiro Lobato, sob qualquer ângulo. Mas a intenção de Amicis, era simplesmente esta: fazer o pequeno leitor chorar através de seus personagens. Em Amicis não havia meio têrmo: ou o personagem era terrível ou um autêntico São Francisco.

O ideal, dêste livro, é pois bastante elevado, mas fora da realidade. E suas histórias não têm movimento. Não acreditamos que as crianças modernas, de qualquer país, possam hoje lê-lo sem a vigilância materna...

Como se vê, o nome de Monteiro Lobato avulta entre os cultores da literatura infantil. Foi, sem favor nenhum, o maior escritor infantil do mundo, em todos os tempos. As crianças já descobriram isso; os adultos só agora começam a perceber...

A SECRETA AMBIÇÃO

(Conclusão da 8.ª pág.)

Certa noite estavam encerrando o trabalho na estação. O telégrafo fêz uma chamada, dando contra-ordem a respeito do pernoite de um cargueiro, por cuja passagem deviam esperar. Manoel acendeu o farol de sinalização e ficou à espera do trem, recostado, como sempre fazia, numa pilha de sacos formada na plataforma. Tinha sono e não demorou a adormecer...

Nunca se pôde saber quem foi o autor, e se êste o fêz por inconsciência ou por espírito de deliberada maldade; o certo é que enquanto o velho dormia, alguém virou a agulha para o lado oposto, abrindo a entrada para os trilhos da segunda linha... Manoel continuou a dormir e só despertou com a locomotiva apitando a cem metros da estação. Correu às agulhas, para descobrir tardiamente que estas haviam mudado de posição. Soltou o farol e ocultou o rosto entre as mãos, a fim de não presenciar o desastre: a composição acabava de entrar no desvio e decerto iria chocar-se brutalmente com os vagões ali enfileirados. Passaram-se trinta segundo, passou um minuto... parecia-lhe uma eternidade... e não ouvia o ruído dos ferros entrechocando-se na escuridão da noite. "Ou fiquei surdo ou senão estou doido" — refletiu. Abriu os olhos e viu que o maquinista, prudente e experimentado, havia entrado em marcha lenta, freiando a tempo de evitar o sinistro.

O caso, porém valeu-lhe um processo, embora todos soubessem que o seu passado limpo isentá-lo-ia de uma punição severa ou até mesmo de punição qualquer. Êle, no entanto, depois de muito refletir, começou a pensar de maneira diferente. Descobriu maravilhado, que enfim lhe aparecera a oportunidade pela qual estivera a esperar naqueles últimos trinta anos. Agora, bastaria dizer uma frase, e a dificuldade estava somente em saber como e a quem dizê-la. A sorte, porém, favoreceu-o uma vez mais. Disse-a quando o alto funcionário da estrada anunciou-lhe que a administração, levando em conta tais e tais atenuantes, resolvera inocentá-lo:

— Eu não quero mais trabalhar na Rêde.

Houve um murmúrio de surprêsa entre os presentes, que ali se achavam para dar-lhe as felicitações. O velho pensava coisas diferentes, pensava como fôra fácil fazer aquilo que antes lhe parecêra tão difícil.

— Mas ainda faltam cinco anos para o senhor aposentar-se. Terá uma boa pensão. Se sair agora vai perder tudo!

Manoel encolheu os ombros caídos, as pálpebras tremelicaram-lhe como se estivesse a olhar para o disco do sol.

— Pois eu perco tudo... — respondeu simplesmente, atirando fora o tôco de cigarro, enquanto os presentes entreolhavam-se com decidido assombro.

Ninguém o demoveu de abandonar a estrada. Foi cuidar do seu pedaço de terra e jamais demonstrou saudade das locomotivas, dos trens apitando na noite, dos companheiros vivos dos colegas mortos. Nunca sentiu a nostalgia que os velhos ferroviários aposentados não escondem e que às vêzes apressa-lhes a caminhada para o cemitério...

Manoel Agulha (o apelido foi a única coisa que guardou dos trinta anos de estrada) voltou à terra, reconstruiu a casinha que as chuvas haviam derrocado, fêz uma cerca ao redor dela, plantou uma horta, encheu uma quadra com milho, feijão e gergelim. Mas o destino era cruel e imponderável. Isto ocorreu em 1941 e todo o seu esfôrço foi de águas abaixo, pois 1941 foi ano sêco, sêco como aquêle distante 1902. Milho, feijão e gergelim morreram antes de granarem vagens e espigas... Restou-lhe a horta, que regava com água apanhada a um quilômetro de distância, trazida em duas latas amarradas a um pau. Esta era uma tarefa superior às suas fôrças, mas êle teimava em realizá-la, obstinava-se em salvar a horta...

Morreu de um colapso, certo dia de setembro daquêle mesmo ano, ao escalar os degraus da cacimba de onde retirava a água para vivificar a terra que fôra a ambição oculta e a silenciosa ternura de sua vida...

RONDON, candidato do Brasil ao Prêmio Nobel

(Conclusão da 9.ª pág.)

salvar as terras de uma tribo ameaçada de esbulho, ora para desarmar braços assassinos, levantados contra os índios, ora para corrigir erros de orientação e quase sempre para evitar cortes orçamentários que a título de economia, ameaçavam paralizar serviços assistenciais ou de pacificação. Na verdade, aquilo que se fez pelos índios do Brasil, que é pouco ainda, em vista de suas necessidades, se deve primordialmente a Rondon.

E, assim, como um testemunho de etnólogo, posso asseverar: os índios que sobrevivem nêste país, chegaram até nossos dias, graças à dedicação sem limites, ao ardor sem desfalecimentos com que Rondon se devotou à sua salvação, através de 57 anos de trabalhos e vigilância ininterruptos.

PRÊMIO NOBEL

O nome de Rondon acaba de ser recomendado por várias instituições para o Prêmio Nobel da Paz, instituído para homenagear aos que mais fizeram pela fraternidade humana. Conferir o laurel a Rondon, seria simples ato de justiça e teria principalmente, o sentido de uma sábia, oportuna e ponderável contribuição para mobilizar a opinião pública mundial em tôrno dos graves problemas dos sessenta milhões de indígenas da América, da África e da Ásia, ameaçados em sua sobrevivência, tanto pelas condições de vida a que estão submetidos, como pelas dizimações de que continuam sendo vítimas.

No Brasil, muitas honrarias foram tributadas a Rondon. Dentre elas, foi feito Marechal. Um raro marechal vitorioso nas batalhas da paz. Seu nome foi dado a uma das unidades da Federação. Aquela que êle devassara e integrara na comunidade nacional e cuja área equivale à da Itália.

EPÍLOGO E DENÚNCIA

Mas, convenhamos, não basta cultuar o herói, é necessário saber o que cada um de nós vem fazendo para realizar as diretivas de Rondon, de que tanto orgulhamos. E porque êste é um epílogo de sal e de verdade, é necessário ter o valor de reconhecer que não temos sido dignos da obra de Rondon. Nêste Brasil de 1957, por ação ou por omissão de muitos, o índio continua vendo usurpadas suas terras e sofrendo tôda sorte de agressões. Senão vejamos:

— Notícias recentes de um mês, partidas de Belém do Pará, falam de uma grande emprêsa seringalista do vale do Tapajós que teria feito trucidar vinte índios Kayapó, tribo que está no domínio de seringais por ela coniçados. Não se conhecem providências que tenham sido tomadas para investigar a veracidade da gravíssima acusação;

— Notícias recentes, partidas de Mato Grosso e publicada na imprensa do Rio de Janeiro, falam da dizimação de 12 índios Txikão por uma turma de demarcadores que partindo de Cuiabá penetrou no vale do Xingu para usurpar aquêles índios seu único bem: a terra em que sempre viveram. Também aqui, não se conhecem medidas tomadas para punir os criminosos e garantir aos índios um direito que a própria Constituição lhes assegura.

— A regulamentação do artigo 216 da Constituição Federal que garante aos índios a posse das terras que ocupam e são indispensáveis à sua sobrevivência, permanece há cinco anos no Senado. Trata-se, entretanto, de medida fundamental de salvação dos índios.

— Graves ameaças pesam sôbre o projeto de criação do Parque Indígena do Xingu, uma das medidas mais importantes que é dado tomar em nosso tempo para a preservação da natureza brasileira e para assegurar a sobrevivência de milhares de índios. E o único problema aqui é a opção aparentemente singela entre destinar aquelas terras à especulação imobiliária, já que se encontram em área tão remota e marginal que não existem condições para utilizá-las econômicamente, ou destiná-las a constituir uma reserva da natureza brasileira, onde as paisagens, a flora e a fauna prístinas dêste país, seriam preservadas, e onde os índios teriam oportunidade de sobreviver, pela garantia de usufruto das mesmas terras.

— O próprio Serviço de Proteção aos Índios, tantas vêzes referido por Rondon como aquela de suas obras a que se sente mais profundamente vinculado, sofre grave risco de descaracterização. Incluído na partilha eleitoral, sua diretoria transformou-se em prêmio a dedicações partidárias que, como se sabe, raramente coincidem com as qualificações, a compreensão e o desvelo que exige a direção de um órgão voltado para problema tão complexo e incumbido da alta responsabilidade de saldar para com os índios os deveres de todo o nosso povo.

—o—

— Relevai-me êste epílogo de sal. Mas a única forma de ser digno de Rondon é ser fiel à verdade. E' não calar crimes que nos envergonham, mas não terão têrmo se não forem revelados.

Rondon não é relíquia para ser cultuada e guardada e ignorada em vitrines de museu. Rondon não é bandeira-troféu para suscitar emoções cívicas em hora aprazada e com efeito previsto.

— Rondon é lança, é espada de combate. Rondon é chamamento à ação. Rondon é glória nacional, mas é, também, nossa grave responsabilidade de levar avante sua obra de amor e de trabalho, pela dignidade do homem e pela grandeza deste país.

Caixa de . . .

(Conclusão da 7.ª pág.)

orquestra, com violinos e tudo, aos ritmos de dança da época. Se não conseguiu agradar aos cultores do verdadeiro jazz e se irritava os "proprietários" da música erudita teve o mérito de alegrar e colorir o repasto de muito burguês de gordas banhas e magras idéias. Por outro lado, tão forte foi e continua sendo o impacto do jazz em todo o mundo — refiro-me ao verdadeiro jazz, não às suas contrafações altamente comercializadas — que vários compositores de grande valor, como Ravel, Honneger, Milhaud, Shostakovitch, Stravinsky (em sua melhor fase criadora, já que hoje não passa de um velho "gagá"), para citar apenas alguns nomes que ora me ocorrem, o utilizaram de uma forma ou de outra em suas composições.

Embora cite como exemplo o Concertino para Piano, de Honneger, o sr. Liebermann não conseguiu de forma alguma chegar aos pés de qualquer um dos que o precederam na utilização do jazz em música erudita. Trata-se, visivelmente, de um problema de carência de talento. O que outros conseguiram, sentindo e aproveitando as raízes da verdadeira música popular norte-americana, não foi por êle alcançado. As duas orquestras, em tôda a duração da sua brincadeira, jamais se entendem, jamais se associam, jamais trocam o menor e o mais formal dos cumprimentos. Utilizando três formas "clássicas" de jazz, o "jump", o "blues" e o "boogie-woogie" (?), o máximo que o autor conseguiu é tirar efeitos sonoros de certo vigor e pouco brilho, tão ao gosto daqueles que transformaram a chamada "alta-fidelidade" numa nova forma da angústia ou da histeria de nosso tempo e do sistema social em que vivemos. Para cúmulo dos cúmulos, o audacioso sr. Liebermann chega à apoteose da mediocridade, terminando o seu malsinado "Concerto" com uma alegoria do "mambo", essa dança boçal e cretina que se tentou impingir ao mundo e que, desgraçadamente, encontrou seguidores entre a fina flor da boçalidade brasileira.

E' de lamentar-se pois, que se leve um Fritz Reiner, grande regente duma Orquestra Sinfônica de Chicago, considerada entre as melhores dos Estados Unidos, a tomar parte em tal chanchada. E ainda mais estranhável que a RCA-Victor, que tem uma das melhores coleções de matrizes a seu dispor, perca seu tempo e deixe os compradores de seus discos à espera de reedições altamente desejáveis.

A única explicação plausível é a de que o sr. Liebermann seja afilhado ou protegido de um dos diretores da emprêsa, ou que ocupe algum cargo de importância no govêrno de seu país e, por isso, no melhor estilo de nossos dias, deva ser de tal forma incensado.

(x) Disco RCA-Victor BRL-113.

Crônicas de livros novos

"RÉSTIAS DE SOL"
de Antônio Siqueira

ANTÔNIO Siqueira tem nêle, entre céu e água, Rio de Janeiro, São Paulo Recife e Valença. Homem talvez ansioso. Certamente um pouco triste. Sim, com aquela melancolia descoberta pela Rainha de Navarra na gente bem nascida. Tal qual o vejo. Mas, êsse homem, tal qual, passa pelas quatro cidades, mora noutro país, o doce país da Poesia. Lá possui um jardim. Ilumina-se pelo sol de lá. De lá nos manda "Réstias de Sol", e diz no "ex libris" — Glória ao sol, que é vida — Poesia sem escola. Antônio Siqueira não a acolhe. Deixa-a existir, bela, pura, simples.

"Jardineiro do espírito, em verdade,
não me atras colher rosas entre espinhos".

Olhamos a forma das rosas. Sorvemos o perfume das rosas. As rosas põem nas nossas mãos uma carícia longa. Ouvimos a voz das rosas quando, para lhe agradecer, pomos um beijo na doçura das que mais amamos...

Bendito jardineiro do país da Poesia! Antônio Siqueira, que Deus te dê o sorriso e a lágrima e que ao teu jardim não faltem nunca as réstias de sol e todo o céu!...

No teu jardim, poeta, és livre e bom.

Estou me lembrando da Sereneta que encantou tanta juventude. A Sereneta não queria, como as seis irmãs, coisas do mundo. Queria cantar, apenas cantar... cantar... Ela, também, era do país da Poesia, sem dono, aflita na terra, fôlha caída, asa quebrada. Espalharam a sua morte. Está mais viva, cantando... cantando... Com jeito de eternidade.

ALVARO MOREYRA

CAMINHADA
de Leão Penedo

LEÃO Penedo pertence ao grupo progressista dos escritores portuguêses contemporâneos que se esforçam por uma verídica pintura dos problemas sociais do Portugal de hoje. Êle tem já feito muito na esfera do romance. As suas obras mais notáveis são os romances "A Raiz e o Vento" e a "Caminhada".

Esta edição da "Caminhada" (x) difere-se substancialmente da primeira, publicada há uns poucos anos. A refundição é uma prova da evolução do escritor, das suas opiniões e da sua arte.

O lugar da ação do romance é o Convento das Bernardas, em Lisboa, o ambiente operário. A vendedora de peixes, Rita, morre seu marido Armando. Ela não lamenta muito a morte dêle, por ter passado muita fome e muito sofrimento com êle. Sendo viúva, ela quisera ganhar de novo as simpatias do seu antigo pretendente Aníbal, mas êle repudia as ofertas dela. Então, Rita fica só, sem ajuda alguma. Não pode descansar um só dia, para que seus filhos, duas crianças mais uma, que nasceu após a morte de Armando, tenham sempre pão, nem durante a doença da filha, ou quando ela mesma se sente doente, pode ficar na cama. Uma série de desgraças segue-se rápidamente. Morre a filha, que carecia de uma assistência médica, e os filhos, Manoel e "China" não dão muita alegria à sua vida dela — Manoel por frequentar as tabernas e beber vinho, e por não gostar do trabalho, e "China" por estar de uma fraca constituição física.

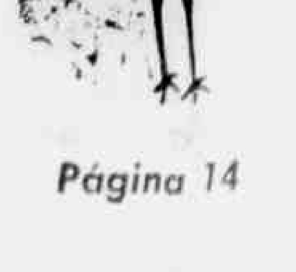
Não há muito trabalho nem para os jovens. Somente, de vez em quando, acham o duro trabalho de estivadores, mas a maioria dos dias vivem num ócio forçado. Rita espera que os filhos vão possibilitar-lhe uma velhice tranquila, mas logo vê que a realidade será outra: Manoel segue a sua vida de vagabundo e "China" casa-se com a filha do vizinho Tomás. Abandonada por todos, desilusionada Rita não sabe mais porque vive. Mas o nascimento do neto é um grande acontecimento na sua vida, demonstrando-lhe a necessidade de uma reconciliação com a família da esposa de "China". O contato com alguns jovens, de idéias radicais, desperta nela um ardente desejo por aprender a ler e por começar a fazer algo de concreto para eliminar as injustiças sociais.

O livro de Penedo está cheio de um profundo amor à gente humilde, baseado num bom conhecimento da vida dela. Os pobres vivem no romance de Leão Penedo uma intensa vida humana, com tôdas as fraquezas humanas, com sentimentos humanos, combatendo ao mesmo tempo energicamente à fome e à miséria. A protagonista do romance, Rita, é uma mãe, cuja vida é extremamente dura, mas que, apesar de ser muitas vêzes enganada, sempre acha um sentido da sua vida. Uma mulher como protagonista de um romance social — que fenômeno raro nos últimos anos! E a Rita não é uma figura qualquer, é uma mulher do povo, que luta pela pão e tôda a sua vida se sacrifica para sua família, dando-lhe o mais que lhe pode dar — o carinho maternal.

A linguagem de Penedo é de uma pureza extraordinária, de muita fôrça. A estrutura do romance com uma bela gradação nos últimos capítulos, é uma demonstração do talento de escritor, que tem Leão Penedo, uma das novas glórias da jovem literatura portuguêsa.

ZDENEK HAMPEJS

(x) Realizações ARTIS Limitada, Lisboa, 1956.



A VINTE ANOS DA MORTE DE...

(Conclusão da 13.ª página)

dição, que é dialética, conflito, choque sangrento pela própria natureza. Da indignação ética, que move e suscita o jôgo da farsa, subimos até o último confronto do homem com a própria morte e o próprio futuro, no espaço rarefeitos da tragédia. Pirandello, aqui, soube logo de onde começar: vocação tardia e fulminea. Tudo nasce como "palavra": tudo é impulso, dom, imagem, clareza agressiva e perpétua. A linguagem determina e arrasta continuamente o ímpeto das idéias e o pêso das figuras, com o mesmo ritmo da vida, e tudo leva para longe, para um sentido transfigurador e rigorosamente humano. Velho, Pirandello quis reduzir ao mínimo os pretextos naturalísticos, documentários, e fazer, diretamente, da palavra, um símbolo moral, — da transfiguração, um ato lírico e mágico: poesia. Fechava-se o círculo. O terceiro ato dos "Gigantes" está ali, mais concreto que se tivesse sido escrito, apontando êste cume da expressão: elegia e hino, pranto purificador da dignidade humana.

Guardo em mim esta presença, espelho-me neste remorso. Eis um escritor que soube envelhecer, que quis envelhecer até tornar-se eterno. O problema da expressão foi seu drama diário, porquanto para êle não se tratava de resultados "bonitos" e fáceis, mas também não se tratava de uma renúncia à condição da linguagem. Procurou sempre aquêle ponto em que a forma não sacrifica uma vírgula da verdade, do tumulto vital, não cristaliza as idéias e não suaviza os sentimentos. Caminho direto do coloquial ao clássico, através da angústia de uma perpétua interrogação do homem, movida pela sua "pietas" furiosa, pela sua espantosa ânsia de Unidade e de Amor.

COM O DIABO...

(Conclusão da 3.ª página)

"Não se pode faltar a uma festa daquelas". Não ousei recusar, receando passar por um monstro. Depois, no fim de contas, não me desagradava ir ver a alegria dos outros. Devo confessar que esta não me despertou grande inveja. Procurava o patriotismo: a minha injustiça, talvez, mostrava-me apenas a alegria de um feriado inesperado: cafés abertos até mais tarde, direito, para os militares, de beijarem as costureirinhas. Este espetáculo, que eu sempre pensara me desgostasse, me tornasse ciumento, ou mesmo me distraisse, pelo contagio de um sentimento sublime, aborreceu-me como uma festa de Santa Catarina".

Para "torcer o pescoço à eloquência" em que o seu requisitório poderia fazê-lo cair, Radiguet só tem um caminho: o da ironia amarga, o do esgar, perante uma sociedade que lhe repugna. O processo narrativo adotado, de descrição linear, prosa econômica e sóbria, com iluminação dos fenômenos psicológicos por meio de toques suaves, permite guardar ao livro, no entanto triste e desalentado, um vigor discreto mas construtivo. Sente-se que a juventude de Radiguet reage, como um organismo novo após a doença: o abatimento ainda é grande, mas as lesões saram. Fiquem as cicatrizes, mas continue a vida.

Uma mulher de pedra e . . .

(Conclusão da 1.ª pág.)

lento porque jardineo, por salvar um jardin muerto".

E sua mania das cifras onde entrava o número 7!...: "Mi trabajo (507 compromissos de conferencias em San Francisco y Los Angeles) anda muy atrasado. Esperan mas de 700 cartas del año passado... Y visita no hago. El cuerpo se rehace muy lentamente". "Pero tú tienes prejuicio; y de que tamaño! Crees que estoy ensoberbecida por un premio que me cayó por azar. 507 hispano-americanos pudieran tenerlo." "Es muy serio el problema de la libertad, querido mio, mucho mas de lo que parece. Es verdad que es un instinto, o es lo aprendido en otra parte...". "Feliz año, querido! Apesar de estos negros tiempos."

Como tem ela, a minha grande Vizinha, vivido em mim desde o início de sua agonia! Lembro-me do jardim de sua casa em Monrovia, ela a contar-me, como um segrêdo de menina, que tinha o dom de se comunicar com a água...

Olho suas cartas, sua vasta caligrafia inclinada, difícil de decifrar; releio seus poemas, com uma dorida saudade. Aqui perto, no Lebion, em 1943, ficava o apartamento onde ia visitá-la. Um dia, como passasse para me ver, e eu não estivesse, deixou-me um bilhete onde me pedia que não deixasse de ir até sua casa. "Hablaremos sobre la naturaleza", terminava, para me estimular.

Mas não: o Brasil não a fêz feliz. Prefiro lembrá-la em sua casa da Califórnia, cêrca do mar, — ela as maçãs coradas, as palmas rosadas de cardíaca, meias-de-lã de cano alto até os joelhos. Falava-me da própria morte, que enfim lhe veio, em nenhum medo e — como deve ser numa professôra rural — com uma voz onde havia uma infinita doçura e paciência.

'Quarteto . . .

(Conclusão da 7.ª pág.)

te europeu do 1.º movimento — tratando-se de um Quarteto Popular — só, no Lento, entre a apresentação e desenvolvimento do tema da "modinha" e a conclusão, quando o tema retorna, a intercalação de um fragmento estranho, um "divertissement", que só contribui para prejudicar a pureza maravilhosa dêste 2.º movimento. Pêse estas restrições, é obra que ouviria com prazer muitas vêzes e a recomendo aos leitores para quando se apresente a oportunidade.

Foi, em suma, uma bela audição.

O SALÃO "PARA TODOS" DE DESENHO E GRAVURA

REGULAMENETO

CAPITULO I

DO SALÃO

Art. 1.º — O Salão PARA TODOS de Desenho e Gravura de 1957, organizado pelo quinzenário PARA TODOS realizar-se-á no próximo mês de agôsto, nas cidades de Rio de Janeiro e São Paulo, e terá a duração de 15 dias em cada uma dessas cidades.

Parágrafo único. A exposição será inaugurada no Rio de Janeiro, onde ficará durante 15 dias, seguindo depois para São Paulo, onde permanecerá igual tempo.

Art. 2.º — O Salão compreenderá duas seções:

a) desenho;
b) gravura.

Art. 3.º — Cabe à direção de PARA TODOS organizar o Salão por intermédio de uma Comissão que será por ela designada, 90 dias antes da abertura do Salão, e que se constituirá de três membros e um Presidente.

CAPITULO II

DAS INSCRIÇÕES E ADMISSÃO

Art. 4.º — Os artistas candidatos deverão remeter os trabalhos para local a ser estabelecido, acompanhados da ficha de inscrição, devidamente preenchida e assinada, até 30 dias antes da data de abertura do Salão.

§ 1.º — Os candidatos que residirem fora desta capital deverão enviar seus trabalhos diretamente para a redação de PARA TODOS, à Avenida Rio Branco, 185, grupo 813, correndo as despesas de transporte exclusivamente por conta do expositor.

§ 2.º — Os trabalhos poderão ser expostos apenas com passe-partout (não se exige moldura), não se responsabilizando, entretanto, a Comissão Organizadora por qualquer dano sofrido durante o transporte, cabendo ao artista a faculdade de segurar seus trabalhos.

Art. 5.º — Os artistas podem concorrer a ambas as seções ou a uma delas apenas, e enviar a cada uma cinco trabalhos no máximo.

Art. 6.º — Não serão admitidas no Salão obras que tenham figurado em concursos escolares ou em exposições coletivas.

CAPITULO III

DA COMISSÃO ORGANIZADORA E DO JURI

Art. 7.º — A Comissão Organizadora, responsável por tôda organização do Salão, tem como atribuições específicas promover a propaganda do Salão, receber as inscrições e trabalhos, cuidar da apresentação do Salão e da confecção de catálogo e convites.

Art. 8.º — O Salão terá um Júri composto de cinco membros, encarregados da seleção e premiação dos trabalhos.

§ 1.º — Dois membros serão representantes de PARA TODOS do Rio e de São Paulo e os três membros restantes serão escolhidos pelos artistas na própria ficha de inscrição, sendo eleitos os três mais votados e indicados três suplentes.

§ 2.º — Os votos a que alude o parágrafo anterior serão apurados em reunião promovida por PARA TODOS 30 dias antes da abertura do Salão, com a presença de artista expositores e representantes da imprensa.

§ 3.º — As atribuições do Júri terão fim logo sejam conferidos os prêmios.

Art. 9.º — As deliberações do Júri quer quanto à seleção, quer quanto à premiação são irrevogáveis.

Art. 10.º — Os membros da Comissão Organizadora e do Júri não poderão concorrer a prêmios.

Art. 11 — Em cada seção será conferido um prêmio, constante de uma viagem de estudos à República Popular da China, com a duração de um ano. O prêmio consistirá em passagem de ida e volta, hospedagem e uma bôlsa mensal para manutenção do artista.

§ 1.º — A exposição seguirá para a República Popular da China com os artistas premiados.

Art. 12 — Além dos prêmios mencionados no artigo anterior, poderão conferir-se outros, a serem instituídos.

§ único — Ao mesmo artista não poderá ser conferido mais de um prêmio.

Art. 13 — No dia da abertura do Salão serão anunciados pelo júri aos artistas presentes, à imprensa e convidados os nomes dos artistas premiados.

Art. 14 — Os artistas que não estejam interessados nos prêmios de viagem poderão também ter seus trabalhos expostos. Quando a exposição seguir para a China, será acrescida de trabalhos de artistas expressamente convidados.

DISPOSIÇÕES TRANSITÓRIAS

Art. 15 — O Salão PARA TODOS de Desenho e Gravura funcionará durante o prazo estabelecido no art. 1.º, que poderá, entretanto, por decisão da Comissão Organizadora, ser prorrogado.

Art. 16 — Mediante autorização de Comissão Organizadora poderão ter ingresso no Salão, nas vésperas de sua inauguração, os representantes da imprensa, devidamente credenciados.

Art. 17 — A Comissão Organizadora encarregar-se-á da devolução dos trabalhos recusados. No caso dos artistas residentes nos Estados, ficarão as despesas de frete a cargo dos autores.

Art. 18 — Os casos omissos serão resolvidos pela Comissão Organizadora".

♦

A iniciativa de PARA TODOS despertará sem dúvida grande interêsse da parte dos gravadores e desenhistas, que poderão entrar, assim, em contacto com um povo que tem uma técnica de gravura milenar, de excelente qualidade. Assim, pois, contamos com a simpatia e a colaboração de todos para realizarmos um belo Salão.

NOSSA PRÓXIMA EDIÇÃO

PARA TODOS N.º 18

estará em tôdas as bancas no Distrito Federal e em S. Paulo a 31 de janeiro de 1957

ENCONTRO COM EDITORES CHINÊSES

O ESCRITOR E AS MASSAS — AS TIRAGENS ATUAIS DOS LIVROS — COMO TRABALHAM OS ESCRITORES — QUANTO GANHAM COM SEUS LIVROS — AS ESCRITORAS

Reportagem de JUREMA YARI FINAMOUR

NOSSO barco tem o nome sugestivo de "A Paz", e nos leva por um trecho do rio, movimentado e cheio de navios franceses e inglêses que vêm comerciar, livremente, com a China socialista. Copos de chá, refrescos e frutas são servidos em pequenas mesas à bordo do cômodo barco. Khonai Si-sin, que é vice-diretor de Edições "Novas Letras de Changai", veio para aproveitar o passeio e conversar comigo sôbre escritores, livros e edições. Contame coisas interessantes nesse setor.

— Os escritores de hoje inspiraram-se nas massas. Os velhos intelectuais viviam distanciados do povo. Os jovens, que foram forjados pela revolução, vivem agora em contato com os trabalhadores, para escrever. As vêzes trabalham em serviços administrativos ou sindicatos, para apreender de perto a vida do povo.

— O Ministro da Cultura Mao Dum e Kuo Mo-jo, vice-primeiro ministro, são escritores dos maiores. Visitam êles as fábricas e campos para fazerem observações e melhor escreverem suas obras. Não é possível escrever nenhuma obra, nenhum romance, sem estar, diretamente, ligado aos problemas do povo. Se o escritor deseja tomar contato com a massa trabalhadora êle obtém um período de férias para ir ao lugar que deseja.

— Existe outra questão — acrescenta — os escritores estão, hoje, um pouco sobrecarregados com trabalhos de reorganização do novo govêrno, e isto os impediu, por algum tempo, de produzir obras literárias. Chou En Lai, primeiro-ministro, em seu informe sôbre os intelectuais, abordou essa questão, acentuando que é necessário deixar ao escritor 5/6 do seu tempo, exclusivamente, para dedicar-se à sua profissão. Quase o tempo integral o escritor deve ter para sua tarefa de escrever. Antes do relatório de Chou En Lai a esta questão chegou a tornar-se grave. Atualmente, já caminhamos para sua solução, nos têrmos em que foi colocada pelo primeiro-ministro.

— E qual é o tema preferido dos novos escritores?

— Saíram muitos romances revelando a vida do campo, da armada, dos operários, mas não são ainda suficientes.

Ao perguntar-lhe sôbre tiragem das novas edições, responde-me:

— Um romance, após a liberação, poderá ter um mínimo de 60 mil e um máximo de 700 ou 800 mil exemplares. Antes da liberação? Bem. Medianamente, uma edição de mil a 3 mil exemplares no máximo. Os maiores escritores como Lu Chin, por exemplo, podiam atingir a cifra de 10 mil exemplares.

— E o preço dos livros é acessível? Comprei algumas traduções e achei-as um pouco caras...

— As traduções, efetivamente, não são tão baratas. São mais para atender aos leitores estrangeiros que ao povo. Temos ainda muitas dificuldades para traduzir, pois nos faltam tradutores. Nosso idioma é dificílimo de ser traduzido. Contudo, em relação ao livro para o povo chinês, seu preço baixa sem cessar, e o livro mediano não passa de uma dezena de seus (subdivisão do Yuan). Os volumosos, obrigatoriamente são mais caros, pois, temos, ainda, dificuldade de papel. Temos duas espécies de edições: a primeira é o romance, que pedimos ao escritor; e a segunda, são os romances que os escritores escrevem voluntàriamente, a seu gôsto.

Lu-Sin, fundador da moderna literatura chinesa (Gravura de Li Chun)

— Que países deve seguir um escritor que deseja ver seu livro publicado?

— Levam pessoalmente às editôras ou os enviam pelo correio. Há um grupo que se encarrega do julgamento da redação. Após a opinião dêste, passa ao redator chefe que poderá ratificar ou não. Êste processo se verifica sòmente em relação às obras que suscitem problemas, dúvidas, questões difíceis de serem resolvidas. Tememos sempre que a nossa opinião não seja justa. O escritor é chamado para opinar, discutir, explicar enfim sua obra. De um modo geral, após a liberação, são mais numerosos os casos dos escritores que são convidados a escrever, solicitados com insistência para que nos enviem seus trabalhos. Amigàvelmente, o escritor devia mendigar a edição de sua obra.

— O escritor está a serviço do povo, por isso, temos a responsabilidade de estar sempre em contato com êle. Conhecê-lhe sempre os planos de trabalho, discutí-los, saber como deseja realizá-los, quais as dificuldades, etc.

Pondero que êste método é eficaz em relação aos escritores de renome! — E os novos? Os que estão se formando? Como buscá-los?

— Um dos aspectos importantes de nosso trabalho é justamente êsse, relativo à formação dos novos escritores. Após a liberação, a vida do povo torna-se dia a dia mais rica, o nível cultural sobe e muita gente moça aparece, todos os dias, com o desejo, a capacidade e a necessidade de escrever. Devemos satisfazê-los para aumentarmos a quantidade dos escritores profissionais. Temos necessidade dêles tanto quanto êles de nós. Nossos problemas se desenvolvem, multiplicam-se os aspectos interessantes de nossa vida e, o povo tem a necessidade e o desejo de conhecê-los. Por exemplo: em Changai tivemos a oportunidade de ajudar a muitos jovens escritores, inclusive entre os operários. Suas obras foram traduzidas para o estrangeiro. Êles prosseguem como operários, embora escritores.

— Ganham bem os escritores?

— Depende da quantidade e da qualidade de seus trabalhos. Antes da liberação o lucro de um livro dependia apenas da sua venda. Bom ou mau a percentagem era fixada em 10 ou 15%. Para que não houvesse solução de continuidade, logo após a Revolução, prosseguimos êste método deficiente. Agora a recompensa depende, como disse, da quantidade, volume e tiragem. Os romances são mais lidos, que os poemas. Um romance "O Partidário da Estrada de Ferro" com uma só edição de 300 mil deu ao seu autor 60 mil yuans de recompensa. Outro jovem de 22 anos que escreveu "O Verão", relativo à vida do camponês da China, com uma edição de 100 mil, ganhou 6 mil yuans. Em outros livros de menor sucesso os autores ganham de mil a 3 mil yuans. O sucesso depende do interêsse que êste desperta na massa.

— Como fixamos a quantidade de exemplares de uma edição? Bem. Depende da qualidade do livro e do número de leitores possíveis para o assunto. Exemplo: um livro especializado é menos popular. Êste fato fixa o seu limite. Quando a quantidade real ultrapassa a fixada pela editôra, o escritor é novamente recompensado, por um novo método.

— Não existem muitas escritoras, mas existem algumas muito célebres. Uma delas é mãe lá, de 41 anos, que possui muitos livros sôbre a vida dos operários na indústria e duas novelas muito conhecidas. Em Changai possuímos algumas escritoras célebres que saíram da massa operária, principalmente, das fábricas de tecido. Há, também, uma velha escritora que escreve para a juventude e chama-se Ping Sing, e outra, muito célebre: Ting Ling que escreveu o livro "O Sol sôbre o rio Sang-Kan" e que ganhou um prêmio literário, sendo seu livro traduzido no Brasil. Temos também Ke Yang que é, ao mesmo tempo, redatora da revista "Observações Novas".

— A propaganda do livro é feita pela editôra. A maneira mais eficaz é a publicação de notas sôbre o livro, nas revistas. O rádio é usado também, mas pouco. Nas notas exprime-se não só a opinião, como a crítica. Fazemos também anúncios pelos jornais.

— Enfim — diz o vice-diretor de Edições Novas Letras de Changai — nós ainda tateamos. Buscamos soluções e, talvez, ainda não tenhamos encontrado as melhores. Vamos aos poucos resolvendo os problemas que surgem. Para melhorar nosso trabalho, devemos receber sempre a crítica e a ajuda de todos os escritores.

— Temos ainda um plano imenso a pôr em prática — murmurou o senhor Khonai, olhando o horizonte infinito entre o céu e o mar...

— Nossas perspectivas são infinitas!...

LIVROS QUE RECOMENDAMOS

	Cr$
Canto General — Pablo Neruda	180,00
Despiertan las fogatas — Elvio Romero	90,00
Las metamorfosis de Proteo — Guillermo de Torre	270,00
Homme d'abord, poète ensuite — Présentation de ce poète chinois — Lo Ta-kang	265,00
Le miroir antique — Contes et nouvelles chinoises des hautes époques	265,00
Anatole France — Pages choisies	60,00
Molière et la comédie de moeurs en Angleterre — André de Mandache	135,00
Les ennemis du théâtre — Jean Kiehl	265,00
Commentaire sur Mme. Bovary — Leon Bopp	208,00
Les bas-fonds — Maxime Gorki (pièce en quatre actes)	88,00
Par le chemin de Marcel Proust (Essai de critique descriptive) — Georges Viroué	100,00
Histoire de la Litterature Francaise Contemporaine — René Lalou (2 tomos)	460,00
Educação norte-americana em crise — H. K. Weil	70,00
Ballet de Moscou (luxuoso album)	200,00

Livraria das Bandeiras Ltda.

PRAÇA DA REPÚBLICA, 162 - 1.º - SÃO PAULO

Atendemos pelo reembôlso postal

A fisiologia e a patologia da idade

JOÃO BELLINE BURZA

(Membro brasileiro do Instituto Pavlov)

LENINGRADO, dezembro, 1956 — O Laboratório de Fisiologia e Patologia da Idade, no Homem, é um dos mais recentes setores de pesquisa do Instituto Pavlov. Encabeça-o um eminente endocrinologista soviético, o prof. Baranov, que no momento está também organizando um novo serviço para o estudo experimental do Metabolismo dos Hormônios, no Instituto de Ginecologia e Obstetrícia, da Academia de Ciências Médicas da URSS, em Leningrado.

No Laboratório de Fisiologia e Patologia da Idade estudam-se predominantemente os problemas da idade e da velhice.

Neste terreno, investigam-se as alterações da idade nos segmentos superiores do sistema nervoso central e as alterações das glândulas internas, assim no aspecto fisiológico e no processo de formação de diferentes estados fisiológicos, que vão crescendo na etapa do envelhecimento.

Sim, dizemos que crescem, porque as doenças dos velhos não existem como tal, em especial, mas há estados que, vindo num certo período da idade, evoluem naturalmente.

Por que se decidiu a investigar os problemas do envelhecimento?

Em 1949, o prof. Baranov e uma sua colaboradora, a dra. Rosova, ao terminarem uma pesquisa que vinham realizando, se propuseram uma pergunta: — influem as modificações da idade dos ovários, correspondentemente com a menopausa, sôbre o desenvolvimento da enfermidade hiperiônica?

Assim, efetuaram o exame de um grande número de mulheres e depois, tiraram as conclusões estatísticas.

"Resultou que, nas mulheres da mesma idade, de 45-46-47 anos, já em menopausa, possuindo a mesma idade, o nível da pressão sanguínea era igual.

E' indiscutível que a idade influi sôbre o aumento da pressão sanguínea. Mas a menopausa não depende diretamente da pressão sanguínea, ou, ao contrário, a pressão sanguínea não depende da menopausa.

Neste período da idade, têm lugar o aumento da pressão sanguínea, o aumento do pêso corporal, também o aumento dos casos de diabete e de uma série de outros quadros.

Ademais, neste período do chamado climatério, podem ter lugar as neuroses do climatério, no ciclo todavia conservado.

Supôs-se, então, que o aumento da freqüência dos casos de hipertensão, também como o aumento do pêso corporal, a freqüência maior dos casos de diabete, bem como o aparecimento das neuroses climatéricas, — que tudo isso é devido a uma interrupção extensa, que evolui numa série de áreas ou zonas do hipotálamo.

Então, ao mesmo tempo, concluiu-se que as mesmas modificações da idade dos ovários, que diretamente levam à menopausa, eram também um resultado das alterações funcionais dessas áreas.

Êste foi o ponto de partida para o estudo posterior das alterações da fisiologia da idade.

Assim foi que, depois, investigou-se, nos homens sãos de 59 a 70 anos, o estado da atividade nervosa superior, pelos métodos dos reflexos vasculares (metodologia do prof. Rogov — pletismografia) e dos reflexos palpebrais (metodologia do dr. Korotkin).

Importante para êles foi empregar estas metodologias dos reflexos condicionados, como métodos fisiológicos objetivos.

Resultou que, nas pessôas desta idade, havia alterações bem expressadas da atividade nervosa superior, interrupções do processo de excitação e do processo de inibição. Nos reflexos vasculares, existem freqüentemente as reações ultra-paradoxais, isto é, a dilatação dos vasos sanguíneos em vez de contrição ao frio.

Em muitos pacientes, davam-se ainda as interrupções da correlação do cortex e do sub-cortex.

Uma outra colaboradora dêsse laboratório, a dra. Blagosklonnaia, estudou, também pelo método dos reflexos vasculares e pelo método dos reflexos palpebrais, o problema das neuroses climatéricas, em mulheres em menopausa e em mulheres com o ciclo ainda conservado. A idade das pacientes foi tomada entre os 45 e 54 anos.

Resultou que, nas pacientes portadoras de neuroses climatéricas, havia grandes interrupções da atividade nervosa superior. Portanto, havia nelas muitas alterações no sistema dos reflexos condicionados.

Agora, nas mulheres em menopausa, mas que não apresentavam o quadro da neurose, as alterações tiveram lugar, porém não eram significativas.

A aplicação de foliculina, em todo êsse grupo de pacientes, aboliu as interrupções sub-corticais, os afluxos e outras manifestações, porém não equilibrava as alterações dos reflexos condicionados da idade.

Na mesma direção dessas investigações, outra colaboradora, a dra. Samzova, aplicou o propionato de testosterona a homens com a idade de 59 a 70 anos, e tão pouco obteve resultados sôbre o estado dos reflexos condicionados, que nessa idade estão sempre modificados.

Samzova fêz experiências também com ratos, que estavam no período do envelhecimento, verificando as alterações do envelhecimento sôbre os reflexos condicionados. Aquelas substâncias não modificam os reflexos condicionados defensivos, onde a estimulação elétrica foi aplicada como excitante incondicionado.

Criou-se a impressão de que os hormônios sexuais, aplicados nest período da idade, nos homens e nas mulheres, influem sôbre as zonas sub-corticais, fazendo cessar estas explosões de excitação, que sempre aparecem nos casos das neuroses climatéricas.

Outra pequisadora do laboratório, a dra. Dilman, estudou as alterações da idade nas mulheres, em relação ao aumento do pêso corporal, da colesterina no sangue e da pressão sanguínea, e observou as curvas da freqüência das neuroses climatéricas. Depois, tirou as conclusões.

Esclareceu que, um pouco antes dos 40 anos, já começam a crescer, de maneira mais nítida, o pêso corporal, a colesterina no sangue, e em seguida aos 40 anos, a pressão arterial também cresce. E, mais tarde, já aumenta a freqüência da menopausa e da neurose do climatério.

Podia-se seguir, assim, através das etapas da idade, uma reconstrução das funções dos setores reguladores e, sobretudo, devemos pensar aqui na regulação central nervosa.

Que é êste clímax?

Consiste numa etapa completa da reconstrução da idade, sobretudo porque aí têm lugar as ações dos mecanismos nervosos centrais e especialmente dos mecanismos hipotalâmicos.

Pergunta-se se alterações tais como o aumento do pêso corporal, da pressão sanguínea, etc., se referem a fenômenos climatéricos?

A resposta a esta pergunta pode dar-se sòmente no caso de precisarmos a noção do clímax.

Diz respeito ao clímax aquêle setor do sistema nervoso, que regula diretamente as interrupções das funções dos ovários e da menopausa.

A noção de clímax resultaria abstrata, se nós não encontrássemos, nesse período da idade, em algumas mulheres, o estado patológico da neurose do climatério.

A neurose do climatério, como estado patológico, dá-nos a possibilidade de traçar as fronteiras do clímax, como uma definição fisiológica.

Muitos outros trabalhos experimentais estão sendo realizados no Laboratório de Fisiologia e Patologia da Idade.

Devemos mencionar as investigações da dra. Sokoloverova, sôbre o papel do fator da idade, no desenvolvimento da diabete experimental. Ela parte das posições neuro-hormonais.

Outras três colaboradoras do prof. Baranov, — as dras. Lesutova, Propp e Nasledova, — também trabalham no terreno dos fatôres da idade, hormonais e neuro-hormonais, e investigam a influência dêsses fatôres no desenvolvimento das enfermidades provocadas pelas radiações.

O Laboratório busca sempre as saídas diretas para a prática e para a medicina. Seu objetivo futuro é verificar as correlações estreitas da fisiologia e patologia do homem, comprovando uma série de dados através dos métodos experimentais.

Cuidam êsses pesquisadores de compreender a patogênese e, conseqüentemente, de elaborar alguns métodos de tratamento daquelas formas patológicas, na origem e desenvolvimento das quais entra a idade como elemento importante. Assim, baseiam os seus trabalhos na unidade da patologia, da clínica e da fisiologia.

Esta unidade indica o verdadeiro caminho para resolver os problemas. Muitas vêzes, numa série grande de questões, o clínico esbarra com dificuldades e incógnitas. E a saída sòmente se poderá encontrar com as observações e as experiências feitas nos animais.

"Brasil, capital Goiás, D. F."

RAUL BOPP

A MUDANÇA da Capital para o planalto mexe com a História. Põe o Brasil em novas bases. Encerra o ciclo político do litoral com o seu passivo de imprevidências e vícios de administração.

No ambiente da cidade-samba muitos valores morais se destemperam. O Govêrno se consome em acomodar as relações adversas, resistindo a impactos. Alguns setores da oposição obstinada se preocupam apenas com as ressonâncias da galeria. O Brasil gasta-se em palavras.

Lá em cima, no ventre geográfico do país, há a vantagem dos ares novos, com um clima de sanatório (Climatologia política). Abrem-se cenários grandiosos do chapadão. Há ambiente para se modelar um Brasil de contornos fortes, em dimensões nacionais.

Com êsse empreendimento corajoso pode-se esperar uma profunda transformação na fisionomia rural. Importante é tomar desde logo posição para um plano de ação direta, com a demarcação dos problemas mais urgentes. Fazer, por exemplo, na nova Capital, o encontro das grandes estradas, um centro de articulação das linhas interiores do país; amansar as torrentes fluviais com barragens; arrancar o "hinterland" do estágio semicolonial, com a instalação de usinas e núcleos industriais; marcar a fronteira econômica com uma linha de chaminés. Dessa forma se poderá certamente corrigir um pouco a crise da desagregação rural, detendo a população movedica que desemboca nas cidades.

Regiões de economia fraca não podem sustentar programas de recuperação de solos, depauperados com as queimadas, a erosão e as sêcas. O interior luta contra as comunicações obsoletas. Desanimam as lavouras cansadas com a falta de irrigação e adubos. Triunfa a saúva, o caruncho, o coruquerê.

— Tomara que os numes, invocados nos tempos heróicos para decisões em momentos propícios, guardem os destinos da nova Capital, onde o Govêrno terá muito que trabalhar para endireitar o Brasil! Não há tempo a perder. Os problemas se entendam uns aos outros, em escala ascendente. Crescem os encargos do Estado.

Com a Capital no meio do Brasil (centro de gravidade do país), os nossos homens de govêrno estarão mais em contato com a realidade, longe do maxidinho litorâneo e das atmosferas do bacharelismo.

Poderíamos, com o deslocamento do centro administrativo do país para o interior, alcançar soluções estupendas: fazer a metrópole de vida mais barata do mundo; rodeá-la com o cinturão verde de colônias agrícolas (novas áreas de mestiçagem); afrouxar adequadamente a legislação imigratória que por tanto tempo, com um "nacionalismo" disfarçado com véus patrióticos, meteu o Brasil a freios.

A nova Capital poderia constituir futuramente um centro universitário de relêvo, de estímulo oficial às ciências exatas. Deveria dispor de uma emissora poderosa (para o rádio conversar com o Brasil todos os dias).

Acham-se agora os urbanistas na fase de planejamentos, equacionando problemas de topologia. O eixo da Grande Avenida, quadriláteros bordados de palácios sôbre pilotis; o Capitólio, as linhas do aeroporto, parques com cerejeiras do Japão. (Teremos também um "Bois de Boulogne"). Depois as termas, o estádio, teatros e cassinos, criando pontos de atração para vencer a solidão goiana ("planaltite").

Dentro de um traçado grandioso, o perímetro capitalino irá crescendo em perfis modernos como um movimento disneyano, com setores de sombra para residências e espaços demarcados para as Missões diplomáticas estrangeiras. Tudo pensado em grande, mesmo as despesas, compensadas com a valorização das áreas urbanas.

Depois disso, falta apenas o título de batismo da cidade. Apareceu "Brasília". No começo, vacilante; depois, firmou-se com ares semioficiais. Ora "Brasília" não é propriamente o nome mais adequado para uma Capital que está sendo esperada no interior do país desde os tempos da Inconfidência. E' uma denominação postiça, insonora e sem graça. Produto "fabricado", com o substrato da palavra "Brasil", que reflete um certo narcisismo patriótico.

Nome por todos motivos indicados é "Goiás", forte, compacto e memônico, de uma coesão silábica perfeita. Em vez de apanhá-lo, como um cristal, a flor da terra ("Brasil, Capital Goiás D. F."), os arcontes patrícios foram escolher uma palavra confeccionada com um gôsto retórico, num estojo barroco.

O nosso próprio caboclo terá dificuldades em pronunciá-la. Escorregará fatalmente no ditongo final (contato de duas vogais molhadas), que anula a sonoridade do vocábulo. O homem do Extremo Oriente, com seus hábitos de fonação própria, em vez de Brasil, diz "Bu-ra-zi-ru" (Com "Brasília" será mais complicado ainda). Imagino milhões de chinezinhos de castigo nas escolas, por não poderem pronunciar o nome da nova Capital do Brasil, que não se presta, como as outras, para uso internacional. Exemplos: Paris, Madrid, Berlim, Dublim, Moscou, Pequim, Shangai, Hong-Kong, Bankok, Teerão, Bagdad, Kabul etc.

Há nomes de geografia de uma atração mágica que puxam a gente para viagens imaginárias: Singapura, Sumatra, Congo, Mombaça. O Brasil, por sua vez, está cheio de nomes bonitos, como Manaus, Olinda, Itabira (adivinha-se a paisagem de Itabira no seu movimento silábico), Serra da Borborema, Serra da Rola-Moço (que emoldura um romance da era colonial). A denominação toponímica pode parecer matéria de importância secundária, mas tem correlações psicológicas profundas.

A Capital de um país deve possuir um nome de prestígio popular, de uma dignidade natural. O inglês se orgulha de Londres (cuja enunciação lembra uma batida do "Big-ben" a uma hora da madrugada). Nas duas sílabas de Roma ressoam séculos de grandeza.

O Brasil vai "disputar" oportunamente a sua nova Capital no cenário mundial — uma obra que tem raízes no idealismo dos legisladores do Império e da República. Mas será necessário que a denominação oficial da metrópole corresponda a um sentimento de aceitação coletiva.

Goiás D. F. é um nome mais brasileiro que Brasília. Tem substância própria. A sua última sílaba arrasta 100 léguas de chapadão com imensas áreas desocupadas. O seu nome já é um programa para realizações práticas.

COLEÇÃO "ENSAIO"

1 — O PRETO NO BRANCO — Exegese de um poema de Manuel Bandeira — por Lêdo Ivo. Análise e explicação dos processos e da criação poética do autor de "Malva do Malungo". — Volume de 80 páginas, brochado — Cr$ 30,00.
2 — INGLATERRA — Notas breves e considerações à margem — por Castilhos Goycochea. Uma visão rápida e segura dos costumes, hábitos, e curiosidades do povo inglês, na linguagem clara e personalíssima do autor. — Volume de 90 páginas brochado — Cr$ 30,00.
3 — ESFINGE CLARA — Palavra-puxa-palavra em Carlos Drummond de Andrade — por Othon Moacyr Garcia. Constitui êste opúsculo mais uma das manifestações da crítica científica que começa agora a aparecer no Brasil. Estudo de grande profundidade de um dos processos poéticos de C. D. A. — a associação semântica e paronomástica ou jôgo de palavra-puxa-palavra. — Volume de 80 páginas, brochado • Cr$ 30,00.
4 — LE BATEAU IVRE — Análise e interpretação. — Por Augusto Meyer. Notabilíssimo trabalho de crítica e compreensão das fontes da poesia de Rimbaud. Abre o volume uma tradução felicíssima do genial poema — LE BATEAU IVRE — magistralmente realizada por Gondin da Fonseca. — Volume de 95 páginas, brochado — Cr$ 30,00.
5 — ARTHUR AZEVEDO E A ARTE DO CONTO — Por Jossué Montello. — A originalidade da obra do criador de um novo tipo de contos, personalíssimo na literatura brasileira, explicada e compreendida pela análise profunda e meticulosa de Jossué Montello. — Vol. de 70 páginas, brochado — Cr$ 30,00.
6 — TEORIA DA METAFORA & RENASCENÇA DA POESIA AMERICANA — de Oswaldino Marques. Dois ensaios notáveis. — Volume de 107 páginas — Cr$ 30,00.
7 — ESCOLA DE TRADUTORES — de Paulo Rónai. O problema e a sistemática das traduções examinados em grande profundidade por um especialista. — Volume de 90 páginas — Cr$ 30,00.
8 — LUZ E FOGO NO LIRISMO DE GONÇALVES DIAS — por Othon Moacyr Garcia. Novo trabalho do autor de A ESFINGE CLARA. Belo volume de 100 páginas — Impresso em ótimo papel — Cr$ 30,00.
9 — CAPISTRANO DE ABREU E A SINTESE HISTÓRICA — por E. de Castro Rebello. Duas notáveis conferências — volume de 50 páginas — broch. — Cr$ 30,00.

LIVRARIA SÃO JOSÉ

Rua São José — 38

RIO DE JANEIRO

Riquezas insuspeitadas do folclore

CULTURA E TRADIÇÃO EM SANTA CATARINA

Sobrados coloniais, o Museu de Arte Moderna, o Teatro, o futuro Parque de Cultura — Ceramistas e Rendeiras — Folguedos populares: o Boi-de-Mamão, o Pau de Fita, a Dança do Vilão

Reportagem de YVONNE JEAN

Sambaqui, o pitoresco reduto das rendeiras e dos pescadores

O Centro Catarinense do Rio organizou, em fins de 1956, uma exposição de folclore do Estado, expondo, em sua sede, rendas e calungas de barro. Esta exposição, modesta e incompleta, teve a vantagem de chamar atenção sôbre um artesanato popular dos mais interessantes, porém dos mais desconhecidos. É de esperar que esta primeira mostra seja seguida por outras exposições mais completas de trabalhos que merecem a mesma divulgação que as cerâmicas carajás ou nordestinas.

A ILHA DESCONHECIDA

A cultura e a tradição de alguns dos nossos Estados continuam tão ignoradas que parecem situados nos antípodas! Santa Catarina é um dêsses Estados. Confesso que ao chegar à "ilha", separada do "continente" (como nas epopéias!) pela famosa ponte, espécie de milagre de ferro que os catarinenses consideram com a mesma ternura que os parisienses sua Tôrre Eiffel, não estava preparada para o ambiente que encontrei. Imaginava uma capital parada sem maior personalidade. Encontrei uma Florianópolis possuindo todo o encanto das cidades pequenas e todo o espaço das cidades situadas à beira-mar. Encontrei um mercado alegrado por cerâmicas populares de côres suaves, esteiras de palha que deveriam encantar os decoradores modernos e vasos de barro de classe: encontrei um Museu de Arte Moderna com excelente acêrvo — Portinari, Bruno Giorgi, Marcier, Djanira, Burle Marx, Noêmia, Goeldi, Athos Bulcão, Iberê Camargo, Pennacchi, Jan Zach, etc.! — e boa série de reproduções; encontrei um teatro cuja pedra fundamental foi colocada em 1857, e que foi remodelado em 1955; tiveram o cuidado de conservar as características da construção primitiva ao modernizar o palco e a platéia. Neste teatro, um excelente elenco de amadores — o Teatro Catarinense de Comédia — dirigido por Sálvio de Oliveira representa Shakespeare, Garcia Lorca, autores nacionais.

Um oleiro sentado no tôrno, igual aos tôrnos açorianos

SOBRADOS COLONIAIS

Encontrei sobrados com bandeiras rendilhadas e sacadas de ferro, com desenhos muito variados e belas fachadas de azulejos antigos. E aqui abro um parêntesis para lamentar a falta de respeito para com os remanescentes de um belo passado, pois encontram-se também paredes caídas escondendo azulejos coloniais; derrubaram numerosos sobrados de linhas sóbrias e nobres e o mau-gôsto de algum mestre de obras transformou, há algumas dezenas de anos, a bela Matriz do Destêrro, de estilo colonial, na atual catedral, cheia de acréscimos que a deturpam.

É de esperar que folcloristas de valor, como Osvaldo Cabral e Valter Piazza chamem atenção sôbre o assunto, em vez de constatar a situação de modo passivo, e que o Parque de Cultura, que será criado em breve cuide de proteger um belo passado.

O PARQUE DE CULTURA

Com efeito, o governador Jorge Lacerda já chamou o arquiteto Marcelo Roberto, encomendando um projeto para a área que quer transformar num parque de Cultura no qual as crianças encontrarão um play-ground, e os adultos concertos ao ar livre, ao mesmo tempo que um prédio moderno com biblioteca, sala de concertos, nova sede para o Museu de Arte Moderna, etc. O atual governador, que possui o dinamismo do jornalista e que a longa experiência da direção do suplemento "Letras e Artes" familiarizou com os movimentos culturais e artísticos, sempre testemunhou interêsse para o progresso cultural da linda cidade de Florianópolis, até há pouco avêssa às manifestações de arte moderna. Foi um dos fundadores do Museu ao qual doou alguns dos seus melhores quadros. Incentiva a revista de folclore — talvez a única do Brasil — e faz questão de proteger as manifestações folclóricas do Estado.

A "Bernúncia" engole uma criança

PAU DE FITAS E BOI-DE-MAMÃO

Estas são numerosas e originais. Citarei o Pau de Fitas, a Jardineira e o Boi-de-Mamão. As duas primeiras são de origem lusa. Fiquei deslumbrada pelo quadro colorido, extraordinàriamente plástico, oferecido pelo Pau de Fitas. Fantasias de setim vermelho e azul-rei, fitas multicores e arcos floridos dão uma impressão de alegria primaveril. As bailarinas fazem figuras variadas, obedecendo a uma coreografia complexa e cantam.

Quanto ao Boi-de-Mamão, versão catarinense do Bumba-meu-Boi, é um dos autos populares tradicionais mais belos que se possam ver. Além do boi, do "doutô" e dos outros personagens conhecidos, Santa Catarina possui uma "Bernúncia" e uma "Maricota". A Bernúncia é uma espécie de crocodilo estilizado, enorme, que abre sua enorme bôca para engolir as crianças, encantadas com a diversão. Maricota é uma gigante que dança sem parar, balançando as trancinhas louras e a balsinha.

Ao contrário de tantos autos populares que cansam pela repetição e monotonia, o Boi-de-Mamão possui muita vitalidade: cenas rápidas, verdadeiros flagrantes sucedem-se rapidamente, contando a história do boi que morre e ressuscita.

Tudo isto na maior alegria, com exibição de roupas vistosas, danças movimentadas, humor. O auto ao qual assisti foi oferecido pelos "Unidos da Vila", estivadores que moram no "Saco dos Limões" e prepara os festejos durante o ano todo. De dezembro até o Carnaval percorrem praças e casas particulares para representar, beber e comer, e... recomeçar. Isto durante a noite tôda. O repentista que ouvi é um excelente poeta.

Quanto à letra das canções tradicionais, varia. Eis algumas amostras:

"Meu boi lavradô
— O' lindo boi! (essas três palavras se repetem após cada verso)
Percure o dono da casa
Vamos vê onde está.

Meu senhor, dono de casa
Nos querreis dar a licença
Para o nosso boi lavrado
Brancar em sua presença!

Brinca, brinca, meu boi
Em meio dêste salão
Percura o dono da casa
Que êle é o patrão..."

Outras quadrinhas descrevem os acontecimentos: a morte do boi, as tentativas do medico que falham, o benzedor que faz o boi ressuscitar, a chegada do cavalheiro que o laça, da Bernúncia e da Maricota, até a despedida:

Estica o laço, cavalinho
E vai puxando
Para a estrada
E vamos viajando"

E o Pai Mateus vai inventando novas aventuras que acrescenta à trama da história, em outro lugar.

A DANÇA DO VILÃO

Quero ainda citar a Dança do Vilão, realizada exclusivamente no município de São Francisco do Sul, e na qual participam um chefe de bogé branco e escudo sôbre a roupa azul; o arauto vestido de palhaço, o porta-estandarte e os batedores carregando cada um um pau de dois metros de altura e grossura de um cabo de vassoura, com o qual batem no chão e fazem diversos movimentos e acrobacias. São façanhas cansativas que requerem moços vigorosos, com boa resistência física.

D. AGOSTINA, A CERAMISTA

Ao percorrer o Estado, descobri uma ceramista que se inspira dos autos populares e cria coleções completas de personagens do "Boi-de-Mamão". O nome de D. Agostina representa a cerâmica catarinense como o de Vitalino a do Nordeste. Mora em São José, tem 63 anos e trabalha num ranchinho que ergueu ao lado de sua casa — modesto mas bem arrumada — onde "faz os governos", quer dizer cuida das lidas caseiras, criou numerosos filhos e ajuda o marido, aleijado.

O sr. Zeferino tem as duas pernas inutilizadas e arrasta-se sôbre as mãos, o que não o impede de tratar da horta e lembrar a sua vida aventureira com um poético bom humor:

— Muito tempo trabalhei no mar... Quantas noites agitadas. Vento comendo vela... e pampeiro comendo... Já fiz tudo. Só não fui guia de cego! O resto já fiz tudo!

Lembra-me, evidentemente, êsses quadros de Breughel onde vemos, realmente, o paralítico guiando o cego.

Cena do "Boi de mamão"

Dona Agostina faz pavões côr de rosa e verde claro, veadinhos dignos, cavalos delgados, cães e coelhos brincando com uma bola, ou então, animais que jamais viu e que idealiza ao seu modo: um leão com focinho de cachorro, por exemplo. Também faz, com a sua filha, um marinheiro a cavalo, um soldado ou um tocador de violão. Mas se reproduz os personagens que fazem e frequentam as festas populares, jamais pensaria em reproduzir os tipos mais corriqueiros: o lavrador, o pescador, o oleiro, a rendeira.

OLEIROS

Encontrei estas rendeiras e êstes oleiros ao longo do litoral. Ao avistar a olaria que se ergue à beira mar e os oleiros que seguem em tudo os métodos de trabalho açoriano perguntamo-nos a nós mesmos se chegamos a Faygal, Terceira ou S. Miguel ou se continuamos no Brasil!

Existem oleiros em São José, Imaruí e Pôrto Belo. Os primeiros empregam a técnica ensinada pelos seus antepassados açorianos, usando o torno de pé. Fazem lindas moringas que colocam na praia até que haja quantidade suficiente para carregar na baleeira que os levará até o mercado de Florianópolis. Beiram a praia.

Estas praias onde os pescadores atiram a rêde no ar, com ternura e elegância, como se se tratasse de alguma renda gigantesca e delicada, tecida por Yemanjá. Espalhadas ao longo do litoral, nas praias luminosas ou debaixo de árvores frondosas, erguem-se suas casinhas. E a almofada de bilros não falta em nenhuma.

RENDEIRAS

"Faço rendas, sou rendeira
Faço renda de tostão
Para rendar a camisa
De meu amor que é o João..."

cantam elas enquanto manipulam os bilros com extraordinária destreza. A almofada é igualzinha à portuguesa. Sempre notamos a influência açoriana no Estado. O papelão que guia o trabalho é quase inútil pois as rendeiras estão habituadas a confeccionar o padrão de sua especialidade.

É um dos últimos Estados onde as jovens ainda sabem fazer renda de bilros, a arte que vai se perdendo por falta de incentivo. Perguntei a uma velha rendeira de Florianópolis, que trabalha no seu barracão do morro do Mocotó, quanto ganha.

— Recebo 50 cruzeiros por 6 paninhos.

— E quanto tempo precisa para fabricar cada paninho?

— Um dia e meio quando posso trabalhar o dia todo, sem parar.

Quer dizer que ganha 50 cruzeiros em 9 dias de trabalho árduo numa época em que frutas, verduras e outros alimentos são tão caros quanto no Rio e as roupas um pouco mais dispendiosas!

O atual prefeito Osmar Cunha está projetando uma linda e moderna feira de rendas no centro da cidade, para ajudar e divulgar a arte típica. Esperemos que ao organizar a venda também cogite de uma remuneração condigna, único meio de impedir o desaparecimento da arte tradicional num próximo futuro. No momento, ainda existem muitas rendeiras, assim mesmo. A mulher catarinense é teimosa e trabalhadora. Encontrei algumas em Sant'Antonio, onde o mar se quebra aos pés de uma grande cruz de madeira preta enfeitada de maneira ingênua e onde nem falta a escada branca que levará os fiéis ao céu. Lá trabalham sentadas no assoalho. Pergunto se não é duro e dizem que se fôsse pedra seria bem pior.

Em Sambaqui, um minúsculo povoado em meio a uma natureza selvagem, encontrei uma rendeira numa imensa cozinha de castelo. No crepúsculo, que estava chegando, não distingui bem o estranho cenário em meio ao qual dezenas de criancinhas nuas passavam e brincavam. Estava num antigo engenho de mandioca. A madeira velha da maquinaria, o baú antigo... tudo era belo e imprevisto.

BORDADEIRAS

Além das rendeiras existem criveiras. Bordam com grande agilidade e, bem guiadas, poderiam realizar toalhas tão bonitas quanto as da ilha da Madeira mas muitas vezes, empregam material grosseiro, por ser mais barato, e padrões que poderiam ser melhorados.

Enfim, as bordadeiras que trabalham na grande fábrica de bordados e rendas de Florianópolis onde criam uma variedade de "guipure", "broderie anglaise", "valenciennes" e "entre-deux", comprovaram-se que grande parte dos organdis suiços e rendas francesas expostas nas lojas do Rio e São Paulo são pura criação nacional!

As rendeiras, altivas, pobres, dignas, hospitaleiras e alegres me deixaram, ao mesmo tempo, um sabor de pitoresco e beleza — pois as rendas se misturam nas minhas lembranças com a dança das rêdes sôbre o mar ensolarado, as conchas da praia e o perfume das árvores, ao mesmo tempo que sinto o amargo sabor da injustiça.

O PADRE REITZ

E ao concluir êste rápido panorama de uma cultura e das tradições populares que merecem mais ampla divulgação e proteção, ainda quero citar o belo trabalho realizado por um cientista de primeira ordem — o Padre Raulino Reitz — grande especialista em bromeliaceas que criou o Herbário Barbosa Rodrigues em Itajaí e cria plantas raras no jardim do Seminário de Brusque, já tendo percorrido mais de 130.000 quilômetros à procura de novas espécies de plantas autoctonas, e que goza da renome na Europa e nos Estados Unidos enquanto a maioria dos brasileiros ignoram o seu nome!

Tanto assim que em 1949, quando o Serviço Nacional da Malária precisou de um cientista capaz de estudar as relações entre parasitas retentoras dágua estagnada e a criação de mosquitos em Santa Catarina, a fim de descobrir um meio de destruir os focos efetivos ou potenciais da malária, sem prejudicar a flora da região onde existem em média 13.5 bromélias por metro quadrado, expôs o problema em carta à Sociedade de Botânica da Grã-Bretanha com solicitação de mandar um técnico no Brasil. Os botânicos inglêses responderam, muito admirados, que não compreendiam o pedido, já que um dos maiores especialistas em bromélias do mundo era brasileiro e vivia, por sinal, no próprio Estado de Santa Catarina! E foi assim que o Padre Reitz foi descoberto pelos próprios patrícios! Hoje os catarinenses se orgulham de seus trabalhos, porém não está suficientemente conhecido no resto do país, como o comprova a sorte de seu grande tratado descritivo das espécies nativas de Santa Catarina que o Conselho Nacional de Pesquisas se prontificou a publicar, que chegou a ser composto e jamais foi publicado quando descobriram que a reprodução dos desenhos em côres, indispensáveis para ilustrar o trabalho, seria dispendiosa!

Citei êste exemplo porque caracteriza um quadro geral. Este é um resumo incompleto das atividades culturais e tradicionais de um Estado cheio de imprevistos. Não pude falar aqui de iniciativas impressionantes, tais como a criação da primeira prisão aberta no Brasil, onde presos vivem com suas famílias em plena liberdade, em casinhas individuais e trabalham também livremente, recuperando a dignidade perdida; do excelente manicomio do Estado, nem das Caldas da Imperatriz, que foram muito em voga do tempo de d. Pedro II, possuem qualidades terapêuticas extraordinárias, teriam o renome de um Vichy ou um Baden-Baden em qualquer outro país do mundo e estão ignoradas da maioria dos brasileiros — êste resumo já dá uma idéia do imenso material folclorico, artístico e cultural dêsse Estado.

Esperemos que o interêsse manifestado pelo atual governador consiga evitar o desaparecimento das tradições e dar novo impulso à vida cultural de Santa Catarina, o Estado desconhecido.

O "doutô" faz uma pausa para tentar curar o Boi

CERÂMICAS POPULARES DE SÃO JOSÉ

para todos